

Ana Raquel Motta de Souza



1150063265



**“A FAVELA DE INFLUÊNCIA”:
Uma Análise das Práticas Discursivas dos Racionais MCs**

Dissertação apresentada ao Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Jonas de Araújo Romualdo.

IEL/UNICAMP
Dezembro de 2004

166

5

THUNICAMP

M858

UNICAMP 63265

16-12-00000 05

EX

PREÇO 11,00

DATA 15/04/05

THUNICAMP

Bibid 347214

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA IEL - UNICAMP

So89f

Souza, Ana Raquel Motta de.

"A Favela de influência" : uma análise das práticas discursivas dos Racionais MCs / Ana Raquel Motta de Souza. - Campinas, SP : [s.n.], 2005.

Orientador : Romualdo, Jonas de Araújo.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Análise do discurso. 2. Rap (Música) - Textos. 3. Racionais MCs. I. Romualdo, Jonas de Araújo. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

BANCA EXAMINADORA

Jonas de Araújo Romualdo
Prof. Dr. Jonas de Araújo Romualdo – DL / UNICAMP (orientador)

Prof. Dr. Francisco Foot Hardman – DTL / UNICAMP

Prof. Dr. Sírio Possenti – DL / UNICAMP

Profa. Dra. Tânia Maria Alkmim – DL / UNICAMP (suplente)

Este exemplar e a redação final
defendida por Sra. Raquel
de Souza
e aprovada pela Comissão Julgadora
22/03/05.

Jonas de Araújo Romualdo

Ao Caio,
Por toda a música, arte, amor e vida.
Pela sabedoria de suas sugestões.

Ao meu filho Emanuel,
Por tudo o que me ensina ao ser esse
pequeno grande homem.

Ao que está chegando,
Por toda determinação que me trouxe,
possibilitando que eu concluísse este trabalho.

AGRADECIMENTOS

Ao meu pai, Sérgio Martins de Souza, porque tudo ele sabe, e, o que não sabe, quer saber.

À minha mãe, Júlia Maria Casulari Motta (e a todo clã Roxo Motta), que, desde cedo, me ensinou que as pessoas valem pelo que são e não pelo que têm.

Aos meus irmãos, cunhados e sogros, que, cada um em seus gestos, me dão exemplos cotidianos de aposta num mundo mais justo. Em especial a Rafael e Clara, por toda a fofura.

Aos meus amigos, por todo o incentivo e contribuições. Em especial à Maria Rita Sigaud Soares Palmeira, pela afinidade tão fértil que nos une.

Aos meus colegas de Escola Comunitária de Campinas, pelo idealismo que compartilhamos.

Aos meus alunos, através dos quais eu aprendo tanto sobre o ser humano.

Aos professores do IEL, em especial:

Ao Jonas de Araújo Romualdo, meu orientador, por toda sensibilidade artística e social que sempre mostrou frente aos Racionais MCs;

Ao Sírio Possenti, um exemplo de professor e linguista para mim; por todas as aulas maravilhosas, pelas leituras do meu trabalho e por me apresentar Maingueneau;

À Tânia Alkmim, com quem aprendo tanto sobre língua e cultura desde a graduação; por ser minha fada-madrinha profissional;

Ao Francisco Foot Hardman, por manter sua privilegiada mente sempre aberta e não burocratizada; por ter aceitado, pronta e carinhosamente, fazer parte desta banca.

Aos Racionais MCs, por serem quem são.

Ao meu anjo da guarda,
Que sempre me rege, guarda, governa e ilumina,
Amém.

**“Meu delito: um rap que atira consciência
É crime hediondo, a favela de influência”**

(Edi Rock, “Na fé irmão”, in “Chora Agora”, “Nada como um dia após o outro dia”, 2002)

**“A minha história não tem no dicionário Aurélio
O pingo é letra pra macaco velho”**

(Aliado G e Douglas, “Tático Cinza”, in “Face da Morte ao Vivo”, 2000)

RESUMO

Este trabalho é uma análise das práticas discursivas a que adere o grupo de rap Racionais MCs, considerado por grande parte do público e da mídia como o mais importante grupo deste gênero musical no Brasil.

O primeiro capítulo traça um breve panorama histórico do rap (*rhythm and poetry*), o que inclui: seu nascimento nos guetos de Nova Iorque, EUA, no final da década de 1960 e sua chegada ao Brasil, mais especificamente a São Paulo, na década de 1980. Faz também uma reconstituição histórica do surgimento e trajetória do grupo Racionais MCs, através da união de seus quatro integrantes: Mano Brown e Ice Blue (da zona sul da periferia paulistana) e Edi Rock e KL Jay (da zona norte da periferia paulistana). Ainda nesse capítulo, estabelece-se uma breve discussão conceitual sobre o rap ser um gênero independente, que pode ser usado por qualquer grupo social, ou parte de uma determinada formação discursiva.

Os segundo e terceiro capítulos aplicam à obra dos Racionais as sete hipóteses do livro *Genèses du Discours*, do autor francês Dominique Maingueneau. O segundo capítulo engloba as quatro primeiras hipóteses, que vinculam o discurso ao interdiscurso e buscam compor uma teoria acerca da competência discursiva. O terceiro capítulo engloba as três últimas hipóteses de Maingueneau, que se caracterizam por associar o discurso a instâncias vistas comumente pela Análise do Discurso como “exteriores” a ele: a institucional, a intersemiótica e a histórica.

O quarto e último capítulo foca especificamente a construção do ethos discursivo dos Racionais MCs, levantando e analisando cinco características que se depreendem do corpus de estudo como fundamentais para a constituição do sujeito autorizado por esta formação discursiva.

Palavras-chave: práticas discursivas, rap (*rhythm and poetry*), Racionais MCs.

ABSTRACT

This work is an analysis of the discursive practices utilized by the rap group Racionais MCs, considered by a great portion of the public and media as the most important one in the Brazilian rap scenario.

The first chapter outlines a brief historic context of rap (rhythm and poetry), including: its beginning in the New York City guetoos, in the 1960's and its arrival in Brazil, more specifically in São Paulo, in the 1980's. It also reconstitutes the history of the sprouting and evolution of the group Racionais MCs, through the gathering of its four members: Mano Brown and Ice Blue (from the south side outskirts of São Paulo) and Edi Rock and KL Jay (from the north side outskirts of São Paulo). Still in this chapter, a brief conceptual discussion takes place about rap being an independent music style, that can be used by any social class, or still part of a determined discursive formation.

The following chapters, second and third, apply to the Racionais' work the seven hypotheses from the book *Genèses du Discours*, by the French writer Dominique Maingueneau. The second chapter covers the first four hypotheses, that tie the discourse to the inter-discourse and seek to compose a theory regarding the discursive competence. The third chapter refers to the last three hypotheses from Maingueneau, which can be characterized by the association of the discourse to instances commonly viewed by the Discourse Analysis as "exterior" to it: institutional, intersemiotical and historical.

The fourth and last chapter focuses specifically on the construction of the discursive ethos of the Racionais MCs, raising and analyzing five characteristics that are perceived from the corpus of study as key to the constitution of the subject authorized by this discursive formation.

Key Words: discursive practices, rap (rhythm and poetry), Racionais MCs.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
1. Nascimento da idéia da pesquisa	1
2. Metodologia e distribuição dos capítulos	2

CAPÍTULO I

Aspectos das Condições de Produção da obra dos Racionais MCs.....	5
Introdução.....	5
1. Pequeno histórico do rap nos EUA.....	6
2. A chegada ao Brasil.....	8
3. A trajetória dos Racionais MCs no rap brasileiro.....	12
4. Rap: gênero independente ou exclusivo de certa formação discursiva?.....	23

CAPÍTULO II

A gênese das práticas discursivas dos Racionais MCs – parte I	27
Introdução.....	27
1. “O primado do interdiscurso”.....	29
2. “Uma competência discursiva”.....	34
3. “Uma semântica global”.....	49
4. “A polêmica como interincompreensão”.....	56

CAPÍTULO III

A gênese das práticas discursivas dos Racionais MCs – parte II.....	61
Introdução.....	61
1. “Do discurso à prática discursiva”.....	61
2. “Uma prática intersemiótica”.....	72

3. “Um esquema de correspondência”	85
--	----

CAPÍTULO IV

A construção do ethos dos Racionais MCs.....	95
Introdução: A pertinência da noção de ethos na análise sobre os Racionais MCs.....	95
1. “Da ponte pra cá”.....	100
2. O rapper como um performer.....	103
3. Identificação entre o rapper e seu público.....	105
4. O rapper como representante de sua comunidade.....	108
5. O ethos do “preto tipo A”.....	114

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	121
---------------------------	-----

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	123
---------------------------------	-----

ANEXOS.....	127
ANEXO 1 – transcrição das letras de “Holocausto Urbano”, 1990.....	129
ANEXO 2 – transcrição das letras de “Escolha seu caminho”, 1992.....	151
ANEXO 3 – transcrição das letras de “Raio X do Brasil”, 1993.....	165
ANEXO 4 – transcrição das letras de “Sobrevivendo no Inferno”, 1997.....	191
ANEXO 5A – transcrição das letras de “Nada como um dia após o outro dia” – “Chora Agora”, 2002.....	237
ANEXO 5B - transcrição das letras de “Nada como um dia após o outro dia” – “Ri depois”, 2002	275

INTRODUÇÃO

1. Nascimento da idéia da pesquisa:

Reverendo minha trajetória acadêmica e pessoal, encontro, em alguns momentos e fatores, pontos precursores de minha aproximação atual com o rap, mais especificamente com os Racionais MCs.

Meu interesse por poesia oral apareceu pela primeira vez em meus anos iniciais de Graduação em Letras, no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), UNICAMP. Entre os anos de 1994 e 1995 desenvolvi, sob orientação da Prof. Dra. Márcia Azevedo de Abreu, uma pesquisa de Iniciação Científica sobre Literatura de Cordel. Na época, também fiz parte de um grupo de estudos, coordenado pela referida professora e pela Prof. Dra. Tânia Maria Alkmim, sobre literatura e cultura popular, no qual estudamos, entre outros, o conceito de performance e de fórmula na poesia oral. Tais estudos, retomados na disciplina “Etnolinguística”¹, já na pós-graduação, influenciaram minha via de análise na presente pesquisa. Também me fizeram – e fazem – questionar critérios elitistas para a definição de obra literária e lutar pela expansão dos temas, grupos e autores que merecem ser estudados e analisados academicamente.

Minha postura política também me liga aos Racionais. Desde que ingressei na Graduação, procuro participar ativamente da vida institucional, tendo feito parte, por dois anos seguidos, da Diretoria do Centro Acadêmico de Letras e Linguística (CALL)² e sido representante discente na Comissão de Graduação e na Congregação do IEL. Tal engajamento político no movimento estudantil me levou a unir-me com a antropóloga Simone Miziara Frangella e criar o “Mano a Mano”, grupo ativo até hoje, que desenvolve atividades de arte-educação com crianças e adolescentes em situação de rua em Campinas. Era abril de 1997. Eu – recém-formada - voltara de uma capacitação na Bahia, no Projeto Axé. Nossa intenção inicial era quebrar, nem que fosse por algumas horas, um pouco da barreira que nos separa (universitários) dessas crianças e adolescentes. E foram esses adolescentes que chamaram minha atenção, pela primeira vez, para a importância dos

¹ Disciplina ministrada pela Prof. Dra. Tânia Maria Alkmim no 2º. Semestre de 2003, no curso de pós-graduação em Linguística, IEL / UNICAMP.

² “Gestão Calliope – 1993” e “Gestão Calliope” – 1994”.

Racionais MCs. Impressionava-me como eram capazes de cantar letras quilométricas – que, transcritas, chegam a mais de cinco páginas – sem tê-las nunca visto escritas. Impressionava-me mais o teor das letras e o impacto que têm naquela população, o que chegou ao auge para mim quando, ao assinar um desenho que fizera, um desses jovens se autointituiu “Mano Brown”.

Conhecia por alto algumas músicas do grupo, principalmente as mais famosas de “Raio X do Brasil”, 1993: “Homem na estrada”, “Mano na porta do bar” e “Fim-de-semana no parque”. Meu contato principal havia se dado como frequentadora das “Festas Black”, organizadas pelo DJ Paulão, e também através da banda de black music Anafratil, que citava um trecho de “Mano na Porta do Bar” em uma das músicas que tocava³.

Somente com “Sobrevivendo no Inferno”, 1997, passei a conhecer mais e admirar o grupo, e a acompanhar com atenção sua trajetória. Em dezembro de 2002, ao ouvir o lançamento “Nada como um dia após o outro dia”, eu, que recém-ingressara no Programa de Mestrado em Linguística, na Área de Análise do Discurso, tive a idéia de estudar os Racionais MCs. Meu orientador, o Prof. Dr. Jonas de Araújo Romualdo foi, desde o primeiro momento, receptivo ao tema e, apesar de não conhecer os Racionais, percebeu, imediatamente, a fertilidade discursiva desse fenômeno cultural.

2. Metodologia e distribuição dos capítulos:

Definido o objeto de estudo, passei a transcrever as letras dos cinco discos dos Racionais, uma vez que precisava desse material para análise e, por uma característica de oralidade, não há letras nos encartes. O processo de transcrição foi muito rico, pois, através dele, entrei em contato intenso com esse discurso em suas múltiplas dimensões: enunciados, modalidade enunciativa, ritmos, tom, entre outros. As mais de 150 páginas de transcrição compõem os anexos desta dissertação, que, espero, possam servir a todos os que queiram se aproximar do rap nacional.

³ A banda Anafratil, formada por alunos da UNICAMP em 1996, fez um arranjo muito interessante para a música “Eu vi” d’ “Os Mulheres Negras” (disco “Música e Ciência”, 1988). Na letra, narra-se um episódio de racismo por parte da polícia contra dois negros que estavam à noite em São Paulo em um Passat. No momento em que se descreve a cena, insere-se um sample de música de baile black, típica das décadas de 1970 e 1980, e cita-se o nome da equipe de baile “Chic Show”. Na versão da Anafratil, o som que “rola” no Passat é “Mano na Porta do Bar” dos Racionais.

Pela riqueza de meu corpus de estudo, ao mesmo tempo em que me encantava com a força e contundência da obra dos Racionais, muitas vezes me perdia diante dos diversos caminhos de análise que o material me suscitava. Por vezes, iniciava uma pesquisa mais histórica, por vezes era tentada a desenvolver os aspectos mais lingüísticos. Concomitantemente, cursava as disciplinas do Mestrado e conhecia mais a fundo a Análise do Discurso francesa, suas postulações e seus limites teóricos.

A definição da metodologia do trabalho veio em um insight, quando relia o livro *Genèses du Discours* de Dominique Maingueneau.¹ Esse livro propõe, de maneira clara e exemplificada, sete hipóteses para análise de um discurso e representa um grande avanço teórico frente à Análise do Discurso em suas fases iniciais. Em sua primeira hipótese, valoriza a heterogeneidade através de uma visão do interdiscurso como anterior e constitutivo do discurso. Na segunda, postula uma competência discursiva que permite que haja a incorporação do discurso por seus sujeitos. Na terceira, vê o discurso como um sistema de restrições globais, analisando-o como um todo, sem hierarquizar nenhum de seus planos. A quarta hipótese retoma a competência discursiva como interdiscursiva, analisando o processo de interincompreensão regrada que rege a relação entre discursos antagonistas. A quinta hipótese amplia o escopo da análise, que passa de somente verbal para a análise de práticas discursivas, o que inclui a institucional. Na sexta, o foco é a produção discursiva não-verbal: das artes plásticas, da roupa, da dança, da música, etc. Por fim, a sétima e última hipótese busca correspondências entre discurso e história.

Decidi que, para organizar a imensidão que são os Racionais MCs, seguiria os passos propostos por Maingueneau em *Genèses*, considerando que uma abordagem do discurso como práticas discursivas seria ampla o bastante para pesquisar um corpus tão multifacetado quanto o que eu havia escolhido. A partir dessa decisão, consegui organizar toda a análise que pretendia e conceber a dissertação nos quatro capítulos que a compõem.

No primeiro capítulo, a título de aproximação com o corpus, traço um breve panorama histórico do rap desde seu surgimento, nos EUA na década de 1960, passando por sua chegada ao Brasil, na década de 1980 e focando-me na trajetória do grupo Racionais MCs. Ainda nesse capítulo, levanto a questão sobre o rap ser apenas um gênero musical, que pode ser utilizado por diferentes grupos sociais, ou parte de uma formação discursiva definida.

No segundo capítulo, inicio o trajeto de *Genèses du Discours*, aplicando, aos Racionais MCs, as quatro primeiras hipóteses que são propostas nesse livro. No terceiro capítulo, que tem o mesmo nome do segundo, acrescido de “parte II”, continuo seguindo as hipóteses de *Genèses*, englobando as três últimas.

Um quarto capítulo foi necessário, para desenvolver o conceito de ethos, que fora apenas insinuado em *Genèses* e que é bastante relevante para se compreender os Racionais MCs. Afinal, para ser um sujeito autorizado por essa formação discursiva, é preciso ter algumas características. Como base teórica para a análise do ethos, utilizei o próprio Maingueneau (1987; 2001) em trabalhos posteriores, além de Barthes, que retoma o conceito de ethos da retórica de Aristóteles.

CAPÍTULO I

Aspectos das Condições de Produção da obra dos Racionais MCs

“Blue- Revolução

Brown- Não é pra qualquer um

. Só quem é camicase, leia, o guerreiro de fé

Blue- Se o rap é o jogo, eu sou o jogador nato

Homem 1- Errou. Rap é uma guerra

Brown- E eu sou gladiador”

(trecho do rap “1 por amor, 2 por dinheiro”⁴)

Introdução:

Neste capítulo, será realizado um breve levantamento histórico do rap, desde seu surgimento, na década de 1960 nos EUA, passando por seu início no Brasil, na década de 1980, e chegando à configuração dessa manifestação artística nos dias atuais em nosso país. Por ser um fenômeno cultural bastante recente, de aproximadamente 40 anos, é possível reconstituir sua história desde o início.

Essa reconstituição servirá para localizar historicamente os Racionais MCs, cuja obra será objeto de análise nos três capítulos posteriores. Como fontes de minha pesquisa histórica, utilizarei basicamente três textos: SILVA (1998); TELLA (2000) e ROCHA et al (2001). Também tomarei como base a entrevista dos Racionais ao Programa Ensaio⁵, em que os rappers contaram sua trajetória.

Nos itens que se seguem, traçarei, em primeiro lugar, um pequeno histórico do rap nos EUA, em seguida, tratarei da chegada do gênero ao Brasil, num terceiro momento, apresentarei a trajetória dos Racionais MCs e sua discografia, que constituem o corpus de minha pesquisa e, por último, analisarei a polêmica sobre o rap ser um gênero ou uma formação discursiva.

Espero, com esse procedimento, conseguir apontar elementos importantes das Condições de Produção (C.P.) deste discurso. A noção de C.P., segundo Courtine (1981),

⁴ Anexo 5A, p.269, in “Chora Agora”, “Nada como um dia após o outro dia”, 2002.

⁵ Programa Ensaio com Racionais MCs, TV Cultura, 28/01/2003.

tem dois aspectos fundamentais: a dimensão enunciativa e a dimensão de luta historicamente condicionada.

1. Pequeno histórico do rap nos EUA:

O rap (sigla para “rhythm and poetry”) é um tipo de produção musical que surgiu nos EUA, entre o fim da década de 1960 e o início da de 1970. Três principais nomes são ligados a esse surgimento, todos os três Disc Jockeys (DJs): Afrika Bambaataa; Grandmaster Flash e Kool Herc.

Este último era imigrante jamaicano e trouxe de seu país de origem algumas práticas artísticas, como os cumprimentos entre os integrantes da pista de dança, e criou algumas técnicas fundamentais para a arte do DJ, como o scratch (movimento de fricção entre a agulha do toca-disco e o vinil, provocado pela mão do DJ) e o uso de dois toca-discos, o que proporciona som ininterrupto, importante para o uso da música como base de dança. Alguns estudiosos do rap consideram que ele já era praticado na Jamaica durante a década de 1960, na forma dos “toastes” jamaicanos, gênero musical que utilizava “sound systems” (dois toca-discos acoplados) para tocar bases musicais em cima das quais as pessoas discursavam reivindicando melhorias sociais. Os “toastes” podem ser vistos como um rap incipiente, que foi levado aos EUA por imigrantes jamaicanos, sendo que o rap, com a estrutura com que ficou conhecido, tomou forma em Nova Iorque.

Os três DJs pioneiros - Afrika Bambaataa; Grandmaster Flash e Kool Herc - eram os Mestres de Cerimônia (MCs) das festas do Bronx, em Nova Iorque, eventos que reuniam jovens negros em torno da música – principalmente funk e soul - tocada pelos DJs; da dança – o break, dançado pelos bboys (breaking boys) - e do discurso político, que defendia a mobilização dos jovens negros em torno da auto-estima e afirmação racial e da busca de direitos sociais.

Para explicar a inspiração dos movimentos corporais do break, os estudiosos e praticantes dessa dança apontam três origens. Os passos de dança do break podem ser vistos como transposições artísticas dos movimentos de guerra. Nesse sentido, seriam uma forma de manifestação a favor da paz no mundo e, especialmente no tempo e espaço em que essa dança surge, contra a guerra do Vietnã. Também podem ser vistos como

simulações de brigas entre gangues – na origem, entre as gangues nova-iorquinas. Nesse sentido, os bboys, influenciados por Afrika Bambaataa, eram instigados a trocarem as lutas reais e o envolvimento com a criminalidade, que enfraqueciam e matavam muitos jovens negros na época, por sua representação na arte corporal. As disputas que acontecem, até hoje, no break, sejam entre dançarinos individuais sejam entre equipes, reforçam essa hipótese de troca da luta real pela luta simbólica. Os bboys expressam sua virilidade e sua competitividade nas rodas de dança, o que os **autovaloriza** (a operação de **autovalorização**, fundamental na prática discursiva do Hip Hop, será desenvolvida a partir do cap. II) e os faz respeitados no grupo. Uma terceira origem para os movimentos do break está relacionada com a cibernética e o ritmo dos robôs, que impressionam o imaginário coletivo desde a década de 1960.

Considerada como mais um elemento dessa cultura, a arte plástica do grafite, que consiste em desenhos e escritos feitos com spray em muros, locais urbanos abandonados e vagões de trem, também surgiu nos EUA na década de 1960. Seu surgimento é relacionado com a demarcação de territórios das gangues nova-iorquinas e com uma forma de protesto contra as condições precárias de vida no gueto. Baseados nas mesmas condições de produção, o grafite, o break e o rap logo passaram a se identificar e serem identificados como parte de um mesmo movimento social, nomeado Hip Hop. Os estudiosos apontam que a origem do nome Hip Hop vem de Afrika Bambaataa, que utilizou o termo pela primeira vez como forma de chamar as festas que organizava no Bronx. Em Rocha et al (2001, p. 17) temos a seguinte passagem explicativa:

O termo hip hop, que significa, numa tradução literal, movimentar os quadris (*to hip*, em inglês) e saltar (*to hop*), foi criado pelo DJ Afrika Bambaataa, em 1968, para nomear os encontros dos dançarinos de break, DJs (disc-jóqueis) e MCs (mestres-de-cerimônias) nas festas de rua do bairro do Bronx, em Nova York. Bambaataa percebeu que a dança seria uma forma eficiente e pacífica de expressar os sentimentos de revolta e de exclusão, uma maneira de diminuir as brigas de gangues do gueto e, conseqüentemente, o clima de violência.

Desde o início, o rap esteve vinculado a um movimento social, pois os MCs – com especial destaque a Afrika Bambaataa - davam voz (literalmente, através da cessão do microfone) aos dançarinos que quisessem falar durante a execução das músicas. Mais tarde,

a figura do MC foi incorporada à do rapper, que é quem compõe e canta as letras por cima das bases musicais propostas pelo DJ. Esses pioneiros tinham como influências artísticas e discursivas cantores de soul e funk, como James Brown e Marvin Gaye. É que, além de trazerem a música negra que servia de base para as danças e discursos dos bboys, artistas como Brown e Gaye apoiaram abertamente a luta pelos direitos civis e deram visibilidade ao movimento black power. Como exemplo, James Brown gritava, em seus shows, o slogan: “Say it loud: I’m black and I’m proud”. O movimento também se influenciava por ações como as dos Panteras Negras, frutos de um marxismo maoísta e black power.

Durante as décadas seguintes, especialmente as de 1970 e 1980, os ícones da cultura negra dos EUA, que estavam sendo fortemente incensados pelo movimento Hip Hop, alcançaram uma grande internacionalização. Essa internacionalização foi possível graças à globalização de imagens, roupas, sons, danças e práticas em geral ligadas a uma periferia negra estadunidense, que encontra seus aliados em diversas outras partes do mundo; afinal, num certo sentido, “periferia é periferia (em qualquer lugar)”⁶. O sentimento de revolta com a situação de diáspora a que os negros foram submetidos pelo processo escravagista ganha corpo, e reforça conceitos como os de que os negros do mundo inteiro são irmãos e também mitos fundantes como o da “mãe África”.

2. A chegada ao Brasil:

No Brasil, na década de 1970, também acontece o movimento black, destacado por figuras como Gérson King Combo, Cassiano, a banda Black Rio, grupos de promoção de bailes como Chic Show, e, com mais relevância para um estudo sobre os Racionais MCs, Jorge Ben e Tim Maia. De forma semelhante ao que aconteceu com o rap estadunidense, mas com mais de uma década de diferença, o rap brasileiro surgido na década de 1980 tomará esses nomes do movimento black como referência, além de também utilizar bases dos cantores de soul dos EUA.

Exemplificando essa internacionalização dos ícones negros, o nome dos quatro rappers dos Racionais MCs são em inglês: Mano Brown vem de James Brown; Ice Blue vem de uma música em que Jorge Ben Jor fala sobre “um negro blue”; Edi Rock (se

⁶ Título de rap dos Racionais MCs (anexo 4, p.217), in “Sobrevivendo no Inferno”, 1997.

pronuncia “eidi”) é um anglicizamento do apelido de Adivaldo – Adi; KL Jay toma as iniciais de seu nome, Kleber Leles, e faz um jogo com o termo “DJ”.

Mano Brown, principal MC dos Racionais, conta que, quando eram pequenos (década de 1970 e início de 1980), muitos dos que hoje são rappers ficavam na porta dos bailes black ouvindo os cantores e sentindo a força de suas músicas. Em entrevista ao Programa Ensaio⁷, Mano Brown diz o seguinte a esse respeito:

James Brown foi a música mais forte que eu já ouvi. Quando você ouve James Brown, você se sente com orgulho de ser preto. Nos anos 70, as pessoas sentiam orgulho de ser preto ao ouvir James Brown, parecia um barato meio tribal, África, milianos atrás. (...) Quando ouvi Marvin Gaye no disco de 25 anos da Motown⁸, chapei o globo. Apesar de eu não entender as letras, mas o som. É muito forte.

Nesse enunciado, o rapper expressa o sentimento de **autovalorização** racial e de coesão do grupo social que os bailes black proporcionavam em seus frequentadores. Também vincula esse sentimento ao ritmo, conseqüentemente, à África. A ligação com o ritmo, a dança, a roupa, a atitude é tão forte, que suplanta a dificuldade de não entender a letra. Tal acentuação dos aspectos não verbais foi um dos principais motivos que me fizeram ver, desde o início de minha aproximação como pesquisadora, os Racionais MCs como uma prática discursiva, postura teórica que sigo através de Maingueneau, e que busca ver o discurso em todas as suas dimensões: a institucional, a gestual, a plástica, a verbal, etc.

No mesmo Programa Ensaio, o entrevistador Fernando Faro, que é fortemente ligado à MPB, buscou, em uma pergunta que fez, vincular os Racionais MCs a uma linhagem de sambistas que fariam, segundo o entrevistador, um discurso muito parecido com o do grupo de rap. Os rappers disseram não conhecer os sambistas que Faro mencionava, o que reforça a escolha de ver o discurso como prática e não como “idéias”.

A origem do nome Racionais também remete a uma valorização dos aspectos não verbais das práticas discursivas. O nome vem dos discos de Tim Maia: “Racional vol. 1” e “Racional vol. 2”, ambos lançados em 1975 com músicas no estilo funk. Esses dois discos

⁷ Programa Ensaio com Racionais MCs, TV Cultura, 28/01/2003.

⁸ Motown é uma gravadora estadunidense muito importante para a black music.

foram feitos com base na seita *Universo em Desencanto*, doutrina à qual o artista estava convertido e que prega a “cultura racional”. As letras dos dois discos são todas de divulgação e defesa dos princípios dessa seita, inclusive algumas são cantadas em inglês, o que visava a internacionalização do *Universo em Desencanto*.

Apesar de os Racionais não terem nenhuma ligação com essa seita, o estilo musical dos dois volumes de “Tim Maia Racional” era a black music. Relacionando-se a esse aspecto, o grupo de rap escolheu o nome Racionais, mesmo sem pretender filiação às “idéias” divulgadas por Tim Maia nessa época.

Além da vinculação a Tim Maia, o termo “Racionais”, conforme afirma KL Jay em uma entrevista⁹, remete a raciocínio, razão, consciência. No entanto, é curioso que Brown, em entrevista ao Programa Ensaio¹⁰, diga que, hoje em dia, não sugeriria mais “Racionais” para nome do grupo, e sim “Emocionais”, justificando que, de racionais, eles não têm nada, pois, para ser racional, é preciso ser mau. Essa frieza associada à racionalidade, que é rejeitada pelo rapper, pode explicar, por exemplo, a organização sintática dos enunciados, que, segundo minha análise (desenvolvida no cap. II. pp. 55 e 56), propicia uma apropriação intensa e não intelectualmente distanciada dos ouvintes do rap.

Durante a década de 1980 e anos iniciais da de 1990, a Estação de Metrô São Bento e a Praça Roosevelt, na cidade de São Paulo, serviam como ponto de encontro para os primeiros rappers, bboys e grafiteiros. Antes dessa época, o break já era dançado em outros locais do centro de São Paulo, valorizando, desde o seu início, símbolos black power, como cabelos sem alisar e roupas de nylon pretas e vermelhas.

O movimento Hip Hop também foi marcado por apoios institucionais, de ONGs, como a Geledés – Instituto da Mulher Negra -, que começou, nessa época, a promover o Projeto Rappers Geledés, e de governos, como a gestão de Luiza Erundina (na época, do Partido dos Trabalhadores) à frente da prefeitura de São Paulo (1989 – 1992). O governo de Erundina foi especialmente importante para o Hip Hop de São Paulo, pois incentivou o grafite, cedendo espaço, material e oficinas de aprimoramento aos artistas e ajudou a legitimar politicamente o rap, através da promoção de shows e eventos e de Programas como o *Rap...ensando a Educação*, que eram palestras dadas pelos rappers em escolas

⁹ In Revista Raça - Especial Som Black, n. 1.

¹⁰ Programa Ensaio com Racionais MCs, TV Cultura, 28/01/2003.

municipais a respeito de temas como violência e juventude. Foi também na gestão de Erundina que surgiram as “posses” em São Paulo, que são associações culturais nos bairros de periferia para a promoção de oficinas de arte e trabalhos comunitários. Big Richard, que ministra oficinas de rima e composição de rap em Diadema, escreveu sobre o assunto em seu livro virtual¹¹:

Nesse período de ascensão do Rap, a capital paulista passou a ser governada por uma prefeitura petista, o que muito auxiliou na divulgação do movimento Hip-Hop e na organização dos grupos. Por esse motivo foi criado em agosto de 1989 o MH2O – Movimento Hip-Hop Organizado, por iniciativa e sugestão de Milton Salles, produtor do grupo Racionais MC's até 1995.

O MH2O organizou e dividiu o movimento em São Paulo. Ele definiu as posses, gangues e suas respectivas funções nesse trabalho de divulgação do Hip-Hop e organização de oficinas culturais para profissionalização dos seus integrantes.

O prefeito seguinte, Paulo Maluf (do, na época, Partido Democrático Social), teve como uma de suas primeiras ações cancelar o apoio ao Hip Hop e proibir a venda de sprays na cidade.

De acordo com o panorama histórico e discográfico do rap reunido na exposição “Rap – origem/destino”¹², durante os anos 80, o rap vinha se desenvolvendo principalmente em São Paulo, mas o estilo produzido era, principalmente, o rap “romântico” e o rap “historinha”. Como exemplo, havia o rapper Pepeu, que alcançou grande sucesso com a música “Ruth Carolina”, que consistia em um desafio para enumerar, dentro do ritmo e da rima, “nomes de meninas”.¹³ Outro exemplo que alcançou sucesso nacional foram os Black Juniors, que, à moda “Jackson Five”, dançavam break e cantavam hits como “Mas que linda estás”¹⁴.

Só em 1986 foi composto – gravado em 1988 – o primeiro rap com conotação política e social no Brasil; a dupla Thaíde e DJ Hum gravou “Corpo Fechado”. Essa dupla, muito ativa desde então e até hoje – embora não atue mais junta desde 2001 –, é considerada

¹¹ In BIG RICHARD (2001), p.5. O livro virtual (lançado somente na Internet) foi escrito inicialmente como uma cartilha para as referidas oficinas em Diadema.

¹² Exposição organizada no Sesc Itaquera como parte do evento “Hip Hop – Os 5 elementos”, durante o mês de abril de 2004.

¹³ Uma estrofe dizia: “Ruth, Carolina, Beth, Josefina/ Acabei de lhe dar quatro nomes de menina”.

¹⁴ O refrão era: “Mas que linda estás, mas que linda estás/ Eu te quero namorar/ Mas que linda estás, mas que linda estás/ Com você que eu vou dançar”.

a grande pioneira ao fincar as bases do rap consciente. Na mesma exposição “Rap – origem/destino”, abaixo do primeiro disco desses rappers, havia os seguintes dizeres: “A bossa nova teve Tom Jobim e João Gilberto. O rap teve Thaíde e DJ Hum.”. Nesse primeiro marco fundante, a formação discursiva já pode ser divisada em seus principais temas e posições.

A música, em primeira pessoa, conta a história de Thaíde, que é caracterizado como um rapaz pobre, nascido em favela. Como é muito comum em enunciados de rap, há a construção explícita do ethos de quem fala, através da caracterização própria, normalmente com adjetivos que indiquem força (física e, principalmente, moral), coragem, honradez e valores considerados corretos.

Outro tema que também já aparece é a questão racial, não tratada diretamente, com palavras como “negro”, ou como “raça”, mas sim através das menções a religiões afro-brasileiras, a orixás e a práticas como a do “fechamento do corpo”:

Os deuses me protegem e os demônios também
Ogum e Iemanjá e outros santos do além

Já te disse o meu nome, meu nome é Thaíde
Meu corpo é fechado e não aceita revide¹⁵

Nessa época, anos finais da década de 1980 e iniciais de 1990, um procedimento comum que viabilizava a gravação e distribuição dos raps eram as coletâneas, dentre as quais, destacam-se “Hip Hop Cultura de Rua” (1988); “O Som das Ruas” (1988) e “Consciência Black” (1989). Essa última, lançada pela gravadora Zimbabwe, deu aos Racionais MCs seu primeiro registro fonográfico.

3. A trajetória dos Racionais MCs no rap brasileiro:

De meados para o fim da década de 1980, os hoje integrantes dos Racionais MCs formavam duas duplas separadas. Da zona sul, Mano Brown e Ice Blue se apresentavam como os BBBoys (Brown e Blue Boys). Os dois são amigos de infância, suas mães, na juventude, freqüentavam juntas os bailes black de São Paulo. Ambos foram criados sem a presença do pai, pois o pai de Brown (um branco de origem italiana) nunca assumiu a namorada e o filho, e o de Blue morreu quando ele tinha nove meses. A história em

¹⁵ Versos de “Corpo Fechado”, dos pioneiros do rap nacional Thaíde e DJ Hum.

comum, a afinidade e a relação de vizinhança aproximaram as duas famílias, o que faz Brown dizer que ele e Blue foram “criados no mesmo terreiro [de umbanda]”¹⁶.

Tal história difícil de vida, que não é algo raro na periferia de onde vêm os rappers, marca discursivamente a obra dos Racionais MCs. Em enunciados como o seguinte, sobre a polícia, Brown evoca sua história de vida para justificar sua postura contrária a essa instituição:

Eu não gosto de dar muita moral para polícia não. Acho que a polícia não aceita ser questionada. Por isso, temos que ter um proceder muito afiado mesmo, baseado nas leis. Ele [o policial] quer ser chamado de autoridade. Eu não tive pai. Como é que eu vou chamar outro homem de autoridade? Autoridade pra mim é mãe.¹⁷

Ice Blue também retoma sua história de vida para explicar a crueza das letras do grupo:

Meu padrasto bebia muito – isso é comum na periferia. A gente cresce com carência de amor de pai e de mãe, a gente fica muito frio, né, cresce frio.¹⁸

Na adolescência, os dois resolvem formar uma dupla de rap, que foi batizada de BBboys (Brown e Blue boys). Por não contarem com um DJ fixo, adaptavam suas letras a qualquer batida que estivesse disponível no lugar onde fossem cantar. Nesse aspecto, sua trajetória relembra historicamente a do próprio gênero musical em que atuam, pois, no início da formação do rap em Nova Iorque, os bboys discursavam por cima da música que estivesse sendo tocada pelo DJ, sem combinação prévia (conforme explicado no item 1).

Da zona norte, vieram Edi Rock e KL Jay, dupla que conseguia desenvolver mais a fundo seu trabalho musical, por contar com um DJ e um MC. Os Racionais contam que o “lado norte” do grupo já estava muitos passos à frente do “lado sul”, já tinha alcançado uma certa profissionalização e era chamado para tocar em bailes.

A trajetória de KL Jay no Hip Hop começou por volta de 1982, quando, segundo ele, descobriu que o rádio tinha FM – pois seu pai só ouvia AM – e passou a ouvir funk e

¹⁶ In Programa Ensaio com Racionais MCs, TV Cultura, 28/01/2003.

¹⁷ Idem nota anterior.

¹⁸ Idem nota anterior.

rap estadunidenses nas rádios Antena 1, Jovem Pan, Manchete e Excelsior. Logo passou a dançar break. Depois, com a compra da primeira pick-up (toca-discos duplo), tornou-se um DJ. KL Jay conta que, um dia em um baile, viu pela primeira vez um DJ em ação, fazendo scratches com a música “Você mentiu” de Tim Maia. Sua admiração foi tanta que, mesmo sem saber ao menos o nome daquela tão nova profissão, naquele momento definiu para si mesmo:

Eu sou isso aí. É isso aí que eu quero ser.¹⁹

O produtor cultural Milton Sales, que acompanhava de perto a movimentação dos rappers na Estação São Bento, viu semelhanças entre o fazer artístico de Mano Brown e KL Jay. Nesse local, a base musical para as letras de rap vinha de fitas tocadas em aparelhos portáteis ou, na ausência destes, a batida era tirada dos latões de lixo pregados na parede. Milton Sales teceu o contato entre esses dois rappers. Sobre esse primeiro contato com Brown, KL Jay ressalta que união deu certo por aspectos políticos e musicais:

A gente se identificou com as idéias e ouvia mais ou menos o mesmo som.²⁰

Logo, Brown trouxe para o grupo seu parceiro de BBBoys, Ice Blue, e, posteriormente, KL Jay trouxe Edi Rock (que assinava “Edy Rock”). As letras dos raps desses MCs eram consideradas muito pesadas quando comparadas ao rap brasileiro da época, por **radicalizarem** (a operação de **radicalização**, fundamental neste discurso, será desenvolvida a partir do cap. II) demais no viés de denúncia política, social e racial.

Portanto, o ambiente – a cena – ainda não estava habituado a um discurso tão explícito como o proposto pelos Racionais. Por isso, houve muita resistência das gravadoras para aceitarem lançar trabalhos deles. A resposta que obtinham era de que suas letras iriam afastar os possíveis ouvintes e pesar nos bailes. Mas o grupo não cedia e não modificava seus raps. O dono da Gravadora Zimbabwe conta, na revista Caros Amigos (ano I, nº. 10, jan./98), o quanto relutou para incluir os Racionais na primeira coletânea Consciência Black. Só não pôde deixá-los de fora por um dilema de consciência, pois

¹⁹ Idem nota anterior.

²⁰ Idem nota anterior.

reconheceu sua própria história de infância e juventude nas letras e não foi capaz de negar essa evidência. Mas colocou as duas músicas como últimas de cada lado do LP, para diminuir seu impacto: os raps são “Pânico na Zona Sul” (anexo 1, p.130) e “Tempos Difíceis” (anexo 1, 138.). Ambos foram novamente lançados dois anos depois, em 1990, no LP “Holocausto Urbano” (letras no anexo 1).

A música “Pânico na Zona Sul”, inserida como última do lado A na Coletânea Consciência Black, tem em seus créditos Racionais MCs como intérpretes e Brown como autor. Já a “Tempo Difíceis”, última no lado B, indica Edy Rock como intérprete e Edy Rock e KL Jay como autores. Nesse momento, ainda não havia plenamente o estabelecimento de um grupo, permanecendo forte a divisão entre o lado norte e o lado sul dos Racionais. Na capa da coletânea Consciência Black, Edi Rock aparece em uma foto sozinho e os outros três rappers posam juntos na mesma foto. As duas imagens são unidas por uma tarja em que está escrito *Racionais MC 'S*.

Em 1990, é lançado “Holocausto Urbano”, pelo mesmo selo Zimbabwe. O LP tem seis faixas, três de cada lado, quatro inéditas e as duas já lançadas na coletânea Consciência Black. Quanto aos créditos, não há autoria explicitada na contracapa (também não há encarte). No entanto, no selo central do LP, em cada lado há indicado o nome das músicas, seus compositores e intérpretes. Por exemplo, a primeira do lado A, “Pânico na Zona Sul”, aparece como composição de Pedro Soares Pereira e interpretação de Brown. A última do lado B, “Tempos Difíceis”, tem indicados como compositores Adivaldo Pereira e Kleber Leles, e como intérprete Edyrock.

É interessante explicitar que Pedro Soares Pereira é o nome de Mano Brown, Adivaldo Pereira é o nome de Edi Rock e Kleber Leles é o nome de KL Jay. Na hora de assinar suas composições, os rappers buscavam a respeitabilidade dos nomes próprios completos, o que, aliás, está de acordo com o tom de sapiência utilizado nos primeiros trabalhos dos Racionais (há uma análise mais completa a esse respeito no cap. IV, pp.109-114). No entanto, ao se nomearem intérpretes, os rappers assumiam mais sua persona artística, ousando usar seus codinomes.

A partir do LP “Holocausto Urbano”, os Racionais contam que deixaram seus empregos na Bolsa de Valores – como office-boys – para viver exclusivamente do rap. Um dos maiores sucessos desse LP, a música “Mulheres Vulgares” (anexo 1, p. 140), rendeu

muitas polêmicas e críticas ao grupo. Sua letra, que trata as mulheres como “vadias”, “vagabundas”, “sem caráter”, foi considerada machista e rechaçada por muitas rappers. Também enfrentou ataques pesados em debates da ONG Geledés – Instituto da Mulher Negra - e em discussões em revistas especializadas, como a já extinta “Pode Crê”. MC Chris, uma das precursoras do rap nacional, diz o seguinte:

Não há credibilidade quando um integrante de um movimento libertário como o rap faz parte de uma máquina opressora em vez de denunciá-la.²¹

Da acusação de machistas, os Racionais se defendem dizendo que denunciam o lado ruim de tudo, até das mulheres. E demonstram certa resistência em debater o assunto, como nesta entrevista²²:

RAÇA - Vamos mudar de assunto, vamos falar de mulher.

BROWN - De mulher eu não gosto de falar.

RAÇA - É por isso mesmo que eu quero falar. Acho que o rap em geral não gosta de mulher. Qual é o problema?

BLUE - No nosso caso, do mesmo jeito que a gente aponta o negro limitado, aponta o traficante. Se formos falar das minas, tem que apontar uma falha também.

BROWN - Pra falar a verdade, a gente não tem mais mensagem pra mandar pras mulheres. O mundo que a gente vive é outro. Mulher é a parte boa da vida.

Apesar de dizer que “não tem mais mensagem pra mandar pras mulheres”, o tema se repetiu, e com o mesmo viés machista, no rap “Parte II” (anexo 3, p.172) – que, aliás, é a “parte II” de “Mulheres Vulgares” e novamente nas faixas “Fone” e “Estilo Cachorro” (anexo 5B, pp.290-296).

Saindo do recorte do tema “mulheres” e voltando para a cronologia, o segundo lançamento dos Racionais foi o mix “Escolha seu Caminho”, de 1992 (letras no anexo 2). Chama-se de mix porque o trabalho só tem duas faixas diferentes, “Voz Ativa” e “Negro Limitado”. Quanto à indicação de autoria, não há diferenciação entre as faixas, o que indica uma maior coesão do grupo. Por características próprias do rap, sabemos que, muito provavelmente, um rapper canta a letra que compôs, então podemos inferir a autoria: se o rap for interpretado por Mano Brown, foi ele quem compôs. Se for interpretado por Edi Rock, é sua a composição. Ice Blue normalmente atua como uma voz de apoio, entrando

²¹ In entrevista para “O Estado de São Paulo, fevereiro de 1994 (apud Rocha et al, 2001, p. 84).

²² In Revista Raça – Especial Som Black, n. 1.

nos momentos em que há diálogos ou somente cantando alguns pequenos trechos. KL Jay, por ser o DJ, raramente canta algum verso. Quanto a esse mix, nele há o reforço das questões sociais, raciais e políticas. Maiores análises serão feitas a partir do capítulo II.

Em 1993, os Racionais lançam “Raio X do Brasil” (letras no anexo 3), através do qual passam a ser bem mais conhecidos, dentro e fora das periferias. As músicas “Fim de semana no parque” (anexo 3, p.167), “Mano na porta do bar” (anexo 3, p.176) e “Homem na estrada” (anexo 3, p.180) alcançam sucesso em grande parte do Brasil e são executadas em rádios – principalmente comunitárias – e em festas, inclusive no meio universitário. Esse LP desperta interesse da mídia e do público para o rap nacional. Também nessa época, os Racionais começam a fazer shows maiores e a participar de campanhas pela cidadania em São Paulo.

No ano seguinte, 1994, é lançada uma Coletânea dos Racionais, impulsionada pelo grande aumento de público que tiveram a partir de “Raio X do Brasil”. Tal coletânea sai em CD, indicando uma possível ampliação na faixa de público do grupo.

Em 1997, é lançado o trabalho que realmente projetou os Racionais MCs e, conseqüentemente, o rap nacional, para o grande público de todo o Brasil: “Sobrevivendo no Inferno” (letras no anexo 4). Algumas estatísticas dizem que o CD chegou a um milhão de cópias vendidas, no entanto, não há concordância a esse respeito. O disco apresenta uma marcante profissionalização, que vai desde a capa e o encarte até a produção das músicas. A respeito dessa profissionalização, KL Jay compara os discos dos Racionais com um livro:

O disco do Racionais Mc's é como um livro: tem capa, introdução, meio e fim e isso demora para ser concluído.²³

 “Sobrevivendo no Inferno” tem como faixa de abertura uma música de Jorge Ben Jor, “Jorge da Capadócia” (anexo 4, p.192), a única faixa de toda a obra dos Racionais que não é deles. Funciona como homenagem a esse artista, nome fundamental da cultura black brasileira (ver item 2) e também como referência a São Jorge, santo importante para o Candomblé brasileiro, identificado com o orixá Ogun. São Jorge também é o símbolo da gravadora que os Racionais abrem, a “Cosa Nostra Fonográfica”. Além disso, a letra de

²³ In entrevista a Racionais Web page (site não oficial), consultado na Internet em 26/08/2003.

Jorge Ben Jor é uma recriação de uma oração que pede proteção de São Jorge contra os inimigos. Faz as vezes, portanto, de um ritual de abertura do disco. A base musical utilizada nessa música será retomada na última faixa, “Salve” (anexo 4, p.236), que traz os agradecimentos e dedicatórias de cada rapper. Entre as duas faixas, 10 outras, que reforçam a denúncia social e racial.

Ressaltando o aspecto de cuidado com a produção, comparado por KL Jay com a de um livro, a terceira faixa se chama “Capítulo 4, Versículo 3” (anexo 4, 180). Tratava-se do quarto lançamento dos Racionais – “capítulo 4” – e da terceira faixa – “versículo 3”. Através da palavra “versículo”, percebemos que o livro de referência nesse momento é a Bíblia²⁴, que será, em muitos outros momentos, retomada pela obra do grupo, conforme desenvolverei nos capítulos seguintes.

Sobre esse CD, a mídia em geral faz resenhas críticas entusiasmadas, como podemos ver nos seguintes exemplos do colunista Álvaro Pereira Júnior:

Um nove nove sete depois de Cristo²⁵. Ponha Carlinhos Brown em seu verdadeiro lugar: a butique. Ignore a nova obra de Caetano Veloso. Dê o disco acústico dos Titãs para a sua avó. Porque é hora de concentrar atenção no que de mais moderno, inconformado e perturbador existe hoje na cena musical brasileira. É hora de ouvir o novo álbum dos Racionais MC's. “Sobrevivendo no Inferno”, este o nome do CD, traz o retrato mais áspero possível de uma metrópole labiríntica e desigual, esta máquina de ceifar vidas chamada São Paulo. Os Racionais vêm pesados como nunca - no som e nas letras. (...) É ali, no ano um nove nove sete depois de Cristo, que reinam supremos, destilando revolta, os sacerdotes negros dos Racionais MC's. (coluna “Escuta Aqui”, Folha de S. Paulo, 3 de novembro de 1997.)

E como parte de um texto-retrospectivo do ano de 1997:

Na cena brasileira, saiu o que pode ser o melhor pop cantado em português desde os Mutantes. Trata-se de “Sobrevivendo no Inferno”, uma cusparada de verdades ditas pelos Racionais MC's. Ignorando frontalmente a tradição contemplativa da MPB (barquinho, patinho, marzinho, violão, preguiça), os Racionais falam em seu hip-hop de uma metrópole claustrofóbica e violenta. Da

²⁴ A comparação da estrutura da obra dos Racionais com a da Bíblia já aparecera em “Negro Limitado” (anexo 2, p.162), in “Escolha seu caminho”, 1992, segundo lançamento do grupo. Os versos são:

“Planejam nossa extinção, esse é o título
Da nossa revolução, segundo versículo”.

²⁵ Citação de um verso de “Capítulo 4, Versículo 3” (anexo 4, p.194), in “Sobrevivendo no Inferno”, 1997.

realidade cinza das quebradas, das cadeias, das bocadas onde Lúcifer passa por bonzinho. (Coluna "Escuta Aqui", Folha de S. Paulo, 5 de janeiro de 1998.)

Além do sucesso do CD, um dos raps, "Diário de um detento" (anexo 4, p.212), se transforma em videoclipe, filmado no Carandiru. E alcança grande projeção e reconhecimento de público e crítica, tanto que ganha os prêmios de escolha da audiência e melhor clipe de rap do 4º Video Music Brasil da MTV.

O comparecimento e a postura dos Racionais na entrega do prêmio rende críticas positivas entusiasmadas, como a de Arnaldo Jabor, da qual cito um trecho:

(...)OS SUJOS E OS LIMPOS: Foi neste cenário que os Racionais MC's surgiram. E quinta-feira passada foram ovacionados de pé no "MTV Awards". Eu não fui, mas me contaram. Vi o clipe deles. Sem requintes musicais ou poéticos, sai do conjunto de "pardos" uma verdade que há muito não se sente. Não há neles aquela rebeldia requentada e fajuta dos atuais rocks do mundo, a revolta vagabunda e pasteurizada que nos dá saudade dos antigos e verdadeiros roqueiros históricos.

(...) Os Racionais engolem o rap e iniciam uma nova "antropofagia" espontânea. Assim como os tropicalistas comeram e devolveram o internacionalismo pop, os Racionais comeram os restos de São Paulo e vomitam o lixo reciclado. A música é tosca e boa. As letras saem de um bruto e duro (mas novo) "repertório". Não é a miséria pensada por pequeno-burgueses culpados. É a "coisa real", "the real thing" voltando. É o apagamento de fronteiras construídas pela má distribuição de renda. É o "retorno do reprimido" pela democracia formal. Os Racionais são filhos da miséria, mas sua ação é fruto deste sujo "desenvolvimento" feito de superfluos e importados, deste "progresso" virtual do "milagre brasileiro parte 2" que nos assola com sua imunda modernidade. O que os Titãs prefiguraram com sua obra-prima "Comida", eles realizam na prática. No "MTV Awards", o Mano Brown falou: "Minha mãe já lavou roupa de muito playboy aí da plateia...". É muito útil o relançamento desta palavra. Tem playboy demais hoje em dia. Surge uma nova divisão: "playboy" contra "manos".

(...) Os Racionais nos sujam. Eles não são objeto de nossa caridade, nem de nosso "iluminismo". Eles são sujeitos da miséria. Nasceram dela; não "falam" dela. Eles têm autoridade no que cantam. Não estão em busca de ajuda, nem de solidariedade. Não são gratos, nem pedem nosso apoio. E isso vai enlouquecer as bichas ideológicas culpadas, que não sossegarão enquanto não os cooptarem. Eles descentram os Jardins. ("Racionais são os manos contra os playboys", Folha de São Paulo, 15 de agosto de 1998)

A grande mídia se encanta, mas, por outro lado, parte dela não sabe como lidar com artistas como os Racionais, que não procuram agradar e nem imitar os valores das elites. Preconceitos aparecem em reportagens sobre o grupo, dentre eles, como já era de se esperar, o linguístico, conforme ilustra o exemplo abaixo:

Mudando a estratégia de não se envolverem com a "grande imprensa" os Racionais não só compareceram à festa, como usaram os microfones para falar do que consideram sua missão: fazer "música de preto para preto". Com um discurso contundente, mas que daria muito trabalho ao professor Pasquale, os quatro integrantes da banda subiram ao palco com cerca de 20 manos e protestaram contra a discriminação que os negros pobres da periferia sofrem. "Agradecemos a Deus, o maior, por nossa música. Mas nos inspiramos no vício, nas drogas, na miséria. Queremos que nosso povo acorde e não veja o sol atrás das grades", disse o DJ KL Jay, sempre repisando que os Racionais são quatro pretos favelados da zona norte. Com mais de meio milhão de cópias vendidas de seu último CD, *Sobrevivendo no inferno*, eles ganharam com *Diário de um detento*, música que fala do massacre do Carandiru e cujo clipe foi gravado dentro do próprio presídio.²⁶

Com toda essa projeção, os Racionais passam a ser cada vez mais assediados pela mídia, mas raramente – e com muito critério – se permitem falar. Preferem sempre as pequenas revistas, sites, rádios, do que a grande mídia. Cria-se uma polêmica até hoje não resolvida no rap: afinal, há contradição entre o discurso do rap e a ida à grande mídia?

O Hip Hop se divide, alguns são mais abertos, outros mais refratários. O medo é de que o movimento perca sua força e seja engolido como mais uma moda, ou que se seduza pelo glamour e sucesso e perca seus princípios e compromissos com a periferia negra. A opinião dos Racionais pode ser vista em trechos como os seguintes, retirados de uma reportagem de Patrícia Decia²⁷:

Quem mais provoca repulsa nos rappers é a televisão. "Sendo integrante dos Racionais, tendo uma visão dos problemas do meu povo, como posso falar para a Globo, que contribuiu com o regime militar, que faz programa sensacionalista? Ou para o SBT, que incentiva crianças de 3, 4 anos a dancarem a dança da garrafa?", diz KL Jay, o homem que é "a banda", o responsável pelas pick-ups, pelo som.

(...)

²⁶ Trecho de "A noite dos videoclipes", dos jornalistas Marili Ribeiro e Silvio Essinger, in *Jornal do Brasil*, 15 de agosto de 1998.

²⁷ In "Racionais falam para a periferia da nação", *Folha on Line*, Consultado na Internet em 01/08/2004.

Brown nega que depois do lançamento de "Sobrevivendo" os Racionais ficarão mais doces com o mundo além-periferia. "Vamos voltar para a rotina, fazer show na periferia, jogar bola, ver o Santos, ir aos lugares que a galera curte."

(...)

No projeto de expansão dos Racionais, no entanto, não há lugar reservado para quem não conhece a vida trágica, violenta e breve que dá origem ao rap paulistano. Falando por/para a maioria formada pelos excluídos, o grupo, que vendeu quase 200 mil cópias de "Sobrevivendo no Inferno", insiste em considerar mídia, elite e classe média desimportantes. "Se playboy vai comprar (o CD), isso não me interessa. Mas tem uns caras que sabem o perigo que a gente oferece pelo que a gente fala e pela quantidade de pessoas que vem atrás da gente, os milhares de seguidores, de fiéis, que a gente tem", afirma Edy Rock, o outro letrista dos Racionais.

Afora o glamour e o assédio – desejados ou não – que os Racionais despertam na mídia, há um outro viés da relação da opinião pública com o rap nacional. Na coluna sobre rádio “Outra Frequência”, a jornalista Laura Mattos enfoca o preconceito que o programa “Espaço Rap”, da rádio 105 FM, sofre por parte dos anunciantes, apesar de ter muita audiência no estado de São Paulo. O título do artigo, “Tirem meu anúncio do programa dos rappers”²⁸, é citação de uma fala comum aos anunciantes da emissora, que não querem ver o nome de suas empresas associado ao universo de violência e marginalidade retratado pelo rap nacional. Em entrevista citada nessa coluna, o diretor-geral da 105 FM, Sérgio Pinesi, considera que “as agências de publicidade no Brasil ‘vão demorar anos’ pra perceber o ‘potencial mercadológico do hip hop’. ‘Nos EUA, o rap já tomou conta dos jingles da TV, está até na propaganda da Nike. Mas aqui...’”. Ainda nessa coluna, Pinesi considera que a culpa pelo preconceito que o rap nacional sofre não é só dos anunciantes: “Nosso hip hop tem de aprender a ser mais profissional. Precisa parar com esse negócio de botar armas e drogas na capa dos CDs, de falar tanto palavrão. Os Racionais também não podem ficar com essa história de não dar entrevistas pra ninguém. Está na hora de ir pra mídia.”.

Em 2002, os Racionais lançam seu mais recente CD, o duplo “Nada como um dia após o outro dia”, CD 1: “Chora Agora” (letras no anexo 5A), CD 2: “Ri Depois” (letras no anexo 5B). Sem esquema de divulgação para o lançamento, em pouco tempo conseguem

²⁸ Título da coluna “Outra Frequência”, de Laura Mattos, in Folha de São Paulo, 11 de fevereiro de 2004, p. E2.

esgotar a tiragem inicial de 100 mil cópias. Aprimorando o esquema de profissionalização de “Sobrevivendo no Inferno”, o encarte é ainda mais bem cuidado e a produção musical das faixas também. A crítica da grande mídia se divide em louvar o novo CD ou em dizer que os Racionais começam a ficar repetitivos, pois continuam tratando dos mesmos temas: periferia, raça negra, violência, pobreza.

Alguns outros fatos importantes marcam o grupo desde o lançamento desse CD: realizam, pela primeira vez, um show com seu grande ídolo Jorge Ben Jor, no Sesc Itaquera em 26/04/2004.

No âmbito mais amplo do rap nacional, pela primeira vez um Presidente da República se reúne com o Movimento Hip Hop, reunião que aconteceu no Palácio do Planalto em Brasília em 25 de março de 2004, da qual participaram KL Jay e Edi Rock. A eleição de Lula à presidência é vista com esperança no meio Hip Hop, por sua ligação histórica com o PT (ver item 2) e também pelas origens pobres do Presidente. Além disso, a nomeação de Gilberto Gil para Ministro da Cultura é vista positivamente pelo Hip Hop, por ser ele artista e, principalmente, negro. No entanto, o movimento mantém sua atitude de independência e desconfiança, o que é expresso da seguinte forma por KL Jay²⁹:

Folha - O que significa para o hip hop esse encontro?

KL Jay - Gilberto Gil tem uma mente mais aberta. Ele é negro também, está ligado. Sabe o que acontece, sabe que o povo dele é excluído culturalmente. Foi legal porque a partir do encontro a gente marcou outros, sem o Hermano [Viana], só com os representantes do hip hop. Estávamos longe uns dos outros.

Folha - Que posição você defendeu no encontro?

KL Jay - O assunto em pauta era como a gente ia divulgar e trabalhar o hip hop no Ministério da Cultura, fazendo shows, oficinas no Brasil inteiro. Coloquei que o hip hop surgiu na rua, marginalizado. Minha precaução é de que maneira seria massificado, se de modo positivo ou negativo.

Folha - O governo quer massificar a cultura hip hop?

KL Jay - Todo mundo que estava na mesa discutiu isso. Muita gente acha que tem que tocar em um monte de lugar, ir para a TV. Falei que temos que tomar cuidado para não virar o samba, esse monte de grupos que apareceram aí, sem raiz nenhuma.

Folha - Não seria natural a massificação do hip hop no governo Lula?

²⁹ In “KL Jay diz temer massificação do rap no país”, Folha de S. Paulo, 26/03/2003. Na entrevista, KL Jay comentava um encontro do Hip Hop com Hermano Viana, assessor do Ministro da Cultura Gilberto Gil.

KL Jay - Teoricamente, sim. Mas isso não seria contraditório, porque continuamos do mesmo jeito. O que é contraditório é o Lula estar no poder e agir como FHC.

Folha - Está fazendo isso?

KL Jay - Por enquanto está, né (ri)? A questão vai muito além da fome, é de educação e geração de emprego. Mas a intenção é boa, isso nunca foi feito. Acho que Lula não vai decepcionar, está no olhar dele. O governo FHC não estava aberto para a gente, eles tinham medo.

★4. Rap: Gênero independente ou exclusivo de determinada formação discursiva?:

O que hoje é denominado Hip Hop, no Brasil, constitui-se de cinco elementos: o DJ, o rap, o break, o grafite e a consciência. Originalmente, somente o break, o grafite e o rap (que englobava o DJ e o MC) eram denominados como elementos constituintes do Hip-Hop. Até hoje, muitos de seus praticantes nomeiam quatro elementos, acrescentando a esses três iniciais o desdobramento do DJ. O quinto elemento, a consciência, começou a ser evocado há pouquíssimo tempo e nem sempre é mencionado quando se descreve o Hip-Hop. A inserção desse quinto elemento pode ser analisada como uma ideologização dessas manifestações artísticas, ao mesmo tempo em que também é um modo de um determinado grupo delimitar e tomar posse como guardião e praticante do “verdadeiro Hip Hop”. Especificamente para a presente dissertação, por se tratar de uma análise do discurso, é bastante relevante essa discussão a respeito da “consciência” necessária para se fazer o “verdadeiro” rap. Já traz, desde a nomeação “consciência”, um embate sobre qual(is) é(são) a(s) formação(ões) discursiva(s) autorizada(s) para utilizar esse gênero musical. A “consciência”, entrando como um quinto elemento do Hip Hop, se aproxima em muito da competência discursiva (ver cap. II, item 2) dessa formação discursiva, uma vez que determina o que – e de que forma – pode e o que – e de que forma – não pode ser dito.

Certamente a “consciência”, reivindicada por parte do movimento Hip Hop como um quinto elemento, tem um status diferenciado dos outros quatro, pois perpassa a todos e não é uma forma artística, como o break ou a arte do DJ, por exemplo.

O Hip-Hop é um fenômeno extremamente recente no país e no mundo e chama atenção de quem se aproxime dele como analista por ser uma manifestação artística extremamente ligada ao discurso, até assumidamente ligada ao discurso político. No rap, são comuns enunciados que tratam da palavra artística como ação no mundo. Essa ação está

expressa por palavras, impregnadas pelo cotidiano violento de quem está à margem da sociedade, que são utilizadas como metáforas do rap. É comum encontrarmos, nos raps dos Racionais, enunciados parecidos, que comparam a palavra a uma arma e a ação do rapper à de um guerreiro, por exemplo em:

Minha palavra vale um tiro, eu tenho muita munição³⁰

Guerreiro, poeta entre o tempo e a memória³¹

Meu rap é a linha de frente dessa guerrilha
Faça o que puder, vier, siga a minha estreita trilha³²

Meu delito: um rap que atira consciência
É crime hediondo, a favela de influência³³

Tais enunciados consideram o rap como tendo uma ligação profunda com um certo tipo de discurso, em defesa da população negra da periferia, ligação esta que, como pudemos ver (itens 1 e 2) tem suas raízes na história dessa arte. Portanto, o rap transcenderia o conceito de gênero musical, uma vez que só poderia ser usado por certos grupos como parte de certas práticas discursivas.

Thaíde e DJ Hum, pioneiros do rap político brasileiro (ver item 2), respondendo à pergunta “por que cultura Hip Hop e não movimento Hip Hop?” feita por uma fã em um chat³⁴ da Internet, explicam que:

Movimento é uma espécie de moda, algo que só aparece agora, o HIP HOP provou que é uma cultura porque traz um jeito de vestir, de falar, de cantar, de observar tudo que acontece ao redor da sociedade. Já virou cultura porque tem milhões de adeptos no mundo todo lutando por uma causa social.

³⁰ Verso de “Capítulo 4, versículo 3” (anexo 4, p.194), in “Sobrevivendo no Inferno”, 1997.

³¹ Verso de “Negro Drama” (anexo 5A, p.245), in “Chora Agora”, “Nada como um dia após o outro dia”, 2002.

³² Verso de “De volta a cena” (anexo 5B, p.276), in “Ri Depois”, “Nada como um dia após o outro dia”, 2002.

³³ Verso de “Na fé firmão” (anexo 5A, p.254), in “Chora Agora”, “Nada como um dia após o outro dia”, 2002.

³⁴ In Bate-Papo com Thaíde e DJHum, no site do Universo On Line (UOL), em 08 de dezembro de 1997.

E, na mesma ocasião, ao responder sobre a diferença entre rap e Hip Hop, falam com desdém do uso não politizado do rap:

Rap é a música da cultura hip hop. Não há diferença apesar de o rap ser só um elemento da cultura. Então você pode fazer um rap e vender um sorvete, um carro, falar da menininha ou se preocupar em alertar a juventude e prepará-la para a revolução cultural e social.

Por poder ser empregado como um gênero musical, desvinculado de valores políticos determinados, o rap tem sido utilizado pela sociedade em geral, na publicidade, na moda e por artistas sem ligação com o movimento, que apenas pinçam elementos e os inserem em sua produção, por vezes, bastante comercial e desligada dos valores de que seus praticantes compartilham. É uma linguagem que, atualmente, está em quase todos os lugares, por sua força estética e comunicativa. Por isso, os artistas ligados ao Hip Hop de periferia – dentre eles, com destaque, os Racionais MCs – têm se pronunciado contra essa proliferação indiscriminada, lutando para que o movimento não seja apropriado por outros setores sociais e diluído em sua força de luta e mobilização. Nesse esforço, o rap não é visto como somente um gênero musical, e sim como parte intrínseca de uma formação discursiva.

O Hip Hop - e, para a presente dissertação, em especial o rap - tem, portanto, seu enunciador autorizado, que possui as características adequadas para praticá-lo (tal aspecto será retomado, especialmente, no cap IV). No livro “Hip Hop – A Periferia Grita” (ROCHA et al, 2001), concebido por três autoras como trabalho de conclusão de curso de graduação em Jornalismo, a polêmica é colocada principalmente na introdução (pp. 17 a 20), nos seguintes termos: seria o Hip Hop “um movimento social ou uma cultura de rua?”(p. 17). As autoras não dão uma resposta definitiva para a questão, que acaba por permear todo o livro-reportagem. Apontam alguns caminhos: certas manifestações do Hip Hop, abertamente apoiadas em organismos reivindicatórios estruturados da periferia, são, sem dúvida, movimento social. Outras são apenas manifestações de um estilo artístico que disputa nacos do mercado como qualquer outro.

Quanto aos Racionais, a opção pelo rap politizado é marcante, tanto que faz com que KL Jay rejeite ser visto como produto e Mano Brown vá até mais longe, rejeitando o título de artista³⁵:

Não somos um produto, somos artistas (KL Jay)

(...)

Eu não sou artista. Artista faz arte, eu faço arma. Sou terrorista. (Mano Brown)

Em minha análise nos três capítulos seguintes, por vezes chamarei o rap de gênero, considerando-o um gênero musical. No entanto, tal nomenclatura não ignora nem minimiza a associação histórica e constitutiva desse gênero com práticas discursivas específicas, ligadas a um determinado movimento reivindicatório racial e social das periferias negras urbanas.

³⁵ Ambas as declarações fazem parte de entrevista ao *Jornal da Tarde*, em 5/8/98 (apud Khel, 2000, p. 212).

CAPÍTULO II

A gênese das práticas discursivas dos Racionais MCs – parte I

“...devemos resignar-nos a falar de todos os discursos falando apenas de alguns, mas também a falar apenas de alguns pensando falar de todos.”

(Dominique Maingueneau, *Genèses du Discours*, int., p. 10)

Introdução:

Neste capítulo, buscarei caracterizar o funcionamento discursivo da obra dos Racionais MCs, partindo da hipótese de que as ações e textos do grupo compõem uma prática discursiva ideologicamente organizada. Para tanto, tomarei como base teórica o livro *Genèses du discours*³⁶, de Dominique Maingueneau (1984), por considerar que este apresenta uma proposta muito bem construída e bastante aplicável para análise de um discurso. Essa proposta articula, no nível do discurso, elementos como “enunciado e enunciação, linguagem e contexto, fala e ação, instituição lingüística e instituições sociais” (op. cit., int., p. 8), abrangendo de forma integradora as dimensões que considero importantes para a análise das práticas discursivas dos Racionais MCs. Outros conceitos teóricos, além dos que apresenta esse livro, poderão ser postos em funcionamento de acordo com a necessidade da análise.

Em sua introdução, *Genèses du discours* apresenta uma caracterização geral do que são discursos, definindo-os “como integralmente lingüísticos e integralmente históricos” (op. cit., int., p. 1), isto é, objetos que se constituem através de uma dupla restrição: a do dizível na língua e a do dizível na cenografia discursiva. O esforço teórico da proposta de Maingueneau se pautará por dar relevância a esses dois aspectos do discurso, articulando-os na análise.

Em busca dessa articulação, não cabe pensar no texto como sendo composto de uma estrutura profunda e uma superficial, a primeira mais ligada à história e a segunda à realização lingüística final – ou terminal – do discurso. Ao invés dessa dicotomia, o autor

³⁶ Utilizarei nas citações a tradução da obra, feita por Sirio Possenti, e seguirei a paginação dessa tradução. Agradeço ao tradutor por ceder aos seus alunos um exemplar, que se encontra em processo de publicação.

ressalta a importância de compreendermos a “semântica global” dos discursos, rejeitando a ideia de que eles tenham uma base e uma camada que se mostra e vendo-os como se apoiando “sobre todas as suas dimensões” (op. cit., int., p. 3).

Ao rejeitar a “concepção arquitetural do discurso” (op. cit., int., p. 4), o autor evoca a crítica de Derrida às análises que procuram “forma”, “sentido”, mas se esquecem da “força”, “da energia viva do sentido”. Essa observação de Derrida é especialmente importante dado o meu objeto de estudo: um grupo de rap atual, que é um dos gritos mais vivos e contundentes que temos ouvido nos últimos tempos em nosso país.

Após a introdução, o livro é dividido em sete capítulos, cada um enfocando uma das sete hipóteses fundamentais que o autor propõe a respeito do funcionamento dos discursos, quais sejam:

Primeira hipótese: O interdiscurso precede o discurso;

Segunda hipótese: Há um sistema de restrições que delimita uma competência discursiva;

Terceira hipótese: O discurso deve ser analisado através de uma semântica global;

Quarta hipótese: A competência discursiva é interdiscursiva; os discursos antagonistas se relacionam através da interincompreensão regrada;

Quinta hipótese: O discurso deve ser visto como uma prática discursiva;

Sexta hipótese: As práticas discursivas são intersemióticas;

Sétima hipótese: As práticas discursivas são inscritas sócio-historicamente.

No presente capítulo e no próximo, relacionarei as práticas discursivas dos Racionais MCs a cada uma das sete hipóteses apresentadas por Maingueneau. Neste capítulo, trabalharei com as quatro primeiras hipóteses e, no próximo, com as três últimas. Maingueneau considera que as duas primeiras hipóteses são compatíveis com as preocupações recorrentes no Círculo de Bakhtin³⁷, por relacionarem o discurso com outros discursos. A terceira integra, através da semântica global, os diversos aspectos de um discurso e a quarta investiga como os enunciadores operam a partir dessa semântica global. Já as três últimas – que serão tratadas por mim no capítulo III – relacionam o discurso com âmbitos tradicionalmente heterogêneos de análise: com a instituição que o possibilita e que

³⁷ O pensador russo Mikhail Bakhtin (1895 – 1975) desenvolveu, junto a outros estudiosos no que ficou conhecido posteriormente como “Círculo de Bakhtin”, reflexões e ideias lingüísticas que, valorizando o caráter dialógico da linguagem, influenciaram e influenciam, dentre outras áreas, a Análise do Discurso.

é possibilitada por ele; com outras práticas semióticas, que não a linguagem verbal; com o contexto sócio-histórico. Para facilitar que a correlação seja feita, o nome de cada um dos itens será o mesmo de cada um dos capítulos do livro, por isso, os títulos dos itens estarão entre aspas. Cabe ressaltar que os discursos que são analisados pelo autor em seu corpus são os de duas ideologias religiosas da França do século XVII, que ele havia anteriormente pesquisado. Obviamente, portanto, nem tudo do que *Genèses* trata será relevante para meu procedimento de análise, dado meu corpus ser absolutamente diferente: um grupo de rap paulistano do fim do século XX e início do XXI. Termina esta introdução retomando a epígrafe escolhida para este capítulo, esperando que ele seja digno de tê-la em seu cimo.

1. “O primado do interdiscurso”:

*“Efeito colateral que o seu sistema fez
Racionais: Capítulo 4, Versículo 3”³²*

Para definir o que é interdiscurso, Maingueneau distingue três níveis: o “universo discursivo”, o “campo discursivo” e o “espaço discursivo”. O primeiro, embora finito, não é de grande utilidade para o analista, por compreender “todos os tipos que interagem em uma conjuntura dada” (op. cit., cap. I, p. 2), isto é, todos os discursos de uma certa época.

Já o campo discursivo é definido como um conjunto, mais ou menos delimitado, de discursos que interagem, ora apoiando-se, ora combatendo-se. O campo discursivo é o lugar em que as formações discursivas se constituem, nascendo e se alimentando da interdiscursividade com as formações discursivas com as quais, de alguma forma e em maior ou menor intensidade, dialogam. O campo discursivo é, em maior ou menor grau, uma delimitação teórica do analista, uma vez que os enunciados podem, concomitantemente, estar no campo científico e religioso³⁹, por exemplo.

Em *Genèses*, Maingueneau tomou como campo discursivo o campo religioso devoto. Para minha pesquisa, o campo discursivo é a arte.

³² “Capítulo 4, Versículo 3” (anexo 4, p.194), in “Sobrevivendo no Inferno”, 1997.

³⁹ Como exemplo de discurso que está concomitantemente no campo científico e religioso, ver em Ferreira (2002) uma análise sobre a polêmica “evolucionismo x criacionismo”.

O espaço discursivo, por sua vez, é o recorte operacional que o analista faz no campo discursivo, através de "hipóteses fundadas sobre um conhecimento dos textos e um saber histórico, que serão em seguida confirmados ou infirmados quando a pesquisa progredir" (op. cit., cap. I, p. 3). No caso de *Genêses*, conforme já citei na introdução deste capítulo, o espaço discursivo fundamental é o que põe em relação o discurso jansenista e o humanista devoto. Para minha pesquisa, o espaço discursivo é a arte politicamente engajada e farei o estudo de um caso, que se delimita pelas práticas discursivas a que adere o grupo Racionais MCs.

Embora não haja, diferentemente do que acontece com o discurso jansenista, um outro discurso que possa ser identificado como "primeiro" para os Racionais MCs, algum discurso contra o qual eles tenham surgido e que possa ser, através da análise da semântica global dessa formação discursiva, identificado como sua "matriz" polêmica, podemos localizar alguns discursos que são referência, positiva ou negativa, para as práticas discursivas do grupo. Discursos outros que são seu alimento discursivo, com os quais se relaciona incessantemente, numa heterogeneidade que organiza sua identidade. Analisarei especialmente a relação dos Racionais MCs com o discurso que eles designam como o do "sistema". Não terei acesso ao "discurso do sistema propriamente dito", mesmo porque não há, na sociedade, quem fale em nome do "sistema". Então, diferentemente do que ocorre com a análise de Maingueneau, que pôde confrontar enunciados jansenistas com enunciados humanistas devotos, terei de analisar o principal "discurso" oponente dos Racionais MCs a partir da imagem do "sistema" construída pelo grupo em seus próprios enunciados.

Tal particularidade coloca, desde sempre, o discurso do "sistema" como uma construção, que, aliás, obedecerá, a critérios nem sempre coesos. O "sistema", enquanto principal oponente dos Racionais, se estilhaça em várias faces, por vezes sendo algo semelhante ao capitalismo, à burguesia e à sociedade de consumo, por outras assemelhando-se à tentação, ao demônio, ao mal, ao inferno. Dessa forma, o que os Racionais chamam de "sistema"/aparece como um conjunto de simulacros⁴⁰ que simboliza tudo o que o discurso do grupo é contra.

⁴⁰ O conceito de simulacro será analisado no item 4. Para o uso de agora, podemos dizer que é a tradução depreciativa, em um discurso, de um valor de seu discurso oponente.

É interessante ressaltar que os Racionais, conforme podemos perceber pela análise da epígrafe deste item, se qualificam como “efeito colateral que seu sistema fez”. Assim sendo, se consideram um discurso derivado, um “efeito”, ainda por cima indesejado – “colateral”. Tal autonegação como “efeito” confirma a hipótese de Maingueneau de que o interdiscurso precede o discurso, isto é, antes dos Racionais existirem, o discurso do “sistema” já existia. O discurso do grupo se forma dentro desse “sistema”, mesmo que com a intenção de combatê-lo. Por isso, algumas vezes, ícones e valores que em um enunciado foram identificados como do “sistema”, serão, em outro enunciado, incorporados ao discurso dos Racionais.

Para a formação discursiva do grupo, a ideologia do “sistema” quer manter a desigualdade social e racial, culpa individualmente os pobres por sua situação, prega o princípio do “cada um por si”. A esse discurso primeiro, os Racionais propõem – também se ligando interdiscursivamente, mas como aliados, a um discurso de esquerda brasileira, dos movimentos comunitários em defesa das periferias e da raça negra – a subversão das explicações do “sistema”. Resgatam a história de escravidão e de descaso governamental como origem da desigualdade social e racial e apelam para a união da periferia. Dialogando interdiscursivamente com um discurso de auto-ajuda capitalista e individualista, subvertem a máxima “quem gosta de você é você mesmo” remoldando-a a serviço do fortalecimento do coletivo:

Só quem gosta de nós somos nós mesmos⁴¹

e sendo ainda mais explícitos na rejeição de outra máxima do “sistema”:

Rock- Isso tudo vai ser apenas um grito solitário
Em um porão fechado, tome cuidado

Esqueça o grande ditado:
“Cada um por si!”⁴²

Essa recusa do discurso do “sistema”, que configura o principal “outro” para os Racionais, pode nos levar a buscar nas práticas do grupo uma recusa radical ao consumo,

⁴¹ Refrão de “Voz Ativa” (anexo 2, pp.152-161), in “Escolha seu caminho”, 1992.

⁴² “Beco sem saída” (anexo 1, p.134), in “Holocausto Urbano”, 1990.

ao dinheiro (ao capitalismo, enfim) e uma defesa de um outro “sistema”, alternativo, que poderia, até por filiações mais ou menos assumidas ou atribuídas ao grupo, ser o socialismo. Essa busca tem levado algumas pessoas a enxergar incoerências no grupo, através de um raciocínio que pode ser exposto assim: “se têm uma postura anti-sistema, como falam de marcas e consumo em suas letras e como eles próprios podem, sem cair em incoerências, consumir?”.

Como exemplo, o linguista Nilton Hernandez, da USP, questiona o fato dos Racionais falarem de marcas de roupa e calçados em uma de suas músicas⁴³. O autor considera que, ao usar marcas de consumo valorizadas, os Racionais não rompem com o que dizem querer romper, são, desse modo, parecidos com a esquerda mundial, que critica o capitalismo, “mas não tem a menor idéia do que defender para colocar no lugar”⁴⁴.

É bastante comum, também, jornalistas da grande mídia (para a qual, aliás, os Racionais não costumam dar entrevistas) quererem “pegar” o grupo em incoerências, que diminuiriam a força de seu discurso, como no caso do público dos Racionais, na porta de um show, querer aparecer nas fotos do jornal (conforme resenha jornalística de Ana Paula Souza)⁴⁵ ou de Mano Brown ter comido “Pizza Hut” e “Big Mac” em seu camarim (conforme resenha jornalística de Paulo Vieira)⁴⁶.

Ora, o discurso dos Racionais é, principalmente, de denúncia, o que às vezes se expressa como desabafo. O que eles querem são condições sociais mais justas, o que não se

⁴³ Trata-se da música “Capítulo 4, Versículo 3” (anexo 4, p.194). O trecho que Hernandez analisou está analisado por mim no capítulo IV, no item 5, “O ethos do preto tipo A”. Minha análise, aliás, é bastante diferente da dele.

⁴⁴ O trecho é: “Os Racionais são contraditórios em relação à sociedade de consumo. (...) Ideologicamente, ficam sem saber o que quer o grupo. São anticapitalistas? São reformadores? Nesse sentido, os Racionais são atualíssimos. Estão alinhados com pensadores de todos os calibres ao redor do mundo que criticam o capitalismo, mas não têm a menor idéia do que defender para colocar no lugar e não se preocupam em apresentar saídas.” (Hernandes, 2003, p.4)

⁴⁵ Em uma resenha sobre o público na entrada de um show dos Racionais, a jornalista Ana Paula Souza, da Revista *Carta Capital* (28/10/2002), conta suas impressões, não hesitando em ridicularizar os entrevistados, por exemplo, através do comentário irônico “culto”, reproduzido no fim do trecho: “No aveludo do radicalismo antimarketing de seus ídolos, os Racionais MC’s, quase todo mundo ali quer sair na ‘mídia’. Ao preferir um grupo, o fotógrafo leva uma garrafa de água nas costas e um pito no ouvido:

— Se liga, mano. Não quer botar a gente no seu jornal por quê? (...)

Culto.”

⁴⁶ O jornalista Paulo Vieira debocha da suposta falta de firmeza ideológica dos Racionais, dizendo que estão sendo engolidos pelo sistema. “Brown poderia então retirar a candidatura a Farrakhan (não é muçulmano, mas cada vez mais incorpora um discurso messiânico) e deixar a fita rolar. Quem sabe assim digeriria melhor as Pizzas Hut e os Big Macs que pediu para a produção do festival.” (in “Racionais tocam para brancos e manos”, especial para a Folha de S. Paulo, 27/08/1998).

traduz necessariamente em socialismo. “Para colocar no lugar” do “sistema”, conforme cobra Hernandes, sonham com uma sociedade em que haja igualdade de oportunidades para negros e brancos, pobres e ricos. Não podem ser responsabilizados pelas práticas de seu público, e nem de seu público deve-se exigir coerência, como deseja Souza. Ao denunciar o “sistema”, também não estão proibidos de comer “pizza hut” ou “big mac”, conforme insinua Vieira quando supõe uma indigestão. Sua formação discursiva não é contrária às multinacionais de fast-food – em especial às estadunidenses – conforme parece querer deduzir o jornalista, baseando-se, talvez, em outros tipos de movimentos de esquerda. Visivelmente, o movimento de que os Racionais participam produz estranheza e assusta, e a intelectualidade se divide na relação que busca com eles: enfraquecê-los, mostrando suas “incoerências”, ou assimilá-los em algo “maior”, como um partido político, por exemplo.

Mas a cobrança por coerência não vem só de instituições totalmente exteriores ao grupo, como as citadas acima – academia (USP) e grande mídia (nos dois exemplos, revista *Carta Capital* e jornal *Folha de S.Paulo*). Também de dentro da comunidade, isto é, por parte dos próprios jovens de periferia, a cobrança por coerência anti-sistema é grande. Isso explica que Mano Brown, em uma entrevista para um site do movimento negro, tenha que se justificar, quase pedindo desculpas, pelo fato de ter um carro.

A cobrança interna também aparece em seu último disco, na faixa “Jesus chorou” (anexo 5B, p.285)⁴⁷, em que um personagem, amigo de Brown, lhe relata o que ouvira em uma conversa no bairro no dia anterior. Um homem ficara, publicamente, questionando a verdade das palavras de Brown, a força de sua opção pela comunidade, afirmando que o rapper não seria coerente com a opção que pregava e, assim que pudesse, renegaria a favela em troca dos prazeres do consumo.

Os Racionais trazem, nessa letra, o discurso antagonista para dentro do seu, a fim de rechaçá-lo e, com isso, reafirmarem seus princípios. A réplica vem em tom sentido, de mágoa por ingratidão, que culmina nesta metáfora:

O que quer que eu faça é por nós, por amor

Não entende o que eu sou, não entende o que eu faço

Não entende a dor e as lágrimas do palhaço

⁴⁷ In “Ri Depois”, “Nada como um dia após o outro dia”, 2002.

O fato de trazer a crítica para dentro da própria formação discursiva revela que o interdiscurso com o sistema tem se tornado um tema cada vez mais presente para os Racionais MCs. É que o trabalho de 1997 (“Sobrevivendo no Inferno”) proporcionou uma grande ampliação de público e vendagem para o grupo, o que trouxe mais dinheiro e necessidade de estruturas antes desnecessárias.

Essa nova situação vem dando condições para o reforço de algumas escolhas, como a da variedade lingüística em que as letras são cantadas e reformulação de outras (ou estarão estas vindo à tona, de fato, pela primeira vez), como a da relação do grupo com dinheiro. Nessa nova fase, possibilitada por novas condições de produção, o grupo valoriza o dinheiro, o que podemos ver em faixas como “1 por amor, 2 por dinheiro” (anexo 5A, p.269) ou em versos como “quero dinheiro igual coreano e judeu”⁴⁸.

No entanto, a incorporação de – ou o maior relevo dado a – esse “novo” tema, que tem em seu cerne a relação com o discurso do “sistema”, obedece à semântica global da formação discursiva. O dinheiro é um mal necessário; vem, hierarquicamente, depois do “amor” e deve ser fruto de trabalho e não ganho de formas individualistas, que prejudiquem a comunidade, como é o caso do dinheiro do tráfico. No seguinte trecho de “Vida Loka (parte II)” (anexo 5B, p.297)⁴⁹ há um enunciado esclarecedor de como os Racionais vêm incorporando em seu discurso a questão de ganhar dinheiro:

Às vezes eu acho que todo preto como eu
Só quer um terreno no mato só seu

Sem luxo, descalço, nadar no riacho
Sem fome, pegando as fruta no cacho

Aí, truta, é o que eu acho, quero também
Mas em São Paulo, Deus é uma nota de cem
Vida loka

2. “Uma competência discursiva”:

*“Sem pretensão. a gente aqui do Capão nunca ia
conseguir chamar a atenção do resto do mundo(...)”*

(Mano Brown, in Ferréz 2000, p. 23)

⁴⁸ “Na fé, irmão” (anexo 5A, p.237), in “Chora Agora”, “Nada como um dia após o outro dia”, 2002.

⁴⁹ In “Ri Depois”, “Nada como um dia após o outro dia”, 2002.

Ao reivindicar que existe uma competência discursiva, Maingueneau parte de uma ressalva, de que o termo “competência” não será, neste caso, utilizado como em Chomsky ao postular a competência lingüística. O autor sabe que, para alguns analistas do discurso, a noção de competência é incompatível com uma visão da língua como historicamente construída. Exemplar dessa crítica a qualquer indício de análise aistórica da língua é *A arqueologia do saber*, de Foucault, que busca “uma historicidade radical de qualquer discurso” (op. cit., cap. II, p. 2). No entanto, ao falar em competência discursiva, Maingueneau busca exatamente acrescentar o histórico para a noção de competência, ao mesmo tempo em que delinea a possibilidade de ampliar o corpus de “aquilo que foi efetivamente dito” para “aquilo que pode ser dito” dentro de uma formação discursiva.

Maingueneau explica, diferenciando seu corpus nesse trabalho do material analisado por Foucault, que o discurso devoto “resgata enunciados em luta muito mais imediata sobre o vivido de grandes camadas da população” (op. cit., cap. II, p. 3) e que “seus autores não passam, eles mesmos, de um subconjunto restrito de inumeráveis outros enunciadores, que, para seus escritos, são ao mesmo tempo o eco e o suporte” (op. cit., cap. II, p. 3). Exatamente o mesmo ocorre para o meu corpus de pesquisa, o que me leva a ver bastante coerência e utilidade na noção de competência discursiva. Os Racionais se dizem “apoiados por mais de 50 mil manos”⁵⁰. É comum haver, em depoimentos do público, a menção da identificação como fator primordial para o alcance do discurso deles, o sentimento de que falam em nome de outros (esse aspecto será desenvolvido no capítulo IV, especialmente nos itens 3 e 4).

Como consequência do que foi dito no parágrafo anterior, poderíamos ser levados a pensar que a filiação a determinado discurso é imposta pelo grupo ou pela classe social dos sujeitos. Certamente, para o caso que estou analisando, há alguns pré-requisitos para ser um sujeito legitimado por essa formação discursiva. Será bastante mais difícil para quem for mulher, ou branco, ou classe média (ou alta) ser um rapper do tipo que estou estudando. Talvez, mesmo que essa pessoa domine perfeitamente o sistema de restrições da formação discursiva, partilhe de suas práticas e conheça perfeitamente sua semântica global, alguns rappers não a aceitem como legítima enunciativa deste discurso. Tais aspectos se ligam

⁵⁰ “Capítulo 4, Versículo 3” (anexo 4, p. 194), in “Sobrevivendo no Inferno”, 1997.

diretamente à noção de ethos discursivo e, por serem de extrema importância na singularização de meu corpus, receberão análise mais detalhada no capítulo IV. No entanto, somente essa ligação de classe ou social não é suficiente para explicar a apropriação do discurso por seus enunciadores.

É preciso considerar que há regras discursivas que permitem que um sujeito fale de dentro de determinada formação, e a aquisição dessas regras é a aquisição da competência discursiva. O sistema de restrições de um discurso a ser adquirido é algo bastante simples e finito, e isso explica sua apropriação pelos enunciadores. Esse sistema não é o sentido profundo, oculto de um discurso, e sim um operador coesivo, o qual é explorado sistematicamente nas práticas discursivas de uma formação. É interessante que um sistema de restrições de determinado discurso pode até ser o mesmo que – ou muito semelhante a – um sistema de restrições de outro discurso bastante diferente, inclusive pertencente a outro universo e campo discursivos. É que o sistema é um operador coesivo, mas os elementos que serão ligados por esse sistema podem ser totalmente diferentes.

Adquirir uma competência discursiva implica:

- ser capaz de reconhecer enunciados como “bem formados”, isto é, que relevam de sua própria formação discursiva;
- ser capaz de produzir um número ilimitado de enunciados inéditos pertencentes a essa formação discursiva. (op. cit., cap. II, p. 6)

Considerando a competência discursiva como interdiscursiva, adquiri-la implica:

- a aptidão de reconhecer a incompatibilidade semântica de enunciados da(s) formação(ões) do espaço discursivo que constitui(em) seu Outro;
- a aptidão de interpretar, traduzir esses enunciados nas categorias de seu próprio sistema de restrições. (op. cit., cap. II, p. 6)

No caso dos Racionais MCs, a competência se define a partir de dois operadores semânticos básicos, através dos quais percebemos a coesão do discurso: a autovalorização e a radicalização. Não pretendo esgotar os operadores semânticos dessa formação discursiva, e sim indicar, para minha aproximação como analista, uma maneira global e intersemiótica de ligar os diversos elementos desse discurso.

A operação de **radicalização**, aplicada ao eixo semântico “espaço urbano”, produz uma separação em gueto, através do relevo dado ao sema⁵¹ “periferia”. Já a operação de **autovalorização**, aplicada ao mesmo eixo semântico, produz a exaltação da periferia. Como revés dessa moeda, o sema “não-periferia” - todos os outros locais urbanos - é rejeitado e desvalorizado.

Já a operação de **radicalização**, aplicada ao eixo semântico “grupos humanos”, produz o sema “raça negra”. Já a operação de **autovalorização**, aplicada ao mesmo eixo, produz um destaque extremamente positivo à raça negra. Tal sema tem seu reverso na “raça branca”, que será rejeitada e desvalorizada.

Deste modo, os dois semas fundamentais para os Racionais MCs, “periferia” e “raça negra”, se constituem e se fortalecem, tornando-se as bandeiras de luta e os temas privilegiados desta formação discursiva. Tais aspectos serão explicitados nas análises que se seguem e que detalham, em separado, cada um dos dois operadores semânticos.

A **autovalorização** consiste em exaltar o caráter, os princípios e as ações dos que se inscrevem nessa formação discursiva ou dos que, de alguma forma, estão a ela ligados. São comuns enunciados valorizando, por exemplo, a beleza da mulher negra, como no seguinte trecho de “Da ponte pra cá” (anexo 5B, p.306)⁵²:

A mulher mais linda, sensual e atraente
Da pele cor da noite, lisa e reluzente

VALORIZAÇÃO DA BELEZA
DA MULHER NEGRA

e valorizando o negro em geral:

Se soubessem o valor que a nossa raça tem
Tingiam a palma da mão pra ser escura também⁵³

Do mesmo modo que procedem com a raça negra, há também a **autovalorização** da periferia em geral, especialmente daqueles que conseguem manter uma vida digna e honesta, apesar de a ascensão por meios ilícitos ser constantemente a opção mais tentadora. É como se dissessem que só pessoas de grande valor são capazes de superar a miséria

⁵¹ Os semas são unidades discursivas resultantes da aplicação de uma operação discursiva a um eixo semântico.

⁵² In “Ri depois”, “Nada como um dia após o outro dia”, 2002.

⁵³ “Juri Racional” (anexo 3, p.185), in “Raio X do Brasil”, 1993.

através de um projeto honrado. Muitos enunciados expressam essa **autovalorização** da força dos “guerreiros” da periferia, que se superam diariamente, entre eles:

Brown- Fé em Deus que ele é justo, ei, irmão, nunca se esqueça:
Na guarda, guerreiro, levanta a cabeça, truta

Onde estiver, seja lá como for
Tenha fé, porque até no lixão nasce flor⁵⁴

Ou também neste trecho de “Hey, Boy” (anexo I, p.137)⁵⁵, quando, falando a um garoto rico que aparecera na periferia, Brown expressa toda a **autovalorização** proveniente de ter os motivos para sobreviver da violência e não o fazer:

Brown- Aí boy sai andando aí, certo... Eu tenho todos os motivos, mas nem por isso eu vou te roubar, morou?
Sai andando.

Essa operação semântica, quando aplicada a membros da própria comunidade periférica que, no entanto, não seguem a “vida correta” e recorrem à marginalidade, produz um efeito bastante interessante de incorporação. Quando provenientes da periferia, os traficantes de drogas ou assaltantes também compõem o esquema de **autovalorização**, tendo sua história, sempre triste e trágica, contada nas letras dos raps e justificada pelo “sistema”, que bombardeia idéias de consumo na mente dos jovens pobres ao mesmo tempo em que lhes nega possibilidade de ter dinheiro por vias lícitas. De forma parecida com a analisada pelo historiador Frederico Pernambucano de Mello (1984) para os cangaceiros de Lampião, no rap dos Racionais também opera um “escudo ético”, baseado, como no caso nordestino, em uma vulgata do marxismo, de causa e conseqüências. Ou seja, segundo esse raciocínio, o jovem da periferia é, muitas vezes, levado a ser um marginal, ele é conseqüência, e a causa é o “sistema” injusto e cruel. Isso é o que leva, por exemplo, o rapper carioca MVBill, ideologicamente bastante próximo dos Racionais, a dizer: “não considero criminoso o último traficante da escala do tráfico”⁵⁶. E completar, em muitas entrevistas que dá, que não há pés de maconha na favela e, sendo assim, a droga não tem origem – aliás, nem fim! - na favela. Por posicionamentos como esses, alguns rappers, entre

⁵⁴ “Vida Loka (parte I)” (anexo 5A, p.241), in Chora Agora”, “Nada como um dia após o outro dia”, 2002.

⁵⁵ In “Holocausto Urbano”, 1990.

⁵⁶ In Rocha et al (2001), p. 122.

eles os Racionais, são constantemente acusados de apologia ao crime. No entanto, analisando a obra de forma completa e cuidadosa, vemos que o que defendem passa muito longe dessa apologia.

Trata-se, isso sim, do traço de **autovalorização** da periferia, que faz com que os Racionais fiquem sempre em defesa, frente a grupos externos, de quem é da periferia, ou atenuem suas culpas, mesmo no caso de práticas rejeitadas pela formação discursiva, o que aparece, às vezes, para quem não faz parte dessa comunidade discursiva, como incoerência do discurso desses rappers.

Os Racionais MCs defendem uma união e valorização da periferia e têm, nos “manos”, seus possíveis – ou já efetivos – aliados. Portanto, a postura frente à periferia é de compreensão, valorização e conquista, muitas vezes de pregação.⁵⁷ Com o intuito de captar aliados dentro da periferia, o tom dos Racionais no início de sua carreira era pacientemente didático, como podemos ver em “Negro Limitado” (anexo 2, p. 162)⁵⁸, letra que é um diálogo entre os rappers e um “negro limitado”, que não se preocupa com a luta do movimento negro e da periferia. Situações discursivas semelhantes eram construídas pelos militantes anarquistas em seus contos nos jornais panfletários do início do século XX⁵⁹. Colocam-se dois personagens para conversar, o militante e o que será doutrinado. A suposição é que as dúvidas do “limitado” serão também as dúvidas dos enunciatários do texto. O “limitado” vai, aos poucos, através da argumentação do militante, se convencendo de que o melhor é passar para o lado do militante, de que seu discurso é o correto, o coerente.

Algumas marcas de didatismo na letra de “Negro Limitado” são, por exemplo, o apelo para ser ouvido (“Dê-nos ouvidos!”), a afirmação de estar com a razão (“não sei se você me entende, mas eu distingo o errado do certo”) e a comprovação do que diz através de argumentos, como nos versos seguintes, em que Edi Rock prova ao “negro limitado” sua condição de ignorante:

⁵⁷ MVBill (MV significa mensageiro da verdade) diz que se deve pregar o rap como se prega o evangelho. In Rocha et al (2001), pág. 76.

⁵⁸ In “Escolha seu caminho”, 1992.

⁵⁹ Uma excelente análise sobre a arte anarquista se encontra em LEAL, C. F. B. Anarquismo em verso e prosa - Literatura e propaganda na imprensa libertária em São Paulo (1900-1916). Dissertação de mestrado defendida em 1999 no DTL-IEL-UNICAMP.

Rock- Falta postura, QI suficiente

Me diga alguma coisa que ainda não sei
Malandros como você muitos finados contei

Não sabe sequer dizer, veja só você
O número de cor do seu próprio RG

Então, príncipe dos burros, limitado
Nesse exato momento foi coroado

Diga qual a sua origem, quem é você?
Você não sabe responder

Apesar do tom ser agressivo, como o de um professor que ensina através do rebaixamento, pela ignorância, do aluno, a fim de valorizar o conhecimento que está trazendo, o interlocutor continua sendo considerado. Valoriza-se o potencial do “negro limitado”, há espaço para ele falar e perguntar, em um tom também de hostilidade, que vai se amansando com o decorrer da argumentação. No início, a intervenção do “negro limitado” era essa:

Limitado- Que negócio de consciência que nada, negócio de negro, consciência não está com nada, o negócio é tirar um barato, morou, mano!

As intervenções passam a ser mais ponderadas, demonstrando que o “negro limitado” começa a ver sentido na argumentação e apenas passa a querer tirar algumas últimas dúvidas para aderir ao discurso:

Limitado- É, consciência, consciência, e os outros manos; então, você é consciente sozinho, mano?

E no fim a intervenção demonstra adesão total, até passando para a disponibilidade para a prática, o que o “ex-negro limitado” expressa assim:

Limitado- Hei, DJ, pode crer, tem tudo a ver, não é não! Ai, Racionais, fio da navalha, pode contar comigo. É isso aí, valeu.

Portanto, aquele que atualmente é um “negro limitado”, despolitizado, ou aquele que tem conseguido bens através da marginalidade, os Racionais alertam, mas compreendem e explicam. Inclusive, o apelo por não entrar na criminalidade passa principalmente pelo destino que o criminoso terá, provavelmente na cadeia ou morto, e sem poder andar de cabeça erguida, se **autovalorizando**, não devendo nada ao “sistema”. A crítica também é que o negro limitado e o marginal não fazem parte de um projeto coletivo para a periferia, estando, cada um à sua maneira, pensando em seu prazer individual. No entanto, apesar de não concordarem com esses dois “tipos” da periferia, os Racionais demonstram compreendê-los – especialmente o criminoso – como se vê, por exemplo, neste contundente enunciado:

Tempo pra pensar: quer parar? o que você quer?
Viver pouco como um rei ou muito como um zé?⁶⁹

É interessante verificar que esse enunciado aparece, no último trabalho dos Racionais, no interior de outros bastante ameaçadores para os que não são da periferia, como no próprio nome do trabalho “Nada como um dia após o outro dia” e nos próprios nomes dos CDs (trata-se de um álbum duplo) – “Chora Agora” e “Ri depois”. Uma música é especialmente forte nesse sentido de tom de ameaça, de perda de paciência da periferia, de tomar o que é seu a qualquer custo. É a faixa “Otus 500” (anexo 5B, p.277), não por acaso inserida no volume “Ri Depois”, que apresenta uma narrativa em que o rapaz da periferia cansa de ser “bonzinho” e passa a tomar os bens materiais do “playboy” através da violência. A letra tem um tom de ameaça, em tom de quem chorou antes, mas agora ri:

Enquanto isso, playboy folgado anda assustado
Deve estar pagando algum erro do passado

Assalto, seqüestro, é só o começo
A senzala avisou, mauricinho hoje paga o preço

(...)

⁶⁹ “Vida Loka (parte II)” (anexo 5B, p. 297) in “Ri depois”, “Nada como um dia após o outro dia”, 2002.

É, doutor, seu titanic afundou
Quem ontem era caça hoje, pá, é o predador

Que cansou de ser o ingênuo, humilde e pacato
Empapuçou, virou bandido e não deixa barato

Se atacou e foi pra rua buscar
Confere se não está abrindo o seu frigobar

(...)

Como agravante, a ostentação
O que ele sonha até então está na sua mão

De desempregado a homem de negócio
Pulou o muro e já era, agora é o novo sócio

Impressiona a semelhança entre a letra de “Otus 500” e o enredo de um filme recente de Beto Brant, “O Invasor” (2001). A semelhança vem da origem discursiva, afinal o rapper paulistano Sabotage (assassinado em 2003), além de atuar – no papel de si mesmo – e fazer a trilha do filme, também funcionou como consultor do diretor para os assuntos de periferia, especialmente ajudando a compor o personagem “Anísio” (interpretado por Paulo Miklos, aquele que, no filme, “pulou o muro e já era, agora é o novo sócio”).

Analisar a operação de **autovalorização** aplicada à criminalidade da periferia me fez chegar ao “escudo ético” que, dentro dessa formação discursiva, justifica em parte a opção criminoso, creditando-a ao “sistema”. No entanto, essa postura é mais forte na face externa dos Racionais, na face que tem contato com a classe média e alta, na face que tem contato com a grande mídia. Dentro de sua comunidade, deixam claro que a criminalidade não é um caminho correto e nem positivo para a coletividade.

Por exemplo, na faixa “12 de outubro”⁶¹ (anexo 5A, p.258), Mano Brown conta que, quando estava a caminho de uma festa em homenagem ao Dia das Crianças na periferia, encontrou alguns merlhos jogando futebol e aproveitou a oportunidade para falar sobre a importância do estudo:

(...)eu comecei a pesar na dos moleque: ‘E aí mano, e aí, está estudando, e tal?’

⁶¹ “Chora Agora”, “Nada como um dia após o outro dia”, 2002.

Outro exemplo vem da relação com o garoto Pulguinha, que participou do rap “Mágico de Oz”⁶² (anexo 4, p.226). De acordo com Rocha et al (2001, pp. 42 e 43), os Racionais tentaram ajudar Pulguinha, levando-o para morar em uma rádio comunitária, pois o garoto tinha problemas de relacionamento com a família e costumava dormir nas ruas. No contato atual (a fonte é de 2001) com os Racionais, Pulguinha relatou que Edi Rock sempre que lhe encontra lhe diz:

Você perdeu tempo e não estudou quando morou na rádio. Se não melhorar, não vai mais andar com a gente. (in Rocha et al, 2001, p. 43)

Tais exemplos, dentre outros, indicam uma diferença de tratamento do tema “criminalidade”, dependendo de quem seja o destinatário do enunciado. Aos de fora da periferia, opera o “escudo ético” que explica a opção criminosa; aos de dentro, há, mais veementemente, a não-aprovação da opção criminosa.

A operação de **autovalorização**, quando posta em funcionamento perante os que não são da periferia, apresenta um viés um pouco mais específico e **radicalizado**, que por vezes chega à **auto-suficiência**. Trata-se de desvalorizar o que a troca com outros grupos sociais pode oferecer, o que leva a um isolamento em gueto. Tal traço aparece fortemente na linguagem, principalmente na variedade linguística em que as letras são cantadas. A recusa dos valores e dos símbolos do outro é tão grande que chega ao deboche, os Racionais se regozijam com o sucesso que fazem entre os “playboys”, mesmo os criticando. Esse tom de desprezo e de superioridade, e até de sarcasmo perante os de fora, aparece, por exemplo, na letra de “Negro Drama” (anexo 5A, p.245)⁶³, nos trechos em que Brown, dirigindo-se ao homem branco de classe média alta, analisa seu filho adolescente:

Hey, senhor de engenho, eu sei bem quem você é
Sozinho você não güenta, sozinho, você não güenta pé

(...)

Inacreditável, mas seu filho me invita

No meio de vocês ele é o mais esperto
Ginga e fala gíria, gíria não, dialeto

⁶² “Sobrevivendo no Inferno”, 1997.

⁶³ “Chora Agora”, “Nada como um dia após o outro dia”, 2002.

Esse não é mais seu, oh, subiu
Entrei pelo seu rádio, tomei, você nem viu

Nós é isso, aquilo, quê? Você não dizia?
Seu filho quer ser preto, ah, que ironia!

Cola o pôster do Tupac aí, que tal, que você diz?
Sente o negro drama, vai, tenta ser feliz

Eu recebi seu ticket, quer dizer, kit
De esgoto a céu aberto e parede madeirite

De vergonha eu não morri, tô firmão, eis me aqui
Você não, você não passa quando o Mar Vermelho abrir

Nesse trecho, além de haver a **autovalorização** da periferia e de seus valores e hábitos – corporificados, por exemplo, no pôster do rapper estadunidense Tupac Shakur na parede do quarto do adolescente classe alta, “que quer ser preto, ah, que ironia!” -, há o rebaixamento da linguagem do “senhor de engenho”, quando se diz que o filho, por imitar os rappers, “é o mais esperto”, é o que “ginga” – isto é, é malandro, tem traquejo - “e fala gíria”. Ao corrigir o termo “gíria”, mudando-o para “dialeto”, o traço **auto-suficiência** chega ao auge, pois eles afirmam ter uma língua própria. A irônica passagem, na sequência, envolvendo o termo “kit”, que Brown propositadamente confunde com “ticket”, tem uma grande riqueza discursiva. Tanto os “tickets” como os “kits” são algo que se dá aos mais pobres, compensando o baixo salário ou a ausência dele. Nesse caso, o “kit” assistencialista é de “esgoto a céu aberto e parede madeirite”, o “kit”, longe de ser uma “ajuda” pela qual o pobre deve agradecer, é o próprio “sistema” social, que produz desigualdades. Ao desdenhar da pronúncia correta de “kit” e ao misturá-lo com a também de origem na língua inglesa e semanticamente próxima “ticket”, os Racionais recusam o lugar de inferior, de quem precisa ser ajudado. Isolados e fortalecidos em seu dialeto próprio, os periféricos sobreviveram ao “kit” dado pelo “sistema” mantido pelo “senhor de engenho”, e mais, sobreviveram com dignidade de caráter para passar no meio do mar vermelho, coisa de que o rico não é capaz.

Essa postura segregadora do grupo certamente é agressiva para os que têm algum dinheiro e partilham de uma ideologia liberal, em que os indivíduos são responsabilizados por seus sucessos e insucessos. Não é à toa que boa parte de nossa classe média e alta associe o rap à marginalidade e à violência. No entanto, essa postura dos Racionais é

também bastante desconfortável para todos os que, mesmo não sendo da periferia, por sua crença ideológica e postura política, recebem “a bofetada violenta do rap não como um insulto, mas como um desabafo compartilhado, não como uma provocação ‘pour épater’, mas como uma denúncia que me compromete imediatamente com eles” (Khel, 2000, pág. 214). Gostariam(mos) de se(nos) ver incluídos pelo grupo, dentre os que trabalham pela mesma causa, mas os Racionais não lhes(nos) dirigem a palavra, a não ser como o outro, o burguês⁶⁴.

Tais aspectos no tratamento dos Racionais ao outro serão novamente retornados no item 4, quando se analisarem os simulacros com que esse discurso opera. Tais simulacros, aliás, são fortemente motivados por uma segunda operação forte desta formação discursiva, que chamarei de **radicalização**.

O mundo habitado por esse discurso é bastante **radicalizado**, principalmente na força dos acontecimentos, das cenas e das ações. Pela proximidade com o universo da favela e do crime, um passo em falso pode levar à morte, de uma hora para outra um aliado pode virar inimigo, uma palavra errada pode fazer com que um disfarce seja desmascarado. Um passeio na rua pode resultar em um tiro, um toque de campainha pode estar trazendo uma vingança.

A vida é “loka”⁶⁵, é “mil grau”⁶⁶, “é quente”⁶⁷, trata-se de “sobreviver no inferno” – como no título do disco de 1997. O ritmo da vida, que não dá descanso, pede pessoas firmes, viris, que se garantam nas situações de conflito. Os homens são Homens, as mães

⁶⁴ Esse é um dos pontos em que os Racionais se diferem de outros rappers, que costumam fazer alianças não tão homogêneas. Por exemplo, conforme contei acima, o rapper Sabotage participou dos filmes “O Invasor” e “Carandiru”. Sabotage criticou a postura isolacionista dos Racionais, em especial a de Mano Brown, em uma entrevista para o site *Cineweb*, em 05/04/2002, apesar de, também, usar o “escudo ético” para justificar o isolacionismo de Brown. O rapper disse:

“**Sabotage**- Não adianta só falar branco com branco, preto com preto. Luther King lutou por todas as raças.

Cineweb- O filme ajuda a combater um pouco desse preconceito?

Sabotage- O pessoal do rap quer cair de cabeça no cinema e já abriu mão de falar que o rap não pode parar na televisão. Tem neguinho fazendo fila pra entrar no filme de Babenco. O Brown, por exemplo, tem muito preconceito pra quem tem uma mãe preta e um pai branco, que ele chama de bêbado filho da puta. Mas eu não acho que ele seja culpado disso. O Brown foi muito discriminado antes de cantar. Quando você não tem dinheiro pra comprar pão e leite, quando tem chacina na sua porta e só sobra um recém-nascido, tudo isso vai criando um ódio muito grande na sua cabeça.”

⁶⁵ “Vida loka” é o título de três raps dos Racionais (anexo 5A, pp.240 - 244; anexo 5B, p. 297) e também é o significado de um sinal que eles fazem com o dedos, um “V” e um “L” com uma das mãos.

⁶⁶ Tal expressão aparece em muitas letras, dentre elas a de “Eu sou 157”(anexo 5A, p.259), por exemplo.

⁶⁷ O mesmo se dá com essa expressão, aparecendo, por exemplo, em “Jesus Chorou” (anexo 5B, p.285).

são Mães, o “júri racional não falha”⁶⁸. Como se trata de um discurso que se pretende realista, de um grupo que se pretende “voz ativa” da periferia, a **radicalização** da realidade em que vivem tem de estar presente em suas práticas discursivas.

Intensidade é algo bastante comum. As letras são quilométricas e gritadas, o tom de voz é grave e forte. Muitas vezes, sons de arrancada de motos e carros, de pessoas chorando e gritando e de tiros compõem a trilha. Com a **radicalização** da palavra, que é arma, vale um tiro, uma rajada de metralhadora que atira consciência, é interessante que a honraria máxima que um rapper pode conceder a alguém é dizer: “sem palavras”. Pela **radicalização**, a palavra se torna algo tão forte, meio de ação da periferia no mundo, meio de sobrevivência e expressão do rap, que dizer que um rapper fica “sem palavras” frente a algo ou alguém é realmente chegar ao ponto máximo de um sentimento nessa formação discursiva.

E a intensidade às vezes é, até, mais valorizada que a coerência, o que podemos ver nesse enunciado, em que Mano Brown se dirige a seus aliados dizendo:

Pros parceiros tenho a oferecer minha presença
Talvez até confusa, mas leal e intensa⁶⁹

A operação de **radicalização** pode fazer com que o tratamento dos temas chegue, muitas vezes, próximo ao **maniqueísmo**, o que ajuda a explicar a grande influência de doutrinas do tipo evangélicas no discurso dos Racionais. Brown, em entrevista para Fernando Faro no programa “Ensaio”⁷⁰, ao falar da religiosidade do grupo, disse que os quatro rappers não pertenciam formalmente a nenhuma religião. Criaram-se lado a lado a terreiros de candomblé e hoje, como toda a periferia, têm tendências evangélicas. O interessante é compreender por que as igrejas evangélicas cabem no discurso dos Racionais, e a operação de **radicalização** fornece hipóteses para isso. Embora Brown tenha dito, nessa entrevista, que não pertenciam formalmente a nenhuma religião, e isso pudesse ser atestado nos discos, em que podíamos ver referências mescladas – por exemplo, o “Sobrevivendo no Inferno” de 1997, que tem, como primeira faixa uma oração a São Jorge, a música “Jorge da Capadócia” (santo católico, mas também de forte apelo no sincretismo

⁶⁸ Trecho de “Júri Racional” (anexo 3, p.185), in “Raio X do Brasil”, 1993.

⁶⁹ “Vida Loka – parte I” (anexo 5A, p.241) in “Chora Agora”, “Nada como um dia após o outro dia”, 2002.

⁷⁰ TV Cultura, 28/01/2003.

do candomblé), no encarte agradecimento (de Ice Blue) aos Orixás convivendo com enunciados evangélicos - tal sincretismo parece estar um pouco modificado. Mostrando uma **radicalização** pendente para o viés evangélico, os Racionais, em show conjunto com Jorge Ben Jor em 25/04/2004, no Sesc Itaquera, tocaram somente a música de “Jorge da Capadócia”, não cantando a letra, embora seja a única faixa que está em um de seus discos e não é composição deles. É composição justamente de Jorge Ben Jor, que estava presente e que é uma fortíssima referência para o grupo (foi chamado, várias vezes, de “mestre” por Mano Brown durante o show). Tal indício foi confirmado no final do show, em que Jorge Ben Jor pediu um “viva a São Jorge” e Mano Brown se recusou a participar, criando uma situação claramente constrangedora, com Ben Jor “cutucando” as costas de Brown a fim de incentivá-lo a dar um viva ao santo. Mas a religião evangélica não aceita santos. Muito interessante para mim foi observar a reação de dois rapazes do público que estavam à minha frente e que polemizaram a respeito. Enquanto um dizia que Jorge Ben Jor estava certo, pois São Jorge é o santo dos pretos (vemos aí a operação de **autovalorização**), o outro ponderava que não, estava certo Brown, pois os santos são fruto de idolatria, coisa do demônio (vemos aí um **maniqueísmo**, produzido pela operação de **radicalização**).

Outra cena do show que também apontou para esta suposta guinada evangélica foi quando, ao cantar o rap “Fórmula Mágica da Paz” (anexo 4, p. 230)⁷¹, Mano Brown não cantou o trecho que está no original (sublinhado abaixo):

Dali a poucos minutos
Mais uma Dona Maria de luto

Na parede, o sinal da cruz
Que porra é essa? Que mundo é esse? Onde está Jesus?

Mais uma vez o emissário
Não incluiu Capão Redondo em seu itinerário

Porra, eu tô confuso, preciso pensar
Me dá um tempo pra eu raciocinar

Eu já não sei distinguir quem tá errado, sei lá
Minha ideologia enfraqueceu

⁷¹ In “Sobrevivendo no Inferno”, 1997.

Ao invés de clamar “Que porra é essa? Que mundo é esse? Onde está Jesus?”, Brown, no show, no momento desses versos, virou-se para a enorme imagem de Jesus que, junto com casas de favela, compunha o cenário e, de costas para o público, cantou “perdão, Senhor, perdão, Senhor”, desculpando-se pela blasfêmia da letra original. Na letra original, o rapper se revolta com a morte injusta de um amigo e fica confuso quanto a suas convicções, o que demonstra em “minha ideologia enfraqueceu”. Por esses dados, parece-me que o discurso evangélico vem ganhando espaço entre os Racionais, mas terei que acompanhar os próximos trabalhos do grupo para que se confirme ou infirme se a **radicalização** se dará nessa direção.

Vale lembrar que, conforme analisado no item 1, o “sistema” é, comumente, associado com o “demônio”, com o “inferno”. Sendo o “sistema” dos burgueses – e esses são mais ou menos todos os que não estão na periferia –, esses, muitas vezes, se confundem com “o mal”, como no trecho analisado de “Negro Drama” (anexo 5A, p.245), em que o “senhor de engenho” “não passa quando o mar vermelho abrir”. A **radicalização**, que leva ao **maniqueísmo**, faz com que os rappers se aproximem de Jesus Cristo, embora não tenham a mansidão deste. Edi Rock diz claramente:

Sei meu valor, quem quiser vai aprender
Não me comparo a Cristo: não dou a cara pra bater⁷²

Também associado à religiosidade, Jesus aparece identificado radicalmente como um dos do gueto, por exemplo em:

Eu acredito na palavra de um homem de pele escura, de cabelo crespo, que andava entre mendigos e leprosos pregando a igualdade. Um homem chamado Jesus.⁷³

E ainda, há uma preferência de Deus pelos da periferia:

Que Deus me guarde, pois eu sei que ele não é neutro
Vigia os rico, mas ama os que vêm do gueto⁷⁴

⁷² “Na fé, firmão” (anexo 5A, p.254), in “Chora Agora”, “Nada como um dia após o outro dia”, 2002.

⁷³ “Salve” (anexo 4, p.236), in “Sobrevivendo no Inferno”, 1997.

⁷⁴ “Negro Drama” (anexo 5A, p.245), in “Chora Agora”, “Nada como um dia após o outro dia”, 2002.

O discurso religioso do tipo evangélico, assim como o dos Racionais, é “violentamente pacífico”⁷⁵, gritado, viril, **radical**.

As operações de **radicalização** e de **autovalorização** serão constantemente retomadas nesta dissertação, como recursos coesivos semânticos das práticas discursivas que estão sendo aqui analisadas.

3. “Uma semântica global”:

“A voz no meio do próprio tema”

(Ferréz, in Revista Caros Amigos, fevereiro/2004)

Por fundar sua análise discursiva sobre uma semântica global, Maingueneau afirma que não é coerente privilegiar quaisquer dos planos lingüísticos ou discursivos, mas sim que se deve integrá-los através do sistema de restrições semânticas próprio daquele discurso.

Nesse sentido, são recusadas abordagens que privilegiam a dimensão léxica ou sintática de um discurso ou que buscam seu sentido profundo, muitas vezes desprezando dados qualificados como superficiais ou fantasiosos. Também é recusada a redução da formação discursiva a uma “visão de mundo”, pois “as restrições da semântica global não são somente destinadas a analisar ‘idéias’, elas especificam o funcionamento discursivo que, em graus diversos, investiu o vivido dos sujeitos”(op cit, cap. III, p. 16).

Recusando qualquer hierarquia entre os planos da semântica global de uma competência discursiva, Maingueneau escolhe alguns deles para ilustrar o funcionamento discursivo, mas afirma que tanto os planos escolhidos quanto a ordem em que vai apresentá-los não é um modelo teórico a ser seguido. Mesmo porque o enunciador não escolhe “previamente um tema, depois um gênero literário, depois um vocabulário, etc...” (op. cit., cap. III, p. 2). Assim sendo, não vou seguir todos os planos que Maingueneau apresenta nesse capítulo, dada a especificidade de meu objeto e a organização que escolhi para minha análise. Brevemente, tratarei a seguir dos planos: “a intertextualidade”; “o vocabulário”; “os temas”; “a dêixis enunciativa” e o “modo de coesão”. O plano “o estatuto

⁷⁵ Trecho de “Capítulo 4, Versículo 3” (anexo 4, p. 194), in “Sobrevivendo no Inferno”, 1997.

do enunciador e do destinatário” já foi, de algum modo, abordado no item 2 e o será novamente no capítulo IV. Já o plano “o modo de enunciação” será abordado no capítulo IV, quando tratarei de ethos.

“*A intertextualidade*” é algo genuinamente constitutivo para o rap, tanto no aspecto das letras quanto no das músicas usadas como base ou como citações. Ela tem como funções, no discurso dos Racionais, demarcar certas filiações e recusar outras, e também alimentar grupos que se formam em torno do rap nacional. Ambas as funções, tanto a ligada ao passado quanto a ligada ao presente, são influenciadas pelas operações de **autovalorização e radicalização** dessa formação discursiva.

As músicas, letras e falas citadas são, em quase sua totalidade, de artistas negros que, em algum grau, estiveram ou estão envolvidos com a luta racial e social. Como bases musicais, os Racionais usam, por exemplo, os estadunidenses Marvin Gaye e James Brown, e, no Brasil, as principais referências reivindicadas do passado são Tim Maia e Jorge Ben, grandes nomes do início do movimento “black music” brasileiro. Foi interessante ver, em show no Sesc Itaquera em 26/04/2004, Mano Brown apresentando Jorge Ben Jor aos fãs e instruindo-os sobre a importância daquele artista. Ben Jor, que foi chamado o tempo todo de “mestre”, foi apresentado como um defensor antigo, desde os tempos da ditadura, do movimento negro. Brown ainda contou que outros artistas da MPB, nas décadas de 1960 e 1970, chamavam-no de alienado, mas não entendiam que a luta dele era pelos direitos raciais, que estava já muito à frente daquela luta política. Jorge Ben Jor sorriente sorriu. **A autovalorização** está em citar artistas negros e **a radicalização** em só citar artistas negros.

Mais ligada ao presente é a citação de outros rappers nacionais, como DMN, Gog, Afro X ou estadunidenses, como o recentemente falecido Tupac Shakur. Nesse caso, as citações entram em conjunto com as participações em faixas do CD ou abrindo shows. Fortalece-se um movimento, cria-se uma cena cultural, o que inclui festivais, discos, shows, palestras, livros e revistas especializadas. É relevante dizer que os Racionais têm um poder nas mãos, pois, por serem considerados, por boa parte da periferia e também pela classe média e pela mídia, o melhor grupo de rap da atualidade, os shows que fazem sempre têm bom público, os discos de que participam sempre vendem, são chamados para organizar ações culturais de promoção da igualdade social. E, numa via de mão dupla, os grupos que citam também os citam em seus raps.

"O vocabulário" dos Racionais se destaca discursivamente, por fazer parte da afirmação de um "dialeto" da periferia. Já apresentei um pouco esta questão no item 2, especialmente na p. 44. A escolha de determinado vocabulário e também de determinada sintaxe e a recusa da norma padrão são motivadas pela operação de **autovalorização**. Um lexema importante, por sua constância na obra dos Racionais e por ser um "ponto de cristalização semântica desse discurso" (op. cit., cap. III, p. 4) é "**mano**". Tal lexema fortalece uma confraria que exclui os de fora, reforça os irmãos na situação precária, que têm que se **autovalorizar**. E é uma palavra **radical**, pois quem está ao meu lado é meu "irmão", não somente um amigo ou um parceiro.

Em seu segundo disco, "Escolha seu Caminho", 1992, o rap "Voz Ativa" (anexo 2, pp.152 - 161) se inicia assim:

Brown- Eu tenho algo a dizer e explicar pra você
Mas não garanto, porém, que engraçado eu serei dessa vez

Para os manos daqui, para os manos de lá
Se você se considera um negro pra negro será MANO!!!

Há, com isso, os valores dos manos, as roupas dos manos, as músicas dos manos, e, sem dúvida, o vocabulário dos manos. Uma análise detalhada do vocabulário seria algo interessante. Muitas palavras comuns em outras variedades lingüísticas têm, no discurso dos Racionais, outro(s) significado(s) ou outra(s) nuance(s) semântica(s). Por exemplo, as palavras "bandido", "ladrão" e até a expressão "bandido mau" podem ter sentido positivo nesse discurso.

Também ocorre o fenômeno lingüístico conhecido como "derivação imprópria", em que uma palavra passa a ser usada em outra classe gramatical, processo que podemos ver, por exemplo, nesta passagem de "12 de outubro"(anexo 5A, p.258)⁷⁶, acontecendo com a palavra "revolta":

(...) o moleque era o maior revolta, vai vendo, moleque revolta.

⁷⁶ In "Chora Agora", "Nada como um dia após o outro dia", 2002.

A “derivação imprópria” está presente ainda no belíssimo jogo com as palavras “negro” e “drama”, em que ora “negro” é usado como substantivo, ora como adjetivo e o mesmo acontece com “drama”, no rap “Negro Drama” (anexo 5A, p.245)⁷⁷. O trecho final é exemplar desse jogo. Na primeira parte da citação, “Negro Drama” é substantivo próprio, é a assinatura desse “rap-carta”, aparece depois da despedida. Depois, a expressão aparece quatro vezes, podendo querer dizer “negro dramático” ou “drama do negro”:

Valeu mãe, Negro Drama.

(...)É desse jeito que você vive. É o negro drama. Eu não li, eu não assisti, eu vivo o negro drama, eu sou negro drama, eu sou fruto do negro drama.

Uma pesquisa cuidadosa do vocabulário dos Racionais MCs, embora extremamente promissora, está além dos limites do presente trabalho; ficarei, por ora, restrita à amplitude do pequeno escopo analisado acima.

“*Os temas*” mais importantes para os Racionais MCs “são aqueles que recaem diretamente sobre as articulações essenciais do modelo semântico” (op. cit., cap III, p. 5). Assim sendo, o discurso que se quer voz ativa da juventude negra periférica e que tem como operações essenciais a **autovalorização** e a **radicalização**, trata, privilegiadamente, de temas como o sistema, a vida na periferia, a afirmação da raça negra e o proceder correto de alguém ligado ao rap. Todos são temas ligados aos temas básicos de análise, que foram explicitados no item 2: “periferia” e “raça negra”. No parágrafo seguinte, tentarei esquematizar – de modo redutor, como em qualquer esquema – como aparecem os principais temas dessa formação discursiva. Tal esquematização ficará especialmente pobre por se tratar de uma formação discursiva no campo artístico, mas considero que, apesar disso, será útil para meus propósitos de análise.

Pintada em cores sempre fortes e **radicais**, a periferia aparece como lugar esquecido pelo poder público, território de injustiças, violência, tristezas e miséria. Essa situação caótica, de “holocausto urbano”⁷⁸, em que os habitantes estão “sobrevivendo no inferno”⁷⁹, é causada pelo “sistema”. Tal situação extremamente adversa é frequentemente colocada

⁷⁷ In “Chora Agora”, “Nada como um dia após o outro dia”, 2002.

⁷⁸ Título do disco de 1990.

⁷⁹ Título do disco de 1997.

como herdeira da escravidão no Brasil e dos processos de opressão que se seguiram, e, para ser modificada, requer que a raça negra se **autovalorize** e que os habitantes da periferia estejam constantes e não caiam nas armadilhas do “sistema”, que prometem dinheiro fácil através da criminalidade ou fuga através das drogas.

“A *dêixis enunciativa*” dos Racionais será analisada a partir da “modalidade enunciativa” utilizada e do espaço-tempo dos raps. Muitos deles são em forma de narrativa, outros são explicitamente argumentativos e discorrem sobre algum assunto, como o proceder do rapper, a vida na periferia ou o racismo. Todos têm, como tempo e espaço de referência, o hoje na periferia. O esforço é para ser um discurso próximo da realidade, um discurso que fale do dia-a-dia real da população pobre. Como exemplo, o primeiro rap lançado dos Racionais, “Pânico na zona sul” (anexo 1, p.130)⁸⁰ começa assim:

(som de tiros)

Brown- Então quando o dia escurece
Só quem é de lá sabe o que acontece

A letra é argumentativa e discute vários problemas da periferia, procurando demonstrar e justificar análises sociais e incitar a conscientização e luta coletiva. Logo nos dois primeiros versos, aparece um aspecto que será uma constante nos trabalhos do grupo: a delimitação do espaço e tempo do gueto. O uso de “então” como primeira palavra marca um aspecto oral e temporal da crônica do dia-a-dia, como se o tempo estivesse passando e o rap estivesse dentro desse tempo; o tempo do rap é o tempo da vida, não há rupturas: o dia foi passando e chegamos no entardecer, no horário para o qual será dado o destaque neste rap. O horário escolhido para ser retratado é a noite, o escuro, paradoxalmente quando mais aparece a “realidade em si”⁸¹ da periferia, quando o pânico surge. Nessa hora, “só quem é de lá sabe o que acontece”, é preciso ser um da periferia para entender o que nenhum estudo acadêmico ou diagnóstico de políticas públicas consegue explicar. Estabelecem-se os autorizados para falar pela periferia, estabelecem-se os manos: “só quem é de lá”.

⁸⁰ Na coletânea “Consciência Black”, 1988 e depois em “Holocausto Urbano”, 1990.

⁸¹ Trecho final de “Pânico na zona sul” (anexo 1, p.130):

“A nossa filosofia é sempre transmitir
A realidade em si: Racionais MCs”

Portanto, a operação de **radicalização** é bastante presente na escolha das cenas dos raps, todo o discurso se dará destacando o tempo e espaço atual da periferia, contando episódios muitas vezes trágicos, aventuras que terminam em morte, ocorrências em que o caráter e a lealdade são muito testados. A operação de **autovalorização** também está muito presente, o tempo e espaço é o da periferia, falar disso para modificar o que está errado e valorizar o que está certo é o que importa.

“*O modo de coesão*” dessa formação discursiva tem como gêneros privilegiados os meios artísticos, da dança (break), da arte plástica (grafite), da música (os DJs e os raps) e, ganhando força, da literatura (por exemplo a obra de Ferréz e o periódico “Literatura Marginal”, ligado à Revista *Caros Amigos*). Nesta dissertação, estou analisando a obra dos Racionais MCs, o que me leva a focar-me no modo de coesão de seus raps.

Trata-se de textos escritos para serem falados, portanto os encadeamentos também são mais típicos da modalidade oral de linguagem. Além disso, são poesias ligadas aos compassos de uma base musical. Para transcrever as letras dos raps (ver anexos, em especial os “critérios de transcrição”, pp. 127 e 128), procurei, em vão, contar as sílabas e delimitar uma métrica constante para os versos. O “heureka” aconteceu quando percebi que não deveria contar as sílabas, e sim me guiar pelo ritmo musical. O que eu escrevi em um verso é o que é cantado em um compasso 4/4 (todas as bases dos Racionais são com músicas 4/4). Quase sempre, dois em dois compassos rimam, o que me levou a separá-los em estrofes⁸². Depois de uma parte “A” musical que é cantada, há uma parte “B”, que faz as vezes de refrão. Esse refrão às vezes é somente musical, às vezes é um sample – citação – de outra música, ou um coro em que outros cantores cantam uma letra mais melódica. Depois, musicalmente, volta-se para a parte “A”, com outra letra. Tal alternância pode se repetir por até três ou quatro vezes, sendo que a letra das partes musicais “A” são sempre diferentes. O rap nunca repete uma letra, com exceção dos refrãos. Tal organização se vincula ao gênero rap, desenvolvido como uma forma de resistência negra em várias partes do mundo (inicialmente nos EUA, ver capítulo I). **Autovaloriza** uma forma artística própria, que não depende, a princípio, de conhecimentos musicais acadêmicos para ser

⁸² Após ter feito todas as transcrições, encontrei em SILVA (1998, p.213) uma observação divergente a esse respeito, pois nem sempre o verso do rap coincide com o compasso e, por vezes, a noção que os rappers empregam pode ser analisada como um “ciclo rítmico”, que pode equivaler ou não a um compasso. Em minha transcrição, por não entrar em detalhes musicais, o critério de separar os versos por compassos foi satisfatório.

elaborada. Forma artística que, além disso, dá voz àqueles que até então não a tinham. E, pela estrutura oral, é um gênero que valoriza a memória, a rapidez verbal, a capacidade de improviso, habilidades que não se aprendem na escola formal, são frutos de uma “sabedoria de rua”⁸³.

Além do modo de coesão obedecer às regras de ritmo musical apresentadas, os encadeamentos argumentativos dos raps dos Racionais também são discursivamente relevantes. Poucos conectivos explícitos são usados, a estrutura se assemelha a uma linguagem cifrada em que o enunciatório tem que, por sua conta, tirar as conclusões.

Auerbach, no capítulo 1 de *Mimesis*, desenvolve um breve estudo comparativo entre a coesão lingüística da “Odisséia”, de Homero, e a do livro “Gênesis”, da Bíblia. Boa parte da análise de Auerbach para a Bíblia cabe perfeitamente na obra dos Racionais⁸⁴. Enquanto, na obra grega, todos os conectivos e articulações são explicitados, “na necessidade do estilo homérico de não deixar nada do que é mencionado na penumbra ou no inacabado” (1987, p. 3), na Bíblia, o acabamento é deixado ao leitor. Continua Auerbach: o texto bíblico desenvolve-se “sem interpolação-alguma, em poucas orações principais” (op. cit., p. 7). O mesmo acontece em um rap. Na transcrição de um rap dos Racionais, uma das estruturas gráficas que melhor poderiam representar alguns encadeamentos são os “.”. Por exemplo, nas seguintes estrofes de “Fim de Semana no Parque” (anexo 3, p.167)⁸⁵:

Tem um corpo no escadão a tiazinha desce o morro

Polícia: a morte, polícia: socorro

(...)

Mas aí, se quiser se destruir, está no lugar certo:

Tem bebida e cocaína sempre por perto

No primeiro verso da primeira estrofe, “a tiazinha desce o morro” e vê o “corpo no escadão”. No verso seguinte, temos que concluir que quem matou foi a polícia, temos que ler nos espaços entre as palavras, mais uma vez a polícia trouxe a morte; ao se deparar com a polícia, a população do morro tem que pedir socorro. Na segunda estrofe, o tom é de exortação, a interlocução é direta ao ouvinte, que deve ter cuidado com “bebida e cocaína”,

⁸³ Trecho de verso de “Voz Ativa” (anexo 2, pp. 152 - 161), in “Escolha seu caminho”, 1992.

⁸⁴ Estou comparando somente o modo de coesão lingüística exposto por Auerbach, e não outros aspectos do texto bíblico ou do texto homérico.

⁸⁵ In “Raio X do Brasil”, 1993.

que estão “sempre por perto” e levam à destruição. Explicitando os “:”, poderíamos usar qualquer conectivo explicativo, como “porque” ou “pois” – “...está no lugar certo porque tem bebida e cocaína...”.

Enquanto o estilo homérico possibilita a digressão, a dispersão das emoções, uma apreensão distanciada do narrado, no estilo bíblico, ao contrário, “a relação entre o narrador bíblico e a verdade do seu relato permanece muito mais apaixonada, muito mais univocamente definida, do que a de Homero” (op. cit., p. 11). O texto bíblico “não quer nos fazer esquecer a nossa própria realidade durante algumas horas, como Homero, mas suplantá-la; devemos inserir nossa própria vida no seu mundo, sentirmo-nos membros da sua estrutura” (op. cit., p.12). É esse envolvimento do interlocutor e busca de narrar a realidade que os raps conseguem.

4. “A polêmica como interincompreensão”:

“Não somos donos da verdade, porém não mentimos”⁸⁶

Maingueneau postula, no capítulo IV de *Genèses*, que a competência discursiva é interdiscursiva, ou seja, ser competente na compreensão e formulação de enunciados de alguma formação discursiva implica ser “incompetente” na compreensão e formulação de enunciados de formações discursivas que são antagonistas da primeira.

O discurso só é capaz de compreender o outro através de “simulacros”, isto é, de traduções dos valores do outro em suas próprias categorias de análise. Citando Kuhn e Feyerabend, Maingueneau retoma o modelo da incomensurabilidade das teorias científicas, que não podem ser reduzidas umas às outras, pois têm ontologias diferentes, com as ressalvas de que, para o discurso plenamente ideológico, “as noções são construídas sobre um intertexto flutuante e (...) não acedem jamais à univocidade.” (Maingueneau, 1984, cap. IV, p.3).

Frente a seu antagonista, o discurso tem as opções de recusá-lo totalmente, através da “exclusão polêmica simples” ou de tentar incorporá-lo em sua grade semântica, através da “integração do discurso do outro”. Nos discursos analisados por Maingueneau, a

⁸⁶ In “Pânico na Zona Sul” (anexo 1, p.130), Holocausto Urbano, 1990.

formação discursiva jansenista, por suas características semânticas, opera a “exclusão polêmica simples” com sua opositora humanista devota. Já a formação discursiva humanista devota teria a tendência, também por suas características semânticas, de aceitar coexistir com o discurso jansenista, desde que este aceitasse ser mais uma possibilidade de devoção religiosa. Teria, então, a tendência a “integrar o discurso do outro”, o que só não ocorre pela recusa dos jansenistas.

Nas práticas discursivas dos Racionais MCs, ocorrem duas facetas quando frentes a um discurso outro: se vem da periferia, a tendência é integrá-lo; se vem de fora, a tendência é excluí-lo. Por exemplo, o grupo de pagode Negritude Jr, apesar de não concordar com os Racionais em todas as suas posturas e questionamentos e apesar de freqüentar a grande mídia, convive pacificamente com os rappers, inclusive se aliando em algumas ações e músicas. São ambos da periferia, estão cada um em sua função frente a um “inimigo maior”. Netinho, líder do Negritude Jr, expressa a ligação discursiva com os Racionais do seguinte modo, em entrevista à *Revista Istoé* em 15/12/1999:

ISTOÉ - Você é amigo do Mano Brown, dos Racionais MC's. Concorda com as posições dele?

Netinho - Os Racionais se preocupam com o negro da periferia. O Negritude se preocupa com o povo pobre da periferia. Na frente, vamos nos encontrar com a mesma proposta porque a maioria dos pobres é negra. Mas eu não posso falar só para os negros.

ISTOÉ - Os “manos” na periferia têm poder para mudar esse quadro?

Netinho - O movimento hip hop é hoje uma coisa muito forte e consciente, que cresce em todo o país. Vamos propor uma união do rap com o samba. A ideia é que haja um meio-termo entre o discurso radical e um mais acessível. Esse movimento vai revolucionar o Brasil. Se a gente sair às ruas e convocar o nosso povo, aí pára geral.

Já os Racionais se expressam da seguinte forma, em entrevista à *Revista Raça* (Raça Especial – Som Black n.1), quanto às práticas discursivas do Negritude Jr:

RAÇA - O Netinho é seu amigo, Brown. Uma vez ele disse que o samba do Negritude não dói a ninguém, enquanto os Racionais cantam doa a quem doer. O que você acha disso?

BROWN - Cada um tem o seu papel.

RAÇA - O samba que não dói a ninguém é alienado?

EDY - Não é alienado mas é conveniente, né?

RAÇA - Tudo bem, vamos tirar o Netinho. Você, Brown, falou que cada um tem o seu papel. Como é que é isso?

BROWN - O Negritude fez Gente da Gente que é uma música política. Cada um contribui com uma parte.

BLUE - O Katinguelê, por incrível que pareça, tem uma música política também.

RAÇA - Vocês acham que o rap nasceu para ser político?

BROWN - Você já nasceu preto, descendente de escravo que sofreu, filho de escravo que sofreu, continua tomando “enquadro” de polícia, continua convivendo com drogas, com tráfico, com

alcoolismo, com todos os baratos que não foi a gente que trouxe pra cá. Foi o que colocaram pra gente. Não é uma questão de escolha, é que nem no ar que você respira. Então o rap vai falar disso aí, porque a vida é assim.

Tal convivência pacífica com, por exemplo, o Negritude Jr, se explica pelo traço de **autovalorização**, uma vez que o grupo de samba também vem da periferia e tem compromisso com ela. Já perante aos discursos de fora da periferia, os Racionais tendem a operar com a “exclusão polêmica simples”, o que, aliado ao traço de **radicalização**, produz simulacros que se assemelham a caricaturas de seus opositores. A começar pelo “sistema”, que já é um grande simulacro e tem, dentro de si, “pessoas-simulacro” mantendo-no de pé. O “sistema” é um simulacro de um apanhado de discursos, antagonistas ao dos Racionais, que defendem, por exemplo, que no Brasil não há preconceito racial, que os pobres são individualmente responsáveis por sua condição, que consumir é um grande valor para as classes média e alta. Desse “sistema” derivam personagens dos raps como o “boy” da faixa “Hey, boy” (anexo 1, p. 137)⁸⁷, que vai à favela buscar drogas, é egoísta e politicamente alienado. Também a “puta de olhos azuis” da faixa “Capítulo 4, Versículo 3” (anexo 4, p. 194)⁸⁸, namorada do “boy”, adepta a uma vida de consumo e luxúria – na mesma música, a vida dos “branquinhos do shopping”, outro simulacro, é relacionada a “sexo sem limites, Sodoma e Gomorra”. E o pai do “boy”, o milionário que quer que os pobres morram, o “senhor de engenho”, que é caracterizado na faixa “Otus 500” (anexo 5B, p.277)⁸⁹ como aquele que tem “mansão com piscina”, “fokker 100”, presenteia “a mulher com brilhantes”, dá “gargantilha dezoito pra amante”.

Tais personagens e a constituição de um discurso como “o do sistema” são simulacros, pois, apesar de poderem parecer práticas comuns de um grupo social brasileiro, esse mesmo grupo não se veria assim.

Também se destaca o fato de, nos raps dos Racionais, não aparecer outro tipo de pessoa da classe média ou de pessoa branca. Não há, nessa ontologia, espaço para seres menos caricaturais, como alguém que não nasceu na favela, mas não está contente com a miséria e gostaria de que o mundo fosse diferente. Não estou dizendo que os Racionais não

⁸⁷ In “Holocausto Urbano”, 1990.

⁸⁸ In “Sobrevivendo no Inferno”, 1997.

⁸⁹ In “Ri Depois”, “Nada como um dia após o outro dia”, 2002.

reconhecem que possa haver um branco não racista ou um rico não egoísta. Apenas esses tipos mais complexos não fazem parte da organização pública desse discurso.

CAPÍTULO III

A gênese das práticas discursivas dos Racionais MCs – parte II

Introdução:

Neste capítulo, continuarei a análise iniciada no capítulo anterior, aplicando, às práticas discursivas dos Racionais MCs, as três hipóteses finais do livro *Genèses du Discours* de Dominique Maingueneau (1984). Trata-se, no livro, dos capítulos cinco, seis e sete, que, conforme expliquei na parte introdutória do capítulo II (pp. 26-28), apresentam, respectivamente, as seguintes hipóteses a respeito do funcionamento discursivo:

Quinta hipótese: O discurso deve ser visto como uma prática discursiva;

Sexta hipótese: As práticas discursivas são intersemióticas;

Sétima hipótese: As práticas discursivas são inscritas sócio-historicamente.

Essas três hipóteses têm em comum o fato de relacionarem o discurso com âmbitos tradicionalmente heterogêneos de análise: com a instituição que o possibilita e que é possibilitada por ele; com outras práticas semióticas, que não a linguagem verbal; com o contexto sócio-histórico.

Os três itens a seguir aplicarão à obra dos Racionais, respectivamente, a quinta, sexta e sétima hipótese. Os nomes dos capítulos originais de Maingueneau serão mantidos, por isso o título de cada item virá entre aspas.

1. “Do discurso à prática discursiva”:

“O Hip Hop me leva onde vou. O Hip Hop me faz ser o que sou”
(Jean Carlos dos Reis Souza (Jeca))⁹⁰

Neste capítulo, Maingueneau analisa o lugar do espaço institucional na constituição de um discurso. Longe de ver a instituição como ambiente anterior e exterior ao discurso, ela é vista como parte da prática discursiva, tanto quanto os enunciados. Sendo assim, o

⁹⁰ In Rocha et al (2001), contracapa.

funcionamento institucional também, obedece ao sistema de restrições semânticas da formação discursiva.

Trata-se de não considerar os aspectos institucionais de produção e consumo dos enunciados como fenômenos separados da realização material dos discursos, como se estivessem previamente organizados para possibilitar a existência dos enunciados. Maingueneau é bastante explícito ao dizer que “não há, antes, uma instituição, depois uma massa documental, enunciadores, ritos genéticos, uma enunciação, uma difusão e, enfim, um consumo, mas uma mesma rede que rege semanticamente essas diversas instâncias” (Maingueneau, 1984, cap. V, pp. 12 e 13).

Dentro do encadeamento proposto pelo livro *Genèses*, o capítulo V tem um papel de ampliação importante: nos capítulos precedentes, o autor vinha fazendo uma análise a partir dos enunciados e, neste capítulo, sua análise englobará as práticas discursivas menos verbais, como a da organização institucional. Tal ampliação pode ser percebida até no título do capítulo, “Do discurso à prática discursiva”, que mostra que haverá uma mudança de viés, de tal a tal outro. Em minha análise dos Racionais MCs, o processo está se dando de maneira um pouco diferente. Como, desde o início, me propus a considerar como corpus as práticas discursivas de um grupo, tal separação entre análise de enunciados e outras práticas não se deu de forma tão marcada.

Sempre considerei, e continuo a considerar, o grupo Racionais MCs como o “ambiente enunciativo imediato (...) ou (...) ambiente institucional propriamente dito” (op. cit., cap.V, p.13) das práticas analisadas e, como tal, constituídos pelo mesmo sistema de restrições das suas outras práticas.

Outra ressalva a ser feita, antes de dar início à minha análise deste item, é que boa parte do que Maingueneau trata no capítulo V será abarcado em meu próximo capítulo, quando analisarei “a construção do ethos dos Racionais MCs”. As considerações de *Genèses* acerca, por exemplo, da “vocalização enunciativa” (op. cit., cap.V, p. 9 e seguintes) serão tratadas quando, ao falar de ethos, enumerarei e analisarei os elementos de caráter e corporalidade do enunciadador típico do tipo de rap que os Racionais fazem.

Neste item, procederei à análise da relação institucional considerando duas articulações básicas: a existência do grupo Racionais MCs, que também é uma empresa; a constituição de uma cena cultural e política do *rap nacional* e o lugar dos Racionais nessa

cena. A existência do grupo institucional Racionais será analisada em conjunto com seu lugar na cena do rap nacional.

O grupo é constituído por quatro rappers – Mano Brown, Ice Blue, Edi Rock e KL Jay – e, em princípio, somente esses quatro indivíduos estão autorizados a produzir enunciados legítimos em nome dos Racionais. Ao falar sobre os objetivos dessa empresa que comercializa o nome Racionais, os rappers enunciam o seguinte⁹¹:

BROWN - Não gostamos de comercializar o nome.

BLUE - Apesar de várias pessoas usarem sem o nosso consentimento...

EDY - É que muitas pessoas gostam de usar. Então tem uma hora que você é obrigado a fabricar camiseta, boné. Tem muita gente que vai ganhar dinheiro em cima e você não pode sair perdendo. Se ele ganha, por que você também não vai ganhar?

E não deixam de expressar um certo desconforto em ocupar o lugar de “patrão”, de “empresário”, afinal, seguindo a orientação semântica dessa formação discursiva, sua postura é “anti-sistema”.

RAÇA - Vocês abriram uma griffe?

BLUE - Abriu e fechou. Não é o nosso ramo, enche o saco. Negócio de ser patrão é desagradável.

De qualquer forma, por maiores ou menores que sejam as atribuições legais e comerciais dessa empresa, os enunciadores “autênticos” dos Racionais MCs são um grupo muito restrito.

Restrito e poderoso, responsável por negociar contratos e shows, legitimar outros grupos de rap – através de citações em suas músicas e letras e de shows conjuntos, por exemplo – e organizar festivais. São, também, exemplos de rappers bem sucedidos, e incentivam os grupos menores a seguirem sua trilha. Tal uso como modelo inspira críticas de dentro de parte do movimento Hip Hop, que se irrita com a abundância de “racionaizinhos” que proliferam pelas periferias do Brasil. O rapper carioca Marcelo D2, por exemplo, tem a seguinte opinião a esse respeito:

Infelizmente, acho que os Racionais fizeram até mal para a evolução do rap nacional. Só surge grupo querendo ser mais radical que os caras, querendo ser eles, querendo ser mais pretos, 200% preto.

⁹¹ Os dois trechos seguintes foram extraídos de entrevista com Racionais MCs na Revista Raça - Especial Som Black no. 1.

querendo ser mais mal-encarados que eles. Cadê a autenticidade das histórias, das rimas, das poesias? (in Rocha et al, 2001, p. 41)

Divergências à parte, é interessante perceber que também a valorização dos Racionais dentro da cena do rap nacional se alimenta das duas operações semânticas básicas dessa formação discursiva: a **radicalização** e a **autovalorização**. Sua postura ideológica **radical**, que faz poucas concessões à grande mídia, valoriza ainda mais seu sucesso, que ocorre à revelia do “sistema”. Também anda a par com sua **autovalorização**, na medida em que despreza contribuições que venham de fora da periferia.

A intertextualidade tem lugar privilegiado na análise da relação institucional com a constituição de uma cena do rap nacional. Essa intertextualidade se dá musicalmente, através da citação, em um rap, de um trecho de outro rap, e também através de participações especiais nos discos e shows. Isso não quer dizer que não haja disputa ou competitividade nesse espaço discursivo, mas sim que um grupo sozinho não sobreviveria, é preciso criar e incentivar um espaço em que aliados se reforcem e viabilizem um público, festas, bailes, festivais, shows. Raramente se faz um show de rap com um grupo só, sendo o mais comum que muitos grupos, de menor projeção, se apresentem antes de um grupo maior.

Fortalecendo essa intertextualidade, também há um esforço por constituir um passado, uma memória institucional, o que inclui valorizar os primórdios da “black music” nacional, com a citação musical de artistas negros ligados aos primeiros bailes de funk que aconteceram no país, como Tim Maia, Jorge Ben e Cassiano, por exemplo. Essa intertextualidade se dá de várias maneiras. Uma delas é incluir, nas cenas retratadas pelas letras narrativas de rap, situações em que o rapper ou o personagem esteja escutando um desses artistas. No exemplo seguinte, a fita do Jorge Ben – que aparece como muito ouvida, evocada como “aquela lá” – faz parte do contraponto de Brown para a rotina de tiros, sangue e confusões da periferia. O rapper, ao se recusar a falar sobre os tiros ocorridos na noite anterior, apresenta uma alternativa à criminalidade e às drogas. Essa alternativa é “curtir” sua “liberdade bem melhor”, ouvindo Jorge Ben num opala com seus aliados. E irritando a polícia com sua atitude correta, pois “os gambé”, sentindo-se atingidos com a postura **autovalorizadora** dos amigos negros ouvindo Jorge Ben no carro, tentarão pegá-

los em flagrante portando alguma droga, mas Brown se orgulha ao dizer que os policiais podem vir, que sua moral está segura por não ter nada a esconder⁹².

Blue- Cê viu ontem os tiro? eu vi um monte, então
Diz que tem uma pá de sangue no campão

Brown- Mas, ih, mano, toda mão é sempre a mesma idéia junto
Treta, tiro, sangue, aí, muda de assunto

Traz a fita pra eu ouvir porque eu tô sem
Principalmente aquela lá do Jorge Ben

Uma pá de mano preso chora a solidão
Uma pá de mano solto sem disposição

Vem penhorando por aí rádio, tênis, calça
Acende num cachimbo, virou fumaça

Não é por nada não, mas aí, nem me liga, ó
A minha liberdade eu curto bem melhor

Eu não estou nem aí pra o que os outro fala
Quatro, cinco, seis preto num opala

Pode vir gambê, paga pau, tô na minha na moral
Na maior, sem goró, sem pacaú, sem pó

Eu tô ligeiro, eu tenho a minha regra
Não sou pedreiro, não fumo pedra

Um rolê com os aliados já me faz feliz
Respeito mútuo é a chave, é o que eu sempre quis⁹³

⁹² Por “ironia do destino”, no dia 27 de julho de 2004, Brown e DJ Nel – que participa do disco e do show “Nada como um dia após o outro dia” – se recusaram a parar em uma blitz policial, quando estavam no carro de Brown a poucos metros de sua casa. Segundo reportagem da revista “Carta Capital” (29/09/2004, ano XI, n. 310), a polícia os seguiu e Brown não quis ser revistado, alegando que estava em casa. Ele e Nel foram presos por desacato à autoridade. Ainda segundo Carta Capital, na revista do carro, foi achada uma ponta de cigarro de maconha em uma jaqueta. Nel, que já tinha passagem na polícia por porte de drogas, assumiu ser o dono do “baseado”. Os dois artistas foram soltos horas depois e recebidos, na frente da delegacia, por cerca de 50 pessoas, entre elas o Senador Eduardo Suplicy (PT-SP). O episódio, de alguma forma, abala a imagem de Brown o é relevante discursivamente. O rapper foi preso por desacato à autoridade, fato que quase já havia acontecido durante show em 1994 no Vale do Anhangabaú, durante a execução da música “Homem na estrada” (anexo 3, 167), in “Raio X do Brasil”, 1993. O porte de drogas ficou a cargo de DJ Nel, preservando a imagem de não consumidor de drogas que Brown criou para si. Nenhum depoimento foi dado à imprensa. Aguardemos se o episódio virará um rap do próximo CD, assim como o acidente automobilístico de Edi Rock em 1994 (que levou à morte um outro motorista) se transformou no rap “A Vitima”, (anexo 5A, p.249), in “Chora Agora”, “Nada como um dia após o outro dia”, 2002, em que Edi Rock esclarece para seu público sua versão dos fatos.

⁹³ Trecho de “Fórmula Mágica da Paz”(anexo 4, p.230). In “Sobrevivendo no Inferno, 1997. É relevante notar que o artista citado é Jorge Ben, e não Jorge Ben Jor, nome que ele adota desde o final da década de 1980. Trata-se de resgatar aquele Jorge Ben das décadas de 1960 e 1970. Não que o Ben Jor de agora seja rejeitado, de forma alguma, continua a ser muitíssimo valorizado. Mas o esforço é por constituir, para o público de

O uso de artistas históricos para o rap nacional também ocorre nesta cena, que novamente apresenta a música – dessa vez de Cassiano – como uma provocação a mais para a polícia, provavelmente por fortalecer a postura “anti-sistema” dessa formação discursiva:

De teto solar, o luar representa
Ouvindo Cassiano, os gambé não gñenta⁹⁴

Outra forma de intertextualidade nesse discurso é o uso, como base sonora para um rap, de uma música de um artista que se queira valorizar, ou como sample em um refrão ou em trecho qualquer da letra. Exemplos pululam, havendo-os em quase todos os raps do corpus (ver anexos). Nesse modo de intertextualidade, é importante ressaltar que somente artistas negros são citados, de preferência os que tenham alguma forma de participação política. Do outro lado desta via de mão dupla, os Racionais, além de citarem, são muito citados. Prevendo isso, há, por exemplo, a inclusão de uma versão à capela (sem música) da faixa “Voz Ativa” (anexo 2, p.159)⁹⁵, que visa facilitar que sejam feitos samples em outros raps.

A intertextualidade também acontece nas entrevistas ou nos poucos trechos em prosa que algum integrante do grupo escreva. De qualquer modo, segue o mesmo sistema de restrições semânticas dos outros dois modos de intertextualidade, através da **radicalização** no fechamento do grupo dos citáveis e da **autovalorização** na escolha dos critérios desse fechamento: ser periferia (de preferência politizada) e ser negro (de preferência ligado à luta racial). Um exemplo desse terceiro modo de intertextualidade que constrói um passado e legitima a instituição é a seguinte passagem do texto “A número 1 sem troféu”⁹⁶, de Mano Brown:

agora, um passado do rap nacional. O próprio Jorge Ben Jor reconhece um serviço dos Racionais à sua obra, o que expressou em entrevista à Folha de S. Paulo em 17/10/2004 (p.E4): “Na periferia de São Paulo as músicas mais pedidas são ‘Jesualda’ (75), ‘A Princesa e o Plebeu’ (64), ‘Magnólia’ (74), ‘Domênica’ (70), só coisa de baú, que aprendem em baile. No show dos Racionais veio garoto me perguntar: ‘Você que é dono de ‘vamos passear no parque’ [trecho de ‘Domingas’, citada pelos Racionais em ‘Fim de Semana no Parque’]? Falo ‘sou eu’.” (Grifo meu). Na verdade, a Folha se enganou ao remeter o sample dos Racionais à música “Domingas” (disco “Jorge Ben”, 1969). O trecho vem da música “Dumíngaz” (disco “Solta o Pavão”, 1975).

⁹⁴ Trecho de “Vida Loka – parte II” (anexo 5B, p.297). In “Ri Depois”, “Nada como um dia após o outro dia”, 2002.

⁹⁵ In “Escolha seu Caminho”, 1992.

⁹⁶ In Ferréz, 2000, p. 23.

Estou no momento ouvindo “Lamento” do Tim Maia. +1 loko que viveu a vida loka por não concordar com as pilantragens do mundão.

Sei lá qual que é, esse tinha mó cara de Capão Redondo ó, mano. Pode ser pretensão minha, mas eu acho que Tupac e Bob Marley também têm a cara da nossa quebrada.

Sem pretensão, a gente aqui do Capão nunca ia conseguir chamar a atenção do resto do mundo, porque da ponte João Dias pra cá é outro mundo, tá ligado?

Fortalecendo ainda mais o papel da intertextualidade nessa instituição, um dos quesitos que legitimam e fortalecem um rapper é justamente ter referências musicais e políticas. Mano Brown é colecionador de discos, e conta, em várias entrevistas, o quanto seu fazer artístico é constituído pela sua cultura musical. A própria existência de um DJ em todos os grupos de rap faz com que se valorize a intertextualidade. Afinal, grande parte do mérito de um DJ é escolher as bases certas para que as letras sejam cantadas por cima. Além disso, ele precisa ser bom ao samplear trechos de outros raps. O bom DJ é, portanto, um pesquisador e um bom “citador” de outros sons. Apesar da relevância certamente enorme dada às referências no fazer artístico do rap, é importante não perder de vista o campo discursivo em que estamos: a arte. A questão das referências, da história da arte, marca fortemente esse campo.

Além da intertextualidade, dentro dessa cena - ou, tratando de outro modo, dessa instituição chamada rap nacional -, são cultivados valores e princípios que esta formação discursiva quer para a sociedade em geral. Assim sendo, no rap nacional, se valoriza a fidelidade, a lealdade, a cooperação, o associativismo. Não por acaso, muitos grupos lançam seu primeiro trabalho no formato de discos-coletânea.

Também a gravação e distribuição dos discos por empresas pequenas, muitas vezes de propriedade dos próprios rappers, seguem o sistema de restrições global desse discurso, pois valorizam o pequeno, o pobre, o – de alguma forma – excluído. KL Jay, em uma entrevista a um site⁹⁷ organizado por fãs do grupo, comenta o processo de comercialização dos discos:

Racionais Web Page: Por que Racionais preferem gravar independente, não fazendo contratos com grandes gravadoras?

KL JAY: O rap é independente. O rap usa a linguagem do povo, fala da realidade em que vivemos. Podemos ter uma gravadora, logo somos patrões de nosso trabalho. O rap tem auto-gestão e é original. A distribuição independente dentro do rap está crescendo, porque as grandes distribuidoras

⁹⁷ Racionais Web page (site não oficial)- <http://www.geocities.com/Athens/Agora/4383/> - Entrevista com KL Jay, consultada na Internet em 26/08/2003.

não conseguem ir até onde o rap deve chegar. Elas colocam o disco nos grandes atacadistas e quem quiser compra. Só que tem um cara lá no fundão do Brasil que não pode comprar 100 CDs, só pode comprar 10. É nessa lacuna que as pequenas distribuidoras entram. O Brasil é muito grande. As grandes gravadoras e distribuidoras querem levar o CD para quem tem dinheiro, não para quem não tem acesso ou não pode pagar. O rap consegue isso, porque prega isso, prega a independência, vende para o povo. Tem um monte de pequenas distribuidoras cobrindo este espaço, como a Zâmbia que nos distribui.

Outro aspecto relevante é a valorização do negro e da periferia, quesitos altamente desejáveis – às vezes até fundamentais – para quem deseje ser um rapper. Portanto, dentro da instituição, faz-se o que se deseja que aconteça no meio social mais amplo, isto é, dentro da instituição rap nacional, é valorizado ser negro e ter nascido na periferia.

Também o cultivo da família, que é pregado nos raps dessa formação discursiva, aparece nas práticas do rap nacional. Todos os oito grupos que se apresentaram antes dos Racionais MCs, em show no Sesc Itaquera em 26/04/2004, subiram ao palco acompanhados por seus filhos. Inclusive, no último show da noite, dos Racionais, seus filhos estavam no palco. Além da presença física, as crianças foram valorizadas em diversos momentos, como no caso do filho do rapper Cascão, do grupo “Trilha Sonora do Gueto”, que cantou um rap com seu pai. Esse rapper, inclusive, foi bastante explícito ao dizer que seu filho estava ali e ele fazia questão de levá-lo e de ensinar-lhe, desde cedo, a fazer política. Além da família “stricto sensu”, os próprios rappers se consideram uma grande família, lembremo-nos do tratamento “mano” que dedicam uns aos outros e confirmemos em enunciados como este, da música “Voz Ativa” (anexo 2, pp. 152-161)⁹⁸:

Precisamos de nós mesmos, essa é a questão
DMN, meus irmãos, descrevem com perfeição então

Gostamos de nós, brigamos por nós
Acreditarmos mais em nós, independente de que os outros façam

Outro ponto bem interessante da análise institucional que há no capítulo 5 de *Genêses* diz respeito à “foz” do discurso, isto é, às suas condições de emprego:

A enunciação não tem só ‘nascente’, ela tem também uma ‘foz’, a saber, as *condições de emprego* dos textos do discurso. Pode-se mesmo dizer que essa distinção entre nascente e foz não opõe

⁹⁸ In “Escolha seu caminho”, 1992. É importante observar a citação do grupo DMN, cujos rappers são tratados como “meus irmãos”. “Precisamos de Nós Mesmos” é título de um rap do grupo DMN.

realidades independentes: a maneira pela qual o texto é produzido e pela qual é consumido estão ligadas. (op. cit., cap. V, p. 11)

Nas práticas discursivas dos Racionais, analisar a “voz enunciativa” acrescenta elementos relevantes. Na rede de difusão desenhada pelo grupo para sua obra, estão previstos shows, bailes, radiodifusão e venda de cds e vinis, principalmente para o público da periferia. Os Racionais dizem falar “de preto pra preto”, ou “de pobre pra pobre”, embora, mesmo dentro do próprio grupo, haja posturas diferentes a esse respeito. Enquanto o posicionamento de Mano Brown aparece como o mais **radicalizado** e **auto-suficiente**, o de Edi Rock se mostra mais aberto e receptivo. Em uma entrevista à revista Raça⁹⁹, uma pergunta sobre a quem se destinaria a obra dos Racionais obteve as seguintes respostas:

RAÇA - Afinal, vocês estão querendo falar para quem, só pra quem mora na periferia de São Paulo?

BROWN - Pra periferia do Brasil todo.

EDY - Pra quem queira entender.

No mais recente disco, “Nada como um dia após o outro dia”, de 2002, na música “Na fé firmão”¹⁰⁰ (anexo 5A, p.237), Edi Rock fala sobre a voz de seu trabalho, novamente ampliando seu público alvo para além das periferias negras:

Chega mais que tem pra todos

Não sou racista, nem um tolo preconceituoso

Nesse trecho, rebatendo uma crítica muito comum que recebem, de que os Racionais discriminariam os não-negros e não-periféricos, Edi Rock diz não ser racista e que seu rap se destina a todos. No entanto, a crítica tem fundamento na própria postura, por vezes segregadora, do grupo, postura que pode ser notada na forma como aparecem nos raps, por exemplo, os jovens de classe média e alta e os traficantes (a esse respeito, conferir o capítulo II, especialmente os itens 2 e 4).

Interessante é que esses dois grupos sociais, apesar de reprovados pelos Racionais MCs, também usufruem de sua obra. Pensando no conceito de usuário, desenvolvido por Michel De Certeau (1994), podemos ver, nesses casos, a classe média e os traficantes como

⁹⁹ In entrevista com Racionais MC's na Revista Raça - Especial Som Black no. 1.

¹⁰⁰ In “Chora Agora”, “Nada como um dia após o outro dia”, 2002.

usuários da obra dos Racionais. Segundo De Certeau, o usuário não é passivo, e sim criativo. Transita por entre as brechas que o consumo previsto pelas instituições lhe deixa, recriando sentidos e modos de utilização dos “produtos”. Nesse sentido, os jovens de classe média, desde que compartilhem ao menos parte da crítica social do rap, conseguem ouvir os Racionais sem se ofender, considerando-se como, de alguma forma, aliados na luta por uma sociedade mais justa. Também os traficantes da periferia conseguem ouvir os Racionais, se identificar e se ver ali representados, desde que ignorem – ou dêem pouca importância a – a lição de moral que subjaz às narrativas sobre o mundo do crime.

Dois enunciados podem ilustrar a consciência que os Racionais têm desse consumo de sua obra que escapa ao previsto. Na música “Negro Drama”¹⁰¹ (anexo 5A, p.228), Mano Brown se regozija com o fato de um homem rico ter que “engoli-lo” tocando no rádio do quarto de seu filho adolescente. Uma análise deste riquíssimo trecho pode ser vista no capítulo II (pp.42 e 43). Já no rap “Mágico de Oz”¹⁰² (anexo 4, p.211), Edi Rock, narrando uma cena com traficantes, a fim de mostrar os malefícios que o tráfico fez em um garoto que é o personagem-protagonista nesse rap, conta que, no aparelho de som do carro do traficante tocava “Homem na estrada”¹⁰³ (anexo 3, p.167), cuja letra conta a história de um ex-presidiário que tenta e não consegue escapar do “sistema” e é forçado a reincidir no crime, o que o leva à morte. É relevante lembrar o conceito de “escudo ético” (ver cap. II, p.37), muito presente em “Homem na estrada”, e que pode explicar o fato de os traficantes serem usuários desse rap. O trecho diz:

Rock- Um dia ele viu a malandragem com o bolso cheio
Pagando a rodada, risada e vagabunda no meio

A impressão que dá é que ninguém pode parar
Um carro importado, som no talo

“Homem Na Estrada”, eles gostam

Sample- Não confia na polícia, raça do caralho¹⁰⁴

Rock- Só bagaceira só, o dia inteiro só
Como ganham dinheiro vendendo pedra e pó

¹⁰¹ In “Chora Agora”, “Nada como um dia após o outro dia”, 2002.

¹⁰² In “Sobrevivendo no Inferno”, 1997.

¹⁰³ In “Raio X do Brasil”, 1993. Trata-se do mesmo rap que quase levou os Racionais à prisão em 1994, ver nota 92 deste capítulo. Esse fato ajuda a compreender o sucesso desse rap entre os traficantes.

¹⁰⁴ Verso sampleado do rap “Homem na estrada”, do disco “Raio X do Brasil”, 1993. Foi esse o verso que quase levou os Racionais à prisão em 1994. Ver nota anterior a esta.

Rolex ouro no pescoço à custa de alguém
Uma gostosa do lado pagando pau pra quem

A polícia passou e fez o seu papel
Dinheiro na mão, corrupção à luz do céu

Que vida agitada, hein, gente pobre tem
Periferia tem, você conhece alguém?

Moleque novo que não passa dos doze
Já viu, viveu, mais que muito homem de hoje

Vira a esquina e pára em frente a uma vitrine
Se vê, se imagina na vida do crime

O comentário, discursivamente bastante relevante, “eles gostam” busca justificar, para quem ouve essa exortação anticrime, porque os traficantes, que estão sendo criticados, têm como trilha sonora justamente uma música dos Racionais. É como se Edí Rock dissesse “fazer o quê?, eles gostam, eu não posso controlar isso”. É interessante que o trecho escolhido de “Homem na Estrada” para ser sampleado nesse rap seja justamente o verso “Não confio na polícia, raça do caralho”, que pode perfeitamente fazer parte de uma formação discursiva que defenda o tráfico. Edí Rock demonstra, com isso, saber que a obra dos Racionais dá espaço para esse uso “não idealizado”.

Ainda nesse sentido, um fato ocorrido em um show dos Racionais em 25/09/2004, na Vila Fundão (periferia da Zona Sul de São Paulo), e contado em reportagem da Revista Carta Capital (nº. 310, de 29/09/2004), evidencia uma tentativa de controle de Mano Brown na interpretação de uma letra pelos fãs. Trata-se do rap “Eu sou 157”¹⁰⁵ (anexo 5A, p.242), em que Brown narra, em primeira pessoa, a trajetória de um ladrão, que, seguindo uma fórmula recorrente de rap-narrativa, se dá mal em um assalto. Numa determinada passagem, quando os ladrões estão planejando o que farão com o dinheiro que roubarão, dizem:

Depois só praia e maconha,
Comer todas burguesa em Fernão de Noronha

¹⁰⁵ In “Chora Agora”, “Nada como um dia após o outro dia”, 2002.

Segundo relato da revista, ao ver que os fãs “cantam com especial energia” esse trecho, vem “na hora, a intervenção” de Brown:

- Vocês não estão nessa aí não, né? A realidade é outra, vamos prestar atenção.... Nem em Malhação (novela juvenil da Rede Globo) eu acredito mais. Nem meu filho acredita. (p. 13)

Tais exemplos indicam a preocupação dos Racionais em serem entendidos em suas “verdadeiras intenções”, em explicitar e comentar seus próprios enunciados a fim de tentar garantir (ou ao menos controlar um pouco) o modo como serão ouvidos. Também evidenciam que o grupo sabe que a circulação de sua obra escapa de seu controle institucional.

2. “Uma prática intersemiótica”:

“Isso é o nome bonitinho que dão à nossa moda, a moda dos manos, dos negões, tá ligado?” (KL Jay, comentando o termo “street wear”¹⁰⁶)

O capítulo VI de *Genèses du Discours* mostra que o sistema de restrições semânticas do discurso se aplica também a um universo intersemiótico, portanto, que esse sistema não se restringe às manifestações discursivas verbais. Continua, dessa forma, a trilhar a ampliação proposta pelo capítulo precedente, que, vendo o discurso como prática, lançou a análise para além das palavras. Maingueneau diz que este capítulo é um esforço de concentração “sobre as produções de ordem não lingüística” (Maingueneau, 1984, cap. VI, p.1).

Em minha análise, conforme ressalva feita no início do item anterior, já estou considerando, desde o princípio, a obra dos Racionais como práticas discursivas, o que me levou a focar minha pesquisa, desde o capítulo I, sobre a música, a dança e as artes plásticas, por exemplo. No entanto, continua interessante haver um momento de concentrar esforços na análise de textos não lingüísticos, mesmo porque, talvez pela força do hábito, talvez pela área em que minha pesquisa se insere – Lingüística – as análises tendem a ficar centradas no material verbal.

¹⁰⁶ In “A vez da moda hiphop”, jornaldatare.com.br, consultado na Internet em 26/08/2003.

Enxergar nas práticas dos Racionais MCs elementos não verbais, e nem por isso menos sujeitos ao sistema de restrições semânticas dessa formação discursiva, não é uma tarefa difícil. Até pela própria origem e constituição do rap, a “plurissemiotividade” é aspecto constante e relevante na singularização dessa arte. O rap, desde sua origem, está ligado ao Movimento Hip Hop. Tal movimento, conforme desenvolvi no capítulo I, engloba o break – dança -, o grafite – arte plástica -, o DJ – música -, o rap – música e poesia -, e, mais recentemente reivindicado, um quinto elemento: a consciência. Em minha análise no capítulo I, procurei caracterizar o elemento “consciência” com um status diferenciado dos outros elementos. Trata-se, certamente, de algo que perpassa todas as práticas, e se assemelha bastante à competência discursiva para essa formação (talvez para muitas formações discursivas, a palavra “consciência” seja semanticamente próxima ao que podemos analisar como competência discursiva).

Todos os quatro elementos se ligam a uma cultura urbana, de periferia das grandes cidades. Todos procuram **autovalorizar** o saber de rua que trazem, o aprendizado fora das escolas. Todos têm uma linha tênue os separando da violência e da criminalidade. Como origem do break, por exemplo, é dito que seus movimentos eram reproduções artísticas dos movimentos de guerra dos soldados no Vietnã. Do grafite, pode-se dizer que muitos de seus praticantes são ex-pichadores, o material usado (spray, muros, vagões de trem) é o mesmo nos dois casos. Do DJ e do rap, muito já foi dito nas páginas precedentes a esse respeito, da contundência das letras e da virilidade no tom de voz, por exemplo.

São quatro gêneros artísticos autorizados e incentivados dentro dessa formação discursiva, por sua história e por seu conteúdo. No entanto, o fato de haver esses quatro já aceitos não impede que outros gêneros surjam e se firmem também ligados a essa formação discursiva. É o que parece estar acontecendo com a chamada “literatura marginal”, feita por escritores como Ferréz e Paulo Lins. E talvez também com uma certa produção cinematográfica, como o filme “Rádio Favela – uma nova onda no ar”. Porém, pelos altos custos do fazer cinematográfico, é possível que sua inclusão nessa formação discursiva esbarre em algumas dificuldades.

O intercâmbio entre os elementos do Hip Hop é algo muito explícito. A música para dançar o break é o rap ou o funk, que é colocado pelo DJ nos bailes. A roupa do breaker é a mesma do rapper, do DJ e do grafiteiro, roupas largas, muitas vezes com símbolos de times

esportivos – principalmente de basquete – estadunidenses (fig.1). Não por um acaso, o basquete dos Estados Unidos é um dos lugares em que mais os negros são admirados e se destacam.



(fig.1) Da esquerda para a direita, Ice Blue, KL Jay, Mano Brown e Edi Rock, na foto da contracapa de “Nada como um dia após o outro dia”, 2002. No moletom de Blue lê-se “What’s up?”, e no de Brown há o símbolo da “University of Michigan”, instituição estadunidense que se destaca em vários esportes (foto de Klaus Mitteldorf, Robson e Marco Venício).

Comentando “a vez da moda hiphop”¹⁰⁷, a jornalista Ana Carolina Soares escreve o seguinte:

Na moda mano, a original, as camisetas custam em torno de R\$ 15 e parecem fazer as vezes de panfletos da periferia: cheias de mensagens, como “Bom dia Capão! Bom dia Vietnã!” ou “Poder para o Povo Preto”.

Todas as peças são larguíssimas (“tem que ser confortável para pegar o ônibus e andar de skate, meu”, diz Negro Antônio), o boné é quase indispensável e correntes de metais no pescoço ou penduradas entre o bolso e o cinto funcionam como acessórios.

Na moda mano, a da butique, a diferença fica por conta das estampas que pegam mais leve nas mensagens, em geral, mas carregam no humor, como o “Poquemonga” da grife Cavaleira. Em algumas camisetas, aparece o “chute aos cachorros mortos”, como “Fuck the Police” e “Fuck the Backstreet Boys”.

Na nova linha de Ice Blue, por exemplo, que será vendida nas butiques, nada dos protestos de suas músicas: apenas estampas com o nome do rapper, em um estilo inspirado nos guetos americanos.

“Tem uma história de que as calças folgadas amarradas com barbantes vieram dos presos de Los Angeles. Ao saírem do cárcere, eles mantinham as mesmas vestes por falta de grana. Dizem que a comunidade, por encará-los como heróis, passava a vestir-se como os ex-presidiários”, diz Alberto

¹⁰⁷ In “A vez da moda hiphop”, jomaldatarde.com.br, consultado na Internet em 26/08/2003.

"Turco Loco" Hiar, 36, proprietário da K2, confecção responsável pelas marcas Cavaleira, Viron e AVB, esta última a mais popular e também a mais próspera do grupo.

A jornalista destaca as diferenças entre a "moda mano" vendida para os manos e sua extensão vendida em butiques. No primeiro caso, são roupas baratas e trazem palavras de ordem, "parecem fazer as vezes de panfletos da periferia". No segundo caso, as "estampas pegam mais leve nas mensagens", sendo que o único protesto que cabe é o "chute aos cachorros mortos": a polícia e o grupo musical altamente comercial Backstreet Boys.

Com relação às roupas serem largas, é interessante notar a diferença na explicação dada pelo periférico Negro Antão, identificado anteriormente na reportagem como um rapper que observava a vitrine, mas alegara não ter dinheiro para comprar a roupa, e Alberto "Turco Louco", conhecido empresário de São Paulo. Para Antão, o motivo do corte largo é a praticidade, se relaciona ao cotidiano das pessoas da periferia, que andam de ônibus e skate. Para "Turco Louco", a explicação é histórica e não deixa de ter seu glamour, remete aos ex-presidiários estadunidenses, considerados heróis em suas comunidades.

Nas capas e encartes dos discos dos Racionais, a arte plástica mais constante é a fotografia, na maior parte das vezes dos próprios rappers, o que é influenciado pela operação semântica de **autovalorização**. Também pela de **radicalização**, uma vez que a obra dos Racionais pretende retratar a realidade das ruas, com todas as suas características. Nesse sentido de retratar a realidade, há, dentre as capas e os encartes, várias fotos de pessoas segurando armas, dentre essas pessoas, os próprios rappers. Podemos ver essa imagem como, além de uma alusão à criminalidade, a visualização de uma metáfora bastante usada nas letras do grupo: a de que o rap é uma arma contra a acomodação, as palavras são tiros de consciência.

Em seu primeiro L.P., "Holocausto Urbano" (1990), a capa (fig. 2) e a contracapa apenas apresentam três fotos (uma grande na capa e duas pequenas na contracapa) dos quatro rappers em um cenário de periferia, paredes descascadas e pichadas e um portão atrás. Em uma das fotos da contracapa, ainda vemos ao longe três pessoas em um ponto de ônibus, caracterizando o cotidiano da população pobre de São Paulo. Os três MCs estão

vestidos inteiramente de preto – “eu visto preto por dentro e por fora”¹⁰⁸ – e KL Jay está de calça preta e camisa branca com símbolo de marca esportiva (Adidas). Mano Brown usa uma corrente dourada com um crucifixo, Edi Rock usa um broche com o mapa da África e Ice Blue usa agasalho e boné de times de basquete estadunidense. Sendo assim, o material gráfico – que, pela escassez de recursos, é composto por somente a capa e contracapa do disco – está totalmente sob as duas operações básicas desse sistema de restrições semânticas: a **radicalização** e a **autovalorização**, e nele aparecem os dois temas principais dessa formação discursiva: a periferia e a raça negra.

Os quatro rappers são negros da periferia, as fotos valorizam isso. Estão vestidos de preto, com símbolos de negros estadunidenses ligados ao esporte, da África e de Jesus Cristo.



(fig. 2) Capa de “Holocausto Urbano”, 1990 (foto sem crédito).

Em seu segundo trabalho, o mix¹⁰⁹ “Escolha seu Caminho” (1992), o material gráfico continua reduzido à foto na capa (fig. 3).e contra-capa (fig. 4). Dessa vez, a capa apresenta os quatro rappers em situação de tráfico e consumo de drogas, isto é, apresenta o caminho a não ser escolhido. As roupas que os quatro usam são coloridas, diferentemente

¹⁰⁸ Verso do rap “Negro Drama” (anexo 5A, p.245), in “Chora Agora”, “Nada como um dia após o outro dia”, 2002.

¹⁰⁹ Chama-se de mix porque nele só há duas faixas diferentes, “Voz Ativa” e “Negro Limitado”. Letras no anexo 2.

da sobriedade dos tons escuros usados nas fotos de “Holocausto Urbano”. Reforçando a idéia de que aquele é o caminho a ser rejeitado, há uma mensagem em um pequeno quadro no canto inferior direito: “Diga não a violência e as drogas”. A capa está de acordo com a operação de **radicalização**, de mostrar, cruamente, a realidade da periferia.

Ao virarmos o L.P. e analisarmos a contracapa, aparece o “caminho certo a ser escolhido”. Os quatro rappers estão sentados em uma mesa de biblioteca, lendo e escrevendo. Alguns dos livros que podemos identificar são: “História Geral da África” e “O Inimigo Público”. Vestem roupas escuras e bonés de times esportivos estadunidenses, isto é, estão com as roupas valorizadas pela formação discursiva. A postura é séria e concentrada. O tom buscado, também na imagem, é o de sapiência através da cultura letrada, presente na fase inicial da obra dos Racionais (a esse respeito, ver capítulo IV, item 4).



(fig. 3) Capa de “Escolha seu Caminho”, 1992 (foto J.T.S. Produções e Publicidade/Jaime Lopes; design e diagramação “by DJ Vlad”).

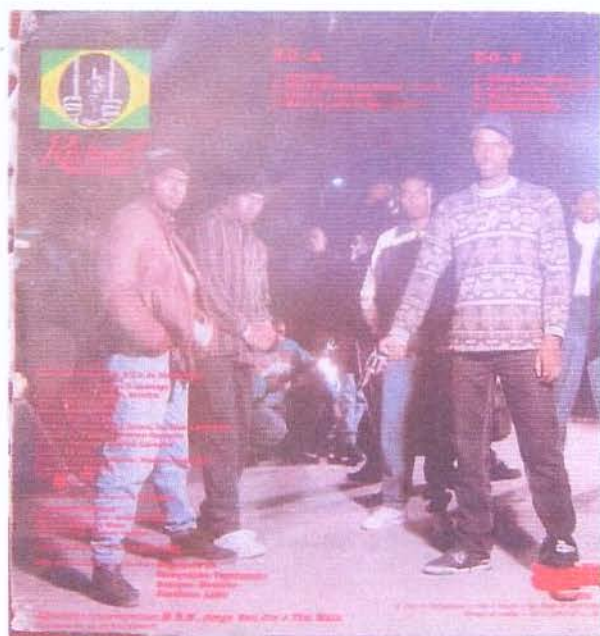


(fig. 4) Contracapa de “Escolha seu caminho”, 1992
(mesmos créditos da fig. 3)

Já o terceiro trabalho e segundo L.P., “Raio X do Brasil” (1993), que foi o responsável por projetar os Racionais para um grande público, tem em sua capa (fig. 5) uma foto de cela de cadeia, com presidiários amontoados com seus olhos cobertos por tarjas pretas (evitando o reconhecimento). Como o nome do disco diz, trata-se de um “Raio X do Brasil”, de um disco de denúncia **radical** da situação de desigualdade social e marginalidade. Na contracapa (fig.6), há uma foto dos quatro rappers em uma rua escura (à noite) e fria (de casacos e gorros). Típica noite de inverno paulistana. Os quatro olham para a câmera com uma feição séria – a de Brown chega a ser ameaçadora – e Ice Blue empunha um revólver.



(fig. 5) Capa de “Raio X do Brasil”, 1993 (foto Carlos Mancini, capa by DJ Vlad Design).

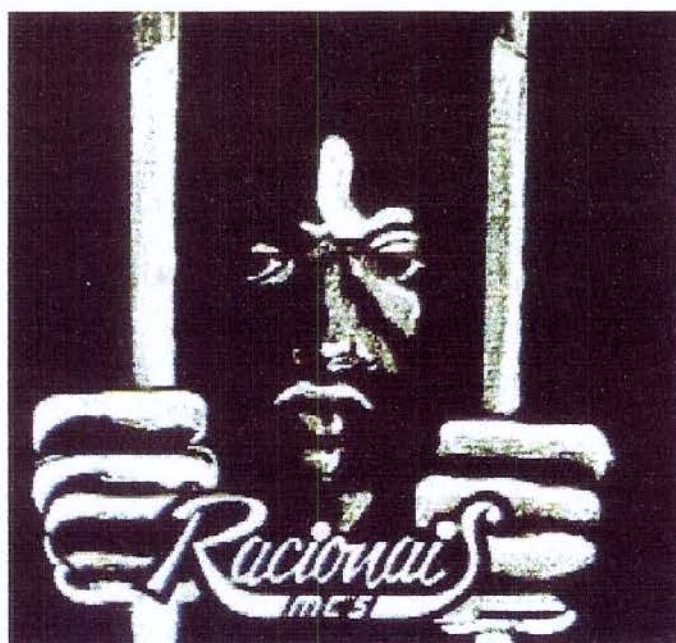


(fig. 6) Contracapa de “Raio X do Brasil”, 1993 (mesmos créditos da fig.5)

Em 1994, ano seguinte ao do lançamento de “Raio X do Brasil”, os Racionais lançam um disco de coletânea dos maiores sucessos dos três trabalhos anteriores. Esse disco, que o grupo considera “coisa da gravadora”, e explica que “a gente não lançaria um CD com todas as músicas junto, são três fases diferentes”¹¹⁰, trazia em sua capa um

¹¹⁰ In Entrevista com Racionais MC's - Raça Especial Som Black no. 1. O trecho todo é o seguinte:

desenho e não uma foto. Talvez porque não se responsabilizem tanto por esse lançamento, os quatro rappers não estão “retratados” nesse disco, em cuja capa (fig. 7) há um homem negro atrás das grades de uma cadeia. Essa imagem funcionara como logotipo dos Racionais em detalhe da capa e contracapa de “Raio X do Brasil”, no entanto, nessa ocasião, aparecera colorida, compondo uma bandeira do Brasil (ver fig. 5, detalhe central embaixo; fig. 6, canto superior esquerdo), como se o “raio x do Brasil” revelasse um homem negro oprimido, enclausurado. Esse é o primeiro trabalho lançado, desde sua tiragem inicial, em CD, indicando uma possível ampliação de público (a esse respeito, ver cap. I, item 3). Também é o primeiro a ter um encarte, que contém um texto explicativo do que são os Racionais MCs e fotos das capas dos três discos anteriores.



(fig. 7) Capa da coletânea de 1994 (desenho de Edmilson).

O quarto trabalho, o recordista de vendas “Sobrevivendo no Inferno” (1997), marca uma profissionalização na produção, o que atinge o encarte, que tem criação e direção de arte de Marcos Marques. A capa (fig. 8) apresenta um desenho de uma cruz e uma epígrafe

“RAÇA - Já são oito anos e são quatro discos, é isso?”

EDY - Não, são dois LPs e um mix, agora sai o quarto, SOBREVIVENDO NO INFERNO.

RAÇA - Mas tem um CD coletânea também.

EDY - Isso aí é coisa da gravadora.

BROWN - A gente não lançaria um CD com todas as músicas junto, são três fases diferentes. A gravadora vê o lado comercial da parada.”

retirada do salmo 23, cap. 3, da Bíblia: “Refrigere minha alma e guia-me pelo caminho da justiça”. É interessante ressaltar que tal salmo será citado no rap de maior sucesso desse disco (talvez de toda a carreira dos Racionais até agora), o “Diário de um Detento” (anexo 4, 197)¹¹¹. Na contracapa, uma foto de um homem negro de camisa preta de costas, segurando um revólver, e outra passagem do salmo 23, o cap. 4: “e mesmo que eu ande no Vale da sombra e da morte não temerei mal algum porque tu estás comigo”.



(fig. 8) Capa de “Sobrevivendo no Inferno”, 1997 (criação e direção de arte Marcos Marques).

No encarte, de 20 páginas (incluindo a capa), muitas fotos feitas pelo fotógrafo Klaus Mitteldorf. Fotos, em sua maioria, dos próprios rappers em seu dia-a-dia, retomando, de alguma forma, a autovalorização das primeiras capas. Também fotos da periferia, suas paisagens de casas amontoadas e seus habitantes, apenas homens ou crianças, vestidos com roupas largas que remetem a esporte – times de futebol paulistas ou times de basquete estadunidenses. Em algumas fotos aparecem armas, em outras, símbolos religiosos. Cada integrante dos Racionais ganha duas páginas de uso exclusivo, com uma foto em close, espaço para seus agradecimentos e uma epígrafe, retirada da Bíblia ou de versos dos raps desse disco. Nas duas páginas dedicadas a Mano Brown (fig.9), por exemplo, a epígrafe

¹¹¹ O trecho do rap em que aparece o Salmo 23 é:
“O Senhor é meu pastor, perdoe o que seu filho fez
Morreu de brucos no Salmo 23”.

vezes remetendo ao esporte. Muitas fotos têm crianças (fig. 11) e muitas têm outros “manos”, as fotos são sempre ambientadas na periferia.



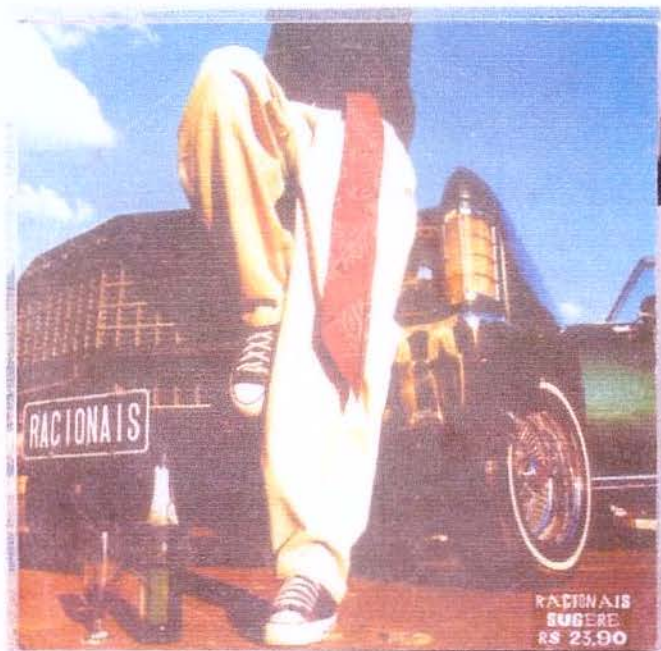
(fig. 10) Foto do encarte de “Nada como um dia após o outro dia”, 2002. Manos na frente de grafite com imagem de um homem negro – semelhante a Jorge Ben Jor (Fotógrafos Klaus Mitteldorf, Robson e Marco Vêncio).



(fig. 11) Foto do encarte de “Nada como um dia após o outro dia”, 2002, a qual valoriza as crianças. Uma “escadinha” de crianças pensativas – racionais? – evolui até o rapper Mano Brown. Seguindo tradição “masculina” do rap, há apenas uma menina (talvez a filha de Brown, segunda na escadinha).

Como diferença dos encartes anteriores – e retomando a capa de “Holocausto Urbano” -, não há nenhuma arma retratada. Ainda como diferença, aparece num registro

positivo – diferentemente de na capa de “Escolha seu caminho” - garrafas e taças de champanhe, elemento que é retomado em cinco raps de “Nada como um dia após outro dia”¹¹². A maconha também está presente em algumas fotos, mas apenas por ser o símbolo de um time de futebol retratado, O “Canabis”, da Vila Fundão. Na capa (fig. 12), um homem de calça larga e blusa preta está apoiado em um carro, que tem na placa “Racionais”, autovalorizando o grupo. No chão, uma garrafa e uma taça de champanhe. No canto esquerdo de baixo, o preço sugerido para o álbum duplo – R\$23,90 -, preço baixo, justificado por KL Jay em uma entrevista como coibente da pirataria.



(fig. 12) Capa de “Nada como um dia após o outro dia”, 2002.

A análise discursiva do material gráfico dos seis discos dos Racionais MCs (incluindo a coletânea de 1994) revelou-se bastante integrada à análise que venho fazendo de sua massa documental verbal. Procura-se, no material gráfico, assim como nas letras,

¹¹² Em “Chora Agora”, a palavra “champanhe” aparece em dois raps, “Na fé firmão” (anexo 5A, p.254) e “1 por amor, 2 por dinheiro” (anexo 5A, p.269); já em “Ri Depois”, há três raps que contêm essa palavra: “Estilo Cachorro” (anexo 5B, p.292), “Vida Loka (parte II)” (anexo 5B, p.297) e “Da ponte pra cá”(anexo 5B, p.306). O consumo de champanhe é, por vezes, associado ao “sistema”, isto é, associado a um hábito de ricos, e, por vezes, incorporado como um hábito dos próprios rappers. “Chora Agora” e “Ri Depois” são os dois CDs que compõem o álbum duplo “Nada como um dia após o outro dia”, 2002.

músicas e funcionamento institucional do grupo, fortalecer os valores da periferia e da raça negra, através da **radicalização** na priorização desses temas e da denúncia do "sistema".

3. "Um esquema de correspondência":

"Não é uma questão de escolha, é que nem no ar que você respira"

(Mano Brown, em entrevista à Revista Rapa -

Especial Som Black n. 1, ao falar sobre o rap ser um gênero político)

No último capítulo de *Genèses*, a hipótese trabalhada sob o nome de "um esquema de correspondência" é a de que os discursos são inscritos sócio-historicamente e essa inscrição passa pelo sistema de restrições semânticas de cada formação discursiva. Maingueneau afirma a dificuldade que se tem, em ciências humanas, de trabalhar o conceito de ideologia, dificuldade esta que aparece também quando se tenta articular a prática discursiva a uma formação social.

Quando se trata de "discursos abstratos", que é como Maingueneau (op. cit., cap. VII, p. 2) classifica as produções "literárias, filosóficas, religiosas, musicais, etc.", um cuidado extra é necessário, pois há dois riscos: ou o de considerar essas produções acima de qualquer ligação sócio-histórica ou o de, para analisar esse tipo de obra, reduzi-la ao seu "conteúdo ideológico", abstenendo-se de apreender a singularidade de cada tipo de texto em sua estrutura.

Tais cuidados são bastante relevantes para minha pesquisa. De um lado, não posso considerar que os Racionais, por ser um grupo artístico, não possam ser analisados em sua dimensão discursiva. Por outro lado, não posso reduzi-los a um conjunto de "palavras de ordem", o que tenho procurado fazer, seguindo a orientação teórica de Maingueneau, e analisar as práticas discursivas do grupo sem esquecer o campo discursivo no qual se insere (a arte). Essa via de análise continuará nesse item, pois acredito que "evita-se, assim, distinguir dois tipos de constituintes nos textos: os que seriam ligados a um contexto sócio-histórico definido e os que, de certa forma, o transcenderiam. Ao invés de refletir sobre as unidades superficiais de interpretação evidente ou obscura, opera-se diretamente no nível das articulações fundamentais que as tornam possíveis" (op. cit., cap. VII, p. 4)

Bakhtin, citado por Maingueneau neste capítulo como um pensador que teve um de seus pontos centrais de preocupação na ultrapassagem da dicotomia entre o “formalismo” e o “ideologismo”, tem um texto importante a respeito da ideologia na arte (BAKHTIN / VOLOSHINOV¹¹³, 1926). Esse artigo, traduzido sob o nome “Discurso na vida e discurso na arte”, tem o revelador sub-título entre parênteses “sobre poética sociológica”. Suas considerações caminham para uma opção de análise que veja a arte em sua singularidade, e, ao mesmo tempo, não ignore sua inscrição sócio-histórica, o que fica claro no seguinte trecho:

O que caracteriza a comunicação estética é o fato de que ela é totalmente absorvida na criação de uma obra de arte, e nas suas contínuas re-criações por meio da co-criação dos contempladores, e não requer nenhum tipo de objetivação. Mas, desnecessário dizer, esta forma única de comunicação não existe isoladamente, ela participa do fluxo unitário da vida social, ela reflete a base econômica comum, e ela se envolve em interação e troca com outras formas de comunicação. (op. cit., p. 3, grifos do (s?) autor (es?))

O rap, e o movimento Hip Hop como um todo, está ligado a um contexto urbano, de periferia de grandes cidades. Seu surgimento se deu em Nova Iorque e, no Brasil, sua expansão está bastante vinculada à cidade de São Paulo. Nessas grandes cidades, ao mesmo tempo em que há emergências culturais diversas, acompanhando a diversidade populacional, há, principalmente desde a globalização, um esforço padronizador, que busca calar o diferente.

Os conflitos sociais e étnicos são muito marcantes e claros nessas grandes cidades, e as formas políticas e culturais de reivindicação ganham força. Conforme analisa Tella (2000), o rap se insere em um grupo de músicas afro-americanas contestatórias, que tem como algumas outras manifestações o spiritual, o blues e o jazz.

Ainda de acordo com esse autor, a chegada do rap ao Brasil está fortemente ligada à internacionalização de símbolos da cultura negra, coisa que é bastante facilitada pelos

¹¹³ Não entrarei, aqui, na discussão sobre a verdadeira autoria das obras do Círculo de Bakhtin, se todas têm a participação ou são de autoria exclusiva de Mikhail Bakhtin ou se devemos considerar Voloshinov e Medvedev como autores exclusivos das obras por eles assinadas. Tal questão é objeto de controvérsias, a meu ver, relevantes e interessantes. A esse respeito, ver FARACO (2003). Em minhas citações e referências bibliográficas, utilizarei a notação mais comum, que dá co-autoria ou autoria exclusiva a Bakhtin em todas as obras do Círculo. Essa opção se deve à minha falta de conhecimento mais profundo sobre o assunto.

meios de comunicação de massa, que veiculam músicas, videocliques, discos, roupas e acessórios da cultura Hip Hop desde a década de 1980.

Apesar dessa internacionalização, a forma com que o rap se desenvolveu no Brasil é diferente da estadunidense. Uma breve comparação entre o rap atual de nosso país e dos EUA pode revelar aspectos importantes. Nos EUA, o rap é um gênero musical que movimenta muito dinheiro e que influencia quase todos os outros. Um dos sub-gêneros mais praticados lá é o “gangsta” – de “gangster” –, que exalta a criminalidade, o consumismo, o machismo e a violência em geral. Aqui no Brasil, embora na obra de alguns grupos haja momentos “gangsta” e alguns outros poucos até se assumam gangsta¹¹⁴, sem dúvida, o subgênero mais praticado é o rap ligado à conscientização, isto é, o rap de reivindicação política, racial e cultural.

O DJ África Bambaataa, considerado o criador do Hip Hop por ter sido o primeiro a utilizar esse nome e a organizar festas de rap e break, em sua passagem pelo Brasil, em 1999, deu uma declaração comparativa sobre o rap atual estadunidense e brasileiro:

“Hoje gosto muito mais do hip hop do Brasil do que do hip hop dos Estados Unidos, do mesmo jeito que gosto mais do hip hop de Paris, da Alemanha, da África do Sul ou da Ásia, porque são expressões verdadeiras.” E aproveitou para criticar o rap feito nos Estados Unidos, que, segundo ele, se afastou de suas origens reivindicativas e libertárias. (Rocha et al, 2001, pp. 125, 126)

Pensando em um esquema de correspondência entre a prática discursiva e a formação social, destaca-se o fato de, no Brasil, o rap ter seguido mais à risca os princípios contestatórios raciais e sociais do movimento do que nos próprios EUA, berço do Hip Hop. Uma explicação pode ser o tamanho das dificuldades por que passa o povo pobre brasileiro e a mais profunda desigualdade econômica do Brasil.

Outra hipótese seria ligada ao estágio do movimento negro nos dois países. Nos EUA, o movimento Hip Hop reivindicatório surge no final da década de 1960, momento em que aquele país tomava uma série de medidas anti-racistas e implantava uma política de

¹¹⁴ Em Rocha et al (2001), há um capítulo sobre o “gangsta rap” brasileiro (pp. 65 a 70), tecendo considerações acerca desse subgênero, que existiria somente no Distrito Federal e estaria, paulatinamente, perdendo forças por conta de oposição dentro do próprio movimento Hip Hop. Thaíde e DJ Hum, por exemplo, pioneiros do rap político no Brasil (ver cap. 1, item 2), consideram “que o Gangsta Rap foi uma moda criada pela mídia americana mas não se encaixa no Hip Hop porque não traz nada de positivo” (in Bate-papo no site do Universo On Line (UOL), em 08/12/1997).

ação afirmativa. Com isso, foi se criando uma classe média negra estadunidense, o que pode, de certa forma, ter contribuído para uma amenização do conteúdo político no discurso do Hip Hop. Aqui no Brasil, o rap chegou na década de 1980, ganhando força nas décadas de 1990 e 2000. Trata-se justamente do momento histórico em que a opinião pública de nosso país começa a assumir que não somos uma democracia racial, isto é, que aqui há racismo. Não que o movimento negro já não fizesse essas denúncias há mais tempo, mas só nos últimos quinze anos é que os meios de comunicação e as políticas governamentais passaram a priorizar a questão racial.

Hoje em dia, muitos partidos políticos, prefeituras, governos estaduais e o governo federal têm uma Secretaria de Igualdade Racial ou algum órgão equivalente. Também cada vez mais cidades decretam feriado e promovem ações no dia 20 de novembro, “Dia da Consciência Negra”, morte de Zumbi dos Palmares. Várias universidades começam a implantar políticas afirmativas, sob o incentivo e aprovação do Ministério da Educação. O discurso de denúncia racial e social dos Racionais – e de grande parte do rap nacional – alimenta e é alimentado pela valorização das bandeiras de luta de outros movimentos reivindicatórios organizados. Essa ligação entre os Racionais e o movimento negro é histórica e reconhecida, por exemplo, por Sueli Carneiro, diretora da ONG Geladés - Instituto da Mulher Negra, militante muito ativa da causa racial:

Mano Brown é um monumento da causa negra no Brasil, um porta-voz muito qualificado da causa negra. Naquele contexto [quando falava sobre o pagodeiro Netinho¹¹⁵, do Negritude Jr] não me referi ao Mano Brown porque ele representa justamente um nível de consciência racial muito mais avançado, mais radicalizado.¹¹⁶

Conciliar as ações afirmativas, defendidas pela maioria do movimento negro, com a operação de **autovalorização** da formação discursiva dos Racionais leva a enunciados interessantes, como o proferido por Mano Brown em show dos Racionais no Sesc Itaquera em 26/04/2004. Nessa ocasião, o rapper, falando para seu público sobre a diáspora que a escravidão impôs aos negros africanos, esbravejou contra os brancos que reclamam do sistema de cotas nas universidades. Disse que esses brancos tinham que se dar por

¹¹⁵ Uma breve análise sobre a relação entre Brown e Netinho foi feita no capítulo II, pp.57 e 58, momento em que também ficou caracterizado um maior radicalismo político daquele com relação a este.

¹¹⁶ In entrevista à Revista Caros Amigos, ano III, n. 35, fev. 2000.

contentes por estarem vivos, pois, se os negros fossem realmente requerer o que é de justiça, os brancos seriam mortos. A operação de **autovalorização** está presente nesse enunciado, ao ver as cotas não como uma “esmola”, mas como o pagamento de uma pequena parcela de uma dívida. A **radicalização** também opera, ao se aventar a hipótese de uma vingança violenta.

Há semelhanças entre essa postura de ameaça, de perda de paciência, dos Racionais e de outros movimentos reivindicatórios atuais bastante importantes no Brasil, como o MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra). As ações do MST que não têm respaldo legal são justificadas pelo movimento como uma pressão inevitável, motivada pela lentidão com que anda a justiça social no Brasil. A Senadora Heloísa Helena (Partido Socialismo e Liberdade – AL), ao falar sobre o MST a um grupo de alunos de uma escola de Campinas - SP¹¹⁷, citou a opinião de um dos líderes desse movimento, João Pedro Stédile, segundo a qual “para acabar com o MST, é só fazer a Reforma Agrária”. E complementou dizendo:

Eu sei que, em alguns momentos, os métodos [do MST] não são considerados muito respeitosos do ponto de vista da legislação (...), mas, como a política econômica brasileira é muito atrasada, muito conservadora, a Reforma Agrária virou uma bandeira da esquerda, porém, historicamente, é uma bandeira da burguesia europeia. (...) O MST, o MLST, o MT existem em função da incompetência do governo federal de fazer a Reforma Agrária, de cumprir com o que está na Constituição.¹¹⁸

Enunciados parecidos têm surgido no rap nacional, por exemplo quando, em tom de ameaça, Edí Rock canta:

Enquanto isso, playboy folgado anda assustado
Deve estar pagando algum erro do passado

¹¹⁷ Entrevista realizada pelos alunos da 1ª Série do Ensino Médio da Escola Comunitária de Campinas com a Senadora Heloísa Helena, na época do PT – AL, em Brasília em 07/06/2001. Os alunos que cursam essa série têm ido, há cinco anos, a Brasília realizar um Estudo do Meio. Cabe a mim, professora de Português, prepará-los para entrevistarem os políticos com quem conversam e, posteriormente, analisar com eles as entrevistas feitas.

¹¹⁸ A entrevista toda é discursivamente bem interessante. Embora não caiba, aqui, uma análise mais detalhada, cito um exemplo do que trabalhei com os alunos. A senadora demonstra estar ciente da heterogeneidade discursiva entre si e seus entrevistadores, por serem jovens urbanos de classe média-alta e pela maneira com que formularam a pergunta: “A senhora falou que ajudou na fundação do MST em seu Estado, o que a senhora acha das ações do MST?”. Heloísa Helena inicia sua fala com um contra-argumento à sua tese, antecipando a opinião que percebe em seus jovens entrevistadores, de que o MST é um movimento ilegal.

Assalto, seqüestro, é só o começo
A senzala avisou, mauricinho hoje paga o preço¹¹⁹

O próprio nome do CD duplo que contém os versos acima já é parecido, em **radicalidade e autovalorização** com esse enunciado: “Nada como um dia após o outro dia”; CD 1: “Chora Agora”; CD 2: “Ri Depois”. Isto é, quem hoje pena, amanhã terá – por bem ou por mal – o que é seu por direito. A **radicalização** está presente no tom de ameaça, e a **autovalorização** em demonstrar consciência, julgamento histórico e poder.

O rapper Cascão, do grupo “Trilha Sonora do Gueto”, que costuma se apresentar abrindo shows dos Racionais MCs, em entrevista ao site Rap Nacional, argumentou sobre a importância de as pessoas da periferia estudarem para poderem reivindicar seus direitos. Mas afirmou que, se esses direitos não forem conseguidos pacificamente, está justificada a revolução e o uso da violência por parte da periferia. O trecho completo é o seguinte:

Vou dar um exemplo, pode ver que quem mora nos Jardins tem estudo, por conseguinte sabe seus direitos e exige, vê se lá tem buraco nas ruas ou córrego a mostra, então temos que estudar e mostrar que sabemos o que é nosso por direito, aí, se eles não nos der, sou a favor da revolução, de quebrar tudo, porque aí estaremos mostrando porque estamos quebrando.¹²⁰

Além desse enunciado revolucionário, que se assemelha ao de grupos como o MST, outra característica da formação discursiva dos Racionais também tem correspondência com traços mais amplos da configuração social brasileira atual. Trata-se do tipo de capitalismo que vem se firmando no Brasil – e, certamente, em outras partes do mundo –, que busca conciliar ações do Estado com ações individuais. Na questão da criminalidade, por exemplo, os Racionais acreditam que o Estado deve ser responsabilizado, por não cumprir com suas obrigações e não proporcionar condições dignas de vida para a população. Tal posicionamento fica claro em enunciados como o seguinte:

Brown- Eu fico pensando quantas mortes, quantas tragédias em família o governo já não causou com a incompetência, com a falta de humanidade, quantas pessoas não morreram, de frustração, de desgosto, longe do pai, longe da mãe, dentro de cadeia por culpa da incompetência desses aí.

¹¹⁹ Verso de “Otus 500” (anexo 5B, p.277), in “Ri Depois”, “Nada como um dia após o outro dia”, 2002.

¹²⁰ In www.rapnacional.com.br, consultado em 31/10/2004.

Entendeu? Que fala na televisão, fala bonito, come bem, forte, gordo, viaja bastante. Tenta chamar os gringo aqui pra dentro enquanto os próprios brasileiro estão aí jogado no mundão, do jeito que o mundão vier. Sem nenhum plano traçado, sem trajetória nenhuma, vivendo a vida, só.¹²¹

Por outro lado, a responsabilização individual também acontece. O “sistema” é cruel, mas é possível ser um “preto tipo A” (esse aspecto será trabalhado no item 5 do cap. IV) e superar as agruras com muita persistência, dignidade e luta. Esse outro viés mais individual da responsabilidade aparece em enunciados como o seguinte:

Rock- É o seguinte, aí, geralmente, quando os problema aparece, a gente está desprevenido, não é não?

Errado. É você que perdeu o controle da situação, sangue bom, perdeu a capacidade de controlar os desafio. Principalmente quando a gente foge das lição que a vida coloca na nossa frente assim, está ligado. Você se acha, você se acha sempre incapaz de resolver, se acovarda, morou? O pensamento é força criadora, irmão. O amanhã é ilusório, porque ainda não existe. O hoje é real, é a realidade que você pode interferir. As oportunidade de mudança está no presente. Não espere o futuro mudar sua vida, porque o futuro será consequência do presente: parasita hoje, um coitado amanhã; corrida hoje, vitória amanhã. Nunca esqueça disso, irmão.¹²²

No entanto, é importante distinguir essa responsabilização individual com a ideologia conhecida como a do “self-made man”. Diferentemente desta, naquela a mobilização individual que acontece não leva as pessoas a pensarem somente em sua vitória pessoal, e sim a lutarem por seus direitos e pelos da coletividade. Essa conciliação de responsabilização do governo e dos indivíduos pela miséria está didaticamente explicada no rap seguinte¹²³, em que, nas duas primeiras estrofes e no refrão, o “sistema” é apresentado como um “beco sem saída” que leva à miséria. A partir das estrofes após o refrão, chama-se para a ação individualmente, argumentando-se que a postura passiva individual leva à prevalência do “sistema”:

Rock- A esperança é a primeira que morre
E sobrevive a cada dia a certeza da eterna miséria

¹²¹ In “12 de outubro” (anexo 5A, p.258), “Chora Agora”, “Nada como um dia após o outro dia”, 2002.

¹²² Trecho final de “A vida é desafio” (anexo 5A, p.264), in “Chora Agora”, “Nada como um dia após o outro dia”, 2002.

¹²³ O trecho é do rap “Beco sem saída” (anexo 1, p.134), in “Holocausto Urbano”, 1990. O tom didático, conforme analisado nos capítulos anteriores, era uma das características dos primeiro raps dos Racionais.

O que se espera de um país decadente
Onde o sistema é duro, cruel, intransigente?

Refrão- Beco sem saída!
Beco sem saída!
Beco sem saída!
Beco sem saída!

Rock- Mas muitos não progridem na verdade porque assim querem
Ficam inertes, não se movem, não se mexem

Sabem por que se sujeitaram a essa situação?
Não pergunte pra mim, tire você a conclusão

Talvez a base disso tudo esteja em vocês mesmos
E a consequência é o descrédito de nós negros

Por culpa de você, que não se valoriza
Eu digo a verdade, você me ironiza

A conclusão da sociedade é a mesma
Que, com frieza, não analisa, generaliza

E só critica, o quadro não se altera e você
Ainda espera que o dia de amanhã será bem melhor

Você é manipulado, se finge de cego
Agir desse modo, acha que é o mais certo

Fica perdida a pergunta, de quem é a culpa:
Do poder, da mídia, minha ou sua?

Esse posicionamento de responsabilidade mista encontra correspondência em muitas ações sociais atuais, por exemplo, na proliferação de ONGs ou nos cursos visando empregabilidade promovidos por Centrais Sindicais. Ao propor ações desse tipo, os sindicatos estão considerando que o desemprego é estrutural, mas que também há empregos que ficam desocupados por falta de qualificação dos trabalhadores, o que pode se resolver com empenho pessoal em voltar a estudar. Podemos encontrar postura parecida por parte do presidente Luís Inácio Lula da Silva em recente pronunciamento no lançamento da campanha "O melhor do Brasil é o brasileiro". Nesse discurso, o presidente citou o exemplo de sua família, dizendo que sua mãe criou oito filhos e três sobrinhos, vivendo em estado de miséria, e que, mesmo assim, nenhum dos onze é marginal. Buscava, com essa declaração – talvez com a própria campanha em geral –, dividir as responsabilidades pela

miséria – no caso mais específico, pela criminalidade - entre governo, família e indivíduo. O trecho é longo, mas bastante fértil para a análise comparativa que estou propondo¹²⁴:

Quando eu vim de Pernambuco, depois de Santos, eu fui morar na Vila Carioca, aqui em São Paulo, e eu morava num quarto e cozinha com oito irmãos e mais dois primos. Ao todo, nós éramos em 13 pessoas que moravam num quarto e cozinha, onde o banheiro era utilizado pelos fregueses do bar e era lá que a gente tinha que tomar banho. Passávamos muita necessidade.

Entretanto, eu fico me perguntando como é que pode a minha mãe criar oito filhos e mais três sobrinhos. E todos virarem trabalhadores e ninguém cair na bandidagem, na criminalidade, ninguém foi para o caminho errado. Era porque no fundo, pobreza – a razão pela qual as pessoas se desviam do seu caminho – muitas vezes, é a própria relação dentro de casa. Muitos pais, e vou dizer muitos de nós, para não tirar o nome do Presidente da questão, muitas vezes nós não nos perguntamos quantas vezes conversamos por dia, por semana ou por mês, com os nossos filhos. Quantas vezes nós passamos meses sem perguntar para ele alguma coisa? Ou seja, como a nossa vida está resolvida, nós achamos que a vida deles também está resolvida.

Eu acho que uma campanha como esta pode mexer com valores que, na minha opinião, são tão importantes quanto o econômico. Pode mexer com a questão da estrutura da família porque no Brasil se criou o hábito de achar que o Estado pode resolver tudo. Mas o Estado pode resolver uma parte dos problemas ou pode ser indutor e resolver parte dos problemas.

No Brasil, historicamente, o Estado criou muitos problemas. Mas uma outra parte é a sociedade que tem que resolver, sobretudo, a família. Quando vejo notícias nos jornais de crianças da Febem, crianças que fogem, crianças violentas, fugas na Febem, eu fico me perguntando com que autoridade o Estado tenta substituir a família de um menor. Como é que pode o Estado querer recuperar aquela criança fora do seio da família, porque o problema pode estar na família desestruturada, no pai que bebe, na mãe, na violência dentro de casa. Afinal de contas, todas as pesquisas mostram que grande parte da violência acontece dentro de casa, praticada por maridos, por ex-maridos, por namorados, ou seja, é uma coisa muito difícil de ser resolvida se a gente ficar achando que as questões são apenas econômicas.

Ao traçar esse esquema de correspondência, procurei deixar claro, concordando com Maingueneau, que “em todas as circunstâncias, não é possível dizer não importa o quê, não importa como e não importa em qual lugar e que essas coordenadas definem uma identidade enunciativa” (op. cit, cap. VII, p. 14).

¹²⁴ Trecho do discurso do presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de lançamento da campanha “O melhor do Brasil é o brasileiro”. São Paulo-SP, 19 de julho de 2004, consultado em http://www.radiobras.gov.br/integra/04/integra_190704_1.htm.

CAPÍTULO IV

A construção do ethos dos Racionais MCs

“Meu modo
Meu ponto de vista”¹²⁵

Introdução: A pertinência da noção de ethos na análise sobre os Racionais MCs:

O rap é uma forma artística fortemente marcada pela relação com suas condições de produção. Para ser considerado um rap legítimo, é condição necessária, mas não suficiente, ter as características formais do gênero. Além disso, é preciso mais. É preciso que o texto saia da boca de quem tem o direito, de acordo com a comunidade discursiva, de proferi-lo.

Maingueneau (2001) considera que “*não podemos dissociar a organização dos conteúdos e a legitimação da cena de fala*” (pág. 99, destacado em itálico pelo autor), portanto, todos os elementos que envolvem a cena discursiva são importantes discursivamente. Dentre esses elementos, o autor trabalha, na análise do discurso, com uma redefinição da noção de ethos da retórica tradicional, como aquilo que o orador revela sobre si mesmo quando enuncia **o que enuncia da forma como enuncia**. Como componentes desse ethos, Maingueneau inclui o “caráter” e a “corporalidade”:

O ‘caráter’ corresponde a uma gama de traços psicológicos. Já a ‘corporalidade’ corresponde a uma compleição corporal, mas também a uma maneira de se vestir e de se movimentar no espaço social. (MAINGUENEAU, 2001, p. 98)

Claramente se delineou para mim, na aproximação como analista do discurso dos Racionais, o papel central que tem o ethos discursivo. A roupa, a dança, os gestos, o tom de voz, o volume com que cantam, o falar sobre o proceder correto do rapper, a própria classificação de si como um missionário, um conscientizador. São vários os elementos que demonstram que, para ser sujeito desse discurso, é preciso ser de determinada maneira, ter algumas características.

¹²⁵ Scratch inicial do rap “Na fé irmão” (anexo 5A, p.254), in “Chora Agora”, “Nada como um dia após o outro dia”, 2002. O tema deste rap de Edi Rock é ele mesmo.

Certamente concordo com Maingueneau quando diz que não podemos reduzir a voz do fiador do discurso, que se constrói através de vários indícios, à oralidade do indivíduo que fala; nem reduzir o corpo enunciante, que o leitor ou ouvinte compõem a partir das corporalidades valorizadas ou desvalorizadas por uma formação discursiva, ao corpo do autor efetivo. No entanto, a especificidade do rap nesses aspectos precisa ser levada em conta. A corporalidade e a voz no rap não são baseadas apenas no que o enunciatário imagina ou constrói através de indícios do texto, diferentemente do que afirma Maingueneau (2001, p. 98 e 1996, p. 80) para os textos escritos. A corporalidade do rapper se vê - nas fotos dos discos, nos shows, nas revistas e sites -, seu tom de voz se ouve em suas músicas. É importante ressaltar que raramente um rapper canta músicas de outro, como se cada letra só pudesse ser proferida pela voz de quem a compôs. Desse modo, no rap, o lugar de sujeito do discurso não é ocupado até certo ponto indiferentemente por qualquer indivíduo, conforme postula a Análise do Discurso. O “eu” de uma letra de rap é, na maioria das vezes, colado à pessoa que formulou aquele enunciado.

Em meu estudo do ethos dos Racionais, apesar de não me limitar à oralidade e ao corpo dos quatro rappers que venho estudando, levarei estes dados em conta, por serem parte importante na construção de um enunciadador típico para essas práticas discursivas.

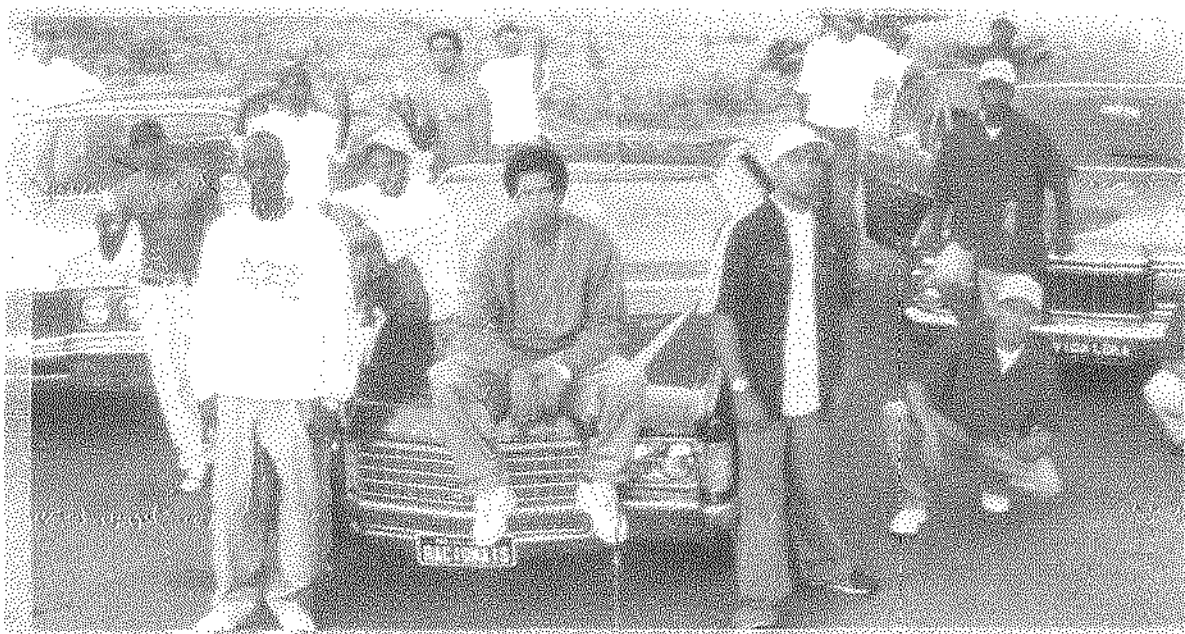
As roupas são largas e muitas vezes remetem ao contexto negro estadunidense, através de camisas de time de basquete e bonés, por exemplo. O gestual com a mão e o corpo é quase coreografado, os rappers se movimentam e andam de forma parecida (gingando o corpo para os lados, mexendo vigorosamente braços e mãos quando falam, muitas vezes fazendo uma “arma” com as mãos ou a sigla “V. L.” – vida loka - com os dedos abertos). Essa corporalidade, e o mesmo ocorre com o caráter, é extremamente influenciada pelas duas operações semânticas fundamentais dessas práticas discursivas: a **radicalização** e a **autovalorização** (ver item 2 do capítulo II).

No sentido do que foi dito acima, é importante levar em conta o aspecto da “incorporação” de um discurso, que Maingueneau define como uma “intrincação radical do discurso e de seu modo de enunciação” (1984, cap. III, p. 14). E continua:

1. O discurso, através do corpo textual, faz encarnar-se o enunciadador, dá-lhe corpo;
2. Esse fenômeno funda a “incorporação” pelos sujeitos de esquemas que definem uma forma concreta, socialmente caracterizável, de habitar o mundo, de entrar em relação com o outro;

3. Essa dupla ‘incorporação’ assegura ela própria a ‘incorporação imaginária’ dos destinatários no corpo dos adeptos do discurso. (op. cit., cap. III, p. 14)

Assim, o modo de enunciação integra os rappers e seu público nesse discurso (fig. 13), valorizando elementos de caráter e corporalidade para as práticas que são compartilhadas.



(fig. 13) Da esquerda para a direita, no carro central: Ice Blue; KL Jay, Mano Brown e Edi Rock. Atras os manos, alguns fazendo a sigla “VL” com a mão. Esta foto está no encarte de “Nada como um dia após o outro dia”, 2002. (Os fotografos relacionados nos créditos são: Robson, Maroo Venício e Klaus Mitteldorf)

Jotabê Medeiros inicia a orelha do livro “Hip Hop – a periferia grita”¹²⁶ assim:

Reza a cartilha que hip hop é coisa de preto, pobre, macho, politizado, socialmente consciente, independente, raivoso.

Embora vá, na sequência, relativizar essa primeira afirmação que “reza a cartilha” do Hip-Hop, o ethos radicalizado do rapper está posto para sua comunidade discursiva, nas dimensões de caráter e corporalidade. É interessante o uso do verbo “rezar” e do substantivo “cartilha”, que se ligam fortemente à doutrinação. Esse é um aspecto bem forte na formação discursiva dos Racionais (fig. 14).

¹²⁶ Rocha et al (2001).



(fig. 14) Da esquerda para a direita: Mano Brown, Ice Blue, KL Jay e Edi Rock. Nesta foto, do encarte de “Sobrevivendo no Inferno”, 1997, os Racionais estão em frente a uma igreja, com roupas de padre e uma Bíblia na mão. (Foto de Klaus Mitteldorf)

O próprio Mano Brown, em entrevista ao Programa Ensaio¹²⁷, conta sua desconfiança quando foi levado a conhecer Jocenir, sobrevivente do massacre do Carandiru com quem fez parceria no rap de enorme sucesso “Diário de um detento”¹²⁸ (anexo 4, p.212). O rapper estava na Casa de Detenção (Carandiru) para um jogo de futebol em comemoração pelo aniversário de um amigo que estava preso. Alguns detentos lhe falaram de Jocenir, que seria “um tiozinho do Pavilhão 2 que faz umas poesias muito loucas”. Brown, ressaltando que não pega letra de ninguém, concordou em conhecê-lo. E conta sua estranheza:

Era um tiozinho branco, calvo, e eu falei assim “nada a ver, né, meu”.

¹²⁷ TV Cultura, 28/01/2003.

¹²⁸ In “Sobrevivendo no Inferno”, 1997.

A corporalidade de Jocenir não combinava com a de um rapper, pois ele era de uma faixa etária mais elevada ("tiozinho"), era branco e calvo.

Milton Sales, mentor da formação dos Racionais, também comenta a estratégia de construção da imagem do grupo, que podemos relacionar com uma espécie de ethos pretendido:

A imagem dos Racionais não é uma parada de imitar americano, é uma cara fechada, que reflete a cara de São Paulo. Aqui não é praia, não é festa o tempo todo e, por isso, a música também não é alegre, como o Miami bass. Quando o cara vai propagar uma idéia para milhares de pessoas, que serão militantes do hip hop, tem que ser assim. Quem fala demais dá bom-dia a cavalo, quando se fala pouco, corre-se menos risco. Não se mostram os caminhos para o poder.¹²⁹

Certamente alguns poderiam argumentar que em todas as formações discursivas – e até em situações ideologicamente menos organizadas – há lugar para o ethos. Que sempre que se fala, se fala sobre si próprio também (direta ou indiretamente). Maingueneau (1996) analisa enunciados da publicidade francesa, descrevendo, por exemplo, como um texto de frases objetivas é capaz de sugerir um enunciador “homem-de-negócios-sem-tempo-a-perder” (pp. 95 e 96), bem apropriado para a propaganda de uma companhia aérea.

No entanto, no caso do rap politizado das periferias do Brasil, isso ocorre de maneira bastante central e bastante **radical**. Conforme analisei nos capítulos precedentes, falar de rap no contexto a que me refiro é falar de vidas, de lutas, de pessoas que vivem visceralmente envolvidas com sua produção.

Barthes (1975), ao analisar a retórica antiga, fala sobre ethos e o classifica mais como um “tom” do que como caracteres explícitos na fala, mais como uma “psicologia imaginária” do que como uma “psicologia expressiva”. Embora, para a retórica antiga e para boa parte dos textos atuais, o ethos seja algo que se deduz, e embora Aristóteles e Barthes considerem como não eficaz o ethos declarado, isto é, aquilo que o enunciador diz explicitamente de si em seu discurso, o caráter e a corporalidade que legitimam o enunciador dos raps dos Racionais MCs são bastante e nitidamente delimitados. E essa explicitação do ethos não é exclusividade do rap, aparecendo também em diversas manifestações culturais em que predomina a exibição oral, conforme mencionarei no item 2.

¹²⁹ In Rocha et al (2001, p. 136).

Em seguida, passarei a analisar algumas das características de caráter e corporalidade que estão presentes no enunciador autorizado pela formação discursiva que estou estudando. São características que o tipo de rapper analisado tem que ter para ser considerado apto para sua função, ou que desenvolve justamente por ser um rapper desse tipo. Assim, procurarei retornar e analisar o *ethos*¹³⁰ que se depreende das práticas discursivas ligadas aos Racionais MCs, o que inclui os seguintes aspectos: 1. ser da periferia; 2. ser um performer na periferia; 3. identificar-se com seu público; 4. ser representante de sua comunidade; 5. ter bom proceder em sua vida.

1. “Da ponte pra cá”:

Na letra de “Eu sou 157” (anexo 5A, p.242)¹³¹, Mano Brown, através de um narrador/personagem ladrão (o “157” do título se refere ao artigo 157 do Código Penal Brasileiro – roubo), indica sua desconfiança em relação a um outro personagem que aparece em sua “quebrada”, dizendo que a linguagem apropriada ele tinha, mas mesmo assim era necessário verificar se era realmente alguém autorizado a estar naquele lugar proferindo aquele discurso. A letra diz:

Brown- Eu só confio em mim, mais ninguém, você me entende?

Falar gíria bem até papagaio aprende

Portanto, a forma linguística adequada é fator primordial para ser um legítimo sujeito daquele discurso, mas é preciso também ser verdadeiramente alguém autorizado. Na letra de “Da ponte pra cá” (anexo 5B, p.287)¹³², diferenciando os *manos* dos boys, o refrão diz:

Refrão- Não adianta querer, tem que ser, tem que estar

O mundo é diferente da ponte pra cá

Não adianta querer ser, tem que ter pra trocar

¹³⁰ A análise do enunciador característico de – ou autorizado por – uma formação discursiva se aproxima de uma análise do *ethos*, embora não sejam exatamente os mesmo conceitos.

¹³¹ In “Chora Agora”, “Nada Como um dia após o outro dia”, 2002.

¹³² In “Rí Depois”, “Nada Como um dia após o outro dia”, 2002.

Novamente o enunciado reforça que, para fazer parte dessa comunidade discursiva, é preciso “ser” periferia. E, além disso, é preciso “estar” “da ponte”¹³³ pra cá”. É preciso ser e estar periferia, para ser um sujeito autorizado a fazer o verdadeiro rap. Então não basta ter nascido na periferia, é preciso permanecer ligado a ela. E também não basta querer estar ligado a ela - “não adianta querer ser”, pois “falar gíria bem até papagaio aprende”. Orlandi (2003), em um texto sobre as pichações urbanas, analisa o enunciado “eu sou periferia”, vindo de um pichador:

Ele não disse “Eu sou da periferia” (em que periferia seria apenas uma localização) mas “Eu sou periferia”. Ele e a periferia se confundem. Identificação de um e outro (outros). O lugar (não-lugar social), o ser, a coisa. E essa asserção tem a força de uma definição. Com todas as consequências que a sociedade evita ver. (grifos da autora, p. 4)

O enunciado analisado por Orlandi é bastante semelhante ao que vem dos Racionais, e, confirmando essa ligação, foi dito por um pichador que mora na periferia de uma grande cidade paulista. Lembremos que um dos elementos do Hip Hop é o grafite e, embora grafitar seja diferente de pichar, ambas as ações guardam uma origem comum e compartilham o mesmo material básico (o spray). Alguns artistas do grafite eram antes pichadores que direcionaram sua vontade de inscrever sua marca no centro urbano para a arte plástica.

Os exemplos analisados acima, escolhidos dentre um universo de muitos outros trechos de rap dos Racionais que destacam a mesma temática de “ser periferia” como uma das características necessárias para ser um rapper, seguem a orientação de uma das operações semânticas básicas desta formação discursiva, a **autovalorização** do lugar em que vivem: a periferia.

Esse caráter do rapper como periférico tem sido bastante ressaltado nos últimos anos, pela propagação que o gênero rap tem tido na sociedade em geral. Não deixa de ser, também, uma forma de assegurar a posse – aliás, palavra bem importante para o Hip Hop,

¹³³ Trata-se da ponte João Dias, na zona sul paulistana, conforme explica Brown em seu texto “A número 1 sem troféu”, in Ferréz (2000).

conforme apresentei no capítulo I (item 2) - dessa prática discursiva. Bastante revelador disso é o refrão proposto pela rapper carioca Nega Gizza e repetido em coro pelo público de 10 mil pessoas em show – abrindo o show dos Racionais - no Sesc Itaquera em 25 de abril de 2004:

O rap é nosso e o boy não vai tomar

Também nessa linha vem a palavra de ordem criada pelos Panteras Negras nos EUA e retomada no Brasil por KL Jay e o grupo DMN: “4P” (Poder Para o Povo Preto), que virou marca e aparece em roupas altamente valorizadas pela corporalidade incentivada por esta prática discursiva.

Análise semelhante fez Hobsbawn (1990) a respeito da “revolução bebop” estadunidense dos anos 1930, que procurava “inventar uma música tão difícil que ‘eles’ - os brancos que sempre acabavam auferindo os lucros das conquistas dos negros - ‘não pudessem roubar’, e mesmo as peculiaridades pessoais dos novos músicos não podem ser explicadas apenas em termos musicais” (p. 99). É interessante o último trecho citado de Hobsbawn, que sugere que as características dos músicos desse movimento cultural revolucionário não podem ser explicadas apenas musicalmente. O mesmo se aplica ao rap, e, através da análise do ethos, venho tentando mostrar como isso se dá.

Usando o “primado do interdiscurso” proposto por Maingueneau, é fácil não ver excesso de paranóia ou mania de perseguição nessa tomada de posse. As manifestações artísticas populares várias vezes surgiram nas periferias e foram apropriadas (muitas vezes destruindo-se a forma original) pelas elites. Para ficarmos só nos exemplos mais óbvios do Brasil, temos as grandes produções dos carnavais carioca e baiano e o boi do Amazonas. O carnaval é, inclusive, citado em uma música dos Racionais:

Brown- Modelos brancas no destaque, as negras onde estão?

Desfilam no chão em segundo plano

Pouco original mais comercial a cada ano

O carnaval era a festa do povo

Era...mas alguns negros se venderam de novo

Branços em cima, negros embaixo
Ainda é normal, natural, 400 anos depois

Mil novecentos e noventa e dois, tudo igual
Bem-vindos ao Brasil colonial e tal

Precisamos de nós mesmos, essa é a questão¹³⁴

O Carnaval é apresentado como uma alegoria do cotidiano do Brasil desde a primeira vinda de negros para cá, “brancos em cima, negros embaixo”. E a maneira apresentada para reverter essa situação é uma mudança de atitude por parte dos negros, da qual os Racionais se vêem como peça chave, como a “voz ativa” que propõe o título da música.

O rap dos Racionais (e de muitos outros grupos) tem procurado ser o “cachorro louco que não podem encoleirar”, de acordo com as palavras de Lourenço Cardoso, graduando em História pela PUC-SP e participante do movimento negro¹³⁵. O verso com que os Racionais concluem sua análise a respeito do carnaval – e dos “400 anos de Brasil colonial e tal” – é fortemente marcado pela operação de **autovalorização**, central nesta formação discursiva: “precisamos de nós mesmos”. Portanto, inevitável que um dos caracteres necessários ao rapper seja “ser periferia”.

2. O rapper como um performer:

A poesia oral sempre esteve presente em muitas comunidades, no mundo todo. Desde a figura do aedo grego, passando pelo trovador medieval e chegando aos rappers atuais, nesses gêneros textuais é central a figura do performer, aquele que tem como função na comunidade enunciar a poesia. Muitos pesquisadores de cultura, literatura, psicologia e sociedade assinalam a importância do poeta oral nos grupos sociais. Freud (apud Khel,

¹³⁴ “Voz Ativa” (anexo 2, pp. 152-161) in “Escolha seu caminho”, 1992.

¹³⁵ Retirei a expressão de um artigo do referido autor para o “Site Mundo Negro”, consultado em 26/08/2003. O trecho completo, que conclui o artigo, é: “Quero mandar um salve para o branco que adora ‘samba do crioulo doido’. O Movimento HIP HOP é o cachorro louco que não podem encoleirar. Quero mandar um salve para os veículos de comunicação que odeiam os Racionais, mesmo depreciativamente, são obrigados a divulgá-los. Racionais MC’S é o cuspe na cara do branco racista que não podem mais evitar.”

2000, págs. 217 e 218), por exemplo, considera que o poeta épico torna para si a autoria de um ato coletivo e, por isso, ao mesmo tempo em que mantém a unidade comunitária (através da memória), se destaca no grupo.

A associação do rapper com o performer é comumente feita atualmente pela sociedade, o que podemos comprovar através da fala do Ministro da Cultura Gilberto Gil, ao apresentar o movimento Hip Hop ao presidente Lula em reunião no Palácio do Planalto em 25 de março de 2004, quando integrantes desse movimento foram recebidos pelo presidente e criaram uma comissão diretamente ligada à presidência para expandir o Hip Hop e os projetos comunitários que ele ajuda a manter. O portal “Real Hip Hop” assim relatou a fala do ministro:

O Lula olhou para o Ministro [Gilberto Gil] que começou a falar de nós. Disse que o Bill [rapper carioca MV Bill] pediu a agenda há três meses e que só tinha sido possível atender agora, disse que somos jovens trovadores das periferias, nos comparou com os repentistas e fez alguns elogios a nós. Tudo muito pomposo, parecia um ritual...¹³⁶

Nos enunciados que são ditos por performers, é comum o ethos ideal do sujeito ser explicitado, como forma de garantir a legítima enunciação e de dar corpo ao discurso. Um dos aspectos importantes dessa enunciação explícita do ethos acontece na forma de auto-elógicos, que qualificam o sujeito que fala, valorizando-o através de sua arte, sua poesia, ou de suas capacidades e glórias em geral. Podemos observar essa explicitação do ethos em manifestações verbais como o rap, o repente nordestino e algumas outras menos conhecidas no Brasil, mas bastante estudadas pela sociolinguística como manifestações de “arte verbal”.

Como exemplo, comparemos dois enunciados, um de rap brasileiro – de Edi Rock, dos Racionais MCs – e um de repente brasileiro. O de rap:

Rock- Eu estou trepado, armado, um pente estufado

Inteligência e Q.I. pós-graduado¹³⁷

¹³⁶ Resenha feita por Freitas, que esteve no encontro com o presidente e é um dos diretores do site Real Hip Hop. Consultado no site em 10/05/2004.

¹³⁷ Versos de “Na fé firmão” (anexo 5A, p.254) in “Chora Agora”, “Nada como um dia após o outro dia”, 2002.

O repente, de Raimundo Nonato¹³⁸:

Eu na força sou Sansão
Na política um Requião
Na fama sou Lampião
E com flecha sou um arqueiro
Canto rápido, canto lento
Que a força do meu talento
Tem mais força que o vento
Cantando Quadrão Mineiro

O conceito de performance foi estabelecido pelo helenista inglês Milman Parry e aplicado por seu aluno Albert Lord (1960) pela primeira vez nos estudos sobre os cantadores iuguslavos. Posteriormente, os trabalhos sociolinguísticos de Richard Bauman (1975), integrando os estudos de folclore, antropologia, linguística e teoria literária, também tomaram por objeto privilegiado a performance da arte verbal.

Na performance, o fazer é constitutivo do dizer, a execução é inseparável do linguístico, o que explica a grande importância do espetáculo, dos shows, como parte das práticas discursivas dos Racionais MCs. E o artista é indissociável de sua comunidade, reconstruindo sempre esses laços mútuos, através da constante avaliação da performance por parte do público e do recurso às fórmulas e clichês, isto é, em uma terminologia da Análise do Discurso, aos já-ditos e pré-construídos daquela comunidade discursiva. No Brasil, desde o final do século XIX, os performers mais destacados e estudados têm sido os cantadores nordestinos. Como fenômeno mais recente, podemos considerar o rapper um performer.

3. Identificação entre o rapper e seu público:

¹³⁸ Apud Lopes (2001), capítulo II, p. 180.

A arte do rapper se baseia no contato entre artista e público. O rapper é alguém com quem o público se identifica, alguém que poderia, em tese, ser alguém do público. Na origem desse gênero, conforme explicitarei no capítulo I, o rapper era um dos bboys que saía da roda de dança, pegava o microfone e discursava. E, nesse início da formação do Hip-Hop, os bboys eram os frequentadores comuns das festas.

Essa identificação com o público é ressaltada em vários enunciados dos Racionais MCs, como, por exemplo, na letra de “Fim de Semana no Parque” (anexo 3, p.155)¹³⁹:

Brown- É lá que moram meus irmãos, meus amigos

E a maioria por aqui se parece comigo

ou então na de “Rapaz Comum” (anexo 4, 192)¹⁴⁰:

Rock- Na esperança da periferia eu sou mais um

Rapaz comum

e ainda na de “Racistas Otários” (anexo 1, p.135)¹⁴¹:

Brown- Eles circulam na rua com uma descrição

Que é parecida com a sua: cabelo, cor, feição

Será que eles vêem em nós um marginal padrão?

No primeiro exemplo, retirado de “Fim de Semana no Parque”, o tema do trecho em questão é a valorização da periferia, apesar de seus problemas e percalços. Esse é um tema importante, por ser resultado da aplicação de uma operação básica desta formação discursiva, a **autovalorização**, conforme analisei no capítulo II. Como explicação para o amor que o rapper sente pela periferia e para o compromisso que tem com ela, vem a questão da identificação (“a maioria por aqui se parece comigo”). Neste exemplo, a identificação parte do rapper e se dirige a seus manos.

¹³⁹ In “Raio X do Brasil”, 1993.

¹⁴⁰ In “Sobrevivendo no Inferno”, 1997.

¹⁴¹ In “Holocausto Urbano”, 1990.

No segundo exemplo, retirado de “Rapaz Comum”, o tema é o sistema social e a triste história de vida que ele impõe ao jovem da periferia. É interessante ressaltar que, embora o futuro não seja nada promissor e, segundo a formação discursiva dos Racionais, esteja previamente traçado, quase sempre, o desfecho trágico para o jovem pobre, a “esperança da periferia” continua. Neste exemplo, a identificação parte da comunidade (“periferia”) e se dirige ao grupo de que o rapper faz parte: o dos jovens, dos rapazes.

No terceiro exemplo, retirado de “Racistas Otários”, o tema é o preconceito social e, principalmente, racial. O rapper se irmana com seu outro, fala para um também jovem, negro, de periferia, procurando argumentar a favor da tese de que existe racismo no Brasil. Como exemplo, toma a descrição física presente no senso comum das classes média e alta para um marginal padrão: pele e feições negras e cabelo crespo. E lança, argumentativamente, a pergunta: “Será que eles vêem em nós um marginal padrão?”. Esse tipo de pergunta, para a qual se sabe a resposta, foi analisado por Bakhtin (1929, p. 170) como uma das características de um tom didático do texto, pois busca uma conclusão conjunta entre enunciador e enunciatário, através do método indutivo. A resposta foi dada antes. Em um esquema hipotético de pergunta antes da resposta, poderia ficar assim:

- “Será que eles vêem em nós um marginal padrão?”

- Sim, pois “eles circulam nas ruas com uma descrição que é parecida com a sua, cabelo, cor, feição”.

Nesse último exemplo, a identificação do rapper com seu público parte de um olhar do outro, do de fora da periferia, o que é explicitado pelo uso de “eles” e também pela pergunta, que deixa claro que o rapper não assume para si a formação discursiva do outro, apenas lança uma hipótese. Essa hipótese tem função discursiva de separar a formação discursiva em que está o rapper e em que ele deseja que esteja seu alvo de interlocução nesta música (o mano) da formação discursiva “deles”, dos que os vêem de fora, dos que os vêem como “marginal padrão”.

Portanto, a identificação do rapper com seu público é reconhecida, dentro das práticas discursivas dos Racionais, em três níveis: partindo do olhar do próprio rapper, partindo do olhar de sua comunidade e partindo do olhar externo do outro.

4. O rapper como representante de sua comunidade:

Como desdobramento da característica apresentada no item acima, o rapper, além de ter de ser alguém da comunidade, é alguém especial na comunidade, tem um dom. Seu dom é o de saber usar adequadamente as palavras, a fim de expressar os sentimentos de revolta e reivindicação da periferia. O rapper é um representante de sua comunidade, nas palavras de Mano Brown, “nós somos a voz de quem não tem voz”¹⁴².

O rapper representa a periferia mesmo se ela própria não tem consciência de que precise ser representada. Ser “a voz de quem não tem voz” é, às vezes, saber mais do que a pessoa precisa do que ela própria sabe, representá-la melhor do que ela própria o faria. Em seu primeiro rap, os Racionais diziam:

Brown- Racionais vão contar a realidade das ruas

Que em nome de outras vidas, a minha e a sua

Vimos falar que pra mudar temos que parar

De se acomodar e acatar o que nos prejudica¹⁴³

Apresentando-se, os Racionais dizem que seu trabalho será “em nome de outras vidas, a minha e a sua”, deixando claro o papel de representação da periferia que pretendem exercer (e de fato exercem). Nos terceiro e quarto versos citados, há a exortação à ação de seus representados, destacada pela enunciação do que será enunciado, através da expressão “vimos falar”. Essa postura frente aos que os ouvem indica que, embora já se considerassem seus representantes, os supostos representados muitas vezes apresentavam acomodação e passividade frente aos desafios políticos e sociais que se lhes colocavam. Portanto, conforme analisei no parágrafo anterior, segundo essa formação discursiva, os representantes sabiam mais do que os representados quais eram as necessidades da periferia. Mesmo porque eles são, como venho demonstrando neste capítulo, também

¹⁴² In entrevista à revista *Caros Amigos*, ano 1, número 12, Março de 1999.

¹⁴³ In “Pânico na Zona Sul” (anexo 1, p.130), 1990. A música já havia sido incluída, dois anos antes, na coletânea “Consciência Black”. A esse respeito, conferir o capítulo 1.

representados, também periferia. Falam também “em nome” de suas próprias vidas, o que é indicado pelo “minha” do enunciado.

Em show para 10 mil pessoas no Sesc Itaquera, em 25 de abril de 2004, Mano Brown explicou por que os Racionais não vão à Globo ou ao SBT, dizendo que há muitas pessoas que dependem da firmeza ideológica do grupo, que contam com sua **radicalidade**. São os representados.

O rapper é, ainda, (auto-)nomeado como alguém que tem consciência social, inteligência e análise crítica a respeito de todos os assuntos que envolvam a periferia. Esse tom de sapiência está presente em diferentes enunciados, e vem experimentando uma ênfase maior ou menor ao longo da carreira dos Racionais. No início, especialmente no disco *Holocausto Urbano* (1990), o uso de termos específicos da sociologia e da política buscava dar ao texto um tom de discurso bem articulado, coerente, bem pensado. Esse uso de “palavras difíceis” e a busca de correção na norma gramatical são capazes de impressionar pessoas de fora da formação discursiva, que se aproximem do rap. As jornalistas Janaina Rocha, Mirella Domenich e Patrícia Casseano elogiam o rapper Gog (rapper declaradamente marxista, de Brasília, DF) por suas letras não conterem erros e usarem poucas gírias¹⁴⁴. Alguns grupos de rap, como o “Face da Morte”, de Hortolândia-SP, seguem esta mesma linha, buscando informar e conscientizar seu público através de termos, conceitos e dados históricos e sociológicos. A esse respeito, é bastante significativa a letra de “Televisão”¹⁴⁵, que inclusive conta com a participação de Gog, da qual cito o início:

Gog- Há! Brasil, anos sessenta, eles diziam

Bola pra frente, não desista não, não

Mataram estudantes, proibiram o acesso às estantes

Nas ruas, tanques ignorantes

A cabeça do povo murchou

¹⁴⁴ As três jornalistas são autoras de Rocha et al (2001). O trecho em questão é “O ponto de vista do rapper Gog, do Distrito Federal, é um dos mais respeitados pelos hip hoppers. A escrita elaborada, com português correto e sem excesso de gírias, rendeu-lhe uma premiação no concurso HIP HOP 2000 – Os Melhores do Rap, na categoria de melhor letrista.”(p.38)

¹⁴⁵ Face da Morte, “O Crime do Racismo”, Blue Sky Music, 1999.

Bomba de efeito retardado, petardo pesado só agora estourou

E quem lucrou? Eu não

Vou caminhando, cantando e seguindo a canção

Aliado G- De domingo a domingo segue a aculturação

Processo de alienação através da televisão

O intertexto com referências históricas, como o slogan “bola pra frente” e a música “Pra não dizer que não falei das flores”, de Geraldo Vandré, o uso de termos da sociologia como “aculturação” ou “alienação”, a concordância e regência padrão como em “tanques ignorantes” ou em “acesso às estantes”, o uso de operadores sintáticos típicos da escrita (“através da”), entre outros aspectos, dão à música um tom de sapiência. Tom semelhante era buscado pelos Racionais no início de sua carreira, como podemos perceber, por exemplo, na música “Voz Ativa” (anexo 2, pp.141-149)¹⁴⁶, da qual cito um trecho:

Rock- Precisamos de um líder de crédito popular

Como Martin Luther King em outros tempos foi na América

Que seja negro até os ossos, um dos nossos

E reconstrua nosso orgulho que foi feito em destroços

Nossos irmãos estão desnorteados

Entre o prazer e o dinheiro desorientados

Brigando por quase nada: migalhas, coisas banais

Prestigiando a mentira, as falhas, desinformados demais

Brown- Chega de festejar a desvirtutação

E permitir que desgastem a nossa imagem

Descendente negro atual: meu nome é Brown

Não sou complexado e tal, apenas racional

¹⁴⁶ In “Escolha seu caminho”, 1992.

É a verdade mais pura, postura definitiva:

A juventude negra agora tem voz ativa

Rock- Mais da metade do país é negra e se esquece

Que tem acesso apenas ao resto que ele oferece

Tão pouco para tanta gente, tanta gente

Tanta gente na mão de tão pouco, pode crer

Geração iludida, uma massa falida

De informações distorcidas e distraídas na televisão

Brown- Perdidos estão sem nenhum propósito

Diariamente assinando o seu atestado de óbito

De maneira semelhante à “Televisão” de Face da Morte, “Voz Ativa” também procurava um tom de sapiência através dos mesmos elementos. O intertexto com referências históricas aparece na citação do nome de Martin Luther King, os termos da sociologia estão em, por exemplo, “líder de crédito popular”, “geração iludida”, “massa falida”, “informações distorcidas”, a concordância e regência padrão como em “nossos irmãos estão desnorteados” ou em “acesso apenas ao resto”, e também há o uso de operadores sintáticos típicos da escrita (“não sou complexado e tal, apenas racional”).

No entanto, no caso dos Racionais, que estou analisando mais de perto, esse tom de sapiência proveniente dos critérios já socialmente respeitados e estabelecidos pelas elites intelectuais foi explicitamente renegado e abandonado em prol de outro, que dá legitimidade a critérios próprios de valorização. Nesse sentido, as características acima analisadas de “Voz Ativa” foram ficando menos fortes nas letras posteriores. Mano Brown pronunciou-se a esse respeito em entrevista à revista Caros Amigos de fevereiro de 1998, quando disse que, quando escuta a música “Voz Ativa”, sente raiva, pois naquela época queria falar como um professor universitário, tinha vergonha de falar como favelado:

Tem música que eu nem canto, porque tenho raiva da letra, “Voz Ativa” mesmo, eu tenho raiva da música, não gosto das palavras do jeito que são ditas. Parece um texto de jornalista e eu não sou isso aí! Eu sou um rapper. Sou um cara que rima a realidade, então rimo gríia. Rimo palavirão. Não posso

rimar só palavras bonitas. Eu tinha medo, os caras falavam que o sotaque paulista era feio. Pra tomar cuidado com o “r” e o canlho. Hoje em dia eu quero que se foda tudo. Não estou nem aí, é pra saber que eu sou de São Paulo mesmo. Sou da zona sul, isso aqui não é Rio de Janeiro, é São Paulo, mano!

Como pode-se ver no trecho acima, a vigilância linguística nos primeiros trabalhos atingia diversos níveis, desde o vocabulário – pois hoje o rapper afirma rimar “gíria”, rimar “palavrão” – até a pronúncia – “falavam que o sotaque paulista era feio”.

No entanto, com a assunção de sua variedade linguística mais genuína, os Racionais não abandonaram seu tom de sapiência, por exemplo, quando aconselham os outros manos a não se envolver com o crime. No entanto, pela operação cada vez mais forte de **autovalorização** – e sua derivada **auto-suficiência** –, encontram outros meios de mostrar essa sapiência, meios que não tenham como matriz a cultura letrada e nem desvalorizem os manos perante a sociedade em geral, o que utilizar a variedade linguística padrão, de algum modo, fazia.

Um outro aspecto relevante para a constituição do ethos dos Racionais como representantes da periferia é o caráter de missionário, conscientizador. São muito comuns os enunciados que relacionam o rap com “balas que atiram consciência” e o papel do rapper como um líder da periferia, que chama outros para sua causa de substituir a violência do crime e da marginalidade pelo combate coletivo por direitos da periferia e da causa negra. O tom do conscientizador é agressivo: voz firme, sem tropeços ou floreios, comumente comparada à arma ou ao tiro. Compete com o discurso do crime, que também oferece poder e virilidade. A esse respeito, são significativos os versos iniciais de “Na fé firmão” (anexo 5A, p.237)¹⁴⁷, de Edê Rock:

Rock- Século XXI, eu sei muito bem o que eu quero

Começa o plano dois zero zero dois

É um mistério, trago na manga um suspense

Tenho um revólver engatilhado dentro da mente

Pense, vá, raciocine já

A profecia diz que o mundo tá pra acabar

¹⁴⁷ In, “Chora Agora”, “Nada como um dia após o outro dia”, 2002.

Eu quero resgatar tudo aquilo que eu perdi
Cronometrei o tempo, só que ainda, truta, não venci

O que eu falo é ilícito sangue
Demarco meu espaço sem aço, sem sangue

Aonde eu ande, trago o anjo do bem
Que ilumina meu caminho, me mostra quem é quem

Compri um colete à prova de bala
Tenho a guerrilha na mente, falanga de senzala

Zunque a bala, a parede estremece
Playboy sua frio e mauricinho não se mete

Sou lado norte, eu venho pra rimar
Eu sei do meu direito, ninguém vai me intimar

Pra bala eu só vou se um pilantra me matar
Quem não deve não teme, vem Tobias de Aguiar

No corredor da morte, apelo da sentença
O Sol da liberdade, a verdadeira recompensa

Meu delito: um rap que atira consciência
É crime hediondo, a favela de influência

Edi Rock situa seu discurso, atualizando-o para o momento atual, “século vinte e um”, “plano dois zero zero dois” (ano de 2002), e monta seu tom de sapiência através da firmeza de seus propósitos – “eu sei muito bem o que eu quero”; “começa o plano”, “eu sei do meu direito”. Coloca-se como alguém que sabe e pode mais que seu interlocutor, trazendo “na manga um suspense”, e tendo “um revólver engatilhado na mente”, no entanto, deixa claro que demarca seu “espaço sem aço e sem sangue”, demonstrando que o revólver, metáfora que será retomada na última estrofe, “é um rap que atira consciência”.

Continuando nas metáforas com a criminalidade, o “crime” que Edi Rock cometeu é fortalecer e representar “a favela de influência”, um dos ideais das práticas discursivas dos Racionais. Está formada a figura do rapper como representante da sua comunidade, aquele que sabe de seus direitos e não recuará, aquele que incita a participação: “pense, vá, raciocine já” em tom de ordem.

5. O ethos do “preto tipo A”¹⁴⁸:

São comuns enunciados que relacionam o rapper a um exemplo vivo de conduta, e, se ele “falhar” em sua vida pessoal, sua voz perderá a força. Por exemplo, no início do clipe “Revolta”, do grupo “Facção Anti Sistema” (FAS), um rapper diz em uma entrevista:

Pra molecada que está começando no rap aí, tem que, seguinte, evita as droga, evita dinheiro fácil, fica longe das sins porque não tá com nada. Aí, se você é um rapper, então você tem que ser aquilo que você canta. Se você é uma coisa dentro do estúdio e é outra na rua, vai pegar o bonde, vai se dar mal. Nas minhas letra eu não uso droga, eu não uso droga na realidade, eu não uso droga nas minhas letra. É assim que é. É assim que tem que ser.

Também se destacam, nesse aspecto, enunciados de Mano Brown resguardando, por exemplo, sua fidelidade à sua esposa:

Tocou a campanha plim, pra tramar meu fim
Dois maluco armado sim, um isqueiro e um estopim

Pronto pra chamar minha preta pra falar
Que eu comi a mina dele, há, se ela estava lá

Vadia, mentirosa, nunca vi, dão maior falha
Espírito do mal, cão, tipo senta e saia...

Talarico nunca fui, é o seguinte
Ando certo pelo certo, como dez e dez é vinte

¹⁴⁸ In “Capítulo 4, versículo 3” (anexo 4, p.194), “Sobrevivendo no Inferno”, 1997.

Já pensou, doido, e se eu estou com o meu filho
No sofá, de vacilo, desarmado, era aquilo

Sem culpa e sem chance, nem pra abrir a boca
ia nessa sem saber

Abrão- Pra você ver

Brown- Vida Loka... ¹⁴⁹

Nesse fragmento, é importante destacar algo que é válido para a semântica global dos Racionais, algo que se relaciona com uma de suas operações básicas: a **radicalização** (conforme desenvolvi no capítulo II). Se Mano Brown tivesse tido um relacionamento com a garota em questão, sua vida correria sério risco, não só sua palavra e sua força como rapper (o que já seria muito). No enredo narrado pela música, dois homens vão à sua casa tirar satisfações pelo seu suposto envolvimento com a namorada de um deles. Eles estão armados, prontos para matar Mano Brown. Não o encontram em casa e contam para sua esposa o motivo de sua “visita”. No mundo de referência para esse discurso, não há espaço para “vacilos”, um erro pode ter consequências irreversíveis. É um mundo regido pela **radicalização**, pelas emoções e reações fortes, pelo drama, pelos atos muitas vezes tragicamente irreversíveis.

Outro ponto que merece ser ressaltado desse trecho, que tem relação com o ethos de Mano Brown, é sua autodescrição sentado no sofá, desarmado, brincando com seu filho. Ao descrever essa cena, destacam-se os aspectos da corporalidade de Mano Brown, o imaginamos fisicamente em sua casa, quase podemos sentir os cheiros e ouvir os sons desse dia-a-dia comum familiar, o que acrescenta muito para seu ethos. Quem está falando é um marido e um pai presente, que costuma estar no sofá com seu filho; vive com a consciência tranquila – “de vacilo”, despreocupado, “desarmado”, “sem culpa”, “sem saber”. O contraste é claro: de um lado o correto Brown e sua família (“minha preta”, “meu filho”), de outro os “dois maluco armado”, se esgueirando pelos corredores do prédio (vide “Vida Loka – intro” (anexo 5A, p.224), no mesmo álbum) e a “vadia mentirosa”. Esses dois mundos não podem estar imiscuídos. E o ethos de Brown é capaz de distingui-los.

¹⁴⁹ “Vida Loka – parte 1” (anexo 5A, p.241) in “Chora Agora”, “Nada como um dia após o outro dia”, 2002.

Ainda relevante no trecho analisado é o tema da injustiça do mundo. Na hipótese de estar em casa, Brown teria sido assassinado “sem culpa e sem chance, nem pra abrir a boca”, o que reforça a necessidade de estar sempre em estado **radical** de alerta, pois, mesmo que sua conduta seja correta, é preciso ter as ações dos outros.

Além de se apresentar como fiel à sua esposa, Brown também ressalta seu proceder correto nas noites de São Paulo. Sabe que é um foco de atenção e que as pessoas o observam, muitas vezes com o intuito de apanhá-lo em alguma incoerência. Sobre isso, ele canta:

Porque os bico que me vê com os truta na balada
Tenta ver, quer saber de mim, não vê nada¹⁵⁰

E também:

Atire a primeira pedra quem tem rastro meu¹⁵¹

Novamente Brown ressalta sua atitude coerente e correta com o que propaga em suas músicas, o que fica bastante explícito em outro enunciado, em que se aplicam as duas operações básicas dessa formação discursiva, a **radicalização** e a **autovalorização**, quando Brown se diz “aquele que não pode errar”, isto é, aquele que tem que ser sempre correto e forte:

Eu sou o Mano, homem duro do gueto, Brown Obá
Aquele louco que não pode errar¹⁵²

“Eu sou o Mano”, não qualquer um dos manos, e sim “o mano”. É um dentre os iguais, mas se destaca. “Homem duro do gueto”, aquele que não amolece, que não cede, que não negocia, que tem princípios em que se pode confiar: “Brown Obá”¹⁵³, um dos

¹⁵⁰ “Vida Loka – parte 1” (anexo 5A, p.241) in “Chora Agora”, “Nada como um dia após o outro dia”, 2002.

¹⁵¹ “Jesus Chorou” (anexo 5B, p.285) in “Ri Depois”, “Nada como um dia após o outro dia”, 2002.

¹⁵² “Negro Drama” (anexo 5A, p.245) in “Chora Agora”, “Nada como um dia após o outro dia”, 2002.

¹⁵³ Segundo o Dicionário Aurélio século XXI, “obá” é um brasileirismo religioso vindo do Iorubá, que significa um “título honorífico atribuído a 12 homens no candomblé do Opô Afonjá, em Salvador (BA), e que se refere aos 12 próceres que, reza a tradição, faziam de ministério de Xangô em Oió (África).”

homens de destaque do reinado de Xangô, orixá ligado à reivindicação, à vingança, a raios e trovões. Por estas características, apresentando-se com este ethos, Mano Brown é “aquele (...) que não pode errar”, é o exemplo vivo de que é possível ser como seu discurso prega. E os versos continuam com “aquele que você odeia amar”, mostrando que, segundo essa formação discursiva, mesmo a contragosto, não há como não dar razão a e admirar Mano Brown. Mesmo que amá-lo signifique, para os “boys”, que são os interlocutores explícitos neste trecho da música, reconhecer-se como também responsáveis pela desigualdade social e, por isso, sentir ódio ao ter que admitir que ele só pode ser amado, não há alternativa para quem tem “consciência” (a respeito da palavra “consciência”, ver cap. I, item 4 e cap. III, item 2).

Através das letras dos raps, é possível distinguir tipos de pessoas que são descritas e classificadas. Quanto às mulheres, mais da metade é considerada sem caráter, “vadia”, “vulgar”. As que são valorizadas são chamadas de “preta” ou pelo termo pouco marcado “mina” e aparecem ligadas a um mano de valor, como Mano Brown, na citação acima de “Vida Loka – parte I” (anexo 5A, p.225) – “minha preta” - ou o rapaz descrito em “Capítulo 4, Versículo 3” (anexo 4, p. 180)¹⁵⁴, que “buscava a preta dele no portão da escola”. Também ligada ao “Mano na porta do bar” (anexo 3, p.163)¹⁵⁵, antes de ele se desviar para o mundo do crime, estava “sua mina apaixonada, amiga e solidária”, que, depois do desvirtuamento de seu “mano”, “perdeu a posição: agora ele tem várias”. Essas várias que ele passa a ter são as “mulheres vulgares”¹⁵⁶, que, dependendo da cena narrada, podem ser chamadas também de “minas”. Mulheres bastante valorizadas são as mães, principalmente as mais velhas, caracterizadas como sofredoras, corretas e batalhadoras.

Quanto aos homens da periferia, são chamados pelos termos pouco marcados “mano”, “louco” ou “maluco”. Também são usados os termos “ladrão”, “vagabundo” e “bandido”, sem conotação negativa. Termos mais classificatórios são, por exemplo, “neguinho”, para um negro pouco valorizado, que não se valoriza, e “preto tipo A” ou

¹⁵⁴ In “Sobrevivendo no Inferno”, 1997.

¹⁵⁵ In “Raio X do Brasil”, 1993.

¹⁵⁶ Título de rap (anexo 1, p.140) de “Holocausto Urbano”, 1990.

“guerreiro” para os corretos e fimes, que participam das práticas discursivas compartilhadas pelos Racionais¹⁵⁷.

A escritora Carolina Maria de Jesus, uma das vozes que o escritor Ferréz considera precursoras do tipo de discurso de periferia que ele e os Racionais fazem hoje, escreveu algo semelhante em um de seus livros:

O Arnaldo é preto. Quando veio para a favela era menino. Mas que menino! Era bom, educado, meigo, obediente. Era o orgulho do pai e de quem lhe conhecia.

-Este vai ser um negro, sim senhor!

É que na África os negros são classificados assim:

- Negro tu.

- Negro turututú.

- É negro sim senhor!

Negro tú é o mais ou menos. Negro turututú é o que não vale nada. E o negro sim senhor é o da alta sociedade. Mas o Arnaldo transformou-se em negro turututú depois que cresceu. Ficou estúpido, pornográfico, obsceno e alcoólatra. Não sei como uma pessoa pode desfazer-se assim.¹⁵⁸

Assim como para ser um “negro sim senhor”, ser um “preto tipo A” inclui pensar, falar, vestir-se e agir de determinadas formas, como podemos analisar no seguinte trecho de “Capítulo 4, Versículo 3” (anexo 4, p.180):

Brown- Você vai terminar tipo o outro mano lá

Que era um preto tipo A, ninguém entrava numa

Maior estilo: de calça Calvin Klein, tênis Puma

Um jeito humilde de ser, no trampo e no rolê

Curtia um funk, jogava uma bola

Buscava a preta dele no portão da escola

Exemplo pra nós, maior moral, maior ibope

¹⁵⁷ Conforme já mencionei no cap. II, seria bem interessante um desenvolvimento do estudo do vocabulário dos Racionais. No entanto, pelo alcance desta pesquisa, a análise mais detalhada do vocabulário fica como promessa futura...

¹⁵⁸ In Jesus (1960, pág. 52). O termo “preto tu” também é usado na música “Mas que nada” de Jorge Ben Jor (in “Samba Esquema Novo”, 1963). O trecho da letra (retirado do site oficial de Jorge Ben Jor) é: “Esse samba/ que é misto de maracatu/ É samba de preto velho/ Samba de preto tu”

Mas começou colar com uns branquinho do shopping

Rock- Ai já era

Brown- Ih, mano! Outra vida, outro pique

Só mina de elite, balada, vários drinks

Putz de boutique, toda aquela porra

Sexo sem limite, Sodoma e Gomorra

Faz uns nove anos

Tem uns 15 dias atrás eu vi o mano

Você tem que ver, pedindo cigarro pros tiozinho no ponto

Dente tudo zoado, o bolso sem nem um conto

O cara cheira mal, as tia sente medo!

Muito louco de sei lá o que logo cedo

Agora não oferece mais perigo:

Viciado, doente, fodido; inofensivo

A história do personagem é apresentada como um exemplo do que não se deve fazer, do caminho errado, que não se deve tomar, que “transforma um preto tipo A num neguinho”. Esse é o caminho das drogas, do dinheiro fácil do crime, da falta de fidelidade e valorização da periferia, de seus valores e seus integrantes.

O rapaz era um “preto tipo A”: ninguém procurava encrencas com ele, era um exemplo de conduta, correto no seu trabalho e nos momentos de lazer (“no rolê”). Usava as roupas valorizadas pela formação discursiva, calça e tênis de determinadas marcas - não muito caras -, ouvia o som que os manos devem ouvir – funk -, jogava futebol e cuidava de sua namorada, que também, rapidamente, é apresentada como alguém altamente aprovada pela formação discursiva – é negra e é correta, responsável, vai à escola.

A degradação do personagem começa com o fim de uma das operações básicas para essa formação discursiva: a **autovalorização**. O rapaz começa a se encontrar com “uns branquinho do shopping”, se deixa seduzir por um outro tipo de vida, de luxúria, consumismo, bebidas. Seu destino é exemplar: termina “viciado, doente e fodido”, pedindo

cigarro no ponto de ônibus, acabado, sem tomar banho, um trapo. A degradação atinge o caráter e a corporalidade. Corporalmente, de rapaz bonito, bem vestido – de acordo com as roupas valorizadas –, com moral e íbopo, o personagem passa a ser uma figura que fede e que inspira repulsa dentro da própria comunidade (o que sabemos pelo sentimento das “tias” do ponto de ônibus). No caráter, o personagem passa de forte a fraco, de coerente a incoerente, de auto-suficiente a viciado.

Os Racionais sabem que manter a postura de “preto tipo A”, apesar dos apelos da sociedade de consumo, do preconceito racial e das injustiças sociais, é muito difícil. Na mesma letra, dizem “ser um preto tipo A custa caro”. E isso é importante na formação discursiva para a operação de **autovalorização**, quem consegue ser “um preto tipo A” só pode ser alguém de muito valor.

Bastante importante é que, quando era um “preto tipo A”, o personagem oferecia perigo para o status quo, assim como diz KL Jay em uma entrevista, falando dos Racionais:

Somos os pretos mais perigosos do país e vamos mudar muita coisa por aqui.¹⁵⁹

Depois que passa a ser um “neguinho”, o personagem “não oferece mais perigo”, é “inofensivo”, seu poder transformador se acabou. E o ethos dos Racionais é de poder e transformação, para ser assim, é necessário ter bom proceder em sua vida, ser um “guerreiro de fé”¹⁶⁰, um “preto tipo A”.

¹⁵⁹ apud Khel (2000), p. 219.

¹⁶⁰ Expressão usada em, por exemplo, “1 por amor, 2 por dinheiro” (anexo 5A, p.269), in “Chora Agora”, “Nada como um dia após o outro dia”, 2002.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por ter como corpus a obra dos Racionais MCs, isto é, algo extremamente contundente, vivo e contemporâneo, é um pouco difícil estabelecer conclusões. Prefiro, por isso, elaborar breves considerações finais, que expressem como avalio o ponto a que consegui chegar com esta pesquisa.

Termino esta dissertação afirmando a certeza da importância discursiva da obra dos Racionais MCs, o que, nesses dois anos em que realizei minha análise, ficou patente. Em nenhum momento senti escassez de exemplos e de enunciados para sustentar minhas hipóteses. Pelo contrário, conforme explicitiei na Introdução, a abundância e força do corpus era tanta, que, por vezes, me sentia sendo levada por essa correnteza de raciocínios, ações, palavras, imagens, vozes, sons que compõem as práticas discursivas do grupo.

Como forma de organizar esse turbilhão que é meu corpus de pesquisa, o livro *Genèses du discours* foi fundamental. Sua abordagem fez com que eu buscasse e definisse um sistema global de restrições semânticas, que foi capaz de explicar os diferentes planos desse discurso. Seus avanços na direção da análise institucional, intersemiótica e histórica se mostraram extremamente adequados para minha aproximação às práticas discursivas estudadas, que transitam tão velozmente por “textos” (verbais e não verbais) de diferentes tipos.

A análise do ethos foi igualmente relevante na singularização de meu corpus, para a percepção da importância, nesta formação discursiva, de *ser* para poder *fazer*.

Pela amplitude discursiva da obra dos Racionais MCs, certamente muitos enunciados, traços e operações semânticas ficaram de fora de meu trabalho, pois seria impossível, em uma dissertação, esgotar o assunto. Espero ter feito escolhas acertadas sobre o que incluir em minhas análises. Espero ter conseguido realizar uma pesquisa coerente e coesa, dentro de meus limites de amadurecimento como analista do discurso.

Quanto aos Racionais, o futuro é impossível de se prever. Decerto se encontram em uma encruzilhada, dada por novas e bem diferentes condições de produção. O sucesso alcançado a partir de “Sobrevivendo no Inferno” (1997) trouxe consigo dinheiro, poder e dilemas, questões por vezes difíceis de se conciliar com rigidez.

O dilema principal se localiza na relação dos Racionais com o “sistema”, outrora generalizado pelo grupo como todo o mundo não negro e não periférico. Atualmente o rap se expande, se encontra com o presidente Lula, é convidado para ir a programas televisivos dominicais, é tocado como tema de novela em horário nobre. Como os Racionais reagirão?

Por outro lado, outro dilema surge quando analisamos o último trabalho – “Nada como um dia após o outro dia” (2002). Alguns pontos de distanciamento se tornam marcantes entre Mano Brown e Edi Rock, os dois principais letristas. Esses pontos divergentes podem trazer uma diversidade construtiva, mas podem também inviabilizar o grupo.

Pesquisar o contemporâneo implica muitas incertezas e alguns riscos, dentre eles o de ver parte de nossas análises infirmadas pela história. É um risco que assumo, por considerá-lo o revés de uma moeda que quero valorizar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1- ALEXANDRE Jr., Manuel. "Introdução" in Retórica, de Aristóteles. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1998.
- 2- ARISTÓTELES. Retórica. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1998.
- 3- ANDRADE, Elaine Nunes de. Movimento Negro juvenil: um estudo de caso sobre jovens rappers de São Bernardo do Campo. São Paulo, USP, 1996. Tese de Mestrado apresentada à Faculdade de Educação.
- 4- ANDRADE, Elaine Nunes de (org.). Rap e educação, rap é educação. São Paulo, Summus, 1999.
- 5- AUERBACH, E. Mimesis [1946]. São Paulo, Editora Perspectiva, 1987.
- 6- AUTHIER-REVUZ, J. "Heterogenéité Montréal e heterogenéité constitutive: éléments pour une approche de l'autre dans le discours" In: Fala Múltipla – Aspecto Retórico, Lógico, Enunciativo e Dialógico. Revue de Linguistique. Centre de Recherche de l'Université de Paris.
- 7- _____ (1990) Heterogeneidade(s) Enunciativa(s). In: Cadernos de Estudos Linguísticos. Campinas, (19): 25-42, jul/dez.
- 8- _____ (1998) Palavras Incertas – as não coincidências do dizer. Editora da Unicamp.
- 9- BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo, Martins Fontes, 2003.
- 10- _____ A cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais. Trad. Yara Frateschi Vieira. São Paulo, Hucitec, 1987.
- 11- BAKHTIN, M./VOLOSHINOV, V. N. Discurso na vida e discurso na arte (sobre poética sociológica) (1926) tradução in mimeo.
- 12- _____ Marxismo e Filosofia da Linguagem (1929). São Paulo, Hucitec, 1997.
- 13- BAUMAN, R. Verbal Art as Performance. Newbury House Publishers/Rowley/Massachusetts, 1977.
- 14- BARROS, D. L. P. e FIORIN, J. L. (orgs.) Dialogismo, polifonia, intertextualidade. São Paulo, Edusp, 2003 (1ª. Edição 1994).
- 15- BARTHES, R. A retórica antiga. In: COHEN, J. et alli Pesquisas de Retórica. Editora Vozes, 1975.
- 16- BIG RICHARD. Hip Hop – Consciência e atitude. Diadema, 2001. Livro virtual consultado no Site Real Hip Hop.

- 17- COURTINE, J-J. Le discours communiste adresse aux chrétiens. Langages, v. 62. Paris, Didier-Larousse, 1981.
- 18- _____ e MARANDIN J-M. Quel object pour l'analyse du discours? in: Conein et al. Matérialités discursives. Presses Universitaires de Lille, 1981.
- 19- DE CERTEAU, M. A invenção do cotidiano: artes de fazer. Petrópolis, Vozes, 1990.
- 20- FARACO, C. A. Linguagem e diálogo: as idéias lingüísticas do círculo de Bakhtin. Curitiba, Criar Edições, 2003.
- 21- FERREIRA, N. C. Simulacros da Criação: aspectos da polêmica evolucionismo versus Criacionismo. Dissertação de Mestrado defendida em 2002 no DL-IEL-UNICAMP.
- 22- FERRÉZ, Capão Pecado. São Paulo, Labortexto Editorial, 2000 (2ª. Edição).
- 23- _____, Manual Prático do Ódio. São Paulo, Editora Objetiva, 2003.
- 24- FOUCAULT, M. A Arqueologia do Saber. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1969.
- 25- _____ O que é um autor? Garrido e Lino Ltda, 1969.
- 26- _____ A ordem do discurso São Paulo, Edições Loyola, 1971.
- 27- GADET, F. e HAK, T. (orgs.) Por uma análise automática do discurso – uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas, Editora da Unicamp, 1990.
- 28- HERNANDES, N. "Minha palavra é um tiro" - O discurso dos Racionais MC's no CD "Sobrevivendo no inferno", artigo consultado na Internet no dia 26/08/2003.
- 29- HOBSBAWN, Eric J. História Social do Jazz. [Tradução Ângela Noronha] – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- 30- JESUS, C. M. de. Quarto de despejo – diário de uma favelada. São Paulo, Ed. Francisco Alves, 1960.
- 31- _____ Diário de Bibita. Rio de Janeiro, Ed. Nova Fronteira, 1986.
- 32- KEHL, Maria Rita. (2000) A fratria órfã – o esforço civilizatório do rap na periferia de São Paulo. In: Função Fraterna, Relume Durnará, Rio de Janeiro.
- 33- LEAL, C. F. B. Anarquismo em verso e prosa - Literatura e propaganda na imprensa libertária em São Paulo (1900-1916). Dissertação de mestrado defendida em 1999 no DTL-IEL-UNICAMP.
- 34- LOPES, G. M. De pés-de-parede a festivais: um estudo de caso sobre o repente nordestino na grande São Paulo. Dissertação de mestrado defendida em 2001 no DTL-IEL-UNICAMP.
- 35- LORD, Albert. The singer of tales. New York: Athenaeum, 1960.
- 36- MAINGUENEAU, D. Genèses du discours. Bruxelles, Pierre Mardaga Editeur, 1984.
- 37- _____ Novas Tendências em Análise do Discurso Campinas, Editora da Unicamp – Editora Pontes, 1987.

- 38- _____ "Análise do discurso: a questão dos fundamentos". in: Caderno de Estudos Linguísticos, 19. Campinas, IEL/Unicamp págs. 65-74, 1990.
- 39- _____ Análise de Textos de Comunicação. São Paulo, Cortez Editora, 2001.
- 40- MELLO, F. P. Guerreiros do Sol: Violência e banditismo no Nordeste do Brasil. Ed. A Girafa/Massangana, 2003 (2ª. edição).
- 41- MIQUELETTI, Fabiana. Discurso, tom e caráter: uma análise do *ethos* tucano. Dissertação de mestrado defendida no DL-IEL-UNICAMP, 2002.
- 42- ORLANDI, Eni. (org.) Cidade Atravessada – os sentidos públicos no espaço urbano. Campinas, Editora Pontes, 2001.
- 43- _____ "Metáforas da Letra: Escrita, Grafismo". Texto apresentado no Enel, UFSCAR, agosto 2003.
- 44- PÊCHEUX, M. "A análise automática do discurso". in: Gadet, F. e Hak, T. Por uma análise automática do discurso – uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas, Editora da Unicamp, 1990.
- 45- _____ "A análise do discurso: três épocas". in: Gadet, F. e Hak, T. Por uma análise automática do discurso – uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas, Editora da Unicamp, 1990.
- 46- PÊCHEUX, M. e FUCHS, C. "A propósito da Análise Automática do Discurso: Atualização e Perspectivas", 1975. in: Gadet, F. e Hak, T. Por uma análise automática do discurso – uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas, Editora da Unicamp, 1990.
- 47- PERELMAN, Chaïm & OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. Tratado da Argumentação – A nova retórica. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- 48- POSSENTI, S. Os Limites do Discurso. Curitiba, Criar Edições, 2002.
- 49- REVISTA CAROS AMIGOS, Editora Casa Amarela, de 1998 a 2004.
- 50- ROCHA, Janaina; DOMENICH, Mirella; CASSEANO, Patrícia. Hip Hop – a periferia grita. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 2001.
- 51- SHETARA, Paulo. A nação hip hop (lançado em 2001 com o apoio e distribuição da UNE).
- 52- SILVA, E. G. da. Mudança ou continuidade? A polêmica na seção Tendências/Debates da Folha de S. Paulo. Dissertação de mestrado defendida no DL/IEL/UNICAMP, 2004.
- 53- SILVA, J. C. G. da. Rap na cidade de São Paulo: Música, etnicidade e experiência urbana. Tese de doutorado defendida no DCS/IFCH/UNICAMP, 1998.
- 54- STAROBINSKI, Jean. As máscaras da civilização. São Paulo, Editora Companhia das Letras, 1989.
- 55- TELLA, M. A. P. Atitude, arte, cultura e auto conhecimento – o rap como voz da periferia. Dissertação de mestrado defendida no departamento de Ciências Sociais da PUC-SP, 2000.

DISCOGRAFIA

- 1- Consciência Black – volume 1, São Paulo, Zimbabwe Records, 1989.
- 2- Face da Morte O crime da consciência, Campinas, Sky Blue, 2001.
- 3- Marcelo D2 A procura da batida perfeita, Sony, 2003.
- 4- Pavilhão 9 Reação, Warner Music do Brasil, 2001.
- 5- Racionais MCs Holocausto Urbano, São Paulo, Zimbabwe Records, 1990.
- 6- _____ Escolha seu caminho, São Paulo, Zimbabwe Records, 1992.
- 7- _____ Raio X do Brasil, São Paulo, Zimbabwe Records, 1993.
- 8- _____ Sobrevivendo no Inferno, São Paulo, Cosa Nostra, 1997.
- 9- _____ Nada como um dia após o outro dia, São Paulo, Cosa Nostra, 2002.

VIDEOGRAFIA

- 1- Cidade de Deus, Brasil, 2003.
- 2- Coruja, Brasil, 2001.
- 3- Facção Anti Sistema clipe da música Revolta de Erick 12, sem data.
- 4- O Invasor, Brasil, 2001.
- 5- O rap representa, Brasil, 2001.
- 6- Programa Ensaio com Racionais MCs, TV Cultura, 28/01/2003.
- 7- Uma nova onda no ar - Rádio Favela, Brasil, 2002.

SITES DA INTERNET

- 1- A melhor página dos Racionais MC's – <http://members.nbci.com/cpeters/>
- 2- Bocada Forte – <http://www.bocadaforte.com.br>
- 3- Cultura Hip Hop – <http://culturahiphop.hpg.com.br>
- 4- Cultura de Rua – <http://www.culturaderua.cbj.net>
- 5- Hip Hop Net – <http://hiphopnet.vila.bol.com.br/>
- 6- Hip Hop na Veia – <http://www.bocadaforte.com.br/revista/ed11/index1.asp>
- 7- <http://1dasul.com.br>
- 8- Jorge Ben Jor – site oficial - <http://www.benjor.com.br/>
- 9- Lista de Sites sobre rap e Racionais MC's – <http://www.google.com>
- 10- Racionais MC's – <http://www.terraavista.pt/enseada/8445/>
- 11- Racionais MC's Area Clandestina – <http://www.geocities.com/Athens/Agora/4383/index.htm>
- 12- Racionais MC's Home Page – <http://orbita.starmedia.com/~racionaishomepage/>
- 13- Racionais MC's Unno oficial Homepage – <http://www.geocities.com/SunsetStrip/Disco/6975/>
- 14- Real Hip Hop – <http://www.realhiphop.com.br>

ANEXOS - Transcrições das letras dos Racionais MCs

Anexo 1: "Holocausto Urbano", 1990.....	129
Anexo 2: "Escolha seu caminho", 1992.....	140
Anexo 3: "Raio X do Brasil", 1993.....	153
Anexo 4: "Sobrevivendo no Inferno", 1997.....	177
Anexo 5 A: "Nada como um dia após o outro dia" – "Chora Agora", 2002.....	221
Anexo 5 B: "Nada como um dia após o outro dia" – "Ri depois", 2002.....	256

Sobre a transcrição:

Boa parte das letras dos Racionais se encontra transcrita em sites organizados por fãs, no entanto, a transcrição que encontramos nesses sites apresenta vários problemas. O mais importante é que não há, nem minimamente, critérios fixos para versificação ou para transcrição fonética. Em segundo lugar, as transcrições contêm erros de decodificação, isto é, as palavras cantadas são transcritas como se fossem outras.

Dessa forma, minha opção foi por transcrever novamente as letras dos cinco discos dos Racionais, tomando como base, no caso de haver na Internet, as transcrições dos sites. Espero que esse material, que apresento nas mais de 150 páginas seguintes, seja útil para futuros pesquisadores e outros interessados nesse fenômeno cultural de tanta relevância que são os Racionais MCs.

Meus critérios de transcrição foram:

1. Dividir os versos de acordo com os compassos musicais, uma vez que observei que, na maioria dos casos, essa medida rítmica é usada como "fórmula" (LORD, 1960) para o rap;
2. Ignorar, na transcrição, os casos em que o verso se deslocava pouco para antes do início ou para depois do fim do compasso, pois considereei que, nesses momentos, o compasso continuou como tempo de referência. As antecipações, por exemplo, podem ser vistas como anacruses;
3. Dividir as estrofes de dois em dois versos (somente em casos excepcionais, há estrofes de três versos), por perceber que a fórmula da rima se dá, na maioria das vezes, no esquema

AABCC...

4. Respeitar a sintaxe da variedade lingüística dos Racionais, não normatizando concordâncias verbais ou nominais, por exemplo, o que seria uma insensibilidade lingüística e artística, além de interferir na métrica e na rima;

5. Na maior parte das vezes, desconsiderar a pronúncia como fator de mudança na transcrição fonética, por exemplo, não transcrever como /artigu/ a palavra “artigo”. Tal critério, embora um pouco óbvio, está sendo explicitado, pois tal mudança acontecia nas transcrições dos sites e, de qualquer forma, é bastante comum quando se transcrevem variedades lingüísticas diferentes da própria. A pronúncia somente foi considerada quando isso era fortemente indicado pela obra dos Racionais MCs, por exemplo, no caso da expressão – que é título de três raps – “vida loka”.

Anexo 1: “Holocausto Urbano”, 1990

1. Pânico na Zona Sul.....	130
2. Beco sem saída.....	134
3. Hey, Boy.....	137
4. Mulheres Vulgares.....	140
5. Racistas Otários.....	144
6. Tempos Difíceis.....	148

Pânico na Zona Sul
(Mano Brown)

Rock- Aqui é Racionais MC's: Ice Blue, Mano Brown, KL Jay e eu Edi Rock. E aí Mano Brown, certo?

Brown- Certo não está, né mano, e os inocentes quem os trará de volta?

Blue- É... a nossa vida continua, e aí quem se importa?

Brown- A sociedade sempre fecha as portas mesmo, cara... E aí Ice Blue...

Blue- PÂNICO...

Brown- Então quando o dia escurece

Só quem é de lá sabe o que acontece

Ao que me parece, prevalece a ignorância e nós
Estamos sós, ninguém quer ouvir a nossa voz

Cheios de razões, calibres em punho
Difícilmente um testemunho vai aparecer

E pode crer a verdade se omite

Blue- Pois quem garante meu dia seguinte?

Brown- Justiceiros são chamados por eles mesmos
Matam, humilham e dão tiros a esmo

E a polícia não demonstra sequer vontade
De resolver ou apurar a verdade

Pois simplesmente é conveniente
E por que ajudariam se nos julgam delinquentes?

E as ocorrências prosseguem sem problema nenhum
Continua-se o pânico na Zona Sul

Refrão- Pânico na Zona Sul
Pânico na Zona Sul
Pânico na Zona Sul
Pânico na Zona Sul

Brown- Eu não sei se eles estão ou não autorizados
De decidir quem é certo ou errado

Inocente ou culpado retrato falado

Blue- Não existe mais justiça ou estou enganado?

Brown- Se eu fosse citar o nome de todos que se foram

O meu tempo não daria pra falar

Mas eu vou lembrar que ficou por isso mesmo e então
Que segurança se tem em tal situação?

Quantos terão que sofrer pra se tomar providência?
Ou vão dar mais algum tempo e assistir a sequência
E com certeza ignorar a procedência?

O sensacionalismo pra eles é o máximo
Acabar com delinquentes eles acham ótimo

Desde que nenhum parente ou então, é lógico,
Seus próprios filhos sejam os próximos

E é por isso que nós estamos aqui
E aí mano Ice Blue...

Blue- Pânico na Zona Sul

Refrão- Pânico na Zona Sul

Pânico na Zona Sul

Pânico na Zona Sul

Pânico na Zona Sul

Brown- Racionais vão contar a realidade das ruas
Que em nome de outras vidas, a minha e a sua

Vimos falar que pra mudar temos que parar
De se acomodar e acatar o que nos prejudica

Blue- O medo:

Brown- Sentimento em comum num lugar
Que parece sempre estar esquecido

Desconfiança, insegurança, mano

Blue- Pois já se tem a consciência do perigo

E aí?

Brown- Mal te conhecem e consideram inimigo
E se você der o azar de apenas ser parecido
Eu te garanto que não vai ser divertido

Se julgam homens da lei,

Blue- Mas a respeito eu não sei

Brown- Muito cuidado eu terei, scracth KLLJay

Eu não serei mais um porque estou esperto

Do que acontece. Ice Blue:

Blue- Pânico na Zona Sul

Refrão- Pânico na Zona Sul

Pânico na Zona Sul

Pânico na Zona Sul

Pânico na Zona Sul

Brown- E aí, cara, você acha que o problema acabou?

Blue- Pelo contrário, ele apenas começou

Brown- Não perceberam que agora se tornaram iguais

Se inverteram e também são marginais, mas...

Terão que ser perseguidos e esclarecidos

Tudo e todos até o último indivíduo

Porém se nós queremos que as coisas mudem

Blue- Ei Brown, qual será a nossa atitude?

Brown- A mudança estará em nossa consciência

Praticando nossos atos com coerência

E a consequência será o fim do próprio medo

Pois quem gosta de nós somos nós mesmos

Te cuide, porque ninguém cuidará de você

Não entre nessa à toa, não dê motivo pra morrer

Honestidade nunca será demais

Sua moral não se ganha, se faz

Não somos donos da verdade, porém não mentimos

Sentimos a necessidade de uma melhoria

A nossa filosofia é sempre transmitir

A realidade em si: Racionais MC's

Refrão- Pânico na Zona Sul

Pânico na Zona Sul

Pânico na Zona Sul

Pânico na Zona Sul

Brown- Certo, certo...Então irmão, volte a atenção pra você mesmo e pense como você tem vivido até hoje, certo? Quem gosta de você é você mesmo, morou? Nós somos Racionais MC's:

DJ KLLJay, Ice Blue, Edi Rocky e eu...Brown.

PAZ...

Pânico

Beco Sem Saída
(Edi Rock)

Rock- Racionais!

Às vezes eu paro e reparo, fico a pensar
Qual seria meu destino senão cantar?

Um rejeitado, perdido no mundo, é um bom exemplo
Irei fundo no assunto, fique atento

A sarjeta é um lar não muito confortável
O cheiro é ruim, insuportável

O viaduto é o reduto nas noites de frio
Onde muitos dormem, e outros morrem, ouviu?

São chamados de indigentes pela sociedade
A maioria negros, já não é segredo, nem novidade

Vivem como ratos jogados: homens, mulheres, crianças
Vítimas de uma ingrata herança

A esperança é a primeira que morre
E sobrevive a cada dia a certeza da eterna miséria

O que se espera de um país decadente
Onde o sistema é duro, cruel, intransigente?

Refrão- Beco sem saída!
Beco sem saída!
Beco sem saída!
Beco sem saída!

Rock- Mas muitos não progridem na verdade porque assim querem
Ficam inertes, não se movem, não se mexem

Sabem por que se sujeitaram a essa situação?
Não pergunte pra mim, tire você a conclusão

Talvez a base disso tudo esteja em vocês mesmos
E a consequência é o descrédito de nós negros

Por culpa de você, que não se valoriza
Eu digo a verdade, você me ironiza

A conclusão da sociedade é a mesma

Que, com frieza, não analisa, generaliza

E só critica, o quadro não se altera e você
Ainda espera que o dia de amanhã será bem melhor

Você é manipulado, se finge de cego
Agir desse modo, acha que é o mais certo

Fica perdida a pergunta, de quem é a culpa:
Do poder, da mídia, minha ou sua?

As ruas refletem a face oculta
De um poema falso, que sobrevive às nossas custas

A burguesia, conhecida como classe nobre
Tem nojo e odeia a todos nós, negros pobres

Por outro lado, adoram nossa pobreza
Pois é dela que é feita sua maldita riqueza

Refrão- Beco sem saída!
Beco sem saída!
Beco sem saída!
Beco sem saída!

Rock- É, meu mano KL Jay. O poder mente, ilude, e domina a maioria da população, carente da educação e cultura. E é dessa forma que eles querem que se proceda. Não é verdade?

KLJay- É, pode crer!

Sample- Nascem, crescem, morrem, passam despercebidos
E a saída é esta vida bandida que levam roubando
Matando, morrendo, entre si se acabando¹⁶¹

(Breque)

Rock- Ei mano, dê-nos ouvidos!

Os poderosos ignoram os direitos iguais
Desprezam e dizem que vivam como mendigos a mais

Não sou um mártir que um dia irá te salvar
No momento certo, você pode se condenar

KLJay- Não jogamos a culpa em quem não tem culpa

¹⁶¹ Verso sampleado de “Tempos Difíceis” (anexo I, p.148), in “Holocausto Urbano, 1990.

Só falamos a verdade e a nossa parte você sabe de cor

Rock- Atravesse essa muralha imaginária
em sua cabeça, sem ter medo de falhas

Se conseguiram derrubar uma muralha real:

KL Jay- De pedra

Rock- Você pode conseguir derrubar esta

Leia, ouça, escute, ache certo ou errado
Mas meu amigo, não fique parado

KL Jay- Senão

Rock- Isso tudo vai ser apenas um grito solitário
Em um porão fechado, tome cuidado

Esqueça o grande ditado:
Cada um por si!

Siga concordando com tudo que eu digo

KL Jay- Normal

Rock- Pois pra você parece mais um artigo

KL Jay- Jornal

Rock- Esse é o meu ponto de vista, não sou um moralista
Deixe de ser egoísta, meu camarada, persista

É só uma questão: será que você é capaz de lutar?
É difícil, mas não custa nada tentar

Ei cara, o sentido disto tudo está em você mesmo. Pare, pense, e acorde, antes que seja tarde demais. O dia de amanhã te espera, morou? Edi Rock, KL Jay, Racionais!

Refrão- Beco sem saída! (pode crer, né não?)

Beco sem saída! (ai mano)

Beco sem saída! (certo!)

Beco sem saída!

Beco sem saída!

Beco sem saída!

Beco...beco...beco sem saída, beco sem saída, beco sem saída!

Brown- Certo, certo...Então irmão, volte a atenção pra você mesmo e pense como você tem vivido até hoje, certo? Quem gosta de você é você mesmo. Nós somos Racionais MC's: DJ KL Jay, Ice Blue, Edi Rocky e eu...Brown.
PAZ...

Hey Boy

(Mano Brown)

(som de carro)

Blue- Hey boy! hey boy! Dá um tempo aí, cola aí! Espera aí!

Brown- Quem é, mano? Que esse otário está fazendo aqui? Aí dá um tempo aí, chega aí...

Boy- Que foi, bicho!?

Brown- Lembra de mim, mano?

Boy- Não...

Brown- Então vamos trocar uma idéia nós dois agora...

Brown- Hey boy, o que você está fazendo aqui?

Meu bairro não é seu lugar e você vai se ferir

Você não sabe onde está, caiu num ninho de cobra

E eu acho que vai ter que se explicar: pra sair não vai ser fácil

A vida aqui é dura

Blue- Dura é a lei do mais forte

Brown- Onde a miséria não tem cura

Blue- E o remédio mais provável é a morte

Brown- Continuar vivo

Blue- É uma batalha

Brown- Isso é

Blue- Se eu não cometer falha

Brown- E se eu não fosse esperto tiravam tudo de mim

Arrancavam minha pele, minha vida enfim

Tenho que me desdobrar pra não puxarem meu tapete

E estar sempre quente

Blue- Pra não ser surpreendido de repente

Brown- Se eu vacilo, trancam minha vaga

O que você fizer, aqui mesmo você paga

A pouca grana que eu tenho não dá pro próprio consumo

Enquanto nós conversamos

Blue- A polícia apreende fumo

Brown- A marginalidade cresce sem precedência

Conforme o tempo passa, aumentar é a tendência

E muitas vezes não tem jeito: a solução é roubar

E seus pais acham que a cadeia é

Blue- Nosso lugar

Blue- O sistema é a causa e nós somos a consequência

Brown- Maior

Blue- Da chamada violência

Brown- Por que, na real,

Blue- Com nossa vida ninguém se importa

E ainda querem que sejamos patriotas

Refrão- Hey...Boy...

Brown- Isso tudo é verdade, mas não tenha dó de mim

Porque esse é meu lugar, mas eu o quero mesmo assim

Blue- Mesmo sendo o lado esquecido da cidade

Brown- E bode aspiatório de toda e qualquer mediocridade

A sociedade já não sabe o que fazer

Blue- Se vão interferir ou deixar acontecer

Brown- Mas por sermos todos pobres os tachados somos nós

Só por ser conveniente, hey boy...

Pense bem se não faz sentido

Se hoje em dia eu fosse um cara tão bem sucedido?

Blue- Como você é chamado de superior

E tem todos na mão e tudo a seu favor

Brown- Sempre teve tudo e não fez nada por ninguém

Blue- Se as coisas andam mal, é sua culpa também

Brown- Seus pais dão as costas para o mundo que os cerca

Ficam com o maior, melhor, e pra nós nada resta?

Você gasta fortunas se vestindo em etiqueta

E na sarjeta as crianças

Blue- Futuros homens

Quase não comem morrem de fome

Com frio e com medo já não é segredo e as drogas consomem

Brown- Sinta o contraste e só me dê razão

Não fale mais nada, porque vai ser em vão

Refrão- Hey Boy...

Blue- E aí, Brown?

Brown- Você faz parte daqueles que colaboram para que

Blue- A vida de muitas pessoas seja tão ruim

Acha que sozinho não vai resolver

Brown- Mas é por muitos pensarem assim como você

Blue- Que a situação

Brown- Vai de mal a pior

E como sempre você pensa em si só

Seu egoísmo ambição e desprezo

Serão os argumentos pra matar você mesmo

Então eu digo, hey boy, não fique surpreso

Se o ridículo e odioso círculo vicioso

Sistema que você faz parte o transformar num criminoso

E doloroso será ser rejeitado

Blue- humilhado

Brown- Considerado um marginal

Blue- Discriminado

Brown- Você vai saber, sentir na pele como dói

Então aprenda a lição, hey Boy...

Brown- Aí boy sai andando aí, certo... Eu tenho todos os motivos, mas nem por isso eu vou te roubar, morou? Sai andando.

Blue- Vai, caminha, mano! Não tem nada pra você aqui não, seu otário! Vai embora, sai fora.
(som de carro partindo)

Brown- E não pisa mais aqui, hein!

Mulheres Vulgares
(Edy Rock/KL Jay)

(Som de telefone)

Rock- Alô?

Brown- E aí, Edi Rocky, certo?

Rock- Ô Brown, e aí, certo mano? Estava esperando você me ligar, mesmo.

Brown- Qual é a nova?

Rock- É sobre mulher, e tal.

Brown- Mulher? Que tipo de mulher?

Rock- Se liga aí, mano:

Derivada de uma sociedade feminista
Que consideram e dizem que somos todos machistas

Não quer ser considerada símbolo sexual
Lutam pra chegar ao poder, provar a sua moral

Numa relação na qual
Não admite ser subjugada, passa a dar pra trás
Exigem direitos iguais

Brown- E do outro lado da moeda, como é que é?

Rock- Pode crer! Pra ela, o dinheiro é o mais importante
Seu jeito vulgar, suas idéias são repugnantes

É uma cretina que se mostra nua como objeto
É uma inútil que ganha dinheiro fazendo sexo
Brown- Mano!

Rock- No quarto, motel, ou telas de cinema
Ela é mais uma figura viva obscena

Luta por um lugar ao sol
Fama, dinheiro com rei de futebol!

Brown- Ah, ah!

Rock- No qual quer se encostar em um magnata
Que comande seus passos de terno e gravata

Brown- Otário

Rock- Quer ser a peça central em qualquer local
Que a julguem total, quer ser manchete de jornal

Somos Racionais: diferentes, senão iguais

Mulheres Vulgares: uma noite e nada mais!

Refrão- Mulheres vulgares

Mulheres vulgares: uma noite e nada mais

Mulheres vulgares

Mulheres vulgares: uma noite e nada mais

Rock- E aí, Brown? Cola aí, e tal. Fala aí tua parte, e tal

Brown- Ô, falo sim, mano! Espera aí, espera aí.

Rock- Certo, aí, agora.

Brown- É bonita, gostosa e sensual

Seu batom e a maquiagem a tornam banal

Ser a mau, fatal, legal, ruim

Ela não se importa! Só quer dinheiro, enfim

Rock- Envolve qualquer um com seu ar de ingenuidade

Na verdade, por trás, mora a mais pura mediocridade

Brown- Pode crer

Rock- Te domina com seu jeito promíscuo de ser

Como se troca de roupa, ela te troca por outro

Brown- Não é não?

Rock- Muitos a querem para sempre

Mas eu a quero só por uma noite, você me entende?

Brown- Nem por uma noite

Rock- Gosta de homens da alta sociedade

Até os grandes traficantes entram em rotatividade

Mestiça, negra ou branca

Uma de suas únicas qualidades: a ganância

A impressão que se ganha é de decência

Quando se trata de dinheiro e sexo, se torna indolência

Fica perdida no ar a pergunta:

Qual a pior atitude de uma prostituta?

Brown- E eu sei, mano?

Rock- Se vender por necessidade ou por ambição?

Tire você a conclusão

Refrão- Mulheres vulgares

Brown- Concorde

Mulheres vulgares: uma noite e nada mais

Mulheres vulgares

Brown- E aí, Edi Rock?

Mulheres vulgares

Brown- Só uma noite

Rock- Então, irmão, é de coração

Abra os olhos e veja a razão

Querer, poder, ter, não é pra você se proteger

Prever antes de acontecer

E hoje ela diz: "Que cara vou dormir?"

Com seu rosto bonito é fácil atrair, e daí

Pra sair não precisa insistir

É só ser alguém e estalar os dedos assim (plec!)

Francamente ela se julga capaz

De dominar a qualquer idiota que tenha conforto pra dar

Brown- Não eu

Rock- Não importa a sua cor, não importa a sua idéia

Apenas dinheiro esnobando, jogando pela janela

Não entre nessa cilada:

Fique esperto com o mundo e atento com tudo e com nada

Mulheres só querem/preferem o que as favorecem

Dinheiro e íbope, te esquecem se não os tiverem

Somos Racionais: diferentes, senão iguais

Mulheres vulgares: uma noite e nada mais!

Refrão- Mulheres vulgares

Mulheres vulgares: uma noite e nada mais.

Mulheres vulgares

Mulheres vulgares: uma noite e nada mais.

Brown- Só uma noite

Brown- Gostei, gostei. É mano, tem uns caras que ficam iludidos com essas mina aí. Capa de revista, pôster, viagem pra Europa, isso e aquilo outro, mas por baixo mano, maior sujeira! Vai nessa, morou?

Rock- E isso aí, mano. Certo, mano, até a próxima, Brown.

Brown- Certo Edy Rock, valeu. Falou, tá valendo.

Rock- Tá valendo.

Racistas Otários
(Mano Brown)

Brown- Racistas otários, nos deixem em paz
Pois as famílias pobres não agüentam mais

Pois todos sabem e elas temem
A indiferença por gente carente que se tem

Blue- E eles vêm

Brown- Com toda autoridade, o preconceito eterno
E de repente o nosso espaço se transforma
Num verdadeiro inferno e reclamar direitos de que forma?

Se somos meros cidadãos e elas o sistema
E a nossa desinformação é o maior problema

Mas mesmo assim, enfim, queremos ser iguais
Racistas otários, nos deixem em paz

Refrão- Racistas otários, nos deixem em paz
Racistas otários, nos deixem em paz
Racistas otários, nos deixem em paz
Racistas otários, nos deixem em paz

Brown- Justiça: em nome disso eles são pagos
Mas a noção que se tem é limitada e eu sei

Que a lei é implacável com os oprimidos
Tornam bandidos os que eram pessoas de bem

Pois já é tão claro que é mais fácil dizer
Que eles são os certos e o culpado é você

Se existe ou não a culpa

Blue- Ninguém se preocupa

Brown- Pois em todo caso haverá sempre uma desculpa

O abuso é demais, pra eles tanto faz
Não passará de simples foto nos jornais

Pois gente negra e carente, não muito influente
E pouco freqüente nas colunas sociais

Blue- Então eu digo: meu rapaz,

Brown- Esteja constante
Ou abrirão o seu bolso e jogarão um flagrante

Num presídio qualquer, será um irmão a mais
Racistas otários, nos deixem em paz

Refrão- Racistas otários, nos deixem em paz
Racistas otários, nos deixem em paz
Racistas otários, nos deixem em paz
Pois a lei é surda, cega e mal interpretada

Brown- Então a velha história outra vez se repete
Por um sistema falido, como marionetes

Nós somos movidos, e há muito tempo tem sido assim,
Nos empurraram à incerteza e ao crime enfim

Porque aí sim certamente estão se preparando
Com carros e armas nos esperando

E os poderosos bem seguros observando
O rotineiro holocausto urbano

O sistema é racista, cruel:
Levam cada vez mais irmãos aos bancos dos réus

Os sociólogos preferem ser imparciais
E dizem ser financeiro o nosso dilema

Mas se analisarmos bem mais você descobre
Que negro e branco pobre se parecem, mas não são iguais

Crianças vão nascendo em condições bem precárias
Se desenvolvendo sem a paz necessária

São filhos de pais sofridos e por esse mesmo motivo
O nível de informação é um tanto reduzido

Blue- Não! É um absurdo!

Brown- São pessoas assim que se fodem por tudo

E que no dia a dia vive tensa e insegura
E sofre as covardias, humilhações, torturas

A conclusão é sua, KL Jay:
"Se julgarmos homens da lei, mas a respeito eu não sei"¹⁶²

¹⁶² Verso originário do rap "Pânico na Zona Sul" (anexo 1, p.130) in Holocausto Urbano, 1990. No verso anterior, se anuncia: "a conclusão é sua, KL Jay" porque o DJ é quem coloca o sample com a citação.

Porém direi para vocês, irmãos
Nossos motivos pra lutar ainda são os mesmos
O preconceito e o desprezo ainda são iguais

Nós somos negros: também temos nossos ideais
Racistas otários, nos deixem em paz

Refrão- Racistas otários nos deixem em paz
Racistas otários, nos deixem em paz
Racistas otários, nos deixem em paz
Racistas otários, nos deixem em paz

Brown- Os poderosos são covardes desleais
Espancam negros nas ruas por motivos banais

E nossos ancestrais por igualdade lutaram
Se rebelaram, morreram

Blue- E hoje o que fazemos?

Brown- Assistimos a tudo de braços cruzados
Até parece que nem somos nós os prejudicados

Enquanto você sossegado foge da questão
Eles circulam na rua com uma descrição

Que é parecida com a sua: cabelo, cor, feição
Será que eles vêm em nós um marginal padrão?

Cinquenta anos agora se completam
Da lei anti-racismo na Constituição

Infalível na teoria

Blue- Inútil no dia a dia

Brown- Então que fodam-se eles com sua demagogia

No meu país o preconceito é eficaz:
Te cumprimentam na frente, te dão um tiro por trás

Sociólogo- O Brasil é um país de clima tropical onde as raças se misturam naturalmente
e não há preconceito racial.

Sample- Há, Há¹⁶³

Brown- Nossos motivos pra lutar ainda são os mesmos

¹⁶³ Risada da música Thriller de Michael Jackson

O preconceito e o desprezo ainda são iguais

Nós somos negros: também temos nossos ideais
Racistas otários, nos deixem em paz

Tempos Difíceis

(Edy Rock/KL Jay)

Rock- Eu vou dizer por que o mundo é assim
Poderia ser melhor, mas ele é tão ruim

Tempos difíceis, está difícil viver
Procuramos um motivo vivo, mas ninguém sabe dizer

Milhões de pessoas boas morrem de fome
E o culpado, condenado disto, é o próprio homem

O domínio está em mão de poderosos, mentirosos
Que não querem saber, porcos, mas querem todos mortos

Pessoas trabalham o mês inteiro
Se cansam, se esgotam, por pouco dinheiro

Enquanto tantos outros nada trabalham
Só atrapalham e ainda falam que as coisas melhoraram

Ao invés de fazerem algo necessário
Ao contrário, iludem, enganam otários

Prometem cem por cento, prometem mentindo, fingindo, traindo
E na verdade, de nós estão rindo

Refrão- Tempos... Tempos difíceis!
Tempos... Tempos difíceis!
Tempos... Tempos difíceis!
Tempos... Tempos difíceis!

Rock- Tanto dinheiro jogado fora
Sendo gasto por eles em poucas horas

Tanto dinheiro desperdiçado
E não pensam no sofrimento de um menor abandonado

O mundo está cheio, cheio de miséria
Isto prova que está próximo o fim de mais uma era

O homem construiu, criou, armas nucleares
E no aperto de um botão, o mundo irá pelos ares

Extra, publicam, publicam extra os jornais
Corrupção e violência aumentam mais e mais

Com quais, sexo e droga se tornaram algo vulgar
E com isso, veio a aids para a todos liquidar

Mortes e destruição causam terrorismo
E cada vez mais o mundo afunda num abismo

Refrão- Tempos... Tempos difíceis!
Tempos... Tempos difíceis!
Tempos... Tempos difíceis!
Tempos... Tempos difíceis!

Rock- Menores carentes se tornam delinquentes
E ninguém nada faz pelo futuro dessa gente

A saída é essa vida bandida que levam roubando
Matando, morrendo, entre si se acabando

Enquanto homens de poder fingem não ver
Não querem saber, faz o que bem entender

E assim aumenta a violência
Não somos nós os culpados dessa consequência?

Destruíram a natureza e com certeza
O que fizeram em seu lugar jamais terá igual beleza

Poluíram o ar e o tornaram impuro
E o futuro eu pergunto, confuso: como será?

Agora em quatro segundos irei dizer um ditado:
Tudo que se faz de errado aqui mesmo será pago

O meu nome é Edí Rock, um rapper e não um otário
Se algo não fizermos, estaremos acabados

KL Jay

Tempos difíceis
Tempos difíceis

Anexo 2: “Escolha seu caminho”, 1992

1. Voz Ativa (versão rádio).....	152
2. Voz Ativa (versão baile).....	156
3. Voz Ativa (capela).....	159
4. Negro Limitado.....	162

Voz Ativa (versão rádio)
(Racionais)

Blue- 1992. A juventude negra agora tem voz ativa. Viemos mostrar que a sabedoria de rua vale muito e não se aprende nas escolas e tal. Das ruas de São Paulo pro mundo: Racionais.

Brown- Eu tenho algo a dizer e explicar pra você
Mas não garanto, porém, que engraçado eu serei dessa vez

Para os manos daqui, para os manos de lá
Se você se considera um negro pra negro será MANO!!!

Sei que problemas você tem demais
E nem na rua não te deixam na sua

Entre madames metidas e os racistas fardados
De cérebro atrofiado não te deixam em paz

Todos eles com medo generalizam demais
Dizem que os negros são todos iguais
Você concorda?

Se acomoda então, não se incomoda em ver
Mesmo sabendo que é foda, prefere não se envolver

Finge não ser você e eu pergunto por que
Você prefere que o outro vá se ofender?

Não quero ser o Mandela, apenas dar um exemplo
Não sei se você me entende, mas eu lamento
Que irmãos convivam com isso naturalmente

Não proponho ódio, porém acho incrível
Que o nosso conformismo já esteja nesse nível

Mas Racionais, resistentes nunca iguais
Afrodynamicamente manter nossa honra viva

Sabedoria de rua, o rap mais expressiva:

Rock- E aí?

Brown- A juventude negra agora tem a voz ativa

Rock- Pode crer!

Precisamos de um líder de crédito popular
Como Martin Luther King em outros tempos foi na América

Que seja negro até os ossos, um dos nossos
E reconstrua nosso orgulho que foi feito em destroços

Nossos irmãos estão desnorteados
Entre o prazer e o dinheiro desorientados

Brigando por quase nada: migalhas, coisas banais
Prestigiando a mentira, as falhas, desinformados demais

Brown- Chega de festejar a desvantagem
E permitir que desgastem a nossa imagem

Descendente negro atual: meu nome é Brown
Não sou complexado e tal, apenas racional

É a verdade mais pura, postura definitiva:
A juventude negra agora tem voz ativa

Rock- Mais da metade do país é negra e se esquece
Que tem acesso apenas ao resto que ele oferece

Tão pouco para tanta gente, tanta gente
Tanta gente na mão de tão pouco, pode crer

Geração iludida, uma massa falida
De informações distorcidas e distraídas na televisão

Brown- Perdidos estão sem nenhum propósito
Diariamente assinando o seu atestado de óbito

Brown- Então, Mano Blue, você não acha que os negros deveriam se espelhar em outros negros e tal? Se espelhar em personalidades negras ao invés de ficar pagando um pau pra playboyzada que aparece na televisão?

Blue- Pode crer!

Brown- Pagando um pau pra um pessoal que não tem nada a ver com a gente, não tem nada a ver com os negros e tal, e aí?

Blue- Mas onde estão? Meus semelhantes na TV, nossos irmãos?
Artistas negros de atitude e expressão

Você se põe a perguntar por quê?
Eu não sou racista, mas meu ponto de vista é que

Esse é o Brasil que eles querem que exista

Evoluído e bonito, mas sem negro no destaque

Eles demonstram um país que não existe
Escondem nossa raiz, milhões de negros assistem

Engraçado que de nós eles precisam
Nosso dinheiro eles nunca discriminam

Minha pergunta aqui fica
Desses artistas tão famosos qual você se identifica?

Sample- Consequência: a má informação que se tem

Brown- Nossos irmãos estão desnorteados
Entre o prazer e o dinheiro desorientados

Mulheres assumem a sua exploração
Usando o termo mulata como profissão
É mal...

Carnavalesca- Chegou o carnaval! Chegou o carnaval!

Brown- Modelos brancas no destaque, as negras onde estão?

Desfilam no chão em segundo plano
Pouco original, mais comercial a cada ano

O carnaval era a festa do povo
Era...mas alguns negros se venderam de novo

Branco em cima negro embaixo
Ainda é normal, natural, 400 anos depois

Mil novecentos e noventa e dois, tudo igual
Bem-vindos ao Brasil colonial e tal

Precisamos de nós mesmos, essa é a questão
DMN, meus irmãos, descrevem com perfeição então

Gostamos de nós brigamos por nós
Acreditarmos mais em nós, independente de que os outros façam

Tenho orgulho de mim, um rapper em ação
Nós somos negros sim de sangue e coração

Mano Ice Blue me diz

Blue- Justiça é que nos motiva:

A minha e a sua, a nossa voz ativa

Brown- É isso aí. 1992, a juventude negra agora tem voz ativa através do nosso rap nacional, o maior veículo de comunicação entre os nossos irmãos e tal. Pode crer, sempre em frente. Vamos que vamos!

Voz Ativa (versão baile)

(Racionais)

Brown- Eu tenho algo a dizer e explicar pra você
Mas não garanto, porém, que engraçado eu serei dessa vez

Para os manos daqui, para os manos de lá
Se você se considera um negro pra negro será MANO!!!

Sei que problemas você tem demais
E nem na rua não te deixam na sua

Entre madames fodidas e os racistas fardados
De cérebro atrofiado não te deixam em paz

Todos eles com medo generalizam demais
Dizem que os negros são todos iguais
Você concorda?

Se acomoda então, não se incomoda em ver
Mesmo sabendo que é foda, prefere não se envolver

Finge não ser você e eu pergunto por que
Você prefere que o outro vá se foder?

Não quero ser o Mandela, apenas dar um exemplo
Não sei se você me entende, mas eu lamento
Que irmãos convivam com isso naturalmente

Não proponho ódio, porém acho incrível
Que o nosso conformismo já esteja nesse nível

Mas Racionais, resistentes nunca iguais
Afrodynamicamente manter nossa honra viva

Sabedoria de rua, o rap mais expressiva:

Rock- E aí?

Brown- A juventude negra agora tem a voz ativa

Rock- Pode crer!

Refrão- Só quem gosta de nós somos nós mesmos

Rock- Precisamos de um líder de crédito popular
Como Malcon X em outros tempos foi na América

Que seja negro até os ossos, um dos nossos
E reconstrua nosso orgulho que foi feito em destroços

Nossos irmãos estão desnorteados
Entre o prazer e o dinheiro desorientados

Brigando por quase nada: migalhas, coisas banais
Prestigiando a mentira, as falhas, desinformados demais

Brown- Chega de festejar a desvantagem
E permitir que desgastem a nossa imagem

Descendente negro atual: meu nome é Brown
Não sou complexado e tal, apenas racional

É a verdade mais pura, postura definitiva:
A juventude negra agora tem voz ativa

Refrão- Só quem gosta de nós somos nós mesmos

Rock- Mais da metade do país é negra e se esquece
Que tem acesso apenas ao resto que ele oferece

Tão pouco para tanta gente

Brown- Tanta gente

Rock- Tanta gente na mão de tão pouco

Brown- Pode crer

Rock- Geração iludida, uma massa falida
De informações distorcidas e distraídas na televisão

Brown- Fodidos estão sem nenhum propósito
Diariamente assinando o seu atestado de óbito

Brown- Pô, estou cansado de toda essa merda que eles mostram na televisão todo o dia, mano, não agüento mais, é foda, mano!

Blue- Mas onde estão? Meus semelhantes na TV, nossos irmãos
Artistas negros de atitude e expressão

Você se põe a perguntar por quê?
Eu não sou racista, mas meu ponto de vista é que

Esse é o Brasil que eles querem que exista
Evoluído e bonito, mas sem negro no destaque

Eles demonstram um país que não existe
Escondem nossa raiz, milhões de negros assistem

Engraçado que de nós eles precisam
Nosso dinheiro eles nunca discriminam

Minha pergunta aqui fica:
Desses artistas tão famosos qual você se identifica?

Brown- Então, Leci Brandão, Moisés da Rocha, Thaíde e Dj Hum, Ivo Meireles, Moleques de Rua e tal
E da Zona Leste de São Paulo Grupo DMN. Pode crer, é isso aí.

Nossos irmãos estão desnorteados
Entre o prazer e o dinheiro desorientados

Mulheres assumem a sua exploração
Usando o termo mulata como profissão
É mal...

Modelos brancas no destaque, as negras onde estão?
Desfilam no chão, em segundo plano
Pouco original, mais comercial a cada ano

O carnaval era a festa do povo
Era, mas alguns negros se venderam de novo

Brancos em cima, negros embaixo
Ainda é normal, natural, quatrocentos anos depois

Mil novecentos e noventa e dois, tudo igual
Bem-vindos ao Brasil colonial e tal

Precisamos de nós mesmos essa é a questão
DMN, meus irmãos, descrevem com perfeição então

Gostarmos de nós, brigarmos por nós
Acreditarmos mais em nós independente de que os outros façam

Tenho orgulho de mim, um rapper em ação
Nós somos negros sim, de sangue e coração

Mano Ice Blue me diz:

Blue- Justiça é o que nos motiva:

A minha e a sua

Todos- A nossa voz ativa

Racionais!

Voz Ativa (capela)
(Racionais)

Brown- Eu tenho algo a dizer e explicar pra você
Mas não garanto, porém, que engraçado eu serei dessa vez

Para os manos daqui, para os manos de lá
Se você se considera um negro pra negro será MANO!!!

Sei que problemas você tem demais
E nem na rua não te deixam na sua

Entre madames fodidas e os racistas fardados
De cérebro atrofiado não te deixam em paz

Todos eles com medo generalizam demais
Dizem que os negros são todos iguais
Você concorda?

Se acomoda então, não se incomoda em ver
Mesmo sabendo que é foda, prefere não se envolver

Finge não ser você e eu pergunto por que
Você prefere que o outro vá se foder?

Não quero ser o Mandela, apenas dar um exemplo
Não sei se você me entende, mas eu lamento
Que irmãos convivam com isso naturalmente

Não proponho ódio, porém acho incrível
Que o nosso conformismo já esteja nesse nível

Mas Racionais, resistentes nunca iguais
Afrodinamicamente manter nossa honra viva

Sabedoria de rua, o rap mais expressiva:

Rock- E aí?

Brown- A juventude negra agora tem a voz ativa

Rock- Pode crer!

Refrão- Só quem gosta de nós somos nós mesmos

Rock- Precisamos de um líder de crédito popular
Como Malcom X em outros tempos foi na América

Que seja negro até os ossos, um dos nossos
E reconstrua nosso orgulho que foi feito em destroços

Nossos irmãos estão desnorteados
Entre o prazer e o dinheiro desorientados

Brigando por quase nada: migalhas, coisas banais
Prestigiando a mentira, as falhas, desinformados demais

Brown- Chega de festejar a desvantagem
E permitir que desgastem a nossa imagem

Descendente negro atual: meu nome é Brown
Não sou complexado e tal, apenas racional

É a verdade mais pura, postura definitiva:
A juventude negra agora tem voz ativa

Refrão- Só quem gosta de nós somos nós mesmos

Rock- Mais da metade do país é negra e se esquece
Que tem acesso apenas ao resto que ele oferece

Tão pouco para tanta gente

Brown- Tanta gente

Rock- Tanta gente na mão de tão pouco

Brown- Pode crer

Rock- Geração iludida, uma massa falida
De informações distorcidas e distraídas na televisão

Brown- Fodidos estão sem nenhum propósito
Diariamente assinando o seu atestado de óbito

Brown- Pô, estou cansado de toda essa merda que eles mostram na televisão todo o dia, mano, não agüento mais, é foda, mano!

Blue- Mas onde estão? Meus semelhantes na TV, nossos irmãos
Artistas negros de atitude e expressão

Você se põe a perguntar por quê?
Eu não sou racista, mas meu ponto de vista é que

Esse é o Brasil que eles querem que exista
Evoluído e bonito, mas sem negro no destaque

Eles demonstram um país que não existe
Escondem nossa raiz, milhões de negros assistem

Engraçado que de nós eles precisam
Nosso dinheiro eles nunca discriminam

Minha pergunta aqui fica:
Desses artistas tão famosos qual você se identifica?

Brown- Então, Leci Brandão, Moisés da Rocha, Thaíde e Dj Hum, Ivo Meireles, Moleques de Rua e tal
E da Zona Leste de São Paulo Grupo DMN. Pode crer, é isso aí.

Nossos irmãos estão desnorteados
Entre o prazer e o dinheiro desorientados

Mulheres assumem a sua exploração
Usando o termo mulata como profissão
É mal...

Modelos brancas no destaque, as negras onde estão?
Desfilam no chão, em segundo plano
Pouco original, mais comercial a cada ano

O carnaval era a festa do povo
Era, mas alguns negros se venderam de novo

Branco em cima, negro embaixo
Ainda é normal, natural, quatrocentos anos depois

Mil novecentos e noventa e dois, tudo igual
Bem-vindos ao Brasil colonial e tal!

Precisamos de nós mesmos essa é a questão
DMN, meus irmãos, descrevem com perfeição então

Gostarmos de nós, brigarmos por nós
Acreditarmos mais em nós independente de que os outros façam

Tenho orgulho de mim, um rapper em ação
Nós somos negros sim, de sangue e coração

Mano Ice Blue me diz:

Blue- Justiça é o que nos motiva:
A minha e a sua

Todos- A nossa voz ativa

Racionais!

Negro Limitado
(Racionais)

Rock- Ai mano, você está dando fé? Você tem que ter consciência.

Limitado- Que é, mano?

Rock- Você tem que ter consciência.

Limitado- Que negócio de consciência que nada, negócio de negro, consciência não está com nada, o negócio é tirar um barato, morou, mano!

Rock- Pô mano, vamos pensar um pouco.

Limitado- Que pensar que nada, o negócio é dinheiro. E tirar uma ondata

Rock- Você não me escuta ou não entende o que eu falo
Procuro te dar um toque e sou chamado de preto otário

Atrasado, revoltado
Pode crer, estamos jogando com um baralho marcado

Não quero ser o mais certo e sim o mano esperto
Não sei se você me entende, mas eu distingo o errado do certo

Limitado- Hei mano, você vai continuar com essas idéias aí, você tá me tirando? Dá licença.

Rock- A verdade é que enquanto eu reparo os meus erros
Você sequer admite os seus

Limitado é seu pensamento, você mesmo quer
Falar sobre mulher, seu principal passatempo
O Don Juan das vagabundas, eu lamento

Vive contando vantagem, se dizendo o tal, mas simplesmente
Falta postura, QI suficiente

Me diga alguma coisa que ainda não sei
Malandros como você muitos finados contei

Não sabe sequer dizer, veja só você
O número de cor do seu próprio RG

Então, príncipe dos burros, limitado
Nesse exato momento foi coroadado

Diga qual a sua origem, quem é você?
Você não sabe responder

Refrão- Negro Limitado

Dê-nos ouvidos, escolha seu caminho

Limitado- Então, vocês que fazem o rap aí e tal, são cheios de ser professor, falar de drogas, polícia e tal, e aí, mostra uma saída, mostra um caminho. E então, e aí?

Brown- Cultura e educação, livros e escolas

Crocodilagens demais, vagabundas e drogas

A segunda opção é o caminho mais rápido e fácil

A morte percorre a mesma estrada: é inevitável

Planejam nossa extinção, esse é o título

Da nossa revolução, segundo versículo

Leia, se informe, se atualiza, decore

Antes que os racistas otários fardados de cérebro atrofiado

Os seus miolos estourem e estará tudo acabado

Cuidado...!

(som de batida policial)

O Boletim de Ocorrência com seu nome em algum livro

Em qualquer Distrito, em qualquer Arquivo

Caso encerrado, nada mais que isso

Um negro a menos contarão com satisfação

Porque é a nossa destruição que eles querem

Física e mentalmente, o mais que puderem

Você sabe do que estou falando:

Não são um dia nem dois, são mais de quatrocentos anos

Filho é fácil qualquer um faz

Mas criá-los, não, você não é capaz

Ele nasce, cresce e o que acontece?

Sem referência a seguir, sem ter a quem ouvir

Um mau aluno na escola certamente ele será

Mais um menino confuso no quarto escuro da ignorância

Se o futuro é das crianças...

Talvez um dia de você ele se orgulhará

Você tem duas saídas: ter consciência
Ou se afogar na sua própria indiferença

Escolha o seu caminho

Sample- Dê-nos ouvidos

Brown- Ser um verdadeiro preto, culto e informado
Ou ser apenas mais um negro limitado

Refrão- Negro Limitado
Dê-nos ouvidos, escolha seu caminho

Limitado- É, consciência, consciência, e os outros manos; então, você é consciente sozinho,
mano?

Rock- Faça por você mesmo e não por mim
Mantenha distância de dinheiro fácil
De bebidas demais, policiais e coisas assim
Enfim, de modo eficaz

Racionais declaram guerra
Contra aqueles que querem ver os pretos na merda

E os manos que nos ouvem irão entender
Que a informação é uma grande arma

Mais poderosa que qualquer PT carregada
Roupas caras de etiquetas não valem nada
Se comparadas a uma mente articulada

Contra um racista otário é química perfeita
Inteligência e um cruzado de direita

Será temido, e também respeitado
Um preto digno, e não um negro limitado

Refrão- Negro Limitado
Dê-nos ouvidos, escolha seu caminho

Limitado- Hei, DJ, pode crer, tem tudo a ver, não é não! Ai, Racionais, fio da navalha, pode contar
comigo. É isso aí, valeu.

Rock- Falou, pela ordem!

Anexo 3: "Raio X do Brasil", 1993

1. Introdução.....	166
2. Fim de Semana no Parque.....	167
3. Parte II.....	172
4. Mano na porta do bar.....	176
5. Homem na estrada.....	180
6. Júri racional.....	185
7. Fio da Navalha.....	188
8. Agradecimentos.....	189

Introdução

(Racionais)

Rock- 1993, fodidamente voltando: Racionais, usando e abusando da nossa liberdade de expressão, um dos poucos direitos que o jovem negro ainda tem nesse país. Você está entrando no mundo da informação, auto-conhecimento, denúncia e diversão: esse é o Raio X do Brasil. Seja bem-vindo.

Fim de Semana no Parque

(Mano Brown) – participação Negritude Jr: Cavaquinho- Vaguíminho;
Repique- Netinho; Saxofone- Lino

Brown- A toda comunidade pobre da Zona Sul

Chegou fim de semana todos querem diversão
Só alegria, nós estamos no verão

Mês de Janeiro, São Paulo, Zona Sul
Todo mundo à vontade, calor, céu azul

Eu quero aproveitar o sol
Encontrar os camaradas prum basquetebol
Não pega nada

Estou a uma hora da minha quebrada, logo mais
Quero ver todos em paz

Um, dois, três carros na calçada
Feliz e agitada, toda playboyzada

As garagens abertas, eles lavam os carros
Desperdiçam a água, eles fazem a festa

Vários estilos, vagabundas, motocicletas
Coroa rico boca aberta: isca predileta

Blue- De verde fluorescente, queimada sorridente

Brown- A mesma vaca louca circulando como sempre

Roda a banca dos playboys do Guarujá
Muitos manos se esquecem, na minha não se cresce

Sou assim e estou legal, até me leve a mal
Malicioso e realista sou eu: Mano Brown

Me dê quatro bons motivos pra não ser
Olha meu povo nas favelas e vai perceber

Daqui eu vejo uma caranga do ano
Toda equipada e o tiozinho guiando

Com seus filhos ao lado, estão indo ao parque
Eufóricos, brinquedos eletrônicos

Automaticamente eu imagino

A molecada lá da área como é que tá

Provavelmente correndo pra lá e pra cá
Jogando bola descalços nas ruas de terra
E, brincam do jeito que dá

Gritando palavrão, é o jeito deles
Eles não têm videogame, às vezes nem televisão

Mas todos eles têm dom: um São Cosme São Damião
A única proteção

No último Natal Papai Noel escondeu um brinquedo
Prateado, brilhava no meio do mato

Um menininho de dez anos achou o presente
Era de ferro com doze balas no pente
E o fim de ano foi melhor pra muita gente

Eles também gostariam de ter bicicletas
De ver seu pai fazendo cooper tipo atleta

Gostam de ir ao parque e se divertir
E que alguém os ensinasse a dirigir

Mas ele só querem paz e mesmo assim é um sonho
Fim de semana do Parque Santo Antônio

Refrão- Vamos passear no Parque
Deixa o menino brincar
Fim de Semana no parque
Vamos passear no Parque
Vou rezar pra esse domingo não chover¹⁶⁴

Rock- Olha só aquele clube que da hora
Olha aquela quadra, olha aquele campo, olha

Olha quanta gente
Tem sorveteria, cinema, piscina quente

Olha quanto boy, olha quanta mina
Afoga essa vaca dentro da piscina

Tem corrida de kart dá pra ver

¹⁶⁴ Refrão sampleado das músicas “Domingaz”, disco “Solta o Pavão”, 1975 e “Deixa o menino brincar”, disco “Big Ben”, 1965, ambas de Jorge Ben Jor.

É igualzinho o que eu vi ontem na TV

Olha só aquele clube que da hora
Olha o pretinho vendo tudo do lado de fora

Nem se lembra do dinheiro que tem que levar
Do seu pai bem louco gritando dentro do bar

Nem se lembra de ontem, de hoje, o futuro
Ele apenas sonha através do muro

(assobio da música usada no programa infantil "Domingo no Parque" de Sílvio Santos)

Brown- Milhares de casas amontoadas
Ruas de terra: esse é o morro, a minha área me espera

Gritaria na frente

Blue- Vamos chegando!

Brown- Pode crer, eu gosto disso, mais calor humano

Na periferia a alegria é igual
É quase meio dia a euforia é geral

É lá que moram meus irmãos, meus amigos
E a maioria por aqui se parece comigo

E eu também sou bam-bam-bam e o que manda
O pessoal desde as 10 da manhã está no samba

Preste atenção no repique, atenção no acorde

Netinho- Como é que é, Mano Brown?

Brown- Pode crer, pela ordem

A número número um em baixa renda da cidade
Comunidade Zona Sul é dignidade

Tem um corpo no escadão a tiazinha desce o morro
Polícia: a morte; polícia: socorro

Aqui não vejo nenhum clube poliesportivo
Pra molecada frequentar, nenhum incentivo

O investimento no lazer é muito escasso
O centro comunitário é um fracasso

Mas aí, se quiser se destruir, está no lugar certo:
Tem bebida e cocaína sempre por perto

A cada esquina, cem, duzentos metros
Nem sempre é bom ser esperto

Schimth, Taurus, Rossi, Dreyer ou Campari
Pronúncia agradável, estrago inevitável

Nomes estrangeiros que estão no nosso meio pra matar
M. E. R. D. A.

Como se fosse ontem, ainda me lembro
Sete horas, Sábado, quatro de Dezembro

Uma bala, uma moto com dois imbecis
Mataram nosso mano que fazia o morro mais feliz

E indiretamente ainda faz
Mano Rogério, esteja em paz

Vigiando lá de cima
A molecada do Parque Regina

Refrão- Vamos passear no Parque
Deixa o menino brincar
Fim de Semana no parque
Vamos passear no Parque
Vou rezar pra esse domingo não chover

Brown- Estou cansado dessa porra, de toda essa bobagem
Alcoolismo, vingança, treta, malandragem

Mãe angustiada, filho problemático
Famílias destruídas, fins-de-semana trágicos

O sistema quer isso, a molecada tem que aprender
Fim de semana no Parque Ipê

Refrão- Vamos passear no parque
Deixa o menino brincar
Fim de Semana no parque
Vamos passear no Parque
Vou rezar pra esse domingo não chover

Netinho- Pode crer, Racionais Mc's e Negritude Júnior juntos, vamos investir em nós mesmos,
mantendo distância das drogas e do álcool. Aí rapaziada do Parque Ipê, Jardim São Luiz,

Jardim Ingá, Parque Arariva, Vaz de Lima, Morro do Piolho, Vale das Virtudes e Pirajussara. É isso aí, Mano Brown.

Brown- É isso aí, Netinho, paz a todos.

(música romântica)

Mulher- E aí, Edy?

Rock- Eu já falei pra você, meu, é embaçado. Eu conheço o cara há mil anos, não tem condições.

Mulher- Deixa ele fora disso.

Rock- Não fica meio...

Mulher- É entre eu e você.

Rock- Não, não tem condições.

Mulher- Por que, você tem medo dele?

Rock- Não é bem medo, você sabe que não é bem medo, morou? Mas é que eu conheço o cara há mil anos.

Mulher- Mas ninguém precisa saber, é só entre eu e você.

Rock- Como ninguém precisa saber, meu? Só basta eu saber da parada, entendeu?

Mulher- Ah, não.

Rock- Cara, eu conheço o cara. É foda, viu, meu.

Mulher- Mas eu esperei tanto tempo por isso.

Rock- É.

Mulher- Agora que eu tenho a oportunidade, você me despreza?

Rock- Não, não, não estou desprezando, não estou desprezando. Só estou falando que eu conheço ele. Antes dele namorar com você eu já conhecia ele, há muito tempo, entendeu?

Mulher- Olha Edy, eu não aceito não como resposta, eu quero e pronto!

Rock- Pô, assim eu não agüento, é foda essas mina.

Rock- Mulher de aliado meu eu considero homem

Não admito dando em cima de mim ou de outros camaradas

São sem-vergonha, não prestam, mesmo sendo compromissadas
Não criam vergonha na cara, então, escória de safada

Quero pedir para ele se ligar, se tocar
Só que nas minhas palavras ele não vai acreditar

Vai achar que é inveja ou surto parecido
Do outro lado da moeda ela que é o inquérito

Quer tudo na palma da sua mão
A faca, o queijo, o pão e muito mais então

Vive dizendo: "pra que sair fora do vacilão?"
Se ela o tem e a quem mais quiser

Melou demais para querer iludir e foi iludido
Será que Deus deu o seu castigo merecido?

¹⁶⁵ Parte II da música "Mulheres Vulgares" do disco Holocausto Urbano, 1990.

Está com a mente totalmente atrofiada
Que vacilada! Pode crer

Lá vai ele com a cabeça enfeitada
Blue- Deu entrada
Rock- Está sendo passado pra trás

Na lista dos cara de boi está em primeiro lugar
Ajoelhou
Blue- Agora tem que rezar!

Refrão- Ela te troca, troca, troca por outro
Eu lamento
O Don Juan das vagabunda¹⁶⁶
Eu lamento!

Sample- Ela é mais uma figura viva obscena¹⁶⁷ ...
Eu lamento!

Rock- No rebanho de fêmea, ela é a fêmea pior
Também a pedra branca no jogo de dominó

As do baralho, papagaio sem língua, árvore sem galho
Blue- Repentista sem rima
Rock- Pode crer

Ela bate o pé, ele abaixa a cabeça
Ela grita na frente dos outros, ele respeita: que treta!

Acredita em meias palavras
Lágrimas, juras ensaiadas

Eu tenho dó de fulano, beltrano e sicrano
Que fica iludido com esse tipo de molambo

Masturbação mental, pra ela é normal
Agindo discretamente, dando em cima dos conhecidos que não

Estão interessados em carne mastigada
Mas às vezes saem por pensar

Blue- "Não pega nada"

Rock- Nem estão nem um pouco ligando tratando de mulher
E, se esquece de quem é mano

¹⁶⁶ O epíteto "Don Juan das vagabunda" apareceu qualificando o "Negro Limitado" da música homônima do disco "Escolha seu Caminho", 1992.

¹⁶⁷ Verso sampleado da música "Mulheres Vulgares" do disco "Holocausto Urbano", 1990.

Consideração ficou pra trás, já não existe mais
Mil vezes peço meus pêsames

Em poucos amigos se pode confiar
Mulher, então, menos se pode contar

Não gosto, não vivo, não penso não meço palavras pra falar

Blue- O quê?

Rock- Mestiça, negra ou branca, sempre sai uma vagabunda

Não se esqueça, se você ajoelhar:

Blue- Você vai ter que rezar!

Refrão- Ela te troca, troca, troca por outro

Eu lamento!

O Don Juan das vagabundas

Eu lamento!

Rock- Fique de olho na sua mulher, fique atento

Mesmo sendo de mil anos, confie apenas 50 por cento

Tire da cabeça que mulher é incapaz

Capaz ela é e mentirosa o quanto quiser

Nunca se sabe o que se passa na cabeça dela

Muda a cada instante de cão pra cadela

Mulher de mano meu é mesma coisa que homem

Não gosto de me envolver nem me imagino

Isso é mancada de canalha, cuzão, que sempre deu falha

Merece tomar salva de bala na cara

Existe sete mulheres pra cada homem ou mais

Então pra que cismar, passar seu aliado para trás?

E vice-versa mulher também entra nessa

Mais da metade eu te garanto que não presta

Deus não costuma dar asa pra cobra criada

Mas foi dada a essa cascavel

Na minha história não perdão quem pratica traição

Nem com o fogo do inferno ela ganhará o perdão

Blue- Não!

Rock- Come e cospe no mesmo prato que usa
Ela tem duas, três caras, chega até uma dúzia e suga

Até finalizar o que você tem e o que você tiver
Sabe como arrancar, pois é

Patrício meu sei que não se morda
Edy Rock em pessoa, por isso te dou um toque: acorde!

A bomba pode e vai explodir
No meio da sua cara se você não ouvir o que

O descendente negro tem pra falar:
inocente ou culpado

Blue- Você vai ter que rezar!

Refrão- Ela te troca, troca, troca por outro
Eu lamento!
O Don Juan das vagabundas
Eu lamento!

(música romântica)

Mulher- Mas e aí, Blue?

Blue- Mas e aí, você namora com meu mano, e tal, xavecou meu outro mano, agora quer sair
comigo.

Mulher- Mas deixa os dois fora disso.

Blue- Como deixar fora disso?

Mulher- É entre eu e você, deixa os dois pra lá.

Blue- Eu e você! Eu conheço o cara, você deu entrada pro outro cara, e eu conheço os dois caras,
você vem me...

Mano na Porta do Bar

(Mano Brown) – participação Arthur e Kiko

Brown- Você viu aquele mano na porta do bar?

Jogando um bilhar descontraído e pá

Cercado de uma pá de camarada

Da área, uma das pessoas mais consideradas

Ele não deixa brecha, não fode ninguém:

Adianta vários lados sem olhar a quem

Tem poucos bens, mais que nada:

Um fusca 73 e uma mina apaixonada

Ele é feliz e tem o que sempre quis:

Uma vida humilde, porém sossegada

Um bom filho, um bom irmão

Um cidadão comum com um pouco de ambição

Tem seus defeitos, mas sabe relacionar

Você viu aquele mano na porta do bar?

Refrão- Aquele mano

Aquele mano

Aquele mano

Aquele mano

Blue- Você viu aquele mano na porta do bar?

Ultimamente andei ouvindo ele reclamar

Que a sua falta de dinheiro era problema

Que a sua vida pacata já não vale a pena

Queria ter um carro confortável

Queria ser um cara mais notável

Tudo bem, até aí nada posso dizer:

Um cara de destaque também quero ser

Ele disse que a amizade é pouco

Disse mais, que seu amigo é dinheiro no bolso

Particularmente para mim não tem problema nenhum

Por mim: cada um, cada um

Brown- A lei da selva: consumir é necessário
Compre mais, compre mais, supere o seu adversário

O seu status depende da tragédia de alguém
É isso: capitalismo selvagem

Ele quer ter mais dinheiro, o quanto puder

Blue- Qual que é desse mano?

Brown- Sei lá qual que é

Sou Mano Brown, a testemunha ocular
Você viu aquele mano na porta do bar?

Refrão- Aquele mano
Aquele mano
Aquele mano
Aquele mano

Amigo- Quem é aqueles mano que estava andando com você ontem à noite?

"Aquele Mano"- É uns mano diferente aí que está colando de outra quebrada aí, mas é o seguinte, eu
estou agarrando os mano de qualquer jeito, certo?

Amigo- Nós somo aqui da área, mano!? Não tem nada a ver com você!!!

"Aquele Mano"- Já era, meu irmão ! Já era !!!

Amigo- Qual que é? Nunn estou te entendendo, explica isso aí direito...

"Aquele Mano"- Movimento é dinheiro, meu irmão... Você nunca me deu nada!!!

Blue- Você viu aquele mano na porta do bar?
Ele mudou demais de uns tempos para cá

Cercado de uma pá de tipo estranho
Que promete pra ele o mundo dos sonhos

Ele está diferente, não é mais como antes
Agora anda armado a todo instante

Não precisa mais dos aliados
Negociantes influentes estão a seu lado

Sua mina apaixonada, amiga e solidária
Perdeu a posição: agora ele tem várias

Brown- Várias mulheres, vários clientes, vários artigos
Vários dólares e vários inimigos

No mercado da droga o mais falado, o mais foda
Em menos de um ano subiu de cotação

Ascensão meteórica, contagem numérica
Farinha impura, o ponto que mais fatura

Um traficante de estilo bem peculiar:
Você viu aquele mano na porta do bar?

Refrão- Aquele mano

Blue- Ele matou um feinho a sangue frio
Às sete horas da noite, uma pá de gente viu e ouviu

À distância, dia de cobrança
A casa estava cheia: mãe, mulher e criança

Quando gritaram o seu nome no portão
Não tinha grana pra pagar, perdão é coisa rara
Tomou dois tiros no meio da cara

Brown- A lei da selva é assim, predatória

Sample- Clique, cleque, bum: preserve a sua glória!

Brown- Transformação radical, estilo de vida
Ontem sossegado e tal, hoje um homicida

Ele diz que se garante e não está nem aí
Usou e viciou a molecada daqui

Eles estão na dependência doentia
Não dormem à noite, roubam à noite

Blue- Pra cheirar de dia

Brown- Total domínio dos negócios, muita perícia
Ele dá baixa, ele ameaça, truta da polícia

Não tem pra ninguém

Blue- No momento é o que há

Brown- Pode crer!

"Aquele mano"- E aí, mano, vai um piteco de "duo" e pé?

Brown- Você viu aquele mano na porta do bar?

Refrão- Aquele mano
Aquele mano
Aquele mano
Aquele mano

Homem- E aí, mano, e aquela fita de ontem à noite?

"Aquele Mano"- Era um mano e tal que me devia, maior pilantra safado, queria me dar perdido.
Negócio é negócio, dever pra mim é a mesma coisa que dever pro capeta, dei dois tiro na cara dele, já era, virou os olhos.
Homem- Mas e agora, como é que fica?
(som de moto se aproximando)
"Aquele Mano"- Ih... Sai fora !!! Sai, Sai !!!
(som de tiros)

Brown- Você está vendo o movimento na porta do bar?
Tem muita gente indo pra lá, o que será?

Daqui apenas posso ver uma fita amarela
Luzes vermelhas e azuis piscando em volta dela

Informações desencontradas, gente indo e vindo
Não estou entendendo nada, vários voltam sorrindo

Ouçó um moleque dizer: "mais um cuzão da lista"
Dois fulanos numa moto: única pista

Eu vejo manchas no chão, eu vejo um homem ali
É natural pra mim, infelizmente

A lei da selva é traíçoeira: surpresa
Hoje você é o predador, amanhã é a presa

Já posso imaginar, vou confirmar
Me aproximei da multidão e obtive a resposta

Você viu aquele mano na porta do bar?
Ontem a casa caiu com uma rajada nas costas

Homem na Estrada

(Mano Brown)

Brown- O homem na estrada recomeça sua vida
Sua finalidade, a sua liberdade

Que foi perdida, subtraída
E quer provar a si mesmo que realmente mudou

Que se recuperou e quer viver em paz
Não olhar para trás, dizer ao crime nunca mais

Pois sua infância não foi um mar de rosas não
Na FEBEM lembranças dolorosas então

Sim, ganhar dinheiro ficar rico enfim
Muitos morreram sim sonhando alto assim

Me digam quem é feliz, quem não se desespera
Vendo nascer seu filho no berço da miséria

Um lugar onde só tinham como atração
O bar e o candomblé pra se tomar a benção

Esse é o palco da história que por mim será contada:
O homem na estrada

Equilibrado num barranco incômodo, mal acabado e sujo
Porém seu único lar, seu bem e seu refúgio

Cheiro horrível de esgoto no quintal
Por cima ou por baixo: se chover será fatal

Um pedaço do inferno: aqui é onde eu estou
Até o IBGE passou aqui e nunca mais voltou

Numerou os barracos, fez uma pá de perguntas
Logo depois esqueceram, filha da puta

Acharam uma mina morta e estuprada
Deviam estar com muita raiva

Rock- Mano, quanta paulada!

Brown- Estava irreconhecível, o rosto desfigurado
Deu meia noite e o corpo ainda estava lá

Coberto com lençol, ressecado pelo sol, jogado

O IML estava só dez horas atrasado

Sim, ganhar dinheiro ficar rico enfim
Quero que meu filho nem se lembre daqui

Tenha uma vida segura não quero que ele cresça
Com um oitão na cintura e uma PT na cabeça

E o resto da madrugada sem dormir ele pensa
O que fazer para sair dessa situação?

Desempregado então, com má reputação
Viveu na detenção, ninguém confia, não

E a vida desse homem para sempre foi danificada:

Refrão- O homem na estrada

Brown- Amanhece mais um dia e tudo é exatamente igual
Calor insuportável: vinte e oito graus

Faltou água, já é rotina, monotonia
Não tem prazo pra voltar, já fazem cinco dias

São dez horas, a rua está agitada
Uma ambulância foi chamada com extrema urgência

Loucura, violência exagerada
Estourou a própria mãe: estava embriagado

Mas bem antes da ressaca ele foi julgado
Arrastado pela rua o pobre do elemento

Inevitável linchamento, imaginem só
Ele ficou bem feio, não tiveram dó

Os ricos fazem campanha contra as drogas
E falam sobre o poder destrutivo dela

Por outro lado promovem e ganham muito dinheiro
Com o álcool que é vendido na favela

Empapuçado ele sai, vai dar um rolê
Não acredita no que vê, não daquela maneira

Crianças, gatos, cachorros disputam palmo a palmo
Seu café da manhã na lateral da feira

Molecada sem futuro, eu já consigo ver .
Só vão na escola pra comer apenas, nada mais

Como é que vão aprender sem incentivo de alguém
Sem orgulho e sem respeito, sem saúde e sem paz?

Um mano meu estava ganhando um dinheiro
Tinha comprado um carro, até rolex tinha

Foi fuzilado a queima roupa no colégio
Abastecendo a playboyzada de farinha

Ficou famoso, virou notícia
Rendeu dinheiro aos jornais, cartaz à polícia

Vinte anos de idade alcançou os primeiros lugares:
Superstar do Notícias Populares

Uma semana depois chegou o crack
Gente rica por trás, diretoria

Aqui periferia, miséria de sobra:
Um salário por dia garante a mão-de-obra

A clientela tem grana e compra bem
Tudo em casa, costa quente de sócio

A playboyzada muito louca até os ossos
Vender droga por aqui: grande negócio

Sim, ganhar dinheiro, ficar rico enfim
Quero um futuro melhor, não quero morrer assim

Num necrotério qualquer, um indigente sem nome e sem nada:

Refrão- O homem na estrada

Assaltos na redondeza levantaram suspeitas
Logo acusaram a favela para variar

E o boato que corre é que esse homem está
Com o seu nome lá na lista dos suspeitos

Pregada na parede do bar
A noite chega e o clima estranho no ar

E ele, sem desconfiar de nada, vai dormir tranquilamente
Mas na calada caguetaram os seus antecedentes

Como se fosse uma doença incurável:
No seu braço, a tatuagem, DVC uma passagem

Um cinco sete na lei, no seu lado não tem mais ninguém:
A justiça criminal é implacável

Tiram sua liberdade, família e moral
Mesmo longe do sistema carcerário

Te chamarão pra sempre de ex-presidiário
Não confio na polícia: raça do caralho

Se eles me acham baleado na calçada
Chutam minha cara e cospem em mim

É, eu sangraria até a morte, já era, um abraço
Por isso a minha segurança eu mesmo faço

É madrugada, parece estar tudo normal
Mas esse homem desperta pressentindo o mal

Muito cachorro latindo, ele acorda ouvindo
Barulho de carro e passos no quintal

A vizinhança está calada e insegura
Premeditando um final que já conhecem bem

Na madrugada da favela não existem leis
Talvez a lei do silêncio, a lei do cão talvez

Vão invadir o seu barraco, é a polícia
Vieram pra arregaçar, cheios de ódio e malícia

Filhos da puta, comedores de carniça
Já deram minha sentença e eu nem estava na treta

Não são poucos e já vieram muito loucos
Matar na crocodilagem, não vão perder viagem

Quinze caras lá fora, diversos calibres
É eu apenas com uma treze tiros automática

Só eu mesmo e eu, meu Deus e meu Orixá
No primeiro barulho, eu vou atirar

Se eles me pegam, meu filho fica sem ninguém
O que eles querem, mais um pretinho na FEBEM?

Sim, ganhar dinheiro, ficar rico enfim
A gente sonha a vida inteira e só acorda no fim

Minha verdade foi outra, não dá mais tempo pra nada¹⁶⁸

(som de tiros)

Repórter- Homem mulato aparentando entre vinte e cinco e trinta anos é encontrado morto na estrada do M-Boi Mirim sem número, tudo indica ter sido acerto de contas entre quadrilhas rivais. Segundo a polícia, a vítima tinha vasta ficha criminal..."

¹⁶⁸ Os tiros interrompem a rima esperada do refrão: "O homem na estrada", afinal, "não dá mais tempo pra nada".

Juri Racional

(Mano Brown)

Rock- Você não tem amor próprio, fulano, nos envergonha
Pensa que é o maior, não passa de um sem vergonha, se ousar!

Ouse só definir sua personalidade
Mas é inferioridade que você sente no fundo

Dá aos racistas imundos razões o bastante
Pra prosseguirem nos fodendo como antes

Ovelha branca da raça, traidor!
Vendeu a alma ao inimigo, renegou sua cor!

Refrão- Mas nosso júri é racional, não falha!
Por quê? Não somos fãs de canalha!

Rock- Existe um velho ditado do cativoiro que diz:
Que o negro sem orgulho é fraco e infeliz

Como uma grande árvore que não tem raiz
Mas se assim você quis, então terá que pagar!

Porém agora os playboys querem mais é que se foda!
Você e a sua raça toda! Eles nem pensam em te ajudar!

Blue- Então! Olhe pra você e lembre dos irmãos
Com o sangue espalhado fizeram muitas notícias

Mortos na mão da polícia, fuzilados de bruços no chão
Me causa raiva e indignação
A sua indiferença quanto à nossa destruição

Refrão- Mas, o nosso júri é racional, não falha!
Não somos fãs de canalha!

Rock- As vagabundas que você a vida toda elogiara
Se divertem hoje e riem da sua cara

Aquelas vacas usufruíram, usaram do pouco
Que você tinha até a última gota

No entanto, não há outra

Blue- E agora?
Você foi desprezado, jogado fora

Você não precisa delas! Se existem negras tão belas
Se pode ter as melhores, por que ficar com as piores?

Rock- Burguesas cadelas!

Blue- Estou falando sobre nossa auto-estima
Você despreza o seu irmão, não dá a mínima

Refrão- Mas nosso júri é racional, não falha!
Não somos fãs de canalha!

Brown- Aqui é o Mano Brown, descendente negro atual. Você está no júri racional e será julgado, otário, por ter jogado no time contrário. O nosso júri é racional, não falha. Não somos fãs de canalha. Prossiga mano Edy Rock e tal.

Rock- Gosto de Nelson Mandela, admiro Spike Lee
Zumbi, um grande herói, o maior daqui

São importantes pra mim, mas você ri e dá as costas
Então acho que sei da porra que você gosta:

Se vestir como playboy, freqüentar danceterias
Agradar as vagabundas, ver novela todo dia
Que merda!

Se esse é seu ideal, é lamentável!
É bem provável que você se foda muito

Você se auto-destrói e também quer nos incluir
Porém, não quero, não gosto, sou negro, não posso, não vou admitir!

Blue- De que valem roupas caras, se não tem atitude?
E o que vale a negritude, se não pô-la em prática?

A principal tática, herança de nossa mãe África
A única coisa que não puderam roubar

Se soubessem o valor que a nossa raça tem
Tingiam a palma da mão pra ser escura também

Refrão- Mas nosso júri é racional, não falha!
Não somos fãs de canalha!

Rock- Eu quero é nos devolver o valor que a outra raça tirou
Esse é meu ponto de vista, não sou racista, morou?

Escravizaram sua mente e muitos da nossa gente
Mas você, infelizmente, sequer demonstra interesse

Em se libertar: essa é a questão
Autovalorização: esse é o título

Da nossa revolução, capítulo um
O verdadeiro negro tem que ser capaz

De remar contra a maré, contra qualquer sacrifício
Mas no seu caso é difícil: você só pensa no seu benefício

Desde o início, me mostram indícios
Que seus artifícios são vícios pouco originais
Anormais, artificiais, embranquiçados demais

Ovelha branca da raça, traidor!
Vendeu a alma ao inimigo, renegou sua cor

Mas nosso júri é racional, não falha!
Por quê? Não somos fã de canalha!

Juíz- Por unanimidade, o júri deste tribunal declara a ação procedente e considera o réu culpado por ignorar a luta dos antepassados negros, por menosprezar a cultura negra milenar, por humilhar e ridicularizar os demais irmãos, sendo instrumento voluntário do inimigo racista. Caso encerrado.

Fio da Navalha

participação Arthur da Gaita

Rock- A música negra é como uma grande árvore, com vários galhos e tal. O rap é um, o reggae é outro, o samba também. Agora vamos mostrar mais um deles e tal: Racionais MCs, "Fio da Navalha".

Blue- Pode crer, a rapaziada toda reunida, vamos tirar a onda. Quero ver todos os manos à vontade, sem treta. Edy Rock, KLJay, Ice Blue e Mano Brown.

Brown- E, pra que esse som se realizasse, contamos com a presença de um mano direto da zona norte. E aí, mano Arthur da Gaita, chega mais. Quebra tudo, meu compadre!

(segue blues instrumental)

Agradecimentos

Rock- A vocês que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste projeto. Aos amigos do Racionais, muito obrigado.

Rock- Primeiramente muito obrigado a Deus, minha grande mãe e meu grande pai, meus parentes, tios, primos e primas, sem eles seria difícil encarar essa batalha e tal. Aos chegados, Val, Bel, Sérgio e família. Ao Vado, grande Vado. Aos manos da área, território Jaçanã e Companhia Jova, pode crer. Alberto, filho da Dona Léo, obrigado pela atenção. À velha Mazen, grande Mazen. Alí Jô, aquele abraço, pode crer. Panão Capoeira, Nei, Luiz, Zé Hamilton, Richard, aí, Vila Sapa, aquele grande abraço. Dona Maria, irmãos do Kleber, organização Keto. Alô BB e Fátima Black Center, um grande abraço, muito obrigado por tudo. Manos daqui, Reginaldo, Ceboia, Eduardo, Cláudio, um grande abraço. E a todos da 24 de maio, que Deus os abençoe.

Brown- A Dona Ana, minha mãe, Eliane, minha namorada, muito obrigado. Todo pessoal do Jardim Ebana, estou de olho em vocês, hein. Kiko, Carlinho, estejam em paz. Coisa Nossa da Rádio Transa Black. Rogério, esteja em paz, muito obrigado. Pessoal da área, Dinho, Fubá, muito obrigado, é isso aí. Rapaziada do basquete que frequenta o Levi nos fins-de-semana, é isso aí, como é que é?. Fabinho, grupo Sabe Sambar. E aí, Neto, toda rapaziada do Negritude Júnior, muito obrigado. Ivan, Grupo Realidade, o samba não pode parar, pode crer. À toda comunidade da rima: Marcão, Rick, Ivo, Marcelo, FNR, Face Negra, DMN, Projeto Rappers, muito obrigado. Cherrie Line e DJ Cat, Personalidade Negra, Negros para o Futuro, Concerto de Rua. E aí Capão Redondo, como é que é? MC Dilcide e Mau, Vítima Fatal, Lei de Rap, é isso aí, muito obrigado. Congratulações finais aos atletas Cafu do São Paulo, Almir do Santos, Viola do Corinthians e Dener da Portuguesa, é isso aí.

Blue- Agradeço à minha família, aos meus manos de fé: Chico, Ricardo, Adailton, Nô, Dão, Ivan Pessoa, muito obrigado. A outros que se foram: Bola e Macumba. Deus que os tenha. Alí área: Nildo, Paulinho, Lambari, Santos, Florisvaldo, Josuel, Tuca, Júlio, Mamute, Jura, Toni, Jurandir, Claudeir, muito obrigado. Aos meus primos Di, Bira, Marcão, Joca, Marivaldo, Cavalo, Sargento, Ronaldo, Gordinho. Ao meu pai e minha mãe espiritual: Olorum Mudupé. Aos rappers: muito obrigado. Thaíde, Pepeu, Júlio, Comando de MC, MT Bronx, Sampa Trio, ao Duda, Cacá, Barata, Betoven, Walfa, Luiz Inácio, Tubarão, Silvinho, Luizinho. Ao pessoal da Zimbabwe: Willian, Zé Luís, Serafim, Tadeu, Pica-pau, Vira-lata, muito obrigado. Agradecimentos especiais: Nenê, Artur, Kiko, que participaram deste disco. Ao Paulo Cabelo, Milton Sales. Ao DJ Cri, ao Nilton e ao Vande. Ao Silvão do Jardim Lidia, muito obrigado. Crédito a Tim Maia pela música "Ela Partiu". Agradeço a Deus, Alá, Oxalá e a todos os Orixás. Olorum Mudupé. Axé.

Anexo 4: “Sobrevivendo no Inferno”, 1997

1. Jorge da Capadócia.....	192
2. Gênesis (intro).....	193
3. Capítulo 4, Versículo 3.....	194
4. Tô ouvindo alguém me chamar.....	199
5. Rapaz Comum.....	207
6.	211
7. Diário de um detento.....	212
8. Periferia é periferia (em qualquer lugar).....	217
9. Qual mentira vou acreditar.....	221
10. Mágico de Oz.....	226
11. Fórmula Mágica da Paz.....	230
12. Salve.....	236

Jorge da Capadócia

(Jorge Ben Jor)

Ogun iê!

Jorge sentou praça na cavalaria

E eu estou feliz porque eu também sou da sua companhia

Eu estou vestido com as roupas e as armas de Jorge

Para que meus inimigos tenham pés e não me alcancem

Para que meus inimigos tenham mãos e não me toquem

Para que meus inimigos tenham olhos e não me vejam

E nem mesmo em pensamento eles possam ter

Para me fazerem mal

Armas de fogo meu corpo não alcançarão

Facas e espadas se quebrem sem o meu corpo tocar

Cordas e correntes arrebentem sem o meu corpo amarrar

Pois eu estou vestido com as roupas e as armas de Jorge

Jorge é de Capadócia

Salve Jorge!

Salve Jorge!

Gênesis (Intro)

(Mano Brown)

Brown- Deus fez o mar, as árvore, as criança, o amor. O homem me deu a favela, o crack, a traiçagem, as arma, as bebida, as puta. Eu? Eu tenho uma Bíblia velha, uma pistola automática e um sentimento de revolta e estou tentando sobreviver no inferno.

Capítulo 4, Versículo 3

(Mano Brown) - participação de Primo Preto

Primo Preto- 60% dos jovens de periferia sem antecedentes criminais já sofreram violência policial.
A cada quatro pessoas mortas pela polícia, três são negras.
Nas universidades brasileiras, apenas 2% dos alunos são negros.
A cada 4 horas, um jovem negro morre violentamente em São Paulo.
Aqui quem fala é Primo Preto, mais um sobrevivente.

Brown- Minha intenção é ruim, esvazia o lugar
Eu estou em cima, eu estou a fim: um dois pra atirar

Eu sou bem pior do que você está vendo
Preto aqui não tem dó, é 100% veneno

A primeira faz bum, a segunda faz tá
Eu tenho uma missão e não vou parar

Meu estilo é pesado e faz tremer o chão
Minha palavra vale um tiro, eu tenho muita munição

Me aquietam na sessão, minha atitude vai além
E tem disposição pro mal e pro bem

Talvez eu seja um sádico, um anjo, um mágico
Ou juiz ou réu, um bandido do céu

Malandro ou otário, quase sanguinário
Franco atirador, se for necessário

Revolucionário, insano ou marginal
Antigo e moderno: imortal

Fronteira do céu ou inferno astral
Imprevisível, como um ataque cardíaco do verso
Violentamente pacífico, verídico

Vim pra sabotar seu raciocínio
Vim pra abalar o seu sistema nervoso e sanguíneo

Pra mim ainda é pouco, dá cachorro louco
Número 1, guia, terrorista da periferia

Uni, duni, tê. Eu tenho pra você:
Um rap venenoso ou uma rajada de PT?

E a profecia se fez como previsto

Primo Preto- 1997

Brown- Depois de Cristo

A fúria negra ressuscita outra vez:

Racionais Capítulo 4, Versículo 3

Refrão- Aleluia, Aleluia

Racionais, no ar, filhas da puta. Pá, pá, pá.

Blue- Faz frio em São Paulo, pra mim está sempre bom

Eu estou na rua de bombeta e moletom

Dindindon, rap é o som

Que emana no opala marrom

E aí? Chama o Guilherme, chama o Vânio, chama o Dinho

E o Di, Marquinho, chama o Éder vamo aí

Se os outros manos vem, pela ordem tudo bem, melhor

Quem é quem no bilhar, no dominó

Brown- Colou dois mano, um acenou pra mim

De jaco de cetim, de tênis calça jeans

Blue- Ei Brown, sai fora, nem vai, nem cola

Não vale a pena dar idéia nesses tipo aí

Ontem à noite eu vi na beira do asfalto

Tragando a morte, soprando a vida pro alto

Ó os cara só o pó, pele e osso

No fundo do poço, mais flagrante no bolso

Brown- Veja bem, ninguém é mais que ninguém

Veja bem, veja bem, eles são nossos irmãos também

Blue- Mas de cocaina e crack, whisky e conhaque

Os mano morre rapidinho sem um lugar de destaque

Brown- Mas quem sou eu pra falar de quem cheira ou quem fuma?

Nem dá! Nunca te dei porra nenhuma

Você fuma o que vem, entope o nariz

Bebe tudo que vê, faça o diabo feliz

Você vai terminar tipo o outro mano lá

Que era um preto tipo A, ninguém entrava numa

Maior estilo: de calça Calvin Klein, tênis Puma
Um jeito humilde de ser, no trampo e no rolê

Curtia um funk, jogava uma bola
Buscava a preta dele no portão da escola

Exemplo pra nós, maior moral, maior ibope
Mas começou colar com uns branquinho do shopping

Rock- Ai já era

Brown- Ih, mano! Outra vida, outro pique
Só mina de elite, balada, vários drinks

Putz de boutique, toda aquela porra
Sexo sem limite, Sodoma e Gomorra

Faz uns nove anos
Tem uns 15 dias atrás eu vi o mano

Você tem que ver, pedindo cigarro pros tiozinho no ponto
Dente tudo zoad, o bolso sem nem um conto

O cara cheira mal, as tia sente medo!
Muito louco de sei lá o que logo cedo

Agora não oferece mais perigo:
Viciado, doente, fodido: inofensivo

Um dia um PM negro veio embaçar
E disse pra eu me por no meu lugar

Eu vejo um mano nessas condições, não dá!
Será assim que eu deveria estar?

Imão, o demônio fode tudo ao seu redor
Pelo rádio, jornal, revista e outdoor

Te oferece dinheiro, conversa com calma
Contamina seu caráter, rouba sua alma

Depois te joga na merda sozinho
Transforma um preto tipo A num neguinho

Minha palavra alivia sua dor
Ilumina minha alma, louvado seja o meu Senhor

Que não deixa o mano aqui desandar
Ah, e nem sentar o dedo em nenhum pilantra

Mas que nenhum filho da puta ignore a minha lei:
Racionais capítulo 4, versículo 3

Refrão- Aleluia, Aleluia
Racionais, no ar, filhas da puta. Pá, pá, pá

Rock- Quatro minutos se passaram e ninguém viu
O monstro que nasceu em algum lugar do Brasil

Talvez o mano que trampa debaixo do carro sujo de óleo
Que enquadra o carro forte na febre com sangue nos olhos

O mano que entrega envelope o dia inteiro no sol
Ou o que vende chocolate de farol em farol

Talvez o cara que defende o pobre no tribunal
Ou que procura vida nova na condicional

Alguém no quarto de madeira, lendo à luz de velas
Ouvindo rádio velho no fundo de uma cela

Ou um da família real de negros como eu sou
Um príncipe guerreiro que defende o gol

Brown- E eu não mudo, mas eu não me iludo
Os mano cu-de-burro tem, eu sei de tudo

Em troca de dinheiro e um cargo bom
Tem mano que rebola e usa até batom

Vários patrícios falam merda pra todo mundo rir
Ah ah, pra ver branquinho aplaudir

É, na sua área tem fulano até pior
Cada um, cada um: você se sente só

Tem mano que te aponta uma pistola e fala sério
Explode sua cara por um toca-fita velho

Clic! plau! plau! plau! e acabou
Sem dó e sem dor, foda-se sua cor

Limpa o sangue com a carnisa e manda se foder!

Você sabe por que, pra onde vai, pra quê

Vai de bar em bar, de esquina em esquina
Pegar 50 contos, trocar por cocaína

Enfim, o filme acabou pra você:
A bala não é de festim, aqui não tem dublê

Para os manos da Baixada Fluminense à Ceilândia
Eu sei, as ruas não são como a Disneylândia

De Guaianazes ao extremo sul de Santo Amaro:
Ser um preto tipo A custa caro

É foda! Foda é assistir a propaganda e ver
Não dá pra ter aquilo pra você

Playboy, folgado, de brinco, um trouxa
Roubado dentro do carro na avenida Rebouças

Correntinha das moças, madame de bolsa, dinheiro
Não tive pai, não sou herdeiro

Se eu fosse aquele cara que se humilha no sinal
Por menos de um real, minha chance era pouca

Mas se eu fosse aquele moleque de touca
Que engatilha e enfia o cano dentro da sua boca

De quebrada, sem roupa, você e sua mina
Um, dois, nem me viu! Já sumi na neblina

Mas não! Permaneço vivo, prossigo a mística,
27 anos contrariando a estatística

Seu comercial de TV não me engana,
Eu não preciso de status, nem fama

Seu carro e sua grana já não me seduz
E nem a sua puta de olhos azuis

Eu sou apenas um rapaz latino americano
Apoiado por mais de 50 mil manos

Efeito colateral que o seu sistema fez:
Racionais capítulo 4, versículo 3

Tô Ouvindo Alguém me Chamar

(Mano Brown) – participação de Giovani, Quindim, Dinho

Homem- Ai mano, o Guina mandou isso aqui pra você!

Brown- Tô ouvindo alguém gritar meu nome
Parece um mano meu, é voz de homem

Eu não consigo ver quem me chama
É tipo a voz do Guina, não, não, não, o Guina está em cana

Será? Ouvi dizer que morreu
Sei lá, última vez que eu o vi

Eu lembro até que eu não quis ir, ele foi
Parceria forte aqui era nós dois

Louco, louco, louco e como era
Cheirava pra caralho, vixe! Sem miséria!

Doido ponta firme, meu professor no crime
Também, maior sangue frio, não dava boi pra ninguém

Putz, aquele mano era foda!
Só moto nervosa, só mina da hora, só roupa da moda

Deu uma pã de blusa pra mim
Naquela fita na butik do Itaim

Mas sem essa de sermão, mano, eu também quero ser assim
Vida de ladrão não é tão ruim

Pensei e entrei, no outro assalto eu coleí e pronto
Ai o Guina deu maior ponto:

Guina- Ai é um assalto, todo mundo pro chão, pro chão!

Homem 2- Ai filho da puta, aqui ninguém tá de brincadeira não!

Homem 3- Falta só mais um cofre mano, o cofre, o cofre...

Brown- Pela primeira vez vi o sistema aos meus pés
Apavorei, desempenho nota dez

Dinheiro na mão, o cofre já tava aberto
O segurança tentou ser mais esperto

Rock- Então

Brown- Foi defender o patrimônio do playboy

Rock- Cuzão

(som de tiros)

Brown- Não vai dar mais pra ser super-herói

Se o seguro vai cobrir
Foda-se, e daí?

O Guina não tinha dó
Se reagir, bum! vira pó

Sinto a garganta ressecada
E a minha vida escorrer pela escada

Mas se eu sair daqui eu vou mudar
Eu tô ouvindo alguém me chamar

Eu tô ouvindo alguém me chamar

(som de risadas, sirene e respiração ofegante)

Tinha um maluco lá na rua de trás
Que tava com moral até demais

Ladrão, ladrão, e dos bons
Especialista em invadir mansão

Comprava brinquedo à revelia
Chamava a molecada e distribuía

Sempre que eu via, ele tava só
O cara é gente fina, mas eu sou melhor

Eu aqui na pior e ele tem o que eu quero
Jóia escondida e uma 380

Num desbaratino ele até se crescia
Se pã, ignorava até que eu existia

Tem um brilho na janela, é então
A bola da vez, tá vendo televisão

Guina- Psiu... Vamos. Vai entrando...

Brown- O Guina no portão, eu e mais um mano

Homem 4- Como é que é, neguinho?

Brown- Se dirigia a mim, e ria

Ria, como se eu não fosse nada
Ria, como fosse ter virada

Estava em jogo, meu nome e atitude
(tiros)
Era uma vez Robin Hood

Fulano sangue ruim, caiu de olho aberto
Tipo me olhando, é, me jurando

Eu tava bem de perto e aceitei os seis
O Guina foi e deu mais três

Lembro que um dia o Guina me falou
Que não sabia bem o que era amor

Falava quando era criança
Uma mistura de ódio, frustração e dor

De como era humilhante ir pra escola
Usando a roupa dada de esmola

E ter um pai inútil, digno de dó
Mais um bêbado, filho de puta e só

Sempre a mesma merda, todo dia igual
Sem feliz aniversário, Páscoa ou Natal

Longe dos cadernos, bem depois
A primeira mulher e um 22

Prestou vestibular no assalto do busão
Numa agência bancária se formou ladrão

Não, não se sente mais inferior
“Aí neguinho, agora eu tenho o meu valor.”

Guina, eu tinha maior admiração, ó
Considerava mais do que meu próprio irmão, ó

Ele tinha um certo dom pra comandar
Tipo, linha de frente em qualquer lugar

Tipo, condição de ocupar um cargo bom e tal.
Talvez em uma multinacional

É foda! Pensando bem, que desperdício

Aqui na área acontece muito disso

Inteligência e personalidade
Mofando atrás da porra de uma grade

Eu só queria ter moral e mais nada
Mostrar pro meu irmão, pros caras da quebrada

Uma caranga e uma mina de esquema
Algum dinheiro resolvia o meu problema

Que que eu tô fazendo aqui?
Meu tênis sujo de sangue, aquele cara no chão

Uma criança chorando e eu com um revólver na mão
Era um quadro do terror, e eu que fui o autor

Agora é tarde, eu já não podia mais
Parar com tudo, nem tentar voltar atrás

Mas no fundo, mano, eu sabia
Que essa porra ia zoar a minha vida um dia

Me olhei no espelho e não reconheci
Estava enlouquecendo, não podia mais dormir

Preciso ir até o fim
Será que Deus ainda olha pra mim?

Eu sonho toda madrugada
Com criança chorando e alguém dando risada

Não confiava nem na minha própria sombra
Mas segurava a minha onda

Sonhei que uma mulher me falou, eu não sei o lugar
Que um conhecido meu, quem?, ia me matar

Precisava acalmar a adrenalina
Precisava parar com a cocaína

Não tô sentindo meu braço
Nem me mexer da cintura pra baixo

Ninguém na multidão vem me ajudar
Que sede da porra, eu preciso respirar

Cadê meu irmão?
Eu tô ouvindo alguém me chamar

(som de sirene, risadas, respiração ofegante, criança chorando)

Nunca mais vi meu irmão
Diz que ele pergunta de mim, não sei não

A gente nunca teve muito a ver
Outra idéia, outro rolê

Os malucos lá do bairro
Já falava de revólver, droga, carro

Pela janela da classe eu olhava lá fora
A rua me atraía mais do que a escola

Fiz dezessete, tinha que sobreviver
Agora eu era um homem, tinha que correr

No mundão você vale o que tem
Eu não podia contar com ninguém

“Cuzão, fica você com seu sonho de doutor
Quando acordar, você me avisa, morou?”

Eu e meu irmão era como óleo e água
Quando eu saí de casa trouxe muita mágoa

Isso há mais ou menos seis anos atrás
Porra, maior saudade do meu pai

Me chamaram pra roubar um posto
Eu tava duro, era mês de agosto

Mais ou menos três e meia, luz do dia
Tudo fácil demais, só tinha um vigia

Não sei, não deu tempo, eu não vi, ninguém viu
Atiraram na gente, um moleque caiu

Prometi pra mim mesmo, era a última vez
Porra, ele só tinha dezesseis

Não, não, não, tô a fim de parar
Mudar de vida, ir pra outro lugar

Um emprego decente, sei lá
Talvez eu volte a estudar

Dormir à noite era difícil pra mim
Medo, pensamento ruim

Ainda ouço gargalhadas, choro, vozes
A noite era longa, maior neurose

Tem uns malucos atrás de mim, qual que é? Eu nem sei
Diz que o Guina tá em cana e eu que cagüetei

Logo quem, logo eu, olha só! ô!
Que sempre segurei os B.O.

Não, eu não sou bobo, eu sei qual é que é!
Mas eu não tô com esse dinheiro que os cara quer

Maior que o medo, o que eu tinha era a decepção
A traiçagem, a pilantragem, a traição

Meus aliado, meus mano, meus parceiro
Querendo me matar por dinheiro

Vivi sete anos em vão
Tudo que eu acreditava não tem mais razão, não

Meu sobrinho nasceu
Diz que o rosto dele é parecido com o meu

Diz, um pivete eu sempre quis
Meu irmão merece ser feliz

Deve estar a essa altura
Bern perto de fazer a formatura

Acho que é direito, advocacia
Acho que era isso que ele queria

Sinceramente eu me sinto feliz
Graças a Deus, não fez o que eu fiz

Minha finada mãe, proteja o seu menino
O diabo agora guia o meu destino

Se o júri for generoso comigo
Quinze anos pra cada latrocínio

Sem dinheiro pra me defender
Homem morto, cagüeta, sem ser

Que se foda, deixa acontecer
Não há mais nada a fazer

Essa noite eu resolvi sair
Tava calor demais, não dava pra dormir

Ia levar meu canhão, sei lá, decidi que não
É rapidinho, não tem precisão

Muita criança, pouco carro, vou tomar um ar
Acabou meu cigarro, vou até o bar

Homem 5- E aí, como é que é, e aquela lá?

Brown- Tô devagar, tô devagar

Tem uns baratos que não dá pra perceber
Que tem mó valor e você não vê

Uma pá de árvore na praça, as criança na rua
O vento fresco na cara, as estrela, a lua

Dez minutos atrás, foi como uma premonição
Dois moleques caminharam em minha direção

Não vou correr, eu sei do que se trata
Se é isso que eles querem, então vem, me mata

Disse algum barato pra mim que eu não escutei
Eu conhecia aquela arma, é do Guina, eu sei

Uma 380 prateada
Que eu mesmo dei

Um moleque novato com a cara assustada

Moleque- Aí mano, o Guina mandou isso aqui pra você!

Brown- Mas depois do quarto tiro, eu não vi mais nada

Sinto a roupa grudada no corpo
Eu quero viver, não posso estar morto

Mas se eu sair daqui eu vou mudar
Eu tô ouvindo alguém me chamar

(o som de monitor cardíaco, que ficara ao fundo desde o início, agora fica contínuo, como quando alguém morre)

Rapaz Comum
(Edy Rock)

(Narração de jogo de futebol do Santos. Som de campainha, tiros e moto saindo em arrancada)

Rock- Parece que alguém está me carregando perto do chão
Parece um sonho, parece uma ilusão

A agonia, o desespero torna conta de mim
Algo no ar me diz que é muito ruim

Meu sangue quente, não sinto dor
A mão dormente não sente o próprio suor

Meu raciocínio fica meio devagar
Quem me fodeu? Eu tô tentando me lembrar

Cresceu o movimento ao meu redor
Meu Deus! Eu não sei mais o que é pior

Mentir a vida toda pra si mesmo
Ou continuar e insistir no mesmo erro

Me lembro de um fulano:

Homem- Mata esse mano!

Rock- Será que errar dessa forma é humano?

Errar a vida inteira é muito fácil
Pra sobreviver aqui tem que ser mágico

Me lembro de várias coisas ao mesmo tempo
Como se eu estivesse perdendo tempo

Blue- A ironia da vida é foda!

Rock- Que valor tem? Quanto valor tem?

Uma vida vale muito, vim saber só agora
Deitado aqui e os manos na paz, tudo lá fora

Puxando ferro ou talvez batendo uma bola
KL Jay- Pode crer. Deve tá maior lua da hora

Rock- Tem alguém me chamando, quem é?
Apertando minha mão, tem voz de mulher

O choro a faz engolir as palavras

O lenço que enxuga meu suor enxuga sua própria lágrima

No rosto de uma mãe que reza baixinho
Que nunca me deixou faltar, ficar sozinho

Me ensinou o caminho desde criança
Minha infância, mais uma eu guardo na lembrança

Na esperança da periferia eu sou mais um

Refrão- Clique, claque, bum!
Rapaz comum
Clique, claque, bum!
A lei da selva é assim
Clique, claque, bum!
Predatória
Rapaz comum
Clique, claque, bum
A lei da selva é assim
Clique, claque, bum!
Rapaz comum
Preserve a sua glória!¹⁶⁹

Rock- Queria atrasar o meu relógio
Pra mim vale muito um minuto a mais de ódio

Mas me sinto fraco, indefeso, desprotegido
Eu vou, mas volto, cuzão! Pra te levar comigo!

Vou ser um encosto na sua vida
Você criou um monstro sem cura, sem alternativa!

Me enganar pra quê, se o fim é virar pó?!
Fiquei muito pior, segura o seu B.O.

O preto aqui não tem dó!
Mais uma vida desperdiçada e é só

Uma bala vale por uma vida do meu povo
Num pente tem quinze, sempre há menos no morro, e então?

Quantos manos iguais a mim se foram?
Preto, preto, pobre, cuidado, socorro!

¹⁶⁹ Os versos "Clique, claque bum/ a lei da selva é assim, predatória/ preserve a sua glória" são inseridos nesse refrão sampleados da música "Fim de Semana no Parque", do disco "Raio X do Brasil", 1993.

Que que pega aqui? Que que acontece ali?
Vejo isso frequentemente, desde moleque

Quinze de idade já era o bastante, então
Treta no baile, então, tiros de monte

Morte nem se fala, eu vejo um cara agonizando

Blue- Chame a ambulância! Alguém chame a ambulância!

Rock- Depois ficava sabendo na semana

Que dois já era, os preto sempre teve fama

No jornal, revista, TV se vê
Morte aqui é natural, é comum de se ver

Caralho! Não quero ter que achar normal
Ver um mano meu coberto com jornal

É mal! Cotidiano suicida
Quem entra tem passagem só pra ida

Me diga: que adianta isso faz?
Me diga: que vantagem isso traz?

Então, a fronteira entre o Céu e o Inferno
Tá na sua mão: nove milímetros de ferro

Cuzão! Otário! Que porra é você?
Olha no espelho e tenta entender

A arma é uma isca pra fregar
Você não é polícia pra matar!

É como uma bola de neve
Morre um, dois, três, quatro, morre mais um em breve

Sinto na pele, me vejo entrando em cena
Tomando tiro igual filme de cinema

Refrão- Clique, claque, bum!

Rapaz comum

Clique, claque, bum!

A lei da selva é assim

Clique, claque, bum!

Predatória

Rapaz comum

Clique, claque, bum

A lei da selva é assim
Clique, claque, bum!
Rapaz comum
Preserve a sua glória!

Rock- Minha idéia tá clareando

Eu fico atacado, mó neurose, o tempo tá esgotando

Não quero admitir, meus olhos vão abrir
Vou chorar, vou sorrir, vou me despedir

Não quero admitir que sou mais um
Infelizmente é assim, aqui é comum

Um corpo a mais no necrotério, é sério
Um preto a mais no cemitério, é sério

Eu tô me vendo agora e é difícil
Minha família, meus mano, no centro um crucifixo

Meus filhos olhando sem entender o porquê
Se eu pudesse falar, talvez iriam saber

Não acredito que esse mano veio até aqui
Me matou, quer certeza e quer conferir

Me acompanham até a sepultura
Vejo um tumulto no caixão e alguém segura

Mais uma mãe que não se conforma
Perder um filho dessa forma é foda, quem se conforma?

Como eu podia imaginar
No velório de outras pessoas, hoje estou no lugar

No buraco desce o meu caixão
Jogam terra, flores, se despedem na última oração

Tão me chamando, meu tempo acabou
Não sei pra onde ir, não sei pra onde vou

Qual que é? Qual que é? O que que eu vou ser?
Talvez um anjo de guarda pra te proteger

Não sou o último nem muito menos o primeiro
A lei da selva é uma merda e você é o herdeiro!

...
(Edy Rock)

Diário de um Detento
(Mano Brown/Jocenir)

Brown- São Paulo, dia primeiro de outubro de 1992, oito horas da manhã.

Brown- Aqui estou, mais um dia
Sob olhar sanguinário do vigia

Você não sabe como é caminhar
Com a cabeça na mira de uma HK

Metralhadora alemã ou de Israel
Estraçalha ladrão que nem papel

Na muralha em pé
Mais um cidadão José

Servindo o Estado, um PM bom
Passa fome, metido a Charles Bronson

Ele sabe o que eu desejo, sabe o que eu penso
O dia tá chuvoso, o clima tá tenso

Vários tentaram fugir, eu também quero
Mas de um a cem, a minha chance é zero

Será que Deus ouviu minha oração?
Será que o juiz aceitou a apelação?

Manda um recado lá pro meu irmão:
Se estiver usando droga, tá ruim na minha mão

Ele ainda tá com aquela mina?
Pode crer, o moleque é gente fina

Tirei um dia a menos ou um dia a mais
Sei lá, tanto faz, os dias são iguais

Acendo um cigarro vejo o dia passar
Mato o tempo pra ele não me matar

Homem é homem, mulher é mulher
Estuprador é diferente, né?

Toma soco toda hora, ajoelha e beija os pés
E sangra até morrer na rua 10

Cada detento uma mãe, uma criança
Cada crime uma sentença

Cada sentença um motivo, uma história
De lágrima, sangue, vidas inglórias

Abandono, miséria, ódio, sofrimento
Desprezo, desilusão, ação do tempo

Misture bem essa química, pronto:
Fiz um novo detento

Lamentos no corredor, na cela, no pátio
Ao redor do campo, em todos os cantos

Mas eu conheço o sistema, meu irmão
Aqui não tem santo

Ratatatá, preciso evitar
Que um safado faça minha mãe chorar

Minha palavra de honra me protege
Pra viver no país das calças bege

Tic-tac, ainda é nove e quarenta
O relógio na cadeia anda em câmera lenta

Ratatatá, mais um metrô vai passar
Com gente de bem, apressada, católica

Lendo jornal, satisfeita, hipócrita
Com raiva por dentro, a caminho do centro

Olhando pra cá, curiosos é lógico
Não, não é não. Não é o zoológico

Minha vida não tanto valor
Quanto seu celular, seu computador

Hoje, tá difícil, não saiu o sol
Hoje não tem visita, não tem futebol

Alguns companheiros tem a mente mais fraca
Não suporta o tédio, arruma quiaca

Graça a Deus e a Virgem Maria
Faltam só um ano, três meses e uns dias

Tem uma cela lá em cima fechada
Desde terça-feira ninguém abre pra nada

Só o cheiro de morte e pinho sol
Um preso se enforcou com o lençol

Qual que foi? Quem sabe não conta
Ia tirar mais uns seis de ponta a ponta

Nada deixa um homem mais doente
Que o abandono dos parentes

Aí moleque, me diz, então, cê quer o quê?
A vaga tá lá esperando você

Pega todos os seus artigo importado
Seu currículo no crime e limpa o rabo

A vida bandida é sem futuro
Sua cara fica branca desse lado do muro

Já ouviu falar de Lúcifer?
Que veio do inferno com moral um dia?

No Carandiru, não, ele é só mais um
Comendo rango azedo com pneumonia

Aquí tem mano de Osasco, do Jardim D'Abril
Parelheiros, Moji, Jardim Brasil

Bela Vista, Jardim Ângela, Heliópolis
Itapevi, Paraisópolis

Ladrão sangue bom, tem moral na quebrada
Mas pro Estado, é só mais um número, mais nada

Nove Pavilhões, sete mil homens
Que custam trezentos reais por mês cada

Na última visita, o Neguinho veio aí
Trouxe umas frutas, Marlboro, Free

Ligou que um pilantra lá da área voltou
Com Kadett vermelho, placa de Salvador

Pagando de gatão, ele xinga, ele abusa
Com uma 9 milímetros debaixo da blusa

Aí, Neguinho vem cá, e os manos onde é que tá?
Lembra desse cururu que tentou me matar?

Blue- Aquele puto é ganso, pilantra como manso
Ficava muito doido e deixava a mina só

A mina era virgem, e ainda era menor
Agora faz chupeta em troca de pó

Brown- Esses papo me incomoda, se eu tô na rua é foda

Blue- É, o mundo roda, ele pode vir pra cá

Brown- Não, já, já, meu processo tá aí
Eu quero mudar, eu quero sair

Se eu trombo esse fulano não tem pá, não tem pum
Vou ter que assinar o 121

Amanheceu com sol, dois de outubro
Tudo funcionando, limpeza jumbo

De madrugada eu senti um calafrio
Não era do vento, não era do frio

Acerto de conta tem quase todo dia
Ia ter outro logo mais, eu sabia

Lealdade é o que todo preso tenta
Conseguir a paz de forma violenta

Se um salafrário sacanear alguém
Leva ponto na cara igual Frankstein

Fumaça na janela, tem fogo na cela
Fodeu, foi além, se pã, tem refém

A maioria se deixou envolver
Por uns cinco ou seis que não têm nada a perder

Dois ladrões considerados passaram a discutir
Mas não imaginavam o que estaria por vir

Traficantes, homicidas, estelionatários

Uma maioria de moleque primário

Era a brecha que o sistema queria
Avise o IML, chegou o grande dia

Depende do sim ou não de um só homem
Que prefere ser neutro pelo telefone

Ratatatá caviar e champanhe
Fleury foi almoçar, que se foda minha mãe

Cachorros assassinos, gás lacrimogêneo
Quem mata mais ladrão ganha medalha de prêmio

O ser humano é descartável no Brasil
Como moddes usado ou bombri!

Cadeia? Guarda o que o sistema não quis
Esconde o que a novela não diz

Ratatatá, sangue jorra como água
Do ouvido, da boca e nariz

O Senhor é meu pastor, perdoe o que seu filho fez
Morreu de bruços no Salmo 23

Sem padre, sem repórter, sem arma, sem socorro
Vai pegar HIV na boca do cachorro

Cadáveres no poço, no pátio interno
Adolph Hitler sorri no inferno

O Robocop do governo é frio, não sente pena
Só ódio e ri como a hiena

Ratatatá, Fleury e sua gangue
Vão nadar numa piscina de sangue

Mas quem vai acreditar no meu depoimento?
Diz três de outubro, diário de um detento

Periferia é Periferia (em qualquer lugar)

(Edy Rock) – participação Rinaldo BV

Rock- Este lugar é um pesadelo periférico
Fica no pico numérico de população

De dia a pivetada a caminho da escola
À noite vão dormir enquanto os mano decola

Na farinha... hã! Na pedra... hã!
Usando droga de monte, que merda! hã!

Eu sinto pena da família desses cara
Eu sinto pena, ele quer, mas ele não pára

Um exemplo muito ruim pros moleque
Pra começar é rapidinho e não tem breque

Herdeiro de mais alguma Dona Maria

Rinaldo BV- Cuidado, senhora, tome as rédeas da sua oria!

Rock- Porque o chefe da casa, trabalha e nunca está
Ninguém vê sair, ninguém escuta chegar

O trabalho ocupa todo o seu tempo
Hora extra é necessário pro alimento

Uns reais a mais no salário
Esmola do patrão, cuzão milionário

Ser escravo do dinheiro é isso, fulano
360 dias por ano sem plano

Se a escravidão acabar pra você
Vai viver de quem? Vai viver de quê?

O sistema manipula sem ninguém saber
A lavagem cerebral te fez esquecer

Que andar com as próprias pernas não é difícil
Mais fácil se entregar, se omitir

Nas ruas áridas da selva
Eu já vi lágrimas demais, o bastante pra um filme de guerra!

Refrão- Aqui a visão já não é tão bela¹⁷⁰
Se existe outro lugar
Periferia é periferia

Rock- Um mano me disse que quando chegou aqui
Tudo era mato e só se lembra de tiro aí

Outro maluco disse que ainda é embaçado
Quem não morreu, tá preso ou sossegado

Quem se casou quer criar o seu pivete ou não
Cachimbar e ficar doido igual moleque, então

A covardia dobra a esquina e mora ali
Lei do Cão, Lei da Selva, hã, hora de subir

Rinaldo BV- Mano, que treta, mano! Maior treta, você viu?
Roubaram o dinheiro daquele tio!

Rock- Que se esforça sol a sol, sem descansar
Nossa Senhora o ilumine, nada vai faltar

É uma pena, um mês inteiro de trabalho
Jogado tudo dentro de um cachimbo, caralho!

O ódio toma conta de um trabalhador
Escravo urbano, um simples nordestino

Comprou uma arma pra se auto-defender
Quer encontrar o vagabundo, que esta vez não vai ter boi

Homem- Qual que foi?

Rock- Não vai ter boi

A revolta deixa um homem de paz imprevisível
Com sangue no olho, impiedoso e muito mais

Com sede de vingança e prevenido
Com ferro na cinta, acorda na madrugada de quinta

Um pilantra andando no quintal
Tentando, roubando as roupas do varal

Olha só como é o destino, inevitável
O fim de vagabundo, é lamentável!

¹⁷⁰ Sample do rapper Gog.

Aquele puto que roubou ele outro dia
Amanheceu cheio de tiro, ele pedia!

Dezenove anos jogado fora
É foda! Essa noite chove muito porque Deus chora

Refrão- Muita pobreza, estoura violência!¹⁷¹
Nossa raça está morrendo
Não me diga que está tudo bem!
Verdade seja dita

Rock- Vim só há alguns anos pra cá, pode acreditar
Já foi bastante pra me preocupar

Com meus filhos, periferia é tudo igual
Todo mundo sente medo de sair de madrugada e tal

Ultimamente, andam os doidos pela rua
Loucos na fissura, te estranham na loucura

Pedir dinheiro é mais fácil que roubar, mano
Roubar é mais fácil que tramar, mano

É complicado, o vício tem dois lados
Depende disso ou daquilo, ou não, tá tudo errado

Eu não vou ficar do lado de ninguém, porque
Quem vende a droga pra quem, hã

Vem pra cá de avião ou pelo porto ou cais
Não conheço pobre dono de aeroporto e mais

Fico triste por saber e ver
Que quem morre no dia-a-dia é igual a eu e a você

Refrão¹⁷²- Periferia é periferia
Que horas são? Não sei responder
Periferia é periferia
Milhares de casas amontoadas
Periferia é periferia
Vacilou, ficou pequeno. Pode acreditar
Periferia é periferia

¹⁷¹ Sample de Gog.

¹⁷² Neste último refrão, alternando com o verso “periferia é periferia”, sampleado do rapper Gog, há vários samples de raps diferentes.

Em qualquer lugar. Gentê pobre
Periferia é periferia
Vários botecos abertos, várias escolas vazias¹⁷³
Periferia é periferia
E a maioria por aqui se parece comigo¹⁷⁴
Periferia é periferia.
Mães chorando, irmãos se matando. Até quando?
Periferia é periferia
Em qualquer lugar. É gente pobre
Periferia é periferia
Aqui, meu irmão, é cada um por si
Periferia é periferia
Molecada sem futuro eu já consigo ver¹⁷⁵
Periferia é periferia
Aliados, drogados, então
Periferia é periferia
Em qualquer lugar. É gente pobre
Periferia é periferia
Deixe o crack de lado, escute o meu recado.

¹⁷³ Sample com a voz do rapper Gog.

¹⁷⁴ Verso do rap "Fim de semana no parque" (anexo 3, p.167) do disco "Raio X do Brasil", 1993.

¹⁷⁵ Verso do rap "Homem na Estrada" (anexo 3, p.180), do disco Raio X do Brasil, 1993.

Qual Mentira Vou Acreditar ?

(Mano Brown/ Edy Rock)

(Som de rádio sendo sintonizado, passa por uma lambada, por "Pode vir quente que eu estou fervendo" na voz de Frejat e pára em uma levada funk)

Rock- São apenas dez e meia, tem a noite inteira
Dormir é embaçado numa sexta-feira

TV é uma merda, prefiro ver a lua
Preto Edy Rock está à caminho da rua

Hã... sei lá, vou pruma festa, se pã
Se os cara não colar, volto às três da manhã

Tô devagar, tô a cinquenta por hora
Ouvindo funk do bom, minha trilha sonora

A polícia cresce o olho, eu quero que se foda!
Zona Norte é bandidagem, curte a noite toda

Eu me formei suspeito profissional
Bacharel pós-graduado em tomar geral

Eu tenho um manual com os lugares, horários
De como dar perdido. Ai, caralho...

(Som de sirene)

Policial- Prefixo da placa é MY
Sentido Jaçanã, Jardim Ebron

Rock- Quem é preto como eu já tá ligado qual é,
Nota Fiscal, RG, polícia no pé

Policial- Escuta aqui: o primo do cunhado do meu genro é mestiço
Racismo não existe, comigo não tem disso

É pra sua segurança

Rock- Falou, falou, deixa pra lá
Vou escolher em qual mentira vou acreditar

Refrão- Tem que saber curtir, tem que saber lidar
Em qual mentira vou acreditar?
A noite é assim mesmo, então, deixa rolar
Qual mentira vou acreditar?

Rock- Ô, que caras chato, ô! Quinze pras Onze

Eu nem fui muito longe e os homi embaçou

Revirou os banco, amassou meu boné branco
Sujou minha camisa do Santos

Eu nem me lembro mais pra onde eu vou
(som de bip)
E agora quem será que ligou?

Blue- Espere na atração, eu tô na Zona Sul
Eu chego rapidinho, assinado: Blue

Pode crer, naquele lado de Santana
Conheço uns lugar, conheço umas fulana

Juliana? Não. Mariana? Não.
Alessandra? Não. Adriana?

O nome é só um detalhe, o nome é só um nome
953... hum, esqueci o telefone

Blue- Ôrra, demorou!

Rock- E aí, Blue, como é?

Isso aqui é um inferno, tem uma pá de mulher

Trombeí uma pá de gente, uma pá de mano
Tô há quase uma hora te esperando

Passou uma figura aqui e deu a idéia
Disse que te conhece, se pá, chama Lea

Cabelo solto, vestido vermelho
Estrategicamente a um palmo do joelho

Os caras comentavam o visual
"Ó os bico e tal, pagando o maior pau"

Ninguém falou um "a", mas eu ouvia
Meio mundo xingando por telepatia

Sussurro- Filha da puta!

Blue- Economizava o meu vocabulário
Não tinha o que falar, falava o necessário

Meio assim, é claro, sei lá qual é que é, truta
É o que não falta mina filha da puta

Tudo comigo, confio no meu taco
Versão africana Don Juan de Marco

Tudo muito bom, tudo muito bem
Sei lá o que é que tem, idéia vai, idéia vem

Ela era princesa, eu era o plebeu
Quem é mais foda que eu, espelho, espelho meu?

Rock- Tipo Taís de Araújo ou Camila Pitanga?

Blue- Uma mistura, confesso, fiquei de perna bamba

Será que ela aceita ir comigo pro baile?
Ou ir pra Zona Sul ter um grand finale?

Amor com gosto de fruta até às seis da manhã
Me chamar de "meu preto" e me cantar Djavan?

Sample- Só eu sei...¹⁷⁶

Blue- Ninguém ouviu, mas puta que pariu!
Em fração de segundos meu castelo caiu!

A mais bonita da escola, rainha passista
Se transformou numa vaca nazista

Eu ouvindo James Brown, pá, cheio de pose
Ela pergunta se eu tenho o quê? Gun's and Roses?

Lógico que não! A mina quase histérica
Meteu a mão no rádio e pôs na Transamérica

Rock- Como é que ela falou?

Blue- Só se liga nessa
Que mina cabulosa, olha só que conversa:

Que tinha bronca de neguinho de salão

Rock- Não

Blue- Que a maioria é maloqueiro e ladrão

Rock- Ai não

Blue- Ai não, mano! Foi por pouco
Eu já tava pensando em capotar no soco

Disse pra mim não falar gíria com ela

¹⁷⁶ Sample da música "Esquinas" de Djavan.

Rock- Pode crer

Blue- Pra me lembrar que eu não tô na favela

Bate-boca, maior gûela, será que é meia-noite, já?
A Cinderela virou bruxa do mar

Me humilhar não vai, vai tirar o caralho
Levanta o seu rabo racista e sai!

Rock- Eu conheço essa perversa há maior cara
Correu a banca toda de uns pleiba que cola lá na área

Blue- Pra mim ela já disse que era solitária
Que a família era rígida e autotária

Tem vergonha de tudo, cheia de complexo
Que ainda era cedo pra pensar em sexo

Refrão- A noite é assim mesmo então... deixa rolar!
Vou escolher em qual mentira vou acreditar
Tem que saber curtir, tem que saber lidar
Em qual mentira vou acreditar?
A noite é assim mesmo, então... deixa rolar.
Em qual mentira vou acreditar?

Blue- Ih! Caralho! Olha só quem tá ali?
O que que esse mano tá fazendo aqui?

Rock- Ai, esse maluco veio agora comigo
Ligou que era até seu amigo

Que morava lá na sul, irmão da Cristiane
Dei um cavalo pra ele no Lausane

Ia levar um recado pra uns parente local
Da Igreja Evangélica Pentecostal

Desceu do carro acenando a mão:

Homem- A paz do Senhor!

Rock- Ninguém dava atenção

Bem diferente o estilo dos crentes
Bombom, jaco, touca, mas a noite tá quente

Que barato estranho, só aqui tá escuro
Justo nesse poste não tem luz de mercúrio

Passaram vinte fiéis até agora
Dá cinco reais, cumprimenta e sai fora

Um irmão muito sério, em frente à garagem
Outro com a mão na cintura em cima da laje

De vez em quando a porta abre e um diz:

Homem- Tem do preto e do branco?

Rock- E coça o nariz

Isso sim, isso é que é união!
O irmão saiu feliz, sem discriminação!

De lá pra cá veio gritando, rezando:

Homem- Aleluia, as coisas tá melhorando!

Rock- Esse cara é dentista, sei lá...
Diz que a firma dele chama Boca S.A.

Será material de construção?
Vendedor de pedras? Lá na zona sul era patrão

Blue- Ih! patrão o caralho! Ele é safado
Fugiu do Valo Velho com os dias contados

A paranóia de fumar era fatal
Arrombava os barracos e saqueava os varal

Rock- Demorou

Blue- Bateu na cara do pai de um vagabundo

Rock- Hum... tá fazendo hora extra no mundo

Blue- A noite tá boa, a noite tá de barato
Mas puta, gambé, pilantra, é mato

Refrão- Tem que saber mentir, tem que saber lidar
Em qual mentira vou acreditar?
A noite é assim mesmo, então... deixa rolar
Vou escolher em qual mentira vou acreditar?

Rock- Eu não confio nem em minha própria sombra quando eu saio. Eu vou sair, mas tem que saber curtir, tem que saber lidar...

Mágico de Oz

(Edy Rock) – participação de Daniel Quirino, Priscila Maciel, Pulga, Guilherme

Pulguinha-Eu comecei usar pra esquecer dos problemas. Fugí de casa, meu pai chegava bêbado e me batia muito. Eu queria sair dessa vida. Meu sonho? É estudar, ter uma casa, uma família. Se eu fosse mágico? Não existia droga, nem fome e nem polícia.

Rock- Eu tenho fé, eu tenho fé

Aquele moleque sobrevive como manda o dia a dia
Tá na correria, como vive a maioria

Preto desde nascença, escuro de sol
Eu tô pra ver ali igual, no futebol

Sair um dia das ruas é a meta final
Viver decente sem ter na mente o mal

Tem o instinto, que a liberdade deu
Tem a malícia que cada esquina deu

Conhece puta, traficante e ladrão
Toda a raça, uma pá de alucinado e nunca embaçou

Confia neles mais do que na polícia
Quem confia em polícia? Eu não sou louco

A noite chega e o frio também sem demora
E a pedra, o consumo aumenta a cada hora

Pra aquecer ou pra esquecer?
Viciar, deve ser pra se adormecer, pra sonhar

Viajar na paranóia na escuridão,
Um poço fundo de lama, mais um irmão

Não quer crescer, ser fugitivo do passado
Envergonhar-se, aos vinte e cinco ter chegado,

Queria que Deus ouvisse a minha voz
E transformasse aqui no mundo mágico de Oz.

Refrão- Queria que Deus ouvisse a minha voz
Que Deus ouvisse a minha voz
No mundo mágico de Oz
No mundo mágico de Oz

Rock- Um dia ele viu a malandragem com o bolso cheio
Pagando a rodada, risada e vagabunda no meio

A impressão que dá é que ninguém pode parar
Um carro importado, som no talo

"Homem Na Estrada" eles gostam

Sample- Não confio na polícia, raça do caralho¹⁷⁷

Rock- Só bagaceira só, o dia inteiro só
Como ganham dinheiro vendendo pedra e pó

Rolex ouro no pescoço à custa de alguém
Uma gostosa do lado pagando pau pra quem

A polícia passou e fez o seu papel
Dinheiro na mão, corrupção à luz do céu

Que vida agitada, hein, gente pobre tem
Periferia tem, você conhece alguém?

Moleque novo que não passa dos doze
Já viu, viveu, mais que muito homem de hoje

Vira a esquina e pára em frente a uma vitrine
Se vê, se imagina na vida do crime

Dizem que quem quer segue o caminho certo
Ele se espelha em quem tá mais perto

Pelo reflexo do vidro ele vê
Seu sonho no chão se retorcer

Ninguém liga pro moleque tendo um ataque
Foda-se quem morrer dessa porra de crack

Relaciona os fatos com seu sonho
Poderia ser eu no seu lugar

Das duas uma, eu não quero desandar
Foram aqueles mano que trouxeram essa porra pra cá

Matando os outros em troca de dinheiro
E fama, grana suja como vem, vai, não me engana

¹⁷⁷ Verso do rap "O homem na estrada", do disco "Raio X do Brasil", 1993.

Queria que Deus ouvisse a minha voz
E transformasse aqui no mundo Mágico de Oz.

Refrão- Queria que Deus ouvisse a minha voz
Que Deus ouvisse a minha voz
No mundo mágico de Oz
No mundo mágico de Oz

Rock- Ei, mano! Será que ele terá uma chance?
Quem vive nessa porra merece uma revanche

É um dom que você tem de viver
É um dom que você recebe pra sobreviver

História chata, mas cê tá ligado
Que é bom lembrar quem entrou: é um em cem pra voltar

Quer dinheiro pra vender? Tem um monte aí
Tem dinheiro, quer usar? Tem um monte aí

Tudo dentro de casa virar fumaça
É foda, será que Deus deve estar provando a minha raça?

Só desgraça gira em torno daqui
Falei do JB ao Piqueri e Mazzei

Rezei pra um moleque que pediu
Qualquer trocado, qualquer moeda, me ajuda tio

Pra mim não faz falta, uma moeda não neguei
Não quero saber, o que que pega se eu errei?

Independente, a minha parte eu fiz
Tirei um sorriso ingênuo, fiquei um tenso feliz

Se diz que moleque de rua rouba
O governo, a polícia, no Brasil quem não rouba?

Ele só não tem diploma pra roubar
Ele não se esconde atrás de uma farda suja

É tudo uma questão de reflexão, irmão
É uma questão de pensar

A polícia sempre dá o mau exemplo
Lava minha rua de sangue, leva o ódio pra dentro

Pra dentro de cada canto da cidade
Pra cima dos quatro extremos da simplicidade

A minha liberdade foi roubada
Minha dignidade, violentada

Que nada, os mano se ligar, parar de se matar
Amaldiçoar, levar pra longe daqui essa porra

Não quero que um filho meu um dia, Deus me livre, morra
Ou um parente meu acabe com um tiro na boca

É preciso eu morrer pra Deus ouvir a minha voz
E transformar aqui no mundo mágico de Oz?

Refrão- Queria que Deus ouvisse a minha voz
Que Deus ouvisse a minha voz
No mundo mágico de Oz
No mundo mágico de Oz

Rock- Jardim Filhos da Terra e tal
Jardim Ebron, Jaçanã e Jabá rural

Piqueri, Mazzei, Nova Galvão
Jardim Corisco, Fontalos e então

Campo Limpo, Guarulhos, Jardim Peri
JB, Edu Chaves e Tucuruvi

Alô Doze, Mimososa, São Rafael
Jaquinachi tem um lugar no céu

Rock- Às vezes eu fico pensando se Deus existe mesmo, morou? Porque meu povo já sofreu demais e continua sofrendo até hoje. Só que aí eu vejo os moleques nos farol, na rua, muito louco de cola, de pedra, e eu penso que poderia ser um filho meu, morou. Mas aí, eu tenho fé. Eu tenho fé, eu tenho fé, eu tenho fé em Deus.

Fórmula Mágica da Paz

(Mano Brown) – participação Dagô Miranda

Brown. Essa porra é um campo minado

Quantas vezes eu pensei em me jogar daqui

Mas aí, minha área é tudo que eu tenho

A minha vida é aqui e eu não consigo sair

É muito fácil fugir, mas eu não vou

Não vou trair quem eu fui quem eu sou

Gosto de onde eu estou e de onde eu vim

Ensino da favela foi muito bom pra mim

Cada lugar um lugar, cada lugar uma lei

Cada lei uma razão e eu sempre respeitei

Qualquer jurisdição, qualquer área

Jardim Santa Eduardo, Grajaú, Missionária

Funxal, Pedreira e tal, Joaniza

Eu tento adivinhar o que você mais precisa

Levantar sua goma ou comprar uns panos

Um advogado pra tirar seu mano

No dia da visita você diz

Que eu vou mandar cigarro pros maluco lá no X

Então como eu estava dizendo, sangue bom

Isso não é sermão, ouve aí, tenho o dom

Eu sei como é que é, é foda parceiro

É, a maldade na cabeça o dia inteiro

Nada de roupa, nada de carro, sem emprego

Não tem ibope, não tem rolê, sem dinheiro

Sendo assim sem chance sem mulher

Você sabe muito bem o que ela quer

Encontre uma de caráter se você puder

É embaçado ou não é?

Ninguém é mais que ninguém, absolutamente

Aqui quem fala é mais um sobrevivente

Eu era só um moleque, só pensava em dançar
Cabelo black e tênis All Star

Na roda da função mó zoeira
Tomando vinho seco em volta da fogueira

A noite inteira só contando história
Sobre o crime, sobre as treta na escola

Não tava nem aí, nem levava nada a sério
Admirava os ladrão e os malandro mais velho

Mas se liga, olhe ao seu redor e me diga
O que melhorou? da função quem sobrou? sei lá

Muito velório rolou de lá pra cá
Qual a próxima mãe que vai chorar?

Demorou, mas hoje eu posso compreender
Que malandragem de verdade é viver

Agradeço a Deus e aos Orixás
Parei no meio do caminho e olhei pra trás

Meus outros manos todos foram longe demais
Cemitério São Luis aqui jaz

Mas que merda meu citão tá até a boca
Que vida louca? Por que é que tem que ser assim?

Ontem eu sonhei que um fulano aproximou de mim:
"Agora eu quero ver ladrão, pá pá pá pá"

Fim! Sonho é sonho, deixa quieto
Sexto sentido é um dom, eu tô esperto

Morrer é um fator, mas conforme for
Tem no bolso, na agulha e mais 5 no tambor

Joga o jogo, vamos lá
Caiu a oito, eu mato a par

Eu não preciso de muito pra sentir-me capaz
De encontrar a Fórmula Mágica da Paz

Refrão- Eu vou procurar sei que vou encontrar
Eu vou procurar, eu vou procurar
Você não bota uma fé, mas eu vou atrás
Da minha Fórmula Mágica da Paz

Brown- Procure a sua, eu vou atrás da minha

Caralho, que calor, que horas são agora?
Dá pra ouvir a pivetada gritando lá fora

Hoje acordei cedo pra ver
Sentir a brisa de manhã e o Sol nascer

É época de pipa o céu tá cheio
Quinze anos atrás eu tava ali no meio

Lembrei de quando eu era pequeno,
Eu e os cara

Blue- Faz tempo

Brown- Faz tempo, e o tempo não pára

Hoje tá da hora, esquema pra sair
Vamos, não demora, vamos, chega aí

Blue- Cé viu ontem os tiro? eu vi um monte, então
Diz que tem uma pá de sangue no campão

Brown- Mas, ih, mano, toda mão é sempre a mesma idéia junto
Treta, tiro, sangue, aí, muda de assunto

Traz a fita pra eu ouvir porque eu tô sem
Principalmente aquela lá do Jorge Ben

Uma pá de mano preso chora a solidão
Uma pá de mano solto sem disposição

Vem penhorando por aí rádio, tênis, calça
Acende num cachimbo, virou fumaça

Não é por nada não, mas aí, nem me liga, ó
A minha liberdade eu curto bem melhor

Eu não estou nem aí pra o que os outro fala
Quatro, cinco, seis preto num opala

Pode vir gambé, paga pau, tô na minha na moral

Na maior, sem goró, sem pacau, sem pó

Eu tô ligeiro, eu tenho a minha regra

Não sou pedreiro, não fumo pedra

Um rolê com os aliados já me faz feliz

Respeito mútuo é a chave, é o que eu sempre quis

Blue- Me diz

Brown- Procure a sua, a minha eu vou atrás

Até mais, da Fórmula Mágica da Paz

Refrão- Eu vou procurar sei que vou encontrar

Eu vou procurar, eu vou procurar

Você não bota uma fé, mas eu vou atrás

Da minha Fórmula Mágica da Paz

Brown- Choro e correria num saguão dum hospital

Dia das crianças, feriado indo pro final

Sangue e agonia entra pelo corredor

Ele está vivo? Pelo amor de Deus, doutor

Quatro tiros do pescoço pra cima

Putá que pariu, a chance é mínima

Aqui fora revolta e dor

Lá dentro, estado desesperador

Eu percebi quem eu sou realmente

Quando eu ouvi o meu sub-consciente

"E aí, mano Brown, cuzão, cadê você?"

Seu mano tá morrendo, o que você vai fazer?"

Pode crer, eu me senti inútil, eu me senti pequeno

Mais um cuzão vingativo

Rock- Vai vendo

Brown- Puta desespero, não dá pra acreditar

Que pesadelo, eu quero acordar

Não dá, não deu, não daria de jeito nenhum

O Delei era só mais um rapaz comum

Dali a poucos minutos

Mais uma Dona Maria de luto

Na parede, o sinal da cruz
Que porra é essa? Que mundo é esse? Onde está Jesus?

Mais uma vez o emissário
Não incluiu Capão Redondo em seu itinerário

Porra, eu tô confuso, preciso pensar
Me dá um tempo pra eu raciocinar

Eu já não sei distinguir quem tá errado, sei lá
Minha ideologia enfraqueceu

Preto, branco, polícia, ladrão ou eu
Quem é mais filha da puta, eu não sei, aí fodeu

Fodeu, decepção essas horas,
A depressão quer me pegar, vou sair fora

Dois de Novembro, era finados
Eu parei em frente ao São Luis do outro lado

E durante uma meia hora olhei um por um
E o que todas as senhoras tinham em comum?

A roupa humilde, a pele escura
O rosto abatido pela vida dura

Colocando flores sobre a sepultura
Podia ser a minha mãe

Blue- Que loucura

Brown- Cada lugar uma lei, eu tô ligado
No extremo Sul da Zona Sul tá tudo errado

Aqui vale muito pouco a sua vida
Nossa lei é falha, violenta e suicida

Se diz que me diz que não se revela
Parágrafo primeiro na lei da favela

Legal, assustador é quando se descobre
Que tudo deu em nada e que só morre o pobre

A gente vive se matando irmão, por quê?
Não me olhe assim, eu sou igual a você

Descanse o seu gatilho, descanse o seu gatilho
Entre no trem da malandragem, meu rap é o trilho

Brown- Vou dizer. Procure a sua paz. Pra todas as famílias aí que perderam pessoas importantes, morou, mano, procure a sua paz. Não se acostumem com esse cotidiano violento, que essa não é a sua vida, essa não é a minha vida, morou? Aí Delei, descanse em paz. Aí Carlinhos, procure a sua paz. Aí Kiko, você deixou saudade, morou, mano. Eu tenho muito a agradecer, cheguei aos vinte e sete, eu sou um vencedor, tá ligado, mano. Aí, procure a sua, eu vou atrás da minha fórmula mágica da paz. Aí, vou dar um toque na quebrada lá, Cohab adventista e pá, rapaziada. Procure a sua paz. Aqui quem fala é Mano Brown, mais um sobrevivente. Vinte e sete anos contrariando a estatística, morou? Procure a sua, você pode encontrar a sua paz, o seu paraíso, você pode encontrar o seu inferno. Eu prefiro a paz.

Salve¹⁷⁸

(Mano Brown – Ice Blue)

- Brown-** Eu vou mandar um salve pra comunidade do outro lado dos muro, as grades nunca vão prender nosso pensamento, mano. Se liga aí Jardim Evana, Parque do Engenho, Jervá, Jardim Rosana, Pirajussara, Santa Teresa.
- Blue-** Vaz de Lima, Parque Santo Antônio, Capelinha, Promorá, Vila Calu, Branca Flor, Paranapanema e Aracati.
- Brown-** Novo Oriente, Parque Arariba, Jardim Ingá, Parque Ipê, Pessoal da Sabin, Jardim Marcelo, Cidade Ademar, Jardim São Carlos, Jardim Primavera, Santa Amélia, Jardim Santa Teresinha, Jardim Mirian, Vila Santa Catarina, aí, Vietnã.
- Blue-** Cocaia, Cipó, Colônia, Campanário em Diadema, Calux em São Bernardo, Vila Industrial em Santo André.
- Brown-** Bairro das Pimentas, Brasilândia, Jardim Japão, Jardim Ebron, Cohab 1, Cohab 2, São Mateus, Itaim, Cidade Tiradentes, Barueri, Cohab de Taipas.
- Blue-** Mangueira, Borel, Cidade de Deus, e aí DF, expansão, B-Norte, B-Sul, e aí pessoal do Sul, Restinga, e aí, quebrada, zona noroeste, Santos, Rádio Favela, BH. E para todos os aliados espalhados pelas favelas do Brasil: Firma!
- Brown-** Todos os DJs, todos os MCs que fazem do rap a trilha sonora do gueto. E pros filha da puta que quer jogar minha cabeça pros porcos: Aí, tenta a sorte, mano! Eu acredito na palavra de um homem de pele escura, de cabelo crespo, que andava entre mendigos e leprosos pregando a igualdade. Um homem chamado Jesus. Só ele sabe a minha hora.
- Aí ladrão, tô saindo fora
Paz!

¹⁷⁸ A música de base é a mesma usada para a faixa 1, “Jorge da Capadócia”, dando coesão ao disco.

Anexo 5 A: “Nada como um dia após o outro dia” – “Chora Agora”, 2002

1. Sou mais você.....	238
2. Vivão e vivendo.....	239
3. V.L. (intro).....	240
4. V.L. (parte I).....	241
5. Negro Drama.....	245
6. A vítima.....	249
7. Na fé firmão.....	254
8. 12 de outubro.....	258
9. Eu sou 157.....	259
10. A vida é desafio.....	264
11. 1 por amor 2 por dinheiro.....	269

Sou + você

(Racionais MCs)

(Som de carro parando, som de tiros, som de carro saindo em arrancada. Som de galo cantando, som de despertador)

Brown- Benção, mãe. Estamos iniciando nossas transmissões. Esta é a sua rádio Êxodos, rei, rei. Vamos acordar, vamos acordar, porque o Sol não espera. Demorou, vamos acordar, o tempo não cansa. Ontem à noite você pediu, você pediu uma oportunidade, mais uma chance. Como Deus é bom, né não, nego, olha aí, mais um dia todo seu. Que céu azul louco, hein?! Vamos acordar, vamos acordar. Agora vem com a sua cara, sou mais você nessa guerra. A preguiça é inimiga da vitória. O fraco não tem espaço e o covarde morre sem tentar. Não vou te enganar, o bagulho tá doido, ninguém confia em ninguém, nem você e os inimigo vem de graça. É a selva de pedra, ela esmaga os humilde de paz. Você é do tamanho do seu sonho. Faz o certo, faz a sua. Vamos acordar, vamos acordar, cabeça erguida, olhar sincero. Está com medo de quê? Nunca foi fácil, junta os seus pedaços e desce pra arena. Mas lembre-se: aconteça o que aconteça, nada como um dia após o outro dia.

Vivão e Vivendo

Homem- É nós mesmo, vagabundo

Homem2- Demorou

Brown- (com efeito cômico na voz)- Firmão! Você está nas ruas de São Paulo, onde vagabundo guarda o sentimento na sola do pé. Não é pessimismo não, é assim que é. Vivão e Vivendo, guerreiro tira-chinfrá, meu doce veneno. Viajei, voltei pra você, voltei pelos louco, voltei pelos preto e pelas verde, conseqüentemente. Meu Deus, é quente, é desse jeito. Ei, você, sonhador, que ainda acredita, liga nós. Eu tenho fé, amor e a fé no século 21, onde as conquistas científicas, espaciais, medicinais e a confraternização dos homens e a humildade de um rei serão as armas da vitória para a paz universal. Ei, pé-de-breque, vá pensando que ta bom. Todo mundo vai ouvir, todo mundo vai saber. Tem que ser, vagabundo, tem que ser, vagabundo, tem que ser. Se eu me perco na noite, eu não me acho de dia. Ei, tentação, dá mais, tia. Não faz assim com meu coração. Minha mente é um labirinto e meu coração chora. Chora agora, ri depois. Vem comigo, nego, vem comigo, nego. Tá tudo aí pra nós, é só saber chegar. Vem comigo, nego, vem comigo, nego. Com Deus no coração, o resto nós resolve. Ligaram nós, demorou, se vamo, se vamo.

Vida Loka (intro)

Homem 1- Então demorou, meu.

Está em cima?

Homem 2- Está em cima.

Então, é no 21 b.

Homem 1- Se roncar, nós pega. (Som de campainha) Demorou, demorou, acho que é aqui.

Homem 2- Aí, o Brown está aí, meu?

Vida Loka (Parte 1)

(Som de fundo de Marvin Gaye)

Brown- Vagabunda queria atacar a do malucão, usou meu nome. O pipoca abraçou, foi na porta da minha casa lá, botou pânico em todo mundo 3 horas da tarde e eu não estava lá.

KL Jay- É, mas aí, Brown, tem uns tipo de mulher que não dá nem pra comentar, meu, não dá nem pra comentar...

Brown- E eu nem sei quem é os maluco, isso é que é foda!

Rock- Vamos atrás desses pipoca aí e já era.

Brown- Atrás de quem? Ir aonde? Não sei nem quem é, mano. Mano, não devo, não temo, e... dá meu copo que já era.

(Conversa ao telefone)

Abrão- E aí, bandido mau? Como é que é, meu parceiro?

Brown- E aí, Abrão, firmão, truta?

Abrão- Firmeza total, Brown. E a quebrada aí, irmão?

Brown- Está às pampa. Aí, fiquei sabendo do seu pai aí, lamentável, hein, truta, meu sentimento mesmo, hein, mano.

Abrão- Vai vendo, Brown, meu pai morreu e nem deixaram eu ir no enterro do meu coroa, hein irmão.

Brown- Isso é louco. Você estava aonde?

Abrão- Estava batendo uma bola, meu. Fiquei na maior neurose, irmão.

Brown- Aí foram te avisar.

Abrão- Aí vieram me avisar, mas está firmão, Brown, estou firmão, logo mais estou aí na quebrada com vocês aí.

Brown- É quente. Na rua também não está fácil não, morou, truta. Uns juntando inimigo, outros juntando dinheiro, sempre tem um pra testar sua fé, nós está ligado, sempre tem um corre a mais pra fazer. Aí mano, liga nós aí qualquer coisa, você está ligado, mano, lado a lado nós até o fim, morou, irmão.

Abrão- Estou ligado.

Brown- Fé em Deus que ele é justo, ei, irmão, nunca se esqueça:

Na guarda, guerreiro, levanta a cabeça, truta

Onde estiver, seja lá como for
Tenha fé, porque até no lixão nasce flor

Ore por nós, pastor, lembra da gente
No culto dessa noite, firmão, segue quente

Admiro os crente, dá licença aqui
Maior função, maior tabela, oh, desculpa aí

Eu me sinto às vezes meio, pá, inseguro
Que nem um vira-lata sem fé no futuro

Vem alguém lá, quem é quem?, quem será?, meu bom
Dá meu brinquedo de furar moletom

Porque os bico que me vê com os truta na balada
Tenta ver, quer saber de mim, não vê nada

Porque a confiança é uma mulher ingrata
Que te beija e te abraça, te rouba e te mata

Desacreditar, nem pensar, só naquela
Se uma mosca ameaçar me catar, piso nela

O bico deu maior güela, hã, pique bandidão
Foi em casa na missão, me trombar na Cohab

De camisa larga - vai saber? Deus que sabe - qual é
A maldade comigo inimigo no migué

Tocou a campanha plim, pra tramar meu fim
Dois maluco armado sim, um isqueiro e um estopim

Pronto pra chamar minha preta pra falar
Que eu comi a mina dele, há, se ela estava lá

Vadia, mentirosa, nunca vi, dão maior falha
Espírito do mal, cão, tipo senta e saia...

Talarico nunca fui, é o seguinte
Ando certo pelo certo, como dez e dez é vinte

Já pensou, doido, e se eu estou com o meu filho
No sofá, de vacilo, desarmado, era aquilo

Sem culpa e sem chance, nem pra abrir a boca
Ia nessa sem saber

Abrão- Pra você ver

Brown- Vida Loka...

(conversa no telefone)

Abrão- E aí Brown, nós está aqui dentro, mas demorou, truta, liga nós, irmão.

Brown- Não, truta, aí, jamais vou levar problema pra você, nós resolve na rua e rapidinho, também.

Abrão- Que é isso...

Brown- Mas aí, nem esquentar. Aí e aquele jogo lá do final do ano que você falou.

Abrão- Então, truta, demorou. No final do ano, nós vai marcar aquele jogo lá. Vem você, o Blue, os cara dos Racionais tudo aí, morou, meu? Visita aqui é sagrado, safado não atravessa não, morou?

Brown- Mas na rua não é não

Até Jack tem quem passe um pano
Impostor, pé de breque, passa pro malandro

A inveja existe, e a cada dez, cinco é na maldade
A mãe dos pecado capital é a vaidade

Mas se é para resolver, se envolver, vai meu nome
Eu vou. Fazer o quê?, se cadeia é pra homem...

Malandrão eu?, não, ninguém é bobo
Se quer guerra, terá; se quer paz, quero em dobro

Mas verme é verme, é o que é
Rastejando no chão, sempre embaixo do pé

E fala uma, duas vez, se marcar até três
Na quarta, xeque-mate, que nem no xadrez

Eu sou guerreiro no rap, e sempre em alta voltagem
Um por um, Deus por nós, estou aqui de passagem

Vida loka, eu não tenho dom pra vítima
Justiça e liberdade, a causa é legítima

Meu rap faz o cântico dos louco e dos romântico
Vou pôr o sorriso de criança onde for

Pros parceiros tenho a oferecer minha presença
Talvez até confusa, mas leal e intensa

Meu melhor Marvin Gaye, sabadão na Marginal
O que será, será, é nós, vamos até o final

Liga eu, liga nós, onde preciso for
No paraíso ou no dia do Juízo, pastor

E liga eu e os irmão, é o ponto que eu peço
Favela, fundão, imortal nos meus verso

Vida loka

(conversa ao telefone)

Abrão- E aí, Brown, e os pião, irmão?

Brown- Estou com uns mano aí, eu vou, estou indo aí na Zona Leste ali, tipo umas onze horas já
estou voltando já, morou, meu.

Abrão- Ei, Brown, você faz a contagem, eu vou desligar, mas manda um salve pros mano da quebrada aí, morou, pro Gil, pro Batatão, pro Pacheco, pro Porquinho, pro Xande, pro Dé. Aí, no dia do jogo os mano do ExaltaSamba vai vim, manda um salve pro Bínha, morou Brown, aí, fica com Deus aí, irmão.

Negro Drama

Rock- Negro drama entre o sucesso e a lama
Dinheiro, problemas, invejas, luxo, fama

Negro drama, cabelo crespo e a pele escura
A ferida, a chaga, a procura da cura

Negro drama tenta ver e não vê nada
A não ser uma estrela, longe, meio ofuscada

Sente o drama, o preço, a cobrança
No amor, no ódio, a insana vingança

Negro drama, eu sei quem trama e quem tá comigo
O trauma que eu carrego pra não ser mais um preto fodido

O drama da cadeia e favela
Túmulos, sangue, sirenes, choros e velas

Passageiro do Brasil, São Paulo, agonia
Que sobrevive em meio às honras e covardias

Periferias, vielas, cortiços
Você deve estar pensando o que você tem a ver com isso

Desde o início, por ouro e prata
Olha quem morre, então veja você quem mata

Recebe o mérito a farda que pratica o mal
Me ver pobre, preso ou morto já é cultural

Histórias, registros e escritos
Não é conto, nem fábula, lenda ou mito

Não foi sempre dito que preto não tem vez? Então
Olha o castelo e não foi você quem fez, cuzão

Eu sou irmão dos meus truta de batalha
Eu era a carne, agora sou a própria navalha

Tim-tim, um brinde pra mim
Sou exemplo de vitórias, trajetos e glórias

O dinheiro tira um homem da miséria
Mas não pode arrancar de dentro dele a favela

São poucos que entram em campo pra vencer
A alma guarda o que a mente tenta esquecer

Olho pra trás, vejo a estrada que eu trilhei, mó cota
Quem esteve lado a lado e quem só ficou na bota

Entre as frases, fases e várias etapas
Do quem é quem, dos mano e das mina fraca

Negro drama de estilo
Pra ser, se for, tem que ser, se temer é milho

Entre o gatilho e a tempestade
Sempre a provar que sou homem e não um covarde

Que Deus me guarde, pois eu sei que ele não é neutro
Vigia os rico, mas ama os que vêm do gueto

Eu visto preto por dentro e por fora
Guerreiro, poeta entre o tempo e a memória

Ora, nessa história, vejo o dólar e vários quilates
Falo pro mano que não morra e também não mate

O tic-tac não espera, veja o ponteiro
Essa estrada é venenosa e cheia de morteiro

Pesadelo é um elogio
Pra quem vive na guerra, a paz nunca existiu

No clima quente, a minha gente sua frio
Vi um pretinho, seu caderno era um fuzil

Refrão- Negro drama

Brown- Crime, futebol, música. Caralho, eu também não consigo fugir disso aí, eu sou mais um.
Forest Gump é mato, eu prefiro contar uma história real. Vou contar a minha.

Daria um filme: uma negra e uma criança nos braços
Solitária na floresta de concreto e aço

Veja, olha outra vez um rosto na multidão
A multidão é um monstro sem rosto e coração

Hey, São Paulo, terra de arranha-céu
A garoa rasga a carne, é a Torre de Babel

Família Brasileira, dois contra o mundo
Mãe solteira de um promissor vagabundo

Luz, câmera e ação, gravando a cena vai
O bastardo, mais um filho pardo, sem pai

Hey, senhor de engenho, eu sei bem quem você é
Sozinho você não güenta, sozinho, você não güenta pé

Você disse que era bom e as favela ouviu
Whisky e Red Bull, tênis Nike e fuzil

Admito, seu carro é bonito, é, e eu não sei fazer
Internet, vídeo-cassete, os carro louco

Atrasado eu estou um pouco sim, estou, eu acho
Só que tem que seu jogo é sujo e eu não me encaixo

Eu sou problema de montão, de carnaval a carnaval
Eu vim da selva, sou leão, sou demais pro seu quintal

Problema com escola eu tenho mil, mil fita
Inacreditável, mas seu filho me imita

No meio de vocês ele é o mais esperto
Gíngá e fala gíria, gíria não, dialeto

Esse não é mais seu, oh, subiu
Entreí pelo seu rádio, tomei, você nem viu

Nós é isso, aquilo, quê? Você não dizia?
Seu filho quer ser preto, ah, que ironia

Cola o pôster do Tupac aí, que tal, que você diz?
Sente o negro drama, vai, tenta ser feliz

Hey bacana, quem te fez tão bom assim?
O que você deu, o que você faz? o que você fez por mim?

Eu recebi seu ticket, quer dizer, kit
De esgoto a céu aberto e parede madeirite

De vergonha eu não morri, tô firmão, eis-me aqui
Você não, você não passa quando o Mar Vermelho abrir

Eu sou o Mano, homem duro do gueto, Brown Obá
Aquele louco que não pode errar

Aquele que você odeia amar, nesse instante
Pele parda e ouço funk, vim de onde vem os diamante:

Da lama
Valeu mãe, Negro Drama.

Brown- Aí, na época dos barraco de pau, lá na pedreira, onde vocês tava? Que que vocês deram por mim? Que que vocês fizeram por mim? Agora tá de olho no dinheiro que eu ganho? Agora tá de olho no carro que eu dirijo? Demorou! Eu quero é mais, eu quero é ter sua alma. Aí, o rap fez ser o que eu sou. Ice Blue, Edi Rock, KL Jay e toda a família e toda a geração que faz o rap. A geração que revolucionou, a geração que vai revolucionar. Anos 90, século XXI, é desse jeito. Aí, você sai do gueto, mas o gueto nunca sai de você, morou, irmão? Você tá dirigindo o carro, o mundo todo tá de olho em você, morou, sabe por quê? Pela sua origem, morou, irmão. É desse jeito que você vive. É o negro drama. Eu não li, eu não assisti, eu vivo o negro drama, eu sou negro drama, eu sou fruto do negro drama. Aí, dona Ana, sem palavra, a senhora é uma rainha. Mas aí, se tiver que voltar pra favela, eu vou voltar de cabeça erguida, porque assim que é, renascendo da cinza, firme e forte, guerreiro de fé. Vagabundo nato.

A vítima

Smurf- Então, Cocão, aí, não leva a mal não, mas, aí, vai fazer um tempo que eu estou querendo fazer esta pergunta pra você, aí...

Rock- Fala aí.

Smurf- Tem como você falar daquele acidente lá? Sei que é meio chato, embaçado.

Rock- Não, é nada, quer saber, a gente fala, né meu, vamos lá. Foi dia, lembro que nem hoje, vixe, até arrepia, dia 14 de outubro de 94. Eu tava morando no Ebron, tá ligado? Aí, eu tinha um opala, pá. O opala tava na oficina do Di lá. A gente ia fazer um barato à noite, tá ligado? A gente ia se trombar em Pinheiros, não sei se você se lembra disso aí. Porque você, você ia com o Kleber direto pra Pinheiros. E nós, tava eu, ia eu o Brown, o Du, da zona sul pra Pinheiros...

Rock- Naquela noite eu acordei e não sabia onde estava
Pensei que era sonho, o pesadelo apenas começava

Aquela gente vestida de branco
Parecia com o céu, mas o céu é lugar de santo

Os cara me perguntando

Blue- E aí, mano, você tá legal?

Rock- Cheiro de éter no ar nunca é bom sinal

Dor de cabeça, tontura
Aquela sala rodava estilo brisa de droga, loucura

Sangue na roupa rasgada
Fio de sutura me costura, porra, a gente não vale nada

Do que adianta você ter o que quer
Sucesso, dinheiro, mulher beijando seu pé?

E num piscar de olhos, é foda
Você é furado igual peneira ou sem valor numa cadeira de rodas

Sample- Que que eu tô fazendo aqui, não quero admitir, agora é tarde¹⁷⁹

Meus parceiros me contaram
Cena após cena, passo a passo o que presenciaram

Blue- Mano, foi um arregaço, na marginal
Você capotou, teve até uma vítima fatal

¹⁷⁹ Parte do sample vem do rap "Tô ouvindo alguém me chamar", do CD *Sobrevivendo no Inferno*, 1997 ("Que que eu tô fazendo aqui?" e "Não quero admitir").

Da zona sul e tal, sentido ao centro
Uma da manhã

Rock- Lembrei daquele momento

Vários opala, maior carreata
E eu logo atrás da primeira barca diplomata

Tô dirigindo ali no volante
Opala cinza escuro, Tupac no alto falante

Por um instante tive um mal pressentimento
Mas não liguei, não dei conta, não tava atento

Vozes- Cadê o corpo? Mano, pega o celular que embaçou. Foi louco... Chama a ambulância, caralho, chama a ambulância.

Rock- Que merda, um cara novo morreu
Fatalidade ou imprudência: divergência, fodeu

Ele deixou uma mulher que esperava um filho
Um evangélico que nem conheceu o filho

Um suspiro, perdi a calma
Vi uma faca atravessando a minha alma

Olhei no espelho e vi um homem chorar
A mídia, a justiça querendo me fuzilar

Virei notícia, primeira página
Um paparazzi focalizou a minha lágrima

Um repórter da Globo me surtou
Me chamava de assassino, aquilo inflamou

Turnultuou, nunca vi tanto carnicheiro
Me crucificaram, me julgaram no país inteiro

Pena de morte, se tiver sorte
Cadeira elétrica se fosse América do Norte

Opinião pública influenciada
Era o réu sem direito a mais nada

Meu mundo tinha desabado
Na lei de Deus fui julgado, na lei do homem condenado

Rock- Então, Kleber, o cara morreu, meu.

KLJay- É, então, agora é daqui pra frente, Cocão. Não tem mais jeito, tá ligado? Não se abala, não, tem que ficar firme, nós tá junto aí.

Rock- Dois anos e poucos de audiência
Pra mim já era o início da minha penitência

Aquele prédio no Fórum é maior tortura
Ali na frente sempre pára várias viatura

O movimento é intenso o tempo inteiro
Parece o trânsito, tráfego, formigueiro

Advogado pra cima, pra baixo
Ganhando dinheiro com mais um réu, eu acho

Registreí um cara algemado num canto
De cabeça baixa, me parecia um cara branco

Esperando a vez de ser solicitado
Julgado, talvez até, se pá, até libertado

Escoltado, vários gambé
Esse aí não deve ser um preso qualquer

Com a mão pra trás olhando pra parede
Fui beber água, me deu maior sede

(som de telefone tocando)
Uma ligação com urgência
Meu advogado com o resultado da sentença

Meu celular tava falhando
(voz no telefone)
Ahn? Alô? Não dá pra escutar, mas eu to indo praí, falou? Tô chegando

É, irmão, fui de metrô
Aquele frio na espinha que eu tinha, então, voltou

A cada estação ele aumentava
Eu não sabia se descia ou se eu continuava

À procura de uma distração
Olhava o vagão lotado, a movimentação

Aquele povo indo pra algum lugar
Trabalhar, estudar, passear, roubar, sei lá

Vi uma mina bonita, discreta
Pinta de modelo, corpo de atleta

Eu vi um cara lendo concentrado
Naípe de estudante, daqueles filho dedicado

Vi uma tia crente em pé, cansada
De cor escura, com a pele enrugada

Ela me fez lembrar, parece a mãe da vítima
Como será que ela deve estar?

(Pausa na música base, som de metrô andando e parando na estação)

Cheguei no prédio da Ipiranga com a São João
Respirei fundo, subi a manga do meu camisão

Decisão, eu tô trêmulo
Maior resposta; não, não entendo

Muita calma sempre é preciso
Proibido fumar, li o aviso

O porteiro tiozinho lembra meu pai
Porteiro- Que andar? Qual andar que você vai?

Rock- No décimo, me sinto péssimo
A balança fez questão de mais um acréscimo

Elevador quebrado
Tem dia que é melhor não acordar, que dá tudo errado

Fui pela escada contando cada degrau
Cada passada chegava o juízo final

Tive a sensação de alguém me olhando
Parecia me seguir, tava ali me gorando

Senti um calafrio
Recordei daquela cena que você não viu

Do capote, de um grito forte, dos holofote
Um vacilo seu

KLJay- Já era

Rock- Resulta em morte

Daquela Kombi velha partida ao meio

Daquela hora que eu tentei pisar no freio

Andar por andar, onde eu tô não importa
Lembrar da vítima, cheguei na porta
(som de batidas na porta)

Então, Smurf, é isso aí, mano, deu pra você entender?

Smurf- É embaçado, hein, Cocão, que fita, hein.

Rock- Passou aí uns três anos, três quatro anos de corre pra lá e pra cá, tentando se ajus... se acertar com a justiça, tá ligado? Pagando o que eu devia, graças a Deus aí, ó, hoje eu to firmão, não devo mais nada pra ninguém. Me acertei com Deus, principalmente com a família lá, tá ligado? Com a justiça também. E é o seguinte, né, meu, a vida tem que continuar, tá ligado? Não pode parar...

Na fé irmão

Scratch- Meu modo
Meu ponto de vista

Rock- Século XXI, eu sei muito bem o que eu quero
Começa o plano dois zero zero dois

É um mistério, trago na manga um suspense
Tenho um revólver engatilhado dentro da mente

Pense, vá, raciocine já
A profecia diz que o mundo tá pra acabar

Eu quero resgatar tudo aquilo que eu perdi
Cronometrei o tempo, só que ainda, truta, não venci

O que eu falo é ilícito sangue
Demarco meu espaço sem aço, sem gangue

Aonde eu anda, trago o anjo do bem
Que ilumina meu caminho, me mostra quem é quem

Comprei um colete à prova de bala
Tenho a guerrilha na mente, falange de senzala

Zunque a bala, a parede estremece
Playboy sua frio e mauricinho não se mete

Sou lado norte, eu venho pra rimar
Eu sei do meu direito, ninguém vai me intimidar

Pra bala eu só vou se um pilantra me matar
Quem não deve não teme, vem Tobias de Aguiar

No corredor da morte, apelo da sentença
O Sol da liberdade, a verdadeira recompensa

Meu delito: um rap que atira consciência
É crime hediondo, a favela de influência

Na rua, eu conheço a lei e os mandamentos
Minha dívida sagrada eu carrego juramento

Corra sempre atrás do que é seu
Quero dinheiro igual coreano e judeu

Fodeu então, venho com a minha cara, o rap é que não pára
Racionais de volta igual à febre da malária

Ra-ta-ta-tá
Mãos ao alto, é um assalto: E-D-I-R-O-C-K

Scratch- Firmão, na fé, firmão

Refrão- Escuta aqui, escuta aqui E-D-I
Inspirado na selva de Robin Hood
A fita foi tomada, se joga, estou envolvido
Pilantra aqui não cabe, é só guerreiro no abrigo

Eu digo, escuta aqui, escuta aqui E-D-I
Inspirado na selva de Robin Hood
A cena foi tomada, se joga, estou envolvido
Pilantra aqui não cabe, é só guerreiro no meu abrigo

Rock- Pros mano e pras mina: a cura, a vacina
Protótipo, antídoto, uma nova adrenalina

Puxa, prende, solta fumaça
Viaja no meu som, que essa erva é de graça¹⁸⁰

Levante a taça e tome um trago
Não é cigarro, nem vinho tinto amargo

Não é skank, mesclado ou haxixe
É bem pior que tomar ácido ou heroína shhhh

Chega mais que tem pra todos
Não sou racista, nem um tolo preconceituoso

Sei meu valor, quem quiser vai aprender
Não me comparo a Cristo: não dou a cara pra bater

Quem vai querer, ainda tenho meia dúzia
Está moqueado como o esquema do crime acusa

Uso uma blusa preta de couro puro
Se eu vazar, ninguém vai me encontrar no escuro

Eu estou trepado, armado, um pente estufado
Inteligência e Q.I. pós-graduado

¹⁸⁰ Referência jocosa ao rap “Cachimbo da paz”, de Gabriel, o Pensador (in disco “Quebra Cabeça”, 1997). O trecho de Gabriel é: “Acende, puxa, prende, passa/ Índio quer cachimbo, índio quer fazer fumaça”.

Cocão, uma violação do código penal
Eu sou parceiro de Ice Blue e Mano Brown

KL Jay, Vila Mazzei, é puro veneno
Cachorro louco lá do Norte, pra quem tá vendo

No nosso exército tem vários trutas
De prontidão para enquadrar filhas da puta

Traidor aqui mostra a sua cara
Desertor no caminho não agüenta e pára

É mais difícil do que ele pensou
Tem que ser malandro pra ficar de pé e fazer gol¹⁸¹

Vou que vou, morreu?
Liga os loucos do trago que Pablo ressuscitou

Sou franco atirador, meu homicídio é diferente
Eu sou o bem, mato o mal pela frente

Refrão- Escuta aqui, escuta aqui E-D-I
Inspirado na selva de Robin Hood
A fita foi tomada, se joga, estou envolvido
Pilantra aqui não cabe, é só guerreiro no abrigo

Eu digo, escuta aqui, escuta aqui E-D-I
Inspirado na selva de Robin Hood
A cena foi tomada, se joga, estou envolvido
Pilantra aqui não cabe, é só guerreiro no meu abrigo

Rock- Voltei, estou firmão, então, daquele jeito
Eu não sou santo, eu tenho meus defeito

Meu homicídio é diferente
Eu sou o bem, já citei, mato o mal pela frente

Pois o mal te oferece entregar o céu numa bandeja
Depois te escracha na capa da revista Veja

Ou seja, anuncia o fim da guerra fria
Na política ou na Globo, em quem você confia?

Não sou o crime, e nem o crime

¹⁸¹ O “gol” é inserido do rap “Capítulo 4, Versículo 3”, do disco “Sobrevivendo no Inferno”, 1997.

Mas o meu time não hesita a quem não treme

Pra mim, o rap é o caminho de uma vida
A vida é o jogo onde vencer é a única saída

Cheguei até aqui, não posso perder, vacilar
Vou prosseguir, aprendi, sei jogar

Trinta anos se passaram, não é nenhum brinquedo
Eu estou na fé, parceiro, prossigo sem medo

Amadilha tem um monte à minha espera
Final feliz só em novela

Nos deram a pobreza, a favela, a bola
Tráfico, tiro, morte, cadeia e um saco de cola

Droga, toca, rola, a bola está em jogo
Cinco a zero, os cartola ganharam de novo

Caviar e champanhe pra quem não conhece
Liga a tevê e assista ao programa Flash

Socialite, piscina, dólares, mansão
Isca forte, brilha olho de qualquer ladrão

Pra quem não tem mais nada a perder
Enquadra uma Cherokee na mira de uma PT

Refrão- Escuta aqui, escuta aqui E-D-I
Inspirado na selva de Robin Hood
A fita foi tomada, se joga, estou envolvido
Pilantra aqui não cabe, é só guerreiro no abrigo

Eu digo, escuta aqui, escuta aqui E-D-I
Inspirado na selva de Robin Hood
A cena foi tomada, se joga, estou envolvido
Pilantra aqui não cabe, é só guerreiro no meu abrigo

Scratch- Estou ligeiro

12 de outubro

participação Silveira (violão)

Brown- 12 de outubro de 2001, Dia das Crianças, várias festa espalhada na periferia. No Parque Santo Antônio hoje teve uma festa, foi bancada pela irmandade, uma organização, estão confeccionando roupa lá no Parque Santo Antônio lá, lutando, remando contra a maré. Mas está lá, está firme. Tinha umas trezentas pessoas na festa das crianças, comida, música. Tinha um grupo de rap de uma menininha de dez anos, cantando muito. Aí saímos de lá voado, fomos numa outra quermesse de rua também na Vila Santa Catarina, lá do outro lado da zona sul, quase no centro. Chegamos lá e a festa não tinha começado ainda. Aí no caminho nós passamos dentro duma favela assim e trombamos uns molequinho jogando bola e tal, começamos a provocar: "E aí, moleque, você é santista, tal?". "Não, sou corintiano.". Eu falei: "Ei, o Marcelinho vai arrebentar vocês.". E os moleque veio naquela idéia de jogo e eu comecei a pesar na dos moleque: "E aí mano, e aí, está estudando, e tal?". Aí um moleque falou assim: "Ih, esse aqui hoje xingou a mãe dele.". Aí eu falei assim: "Por que você xingou sua mãe?". "Ah, porque..." não, nem foi isso. Ele falou assim, eu falei: "Vocês ganharam presente?" eu perguntei, não foi não, Neto? "Vocês ganharam presente?", ele falou: "Eu ganhei foi tapa na cara hoje." Falei: "por que você tomou tapa na cara?". "Ah, minha mãe deu um tapa na minha cara. Foi isso que eu ganhei, não ganhei presente, não.". Falou assim, bem convicto mesmo. Aí eu falei assim: "Por que você tomou tapa na cara?" "Porque eu xinguei ela.", "Mas por que você xingou?", "Lógico, todo mundo ganhou presente e eu não ganhei por quê?". Aí eu fiquei pensando, né mano, como uma coisa gira outra. Isso gira um ódio: o moleque com dez ano tomar um tapa na cara no dia das crianças. Eu fico pensando quantas mortes, quantas tragédias em família o governo já não causou com a incompetência, com a falta de humanidade, quantas pessoas não morreram, de frustração, de desgosto, longe do pai, longe da mãe, dentro da cadeia por culpa da incompetência desses aí. Entendeu? Que fala na televisão, fala bonito, come bem, forte, gordo, viaja bastante. Tenta chamar os gringo aqui pra dentro enquanto os próprios brasileiro estão aí, jogado no mundão, do jeito que o mundão vier. Sem nenhum plano traçado, sem trajetória nenhuma, vivendo a vida, só. E o moleque era o maior revolta, vai vendo, moleque revolta. E ele estava friozão, jogando bola lá, como se nada tivesse acontecido, ali marcou pra ele. Talvez ele tenha se transformado numa outra pessoa aquele dia. Vai vendo o barato, dia das crianças.

Eu sou 157

Participação: Programação MPC: Zé Gonzáles; baixo: Jackson

Refrão- Hoje eu sou ladrão, artigo 157,
As cachorra me ama, os playboy se derrete
Hoje eu sou ladrão, artigo 157,
A polícia bola um plano, sou herói dos pivete

Brown- Uma par de bico cresce os zóio quando eu chego,
Zé povinho é foda, né não, nego?

Eu estou de mal com o mundo, terça-feira à tarde
Já fumei um ligeiro com os covarde

Eu só confio em mim, mais ninguém, você me entende?
Falar giria bem até papagaio aprende

Vagabundo assalta banco usando boot Versacci
Civil dá o bote usando caminhão da Light

Presente de Grego, né?, cavalo de Tróia
Nem tudo que brilha é relíquia nem jóia

Não lembra aquela fita lá: "Oh, fala aí, Jão"
O bico veio aí, maior cara de ladrão

Bico- "Como é que é, rapa, calor do caralho
Licença aí, deixa eu fumar, passa a bola, Romário"

Brown- Hum, meio confiado, né? É, eu percebi,
Pensei, olha só, que era truta seu
Rock- Ó o milho

Brown- E diz que tinha um canal, e vende isso e aquilo,
Quem é? Quem tem m. pra vender? Quero um quilo

Bico- Um quilo de quê, Joe, você conhece quem?
Sei lá, sei não, hein, eu sou novo também

Brown- Irmão, quando ele falou um quilo,
É o deixo, é o milho, a micha caiu

Mas onde é que já se viu, aceitar de piolhagem
Não vai daqui a ali, maior chavão, nesse trajas

De óculos escuros, bermuda e chinelo,
O negão era polícia, irmão, maior castelo

Refrão- Hoje eu sou ladrão, artigo 157,
As cachorra me ama, os playboy se derrete
Hoje eu sou ladrão, artigo 157,
A polícia bola um plano, sou herói dos pivete

Brown- Nego, São Paulo é selva e eu conheço a fauna
Muita calma, ladrão, muita calma

Eu vejo os ganso descer, e as cachorra subir
Os dois peidar pra ver quem guia o GTI

Homem 1- Mas também, né Jão, sem fingir, sem dar pano
É Boca de Favela, vamos e corvenhamos

Tiazinha trabalha 30 ano e anda a pé,
Às vez cagüeta de revolta, né?

Brown- Quê? Não é nada disso não, você está nessa?
Revolta com o governo, não comigo, olha as conversa!

Traidor, Cobra-Cega, pensou se a moda pega?
Nego, eles te entrega pro Depare, aí sujou

De bolinho, complô, pode até ser que tem, sei lá,
Qualquer lugar, vários tem celular

Não dá pra acreditar que aconteça
Na hora do choque, que um de nós troque uma cabeça

Por incrível que pareça, pode ser, ó meu,
Do dia de amanhã quem sabe é Deus

Eu não sei, não vi, não sou, morro cadeado
Firmão, deixa eu ir, quem não é visto não é lembrado

Refrão- Hoje eu sou ladrão, artigo 157,
As cachorra me ama, os playboy se derrete
Hoje eu sou ladrão, artigo 157,
A polícia bola um plano, sou herói dos pivete

Brown- Família em primeiro lugar é o que há
Juro pra senhora, mãe, que eu vou parar

Meu amor é só seu, brilhante num cofre
Enquanto eu viver, a senhora nunca mais sofre

Está daquele jeito, se é, é agora
É calça de veludo ou é bunda de fora

Me perdoe, me perdoe, mãe, se eu não tenho mais
O olhar que um dia foi te agradar com cartaz

Escrito assim: 12 de maio em marrom
Um coração azul e branco em papel crepom

Seu mundo era bom, pena que hoje em dia
Só encontro no seu álbum de fotografia

Juro que vou te provar que não foi em vão
Mas cumprir ordem de bacana não dá mais não

Blue- Xi, Jão, falando sozinho,
Essa era da boa, hein, põe dessa pra mim

O barato está doido e os mano te ligou ali
Mas tem que ser já, sem pensar, você quer ir?

A ponta é daqui a pouco, oito hora, oito e pouco
Está tudo no papel, dá pra arrumar uns troco

O time estava montado, mas tem um que não pode
Os mano é do outro lado, mas é pela ordem

Vamos, está maior mamão, só catar, demorou
Olha só: te pus na fita porque você é merecedor

Não vou ter por em fita podre, aliado,
A cena é essa ó, fica ligado:

Brown- Um mão branca fica só de migué
No bar em frente, o dia inteiro, tomando café

É nosso. O outro é japonês, o Kazu
Que fica ali vendendo um dog e talão zona azul

Blue- Você compra o dog dele e fica ali no bolinho
Ele tem só um canela seca no carrinho

Brown- Você liga a loira, né, então, vai estar lá dentro,
De onda com os guardinha, pam, é nessa aí que eu entro

Blue- É dois tem mais um, foi quem deu, está ligeiro
Na hora ele vai estar de h no banheiro

Brown- Tem uma XT na porta e uma Saara
Pega a contra-mão, vira à esquerda e não pára

Cara, é direto e reto, na mesma, até a praça
Que está tudo em obra e os carro não passa

Blue- Do outro lado está a Rose, de GOLF na espera,
Dá as arma e os malote pra ela e já era

Brown- Depois só praia e maconha,
Comer todas burguesa em Fernão de Noronha

Brown- Nossa mano, vou colar aqueles gadinho lá, que mora no condomínio, vixi!

Blue- Hi aquelas mina lá...

Brown- Só gata, fio.

Blue- Elas até gosta de fumar um baseado.

Brown- Vou levar elas tudo...

Brown- O dia D chegou
Se esse é o lugar, então aqui estou

Quanto mais frio, mais em prol
Pra um amante do dinheiro, pontual como o Sol

Igual eu, de roupão e capacete
No frio já é quente, ainda usando colete

Já era, estou aqui, e aonde você está, Jão?
Não estou vendo ninguém e o japonês não está aqui não

(som de walkie-talkie)

Neguinho- O carrinho não está aí, né, daqui eu ganhei
O outro mão nem comeu também desde que eu cheguei

Brown- Mas por que logo hoje? Por que que mudaram?
É difícil, erraram, os que deu a fita erraram

Sei não, está esquisito, Jão, está sinistro
Não é melhor nós se jogar?, vê direito

Qualquer coisa a loira vai ligar, não tem pressa
Você é que nem meu irmão, caralho, porra, não dá essa

Neguinho- Só tem o zé povinho e os motoboy
Tá gelado, vamos entrar, vagabundo, é nós

Brown- Nossa Senhora, o Neguinho passou a mil
Eu falei, nem ouviu, nem olhou, nem me viu

Minha cara é esperar, eu não tiro os olho
Lá dentro eu não sei, meu estômago dói

Lá vem o truta, "Vamos!", é agora

Blue- Tudo errado, vamos embora, caiu a fita, sujou,

Brown- Cadê o neguinho? Demorou, caralho, bem que eu falei

Blue- Todos funça mudou, só tinha dois, mas tem três

Brown- O neguinho vinha vindo, do que vinha rindo?

O pesadelo do sistema é não ter medo da morte

Dobrou o joelho e caiu como um homem
Na giratória, abraçado com o malote

Homem 2- Eu falei, pô, eu não te falei, não ia dar?

Pra mãe dele, quem que vai falar quando nós chegar?

Um filho pra criar, imagina a notícial

Brown- Lamentável, vamos aí, vai chover de polícia

(Pausa, mulher chorando em desespero, música lenta)

A vida é sofrida, mas não vou chorar,
Viver de quê?, eu vou me humilhar?

É tudo uma questão de conhecer o lugar,
Quanto tem, quanto vem e minha parte o quanto dá

Porque

Refrão- Hoje eu sou ladrão, artigo 157,

As cachorra me ama, os playboy se derrete

Hoje eu sou ladrão, artigo 157,

A polícia bola um plano, sou herói dos pívete

Brown- Aí, loko, muita fé naquele que está lá em cima, que ele olha pra todos e todos têm o mesmo valor. Vem fácil, vai fácil; essa é a lei da natureza. Não pode se desesperar. E aí, molecadinha, tô de olho em vocês, hein?! Não vai pra grupo não, a cena é triste. Vamos estudar, respeitar o pai e a mãe e viver. Viver: essa é a cena. Muito amor.

A vida é desafio

participação de Afro X e Daniel Quirino

(Som de cela de cadeia se fechando)

Afro X- Sempre fui sonhador, é isso que me mantém vivo. Quando pivete, meu sonho era ser jogador de futebol, vai vendo. Mas o sistema limita nossa vida de tal forma, que tive que fazer minha escolha: sonhar ou sobreviver. Os anos se passaram e eu fui me esquivando do ciclo vicioso. Porém o capitalismo me obrigou a ser bem sucedido. Acredito que o sonho de todo pobre é ser rico. Em busca do meu sonho de consumo, procurei dar uma solução rápida e fácil dos meus problemas: o crime. Mas é um dinheiro amaldiçoado, quanto mais eu ganhava, mais eu gastava. Logo fui cobrado pela lei da natureza: vixi, catorze anos de reclusão. O barato é louco.

Rock- É necessário sempre acreditar que um sonho é possível
Que o céu é o limite e você, truta, é imbatível

Que o tempo ruim vai passar, é só uma fase
Que o sofrimento alimenta mais a sua coragem

Que a sua família precisa de você
Lado a lado se ganhar, pra te apoiar se perder

Falo do amor entre homem, filho e mulher
A única verdade universal que mantém a fé

Olho as criança, que é o futuro e esperança
Que ainda não conhece, não sente, o que é ódio e ganância

Eu vejo o rico que teme perder a fortuna
Enquanto o mano desempregado viciado se afunda

Falo do enfermo, falo do são
Falo da rua aqui pra esse louco mundão

Que o caminho da cura pode ser a doença

Que o caminho do perdão às vezes é a sentença

Desavença, treta e falsa união

A ambição é como um véu que cega os irmão

Que nem um carro guiado na estrada da vida

Sem farol, no deserto das trevas perdida

Eu fui orgia, ébrio, louco, mas hoje ando sóbrio

Guardo o revólver enquanto você me fala em ódio

Eu vejo o corpo, a mente, a alma, o espírito

Ouçõ repente, o que diz lá no canto lírico

Falo do cérebro e do coração

Vejo egoísmo, preconceito, de irmão para irmão

A vida não é problema, é batalha, desafio

Cada obstáculo é uma lição, eu anuncio

Refrão- É isso aí, você não pode parar

Esperar o tempo ruim vir te abraçar.

Acreditar que sonhar sempre é preciso

É o que mantém os irmãos vivos

Rock- Várias famílias, vários barracos

Uma mina grávida e o mano tá lá trancafiado

Ele sonha na direta com a liberdade

Ele sonha em um dia voltar pra rua longe da maldade

Na cidade grande é assim

Você espera tempo bom e o que vem é só tempo ruim

No esporte, no boxe ou no futebol
Alguém sonhando com a medalha, o seu lugar ao Sol

Porém, fazer o quê se o maluco não estudou?
Quinhentos anos de Brasil e o Brasil aqui nada mudou

Afro X- Desesperou, aí, cena do louco,
Invadiu um mercado farinhado, amado e mais um pouco

Rock- Isso é reflexo da nossa atualidade
Esse é o espelho derradeiro da realidade

Não é areia, conversa, xaveco
Porque o sonho de vários na quebrada é abrir um boteco

Ser empresário não dá, estudar nem pensar
Tem que tramar ou ripar pros irmãos sustentar

Ser criminoso aqui é bem mais prático
Rápido, sádico ou simplesmente esquema tático

Será instinto ou consciência:
Viver entre o sonho e a merda da sobrevivência

Afro X- O aprendizado foi duro, e, mesmo diante desse revés, não parei de sonhar, fui persistente, porque o fraco não alcança a meta. Através do rap, corri atrás do preju e pude realizar meu sonho. Por isso que eu, Afro X, nunca deixo de sonhar.
(som de cela se fechando)

Rock- Conheci o paraíso e eu conheço o inferno
Vi Jesus de calça bege e o diabo vestido de terno

No mundo moderno, as pessoas não se falam
Ao contrário, se calam, se pisam, se traem, se matam, embaralham

As cartas da inveja e da traição
Copa, ouro e uma espada na mão

O que é bom é pra si e o que sobra é do outro
Que nem o Sol que aquece, mas também apodrece o esgoto

É muito louco olhar as pessoas

A atitude do mal influencia a minoria boa

Morrer à toa, que mais?, matar à toa, que mais?
Ir preso à toa, sonhando com uma fita boa

A vida voa e o futuro pega
O que se firmou, falou, quem não ganhou o jogo entrega

Mais uma queda em quinze milhões
Na mais rica metrópole em suas várias contradições

É incontável, inaceitável, implacável
Inevitável ver o lado miserável

Se sujeitando com migalhas, favores
Se esquivando entre noite de medo e horrores

Qual é a fita, a treta, a cena?
A gente reza, foge e continua sempre os mesmos problema

Mulher e dinheiro tá sempre envolvido
Vaidade e ambição: munição pra criar inimigo

Desde o povo antigo foi sempre assim:
Quem não se lembra que Abel foi morto por Caim?

Enfim, quero vencer sem pilantrar com ninguém
Quero dinheiro sem pisar na cabeça de alguém

O certo é certo na guerra ou na paz
Se for um sonho, não me acorde nunca mais

Roleta russa quanto custa engatilhar?
Eu pago o dobro pra você em mim acreditar

Refrão- É isso aí, você não pode parar

Esperar o tempo ruim vir te abraçar.

Acreditar que sonhar sempre é preciso

É o que mantém os irmãos vivos

Rock- É o seguinte, aí, geralmente, quando os problema aparece, a gente está desprevenido, não é não? Errado. É você que perdeu o controle da situação, sangue bom, perdeu a capacidade de controlar os desafio. Principalmente quando a gente foge das lição que a vida coloca na nossa frente assim, está ligado. Você se acha, você se acha sempre incapaz de resolver, se

acovarda, morou? O pensamento é força criadora, irmão. O amanhã é ilusório, porque ainda não existe. O hoje é real, é a realidade que você pode interferir. As oportunidade de mudança está no presente. Não espere o futuro mudar sua vida, porque o futuro será consequência do presente: parasita hoje, um coitado amanhã; corrida hoje, vitória amanhã. Nunca esqueça disso, irmão.

1 por amor 2 por dinheiro

participação de Ganja Man (moog), Silveira (teclados), Nelsão "DJ Nel", Vanessa Jackson (coro)

participação do grupo de rap Rosana Bronx¹⁸²

(som de caixa registradora)

Vanessa- Na zona sul...

Brown- Essa é dedicada pra todos os MC do Brasil que veio do sofrimento, rimando e exercendo a profissão perigo. É tudo nosso, tudo nosso, tudo nosso.

Quem é você que fala o que quer
E se esconde igual mulher por trás da caneta

Homem 1- Vai

Brown- Zé Boceta

Homem 1- Sai

Brown- da Sombra

Homem 1- Cai

Brown- Então toma

Blue- Seu mundo é o chão

Homem 1- Quem tem cu tem medo e treme

Mostra a cara, Mister M

Brown- E vem pra ver como é bom

Blue- Poder chegar lá

Brown- Alta cúpula, e entrar sem pagar, simpatia

Brown- Promessas vazia, caô, caô

Nem vem, nem vem, sofredor, aqui tem censor

Homem 1- Não tem rei, não tem réu, pai do mel, bam-bam-bam

Blue- Quem age certo é que fala, é que pam

Brown- Andarilho ou idoso ou bom criminoso:

Blue- Igual: depois da pólvora, não tem cabuloso

Brown- Eu nunca quis, nem vou, agradar todo mundo

E rir pra tudo quanto é que se diz vagabundo

¹⁸² Por não identificar as vozes de cada rapper do Rosana Bronx, não consegui designar corretamente cada fila. A participação desse grupo nesse rap não está indicada no encarte do CD, foi deduzida por mim a partir da letra, das vozes e da execução desse rap em um show dos Racionais a que assisti, que teve a participação do Rosana Bronx.

Homem 1- O rei dos reis foi traído na Terra
Morrer como um homem é o prêmio da guerra

Blue- Sem menção honrosa e sem embaçagem
Brown- A vida é louca, nego, né, louco, de passagem

Todos- Zum-zum-zum-zum-zum
Brown- Meu cérebro balançou, século vinte e um
Blue- Revolução
Brown- Não é pra qualquer um
Só quem é camicase, leia, o guerreiro de fé

Blue- Se o rap é o jogo, eu sou o jogador nato
Homem 1- Errou. Rap é uma guerra
Brown- E eu sou gladiador

Blue- Pra jogar, pra lutar, pra matar, pra morrer sorrindo
Homem 1- Esmagando os verme, quebrando e falindo os cassino

Brown- Eu vou sair pra descolar um qualquer
Meu pivete já conta pra amanhã no café

Se o crime é uma doença, eu conheço a infecção
Nem por isso eu sou pá no pano de ninguém, Jão

Brown- Um por amor,
Blue- Dois por dinheiro,
Homem 1- Três pela África,
Brown- Quatro pros parceiro

Blue- Que estão na guerra sem medo de errar
Homem 1- Quem quiser falar, só Deus pode julgar

Brown- Dez cadeiras numa mesa de mármore
Dez nego em volta falando assim:

Homem 2- Mil pra você
Homem 1- Mil pra mim
Homem 2- Mil pra você
Homem 1- Mil pra mim
Homem 2- Mil pra você
Homem 1- Mil pra mim
Homem 2- Mil pra você
Homem 1- Mil pra mim

Brown- Doidão, está firmão? Está feliz?
No sapatinho?

Blue e Homem 1- Ai sim.

Brown- Não vai deixar o seu pivete ao léu
Na mão de um cara pálida de topete e gel

Sensacional

DJ Nel- Hei, hei, nego, aqui quem fala é o vaxx do momento, DJ Nel, via satélite mantendo o clima quente até nas quartas-feiras cinzas da vida. Ei, quebrada, eu vejo seus olhos tristes tentando ver a luz. Esse som é funk e a frase do dia é: as palavras nunca voltam vazias.

Coro: Um por amor, dois pelo dinheiro
Vida loka, Capão de fé, sou guerreiro

Homem 3- E esses mano aí de bombeta branca e vinho?
Agitando a festa e chega no bolinho

Homem 4- Respeita, doidão, aí, não fala assim
Bolinho pra você é família pra mim

Veja bem, escute a natu
O espírito soul, o louco da zona sul

Eu vivo a reali, vou superar
A missão do sofredor é se adiantar

Homem 2- É quente, é quente, quente
Vale das virtudes é nós no pente

Já era, boyzão, você sabe como é
O bagulho está doido, você tem um qualquer?

Mãe e irmã, irmã e sobrinho
Se o dinheiro constar, eu não gasto sozinho

Ei, camarada, a cara é correr
A quebrada é sofrida, eu também, fazer o quê?

Dinheiro no bolso e Deus no coração
Família unida, champanhe pros irmão

Homem 3- Amor pela mãe ocupa os meus termos
Um coração puro contra um mundo enfermo

Não há nada na vida que o amor não supere
O mundão desandou, ei, você, não se entregue

Olhe a seu redor a expansão do terror
Apocalipse já, que o profeta pregou

O ser trai por amor ao lucro
Dinheiro agora sem dor nem escrúpulo

Ei, ouve o que a rima fala
Entre a compra e a venda, o pecado se instala

Homem 4- Certo, tio, é, o negrinho está nascendo
A vida loka família, Jardim Rosana é a arena

Fi, Dudu e Pedro vem o robocop
De Golf é facinho subir no INOCOOP

Zé povinho, resista, tem coxinha na bota
Pode me acionar que tem TSJ

Rosana Bronx, lealdade primeiro
Um por amor, dois por dinheiro

Homem 2- De um lado as de cem, do outro as de cinquenta
Fusão leste e sul, que tal? Representa

Em plena Mateu Gade, noventa era
Sentido zona sul, a rapa me espera

Homem 1- Aqui ninguém quer fama e diz-que-diz
Quatro mil dólar já me faz feliz

Dinheiro City, capital da Gozolândia
Malandro bom não humilha nem desanda

Liga o outro mano, um dá mil e cem

Homem 3- Pagando, no Capão o que mais tem

De Audi ou Citroen, já disse o Brown
Um rolê pela fundão é fundamental

Quem é quem, diz-que-diz
Bochicho não me faz feliz

Vida alheia, ora bola
Minha cota eu quero em dólar

Homem 1- Na periferia tem uma pá com disposição
Atrás do cifrão só vai quem tem o dom

Jogue a moeda pra ver no que vai dar
Coroa é negativo, a cara é comigo

Com ele lá em cima eu não estou sozinho
Deus está trinando, pode crer, o meu caminho

Vou que vou, vou pra decidir
Estou de pé, não vou cair

Mas que nada, eu vou fazer minha caminhada
Encontrar com os irmão na quebrada

Satisfeito, sou sujeito
Com respeito, bato no peito

Um-sete-um furado aqui não compra ninguém
Corromper a minha mente, aí, nem vem

Sai fora, nem cola
Ih, demora

Vanessa- Um por amor, dois por dinheiro
Na selva é assim
E você vale o que tem, vale o que tem
Na mão

Vanessa e Brown- Vida loka é só quem é
Bom guerreiro de fê
Muito amor pros parceiros
Liberdade e dinheiro
Quem é quem, diz que diz
Bochicho não me faz feliz
Vida alheia, ora bola
Minha cota eu quero em dólar

Você vale o que tem

Anexo 5 B: “Nada como um dia após o outro dia” – “Ri depois”, 2002

1. De volta a cena.....	276
2. Otus 500.....	277
3. Crime vai e vem.....	279
4. Jesus chorou.....	285
5. Fone.....	290
6. Estilo cachorro.....	292
7. V.L. (parte II).....	297
8. Expresso da meia-noite.....	301
9. Trutas e quebradas.....	304
10. Da ponte pra cá.....	306

De volta a cena

Hemen- É, tru, os Racionais está aí de novo, morou? E os cara há mil-e-ano na parada. Pode crer, os cara representa a favela do começo ao fim. Mas aí, é muita treta, hein, é idéia de mil grau no bagulho.

Rock- Racionais, urbana cena

Realidade é a palavra, atitude é o meu lema

Esquema feito: a justiça está com nós

Lei da periferia, irmão, ouça a minha voz

Meu rap é a linha de frente dessa guerrilha

Faça o que puder, vier, siga a minha estreita trilha

KL Jay- Na picadilha, matilha, está à solta

Rock- Idéia de mil grau e o veneno escorrendo da boca

Brown- Nego, a vida é louca

Rock- Cruel e sangrenta

Só, muito pior, sem dó, marginal e violenta

O sangue esquenta, ei Éder, quero ver

Éder- Ei, Dinho, liga o Marquinhos pra fazer o chão tremer

Rock- Pode crer. Não sou aquele que via satélite te seduz

KL Jay- Porque...

Rock- Bala de PT não faz sinal da cruz

Nem muito menos estou aqui pra fazer média

Não sou aquele que pega carona na tragédia

Vejo de perto a viúva da dor

Pisando em caco de vidro, filha do rancor

Convivendo com o divino e o diabólico

Entre os crentes, espíritas, o crime e os católicos

Tristes e eufóricos, tranqüilos e melancólicos

O engatilhado sofrimento é metabólico

Soldado da paz, mas treinado pra guerra

Meu arsenal é seu calvário nas ruas da serra

Sampler- Quinhentos anos

Tudo igual

Na América

Justiça!

O ódio

Jesus está por vir, mas o diabo já está aqui¹⁸³

Rock- Quinhentos anos, o Brasil é uma vergonha

Polícia fuma pedra, moleque fuma maconha

Dona Cegonha entrega mais uma princesa

Mais uma boca, com certeza, que vem à mesa

Onde cabe um, dois, cabe três

A dificuldade entra em cena outra vez

Enquanto isso, playboy folgado anda assustado

Deve estar pagando algum erro do passado

Assalto, seqüestro, é só o começo

A senzala avisou, mauricinho hoje paga o preço

Sem adereço, desconto ou perdão

Quem tem vida decente não precisa usar oitão

(Pausa, som de assalto:

Boy: Pelo amor de Deus, pelo amor de Deus...)

Rock- É, doutor, seu titanic afundou

Quem ontem era caça hoje, pá, é o predador

Que cansou de ser o ingênuo, humilde e pacato

Empapuçou, virou bandido e não deixa barato

Se atacou e foi pra rua buscar

Confere se não está abrindo o seu frigobar

Na sala de estar, assistindo um DVD

Com a sua esposa de refém, esperando você

Quer sair do compensado e ir pra uma mansão

Com piscina, digna de um patrão

¹⁸³ Verso do rapper carioca Escadinha.

Com vários cão de guarda rotweiller
E darna socialite de favela estilo Cálí

Quer jantar com cristal e talheres de prata
Comprar vinte pares de sapato e gravata

Possuir igual você tem o fokker 100
Ter também na garagem dois mercedes benz

Voar de helicóptero á beira-mar
Armani e Hugo Boss no guarda-roupa, pra variar

Presentear a mulher com brilhantes
Dar gargantilha dezoito pra amante

Como agravante, a ostentação
O que ele sonha até então está na sua mão

De desempregado a homem de negócio
Pulou o muro e já era, agora é o novo sócio

Crime vai e vem

Homem 1- O, mano, você viu o tanto de polícia que tem na área aí, mano?

Homem 2- É, então, está embaçado o morro, certo, mano. Então, e final de ano, ir pra cadeia não vira. Olha quem está chegando aí, mano!

Homem 3- E aí Cláudio, firmeza?

Cláudio- E aí, firmeza, família, como é que está o morro?

Homem 2- Então o morro está daquele jeito, certo, mano, então tem que ficar ligeiro porque está cheio de polícia, cheio de ganso...

Cláudio- Então, aí, estou descabelado, mano, vim pra me levantar de novo

Homem 1- Então, vamos correr vento, mano...

Rock- Está vendo aquele truta parado ali bolando idéia com os mano na esquina?

É envolvido com crack, maconha e cocaína

Tirou cadeia, cumpriu a sua cota

Pagou o que devia, mas agora ele está de volta

Saudades da quebrada, família

Coração amargurado pelo tempo perdido na ilha

Se levantar agora é só, nada mais importa

Louco é mato, está cheio, no morro não falta

Esses anos aguardou, paciente

O limite é uma fronteira criada só pela mente

Conta com o que ficou e não o que perdeu

Quem vive do passado é memória, museu

Dinheiro, segredo: palavra chave

Manipula o mundo e articula a verdade

Compra o silêncio, monta a milícia

Paga o sossego, compra a política

Aos olhos da sociedade é mais um bandido

E a bandidagem paga o preço pela vida

Vida entre o ódio, traição e o respeito

Entre a bala na agulha e uma faca cravada no peito

Daquele jeito, ninguém ali brinca com fogo

Perdedor não entra nesse jogo

É como num tabuleiro de xadrez

Xeque-mate, vida ou morte, um, dois, três

Vê direito, pára e pensa, nada a perder
O réu acusado já foi programado pra morrer

Quem se habilita a debater?
Quem cai na rede é peixe, não tem pra onde correr

Refrão- O crime vai, o crime vem
A quebrada tá normal e eu tô também
O movimento dá dinheiro, sem problema
E o consumo tá em alta como manda o sistema
O crime vai, o crime vem
A quebrada tá normal e eu tô também
Onde há fogo, há fumaça
Onde chega a droga é inevitável: embaça

(como fundo do refrão, uma conversa entre traficantes)

Blue- Eu estou aqui com a nove na mão
Cercado de droga e muita disposição, ladrão

Fui rotulado pela sua sociedade
Um passo a mais pra ficar na criminalidade

O meu cotidiano é um teste de sobrevivência
Já estou na vida, então, paciência

Pra cadeia não quero, não volto nunca mais
Aí, truta, se for pra ser, eu quero é mais

Aqui maior corvil, ninho de serpente
Tem que ser louco pra vir bater de frente

Minha coroa não pode passar veneno
Já é velha e meu moleque ainda é pequeno

Um irmão morreu, outro se casou
Saiu dessa porra, firmeza, se jogou

Só eu fiquei fazendo um tempo por aqui
Tentei evitar, mas não consegui

Aí, se meu futuro estiver traçado
Eu vou até o fim só pra ver o resultado

Quero dinheiro e uma vida melhor
Antes que meu castelo se transforme em pó

Rock- Só. O vício da morte está à venda
Em cada rua uma alma, em cada alma uma encomenda

O consumo pra alguns é uma ameaça
Vários desanda, vacila e vira caça

Blue- Tem mano que dá várias narigada aqui
Cheira até umas hora

Rock- Deixa cair

É intensidade o tempo inteiro
Cartel latino: São Paulo ao Rio de Janeiro

Dá maior dinheiro, dólares, ato de sócio
Nesse ramo são que nem abutre nos negócio

A noite chega, a febre aumenta
Pode ser da paz ou curviana violenta

Homem 2- Então, vamos terminar de bolar o bagulho pra nós fazer o rolê, meu.

Homem 3- Firmeza, firmeza, mano.

Policial- Vai, vai, vai, todo mundo, mão pra cabeça, mão pra cabeça, cadê o bagulho? Está caguetado, quem que é o Cláudio aí, quem que é o Cláudio aí no bagulho?

Tráfico não tranca mais segredo
São três horas da manhã e pra alguns maluco ainda é cedo

Na esquina, na entrada da favela
Uma mula de campana, fumando na viela

Homem 4- E aí, cadê o Cláudio?

Blue- Aí, o Cláudio está pedido
Foragido da quebrada, e deixou tudo comigo

Os ganso está na febre, mas flagrante é dinheiro
Eu estou ligeiro a todo instante, parceiro

Rock- Mês de agosto atravessa o inverno
Os anjos do céu guia meus passo andando no inferno

Será eterno ou a estrada do fim?
Aí que está é vulnerável, provável pra mim

Que seja assim, um ganha e outro perde
Enquanto um louco cheira, o demônio se diverte

Homem3- (som de pessoa cheirando cocaína) Nossa, o bagulho é do doido mesmo. (segue, ao fundo do refrão, conversa sobre Cláudio e sua fuga da polícia)

Rock- Assim que é, assim que está

Refrão- O crime vai, o crime vem
A quebrada tá normal e eu tô também
O movimento dá dinheiro, sem problema
E o consumo está em alta como manda o sistema
O crime vai, o crime vem
A quebrada tá normal e eu tô também
Onde há fogo, há fumaça
Onde chega a droga é inevitável: embaça

Rock- O pobre, o preto, no gueto, é sempre assim
O tempo não pára, a guerra não tem fim

O crime e a favela é lado a lado
É que nem dois aliados: o isqueiro e o cigarro

Na viela, no beco, na rua sem saída
Na esquina da quebrada continua assim: na mesma vida

Rotina aqui é assim: vai, prossegue
Vitorioso é aquele que, se pá, consegue

Sobreviver, e não deitar crivado de bala
Igual na rua D, ensanguentado no meio da vala

Muita cautela ainda é pouco
Mano armado, traíra, andando que nem louco

Mano passando uns barato roubado
Jogo arriscado, mas quem tá preocupado?

Sujeito ou cuzão, herói ou vilão?
Cada ponto, quarenta na mente, diferente reação

Cada estrada uma lição da própria vida
Cada caminho um atalho, uma tentativa

A qualidade aqui são das piores
Vários malucos dando sangue por dias melhores

Foi dado um golpe de estado cavernoso
A máquina do desemprego fabrica criminoso

De bombeta, tatuado, sem camisa
De bermudão, no pião, na mesma brisa

Formação de quadrilha conduz o crime
Fera da lei, eu sei, eu vejo o filme

Las Vegas, o padrão gira a roleta
Controla tudo na ponta da caneta

Sentindo na garganta o amargo do ferro
Com o crime organizado na torre de Babel

Inteligente é o que vai pra cama mais cedo
Com uma quadrada na cintura, não é mais segredo

Não tenha medo, então por que você veio aqui?
É guerra fria e você está bem no meio, e aí?

Fogo cruzado lado norte
Só vagabundo, bandidagem e a morte

Boa sorte

Policial- Todas as pessoas que estão sendo, aí, revistas são pessoas que estariam em locais aonde existe o comércio de drogas. É área em que a cada dois ou três quarteirão tem um tráfico de drogas e é um absurdo, porque é um lugar onde mora pessoas de bem e nós estamos acabando com essas bocas de droga.

Repórter- Agora, o que a gente pode perceber é que a maior parte dessas pessoas são bastante jovens.

Policial- E informações que nós temos que a maior parte deles estão envolvidos com tráfico de drogas.

Repórter- Ele está sem documento e está sendo conduzido pra delegacia.

Policial- Para averiguação. São pessoas já velhos conhecidos nossos, nós estamos aqui na área fazendo um levantamento total de todas as pessoas às quais pode ser atribuído o tráfico de drogas ou pequenos delitos.

Repórter- Tem um rapaz que está sendo averiguado, os policiais já acabaram encontrando com ele, quer dizer, um flagrante acaba de acontecer, maconha.

Policial- Maconha. O cheiro já tinha percebido, maconha, já tinha encontrado um papel que é pra fazer um cigarro, ele está sendo preso, está sendo dado voz de prisão.

Repórter- Os policiais acabaram percebendo alguma movimentação. O que que houve aqui? O que que houve?

Policial- O ladrão saiu correndo por aqui, deve ser fugitivo lá do, de algum DP e saiu correndo por aqui. Porque aqui há vários fugitivos aqui, inclusive fugitivos da Detenção e olha como é

ingrime aqui, pra você sair daqui até chegar na rua de baixo lá dá mais de dez minutos e eles são ágeis, saem aqui pelo mato, mas já tem uma viatura cercando lá por baixo.

(como fundo da conversa entre policial e repórter, o refrão abaixo)

Refrão- O crime vai, o crime vem

O crime vai, o crime vem
A quebrada tá normal e eu tô também
Se o movimento vai em cana, sem problema
Liga outro no lugar

O crime vai, o crime vem
A quebrada tá normal e eu tô também
O movimento dá dinheiro, sem problema
E o consumo tá em alta

O crime vai, o crime vem
A quebrada tá normal e eu tô também
Sem documento morre cedo, é sem problema
Outro nasce e cresce

O crime vai, o crime vem
A quebrada tá normal e eu tô também

Jesus chorou

participação: coro: Marcão, baixo: Ganja Man

Brown- O que é e o que é? Clara e salgada
Cabe em um olho e pesa uma tonelada

Tem sabor de mar, pode ser discreta
Inquilina da dor, morada predileta

Na calada ela vem, refém da vingança
Irmã do desespero, rival da esperança

Pode ser causada por vermes e mundanas
E o espinho da flor cruel que você ama

Amante do drama vem pra minha cama por querer
Sem me perguntar, me fez sofrer

E eu que me julguei forte e eu que me senti
Serei um fraco quando outras delas vir?

Se o barato é louco e o processo é lento
No momento, deixa eu caminhar contra o vento

Que adianta eu ser durão e o coração ser vulnerável?
O vento não: ele é suave, mas é frio e implacável

É quente! Borrou a letra triste do poeta
Só! Correu no rosto pardo do profeta

Verme, sai da reta, a lágrima de um homem vai cair
Esse é o seu B.O. pra eternidade

Diz que homem não chora. Está bom, falou!
Não vai pra grupo, irmão, aí: Jesus chorou.

Brown- Porra vagabundo, olha, vou te falar
Estou chapando, êta mundo bom de acabar

O que fazer quando a fortaleza tremeu
E quase tudo ao seu redor melhor se corrompeu?

Homem- Épa, espera lá, muita calma, ladrão
Cadê o espírito imortal do Capão?

Lave o rosto nas águas salgadas da pia

Nada como um dia após o outro dia

Seu Deus, seu lado direito

Está abalado porque vem, nego, é desse jeito

Brown- Durmo mal, sonho quase a noite inteira
Acordo tenso, tonto e com olheira

Na mente, sensação de mágoa e rancor
Uma fita me abalou na noite anterior

(som de telefone)

Brown- Alô.

Homem- Al, dorme, hein, doidão
Mil fita acontecendo e você aí

Brown- Que horas são?

Homem- Meio dia e vinte, a fita é o seguinte
Não é [es] não, fita de um mil grau

Ontem eu estava ali de C.B. no pião
Com um truta firmeção, você tem que conhecer

Se você liga ele, vai saber de repente
Ele fazia até um rap num passado recente

Brown- Ahã.

Homem- Vai vendo a fita, você não acredita
Quando tem que ser é, Jão, presta atenção

Vai vendo, parei pra fumar um de remédio
Com os moleque lá, que pá, trafica nos prédio

Um que chegou depois pediu pra dar uns dois
Logo um patrício, novão e os caralho

Fumaça vai, fumaça vem, hein, chapou o coco
Se abriu que nem uma flor, ficou louco

Estava eu mais dois truta e uma mina
Num tempra prata show, filmado, ouvindo o Guina

O bico se atacou, falou uma pá de você

Brown- Tipo o quê?

Homem- "Esse Brown aí é cheio de querer ser"

Brown- Oh!

Homem- "Deixe ele moscar, vir cantar na quebrada
Vamos ver se é isso tudo quando ver as quadrada

Periféria nada, só pensa nele mesmo
Montado no dinheiro e cês aí no veneno

É a cara dele, truta, cada um e seu corre
Tudo pelas verde, uns mata e outros morre

Eu mesmo se eu catar a boa numa hora dessa
Vou me destacar pro outro lado depressa

Vou comprar uma house de boy, depois alugo
Vão me chamar de senhor, não burrofugo

Mas pra ele só a zona sul que é a pá
Diz que ele tira nós, nossa cara é cobrar

O que ele quiser, nós quer, vem que tem
Porque eu não pago pau pra ninguém"

Eu só registrei, né, não era de lá
Os mano tudo só ouviu, ninguém falou um "a"

Brown- Quem tem boca fala o que quer pra ter nome
Pra ganhar a atenção das mulher e outros homem

Amo minha raça, luto pela cor
O que quer que eu faça é por nós, por amor

Não entende o que eu sou, não entende o que eu faço
Não entende a dor e as lágrima do palhaço

Mundo em decomposição, por um triz
Transforma um irmão meu num verme infeliz

E a minha mãe diz: "Paulo, acorda
Pensa no futuro, que isso é ilusão
Os próprio preto não tá nem aí com isso não

Olha o tanto que eu sofri, o que eu sou, o que eu fui
A inveja mata um, tem muita gente ruim"

O, mãe, não fala assim que eu nem durmo
Meu amor pela senhora já não cabe em Saturno

Dinheiro é bom, quero sim, se essa é a pergunta
Mas Dona Ana fez de mim um homem e não uma puta

Ei, você, seja lá quem for
A semente eu não vi, então, você enterrou

Inimigo invisível. Judas incolor
Perseguido eu já nasci, demorou. Apenas por

Trinta moedas um irmão corrompeu
Atire a primeira pedra quem tem rastro meu

Cadê meu sorriso, onde está, quem roubou?
A humanidade é má e até Jesus chorou

Lágrimas
Lágrimas Jesus chorou

Vermelho e azul, hotel
Pisca só no cinza escuro do céu

Chuva cai lá fora e aumenta o ritmo
Sozinho eu sou agora, o meu inimigo íntimo

Lembranças más vem, pensamento bom vai
Sozinho penso merda pra caralho

Gente que acredito, gosto e admiro
Brigava por justiça e paz: levou tiro

Malcon X, Gandhi, Lenon, Marvin Gaye
Che Guevara, Tupac, Bob Marley

E o evangélico Martin Luter King
Lembrei de um truta meu falar assim:

“Não joga pérola aos porco, irmão, joga lavagem
Eles prefere assim, você tem de usar piolhagem”

Cristo que morreu por milhões, mas só andou
Com apenas doze, um fraquejou

Periferia: corpos vazio e sem ética
Lota os pagode rumo à cadeira elétrica

Eu sei, você sabe, o que é frustração:
Máquina de fazer vilão

Eu penso mil fita, vou enlouquecer
E um piolho diz assim quando me vê:

Homem 2- Famoso pra caralho, durão, ih, truta
Faz seu mundo não, Jão, a vida é curta

Só modelo por aí dando boi
Põe elas pra chupar e manda andar depois

Rasgar as madrugada só de mil e cem
Se sou eu truta, hã, não tem pra ninguém

Zé povinho é o cão, tem esses defeito
Quê? Você tendo ou não, cresce os olho de qualquer jeito

Cruzar, você rebenta de repente
Vai de ponto quarenta, só querer, está no pente

Brown- Se só de pensar em matar, já matou
Prefiro ouvir o pastor:

Pastor- Filho meu, não inveje o homem violento e nem siga nenhum dos seus caminhos.

Brown- Lágrimas molha a medalha de um vencedor
Chora agora, ri depois, aí: Jesus chorou
Lágrimas

Fone (intro)

Homem 1- E aí, Paulo, marquei um jogo pra domingo.

Paulo- Ah, mano, demorou, hein, tem uns dia que eu não jogo uma bola. E aí, Rafa, vamos jogar uma bola aí, mano?

Rafa- Ah, mano, estou a fim de fazer um rolê, ó, mano.

Homem 1- Ih, mano, eu e o Paulo fomos num rolê louco segunda-feira, ó, mano.

Homem2- Aí, Rafa, deixaram nós.

Rafa- Pode crer.

Homem 2- Não foi dessa vez, hein, Rafa.

Paulo- Tinha várias mulher lá, hein, mano, nem te falo.

Homem 1- Só as de elite.

(toque 1 de telefone)

Paulo- Alô.

Mônica- E aí, colega, tudo bem?

Paulo- E aí? Quem está falando?

Mônica- Você tem um tempo pra mim?

Paulo- Ahn... Mas quem está falando?

Mônica- Eu sou aquela morena de segunda.

Paulo- Ah, pode crer, e aí, Mônica? Como é que é?

Mônica- São tantas, né.

Paulo- Ah, também não estou com essa bola toda não, hein.

Mônica- Você não me ligou mais por quê?

Paulo- Não te liguei porque, puta, várias frita, meu.

Mônica- Queria saber quando a gente vai se ver.

(toque 2 de telefone)

Paulo- Pode ser sexta-feira?

Mônica- Estou com saudade.

Paulo- Eu também estou com saudade.

Mônica- Vê se me liga, tá.

Paulo- Eu te ligo, vou ligar aí pra nós marcar.

Homem 1- Alô, quem fala? Só um minutinho. Aí, Rafa, liga o Paulo aí.

Rafa- Aí, Paulo, aquela morena lá, ó.

Homem 1- Que nada, mano, se pá é aquela loira, hein.

Paulo- Quem atendeu o telefone? Quem será agora, espera aí. Alô.

Amante- Oi, amor, estou te esperando.

Paulo- Oi, tudo bem?

Amante- Você não ia passar aqui?

Paulo- Eu vou passar aí já, meu, daqui a pouco.

Amante- Você prometeu que ia ser hoje, lembra?

Paulo- Não, vai ser hoje, eu tardo, mas não falho.

Amante- Estou daquele jeito pra você.

(toque 3 de telefone)

Paulo- Ah, demorou.

Amante- Beijo, tchau.

Paulo- Tchau.

Homem1- Aí, Rafa, o barato ficou louco, olha só quem está ligando.

Rafa- Ih, mano, é hoje, hein, embaçou. Aí, Paulo, sua mulher.

Paulo- Ih, mano, esqueci ela lá no centro, ó. Alô.

Esposa- O que que está acontecendo?

Paulo- Aconteceu o quê?

Esposa- Eu sou trouxa agora?

Paulo- Por quê?

Esposa- Está me achando com cara de palhaça?

Paulo- Você só ligou agora pra xingar.

Esposa- Você não falou que ia passar no centro pra me pegar. Fiquei plantada duas horas te esperando, pô.

Paulo- Por que você não ligou pra me lembrar? Acabei de sair da reunião, meu.

Esposa- Nem aparece aqui mais, hein.

Paulo- Por que você não ligou pra avisar? Aí ligou pra xingar, pra ficar ...

Esposa- Seu safado, no mínimo está com outra, pilantra, sem-vergonha, irresponsável, cachorro.

Paulo- Ah, está pegando eu pra louco? Ah, dá licença, dá licença.

(som de ocupado)

Paulo- Ó que mina cabulosa, desligou na minha cara, ó!

Estilo cachorro

participação- moog: Ganja Man

Rock- Conheço um cara que é dá noite, da madrugada
Que curte várias fita (som de cheirar cocaína), várias balada

Ele gosta de viver (som de fumar maconha) e viajar
Sem medo de morrer, sem medo de arriscar

Não atira no escuro, cara ligeiro
Faz um corre aqui e ali, sempre atrás de um dinheiro

KL Jay- Ah, jogar pra perder, parceiro, não é comigo.

Homem 1- Esse cara é bandido, ó

Rock- Objetivo

Um bom malandro, conquistador
Tem naipe de artista, pique de jogador

Impressiona no estilo de patife
Roupa de shopping, artigo de grife

Sempre na estica, cabelo escovinha
Montado numa noventa e nove azul novinha

Anel de ouro combinando com as corrente
Relógio caro, é claro, de marca quente

Anda só no sossego, sem muita pressa
Relaxa a mente, senão estressa

No momento, o que interessa ele já tem

Mulher- uma kawasaki?

Rock- E liberdade, meu bem

Homem1- O que esse cara tem, sangue bom?

Rock- Os invejoso eu escuto

Homem 2- Moto, dinheiro

Rock- Vagabundo fica puto

Homem 1- Ah, isso não é justo, ó, e os irmão?

Rock- Uma fatia do bolo? Se orienta, doidão

Conhece várias gatas tipos diferente
As preta, as branca, as fria, as quente

Loira tingida, preta sensual

Índia do Amazonas até flor oriental

Tem boa fama no meio das vadia
Daquelas modelo que descansa durante o dia, está ligado?

Tem seus critérios, tem sua lei
Montou naquela garupa já foi que eu sei

No motel ou em casa

Mulher- Ah, vamos na sua

Rock- De caranga, no drive-in, no H.O. ou à luz da lua

Segundas intenções: elementar
As camisinha tão no bolso e a maldade no olhar

Sabe chegar, sabe sair
Sabe ser notado e cogitado aonde ir

Pra conseguir aquilo o que sempre quer
Utiliza a mesma arma que você, mulher

Refrão- Mulher e dinheiro, dinheiro e mulher
Quanto mais você tem, muito mais você quer
Mesmo que isso um dia traga problema
Viver na solidão não vale a pena
Mulher e dinheiro, dinheiro e mulher
Sem os dois eu não vivo, qual dos dois você quer?
Mesmo que isso um dia traga problema
Ir pra cama sozinho não vira esquema

Rock- Segunda

Blue- A Patrícia

Rock- Terça

Blue- A Marcela

Rock- Quarta

Blue- A Raíssa

Rock- Quinta

Blue- A Daniela

Rock- Sexta

Blue- A Elisângela

Rock- Sábado

Blue- A Rosângela

Rock- E domingo?

Blue- É matiné, dezesseis, o nome é Ângela

Blue- Tenho uma agenda com dezenas de telefone

Uma lista de características e os nome

Rock- Qual é a fonte, parceiro?

Blue- Ah, isso não é segredo

Colo de moto, está ligado?, tenho dinheiro

(som de mulheres conversando num burburinho)

As cachorra fica tudo ouriçada quando eu chego

Eu ponho pânico, peço champanhe no gelo

Aquele balde prateado em cima da mesa

Dá o clima da noite, uma caixa de surpresa

Fico ali olhando, sentado, filmando

Só maldade pra lá e pra cá desfilando

Elas fazem de tudo pra chamar sua atenção

Pára, taca na cara na pretensão

Cola de calça apertada, boca de sino

De blusa decotada, perfumada e sorrindo

Me pede um isqueiro e oferece um cigarro

Viviane- Oi, você tem fogo?

Blue- Oh, mas é claro

Blue- Qual é seu nome?

Viviane- Meu nome é Viviane

Mas pra você sou Vi, está aqui meu telefone

Blue- Cinco oito nove dois, esse prefixo é lá da sul

Prazer, meu nome é Paulo, aí, vulgo, Ice Blue

De que lugar que você é?

Viviane- Moro no Vaz de Lima

Conhece o Maracá? Então, ali pra cima

Blue- Isso até rima coincidência na pista

Vai montar na minha garupa e hasta la vista

Refrão- Mulher e dinheiro, dinheiro e mulher

Quanto mais você tem, muito mais você quer

Mesmo que isso um dia traga problema

Viver sem ninguém não tem esquema

Mulher e dinheiro, dinheiro e mulher

Sem os dois eu não vivo, qual dos dois você quer?

Mesmo que isso um dia traga problema

Viver na solidão não vale a pena

Brown- Au, au

Estilo cachorro

Au, au, au, au

Não é machismo

Fale o que quiser, o que é, é

Verme ou sangue bom, tanto faz pra mulher

Não importa de onde vem, nem pra quê

Se o que ela quer mesmo é sensação de poder

Com ladrão fez rolê, se envolveu, sei lá, saiu

Mais ou menos abril, curtiu, quem viu, viu

Em maio foi vista de RR a mil

Na Br no frio com boyzão da Civil

Uns e outros aí, bom rapaz

Abre o coração e sofre demais

Conversa com os pais no sofá da sala

Olvida a razão enquanto ela fala e fala

Cai no canto da sereia

Vê que ele é firmão igual um prego na areia

Prego, jogou o ego dentro do buraco

O bon vivant jamais mostra o ponto fraco

Pergunte a Sansão quem foi Dalila

Ouça o sangue bom Martinho da Vila

De vários amores, de todas as cores

De vários tamanhos, de vários sabores¹⁸⁴

Quanto mais tem, mais vem; se tem, maravilha

P, M, G, morango e baunilha

Não é por nada, sem debate, sem intriga

Minha cara, é um chocolate, é o que liga

Mas acabou, acabou, sem tchau, nem bilhete

Você quase se mata por amor ao sorvete

¹⁸⁴ Citação da música "Mulheres" de Martinho da Vila.

E ele estava em punga
Pra levar ela no trampo lá na Barra Funda

Dez graus, cinco da manhã, sem problema
Se ela não morasse em Diadema

Pontual como o Big-Ben, quatro ano assim
Nem Shakespeare imaginaria o fim

Te trocou por um vadio sem vergonha
Que güenta até a mãe quando acaba a maconha

E ela diz que é feliz, que ele é cabuloso
Você pisa pra caralho, moscão pegajoso

Mulher finge bem, casar é negócio
Você vê quem é quem só depois do divórcio

Hein
Vem neném, de amor eu não morro
Vocês consagraram o estilo cachorro

Vida Loka (parte II)

KL Jay- Firmeza total, mais um ano se passando aí, graças a Deus a gente está com saúde aí, morou. Muita coletividade na quebrada, dinheiro no bolso, sem miséria e é nós.

(som de copos brindando)

Rock- Vamos brindar o dia de hoje, que o amanhã só pertence a Deus e a vida é louca.

Brown- Deixa eu falar pra você

Tudo, tudo, tudo vai, tudo é fase, irmão
Logo mais vamos arrebentar no mundão

De cordão de elite dezoito quilate
Põe no pulso logo um bright, que tal, está bom?

De lupa, mochilon, bombeta branca e vinho
Champanhe para o ar que é pra abrir nossos caminho

Pobre é o diabo, eu odeio a ostentação
Pode rir, ri, mas não desacredita não

É só questão de tempo o fim do sofrimento
Um brinde pros guerreiros; zé-povinho, eu lamento

Vermes que só faz peso na terra
Tira os olho, tira os olho, vê se me erra

Eu durmo pronto pra guerra e eu não era assim
Eu tenho ódio e sei o que é mau pra mim

Fazer o que se é assim, vida loka cabulosa
O cheiro é de pólvora, eu prefiro rosas

E eu que, eu que sempre quis um lugar
Gramado e limpo assim, verde como o mar

Cercas branca, uma seringueira com balança
Desbrincando pipa, cercado de criança

"Oh, oh, Brown, acorda, sangue bom
Aqui é Capão Redondo, tru, não o Pokemon

Zona Sul é invés, é stress concentrado
Um coração ferido por metro quadrado"

Quanto mais tempo eu vou resistir?
Pior que eu já vi meu lado bom na UTI

Meu anjo do perdão foi bom, mas está fraco
Culpa dos imundos do espírito opaco

Eu queria ter, pra testar e ver, um malote
Com glória, fama, embrulhado em pacote

Se é isso que vocês quer, vem pegar
Jogar no rio de merda e ver vários pular

Dinheiro é foda, na mão de favelado é maior gûela
Na crise vários pedra noventa esfarela

Vou jogar pra ganhar o meu, money vai e vem
Porém quem tem, tem, não cresço os olho em ninguém

O que tiver que ser será meu
Está escrito nas estrela, vai reclamar com Deus

Imagina nós de Audi ou de Citroen
Indo aqui, indo ali, só pã, de vai-e-ven

No Capão, no Apurá, vou colar na Pedreira
Do São Bento, na Fundão, de pião, sexta-feira

De teto solar, o luar representa
Ouvindo Cassiano, os gambé não güenta

É, mas se não der, nego, o que é que tem?
O importante é nós aqui junto ano que vem

E o caminho da felicidade ainda existe
É uma trilha estreita em meio à selva triste

Quanto você paga pra ver sua mãe agora
E nunca mais ver seu pivete ir embora?

Dá a casa, dá o carro, uma block e uma fau
Sobe cego de joelho mil e cem degrau

Quente, é mil grau o que o guerreiro diz
O promotor é só um homem, Deus é o juiz

Enquanto o zé-povinho apedrejava a cruz
E o canalha fardado cuspiu em Jesus

Aos quarenta e cinco do segundo arrependido
Salvo e perdoado é Dimas, o bandido

É louco o bagulho, arrepiado na hora, ó:
Dimas: primeiro vida loka da história

Eu digo glória, glória, sei que Deus está aqui
E só quem é, só quem é vai sentir

Meus guerreiro de fé, quero ouvir, quero ouvir
Meus guerreiro de fé, quero ouvir

Coro- Firmão! Programado pra morrer nós é
Brown- Ao lado direito do pai, é quente
Coro- Certo é, certo é, dê no que der

Brown- Firmeza, não é questão de luxo, não é questão de cor
É questão que fartura alegra o sofrimento

Não é questão de preza, nego, a idéia é essa:
Miséria traz tristeza e vice-versa

Inconscientemente vem na minha mente
Inteiro: na loja de tênis, o olhar do parceiro

Feliz de poder comprar o azul, o vermelho
O balcão, o esquerdo, o estoque, a modelo

Não importa: dinheiro é puta e abre as portas
Dos castelos de areia que quiser

Preto e dinheiro são palavras rivais?
É? Então mostra pra esses cu como é que faz

Seu enterro foi dramático como blues antigo
Mas de estilo, me perdoe, de bandido

Tempo pra pensar: quer parar? o que você quer?
Viver pouco como um rei ou muito como um zé?

Às vezes eu acho que todo preto como eu
Só quer um terreno no mato só seu

Sem luxo, descalço, nadar no riacho
Sem fome, pegando as frutas no cacho

Aí, truta, é o que eu acho, quero também
Mas em São Paulo, Deus é uma nota de cem
Vida loka

Brown- Porque o guerreiro de fé nunca gela, não agrada o injusto e não amarela. O rei dos reis foi traído e sangrou nesta terra. Mas morrer como um homem é o prêmio da guerra. Mas ó, conforme for, se precisar, afogar no próprio sangue, assim será. Nosso espírito é imortal, sangue do meu sangue. Entre o corte da espada e o perfume da rosa, sem menção honrosa, sem massagem: a vida é louca, nego, né, louco, de passagem.

A Dimas: o primeiro
(som de brinde com copos)
Saúde, guerreiro.
Dimas.

Expresso da meia-noite

Sample (refrão)- Só quem é de lá sabe o que acontece¹⁸⁵
(som de carro saindo)

Rock- Estou de rolê na quebrada de parati filmada
São vinte e três horas e a noite está iluminada

Acendo um cigarro (som de pessoa fumando cigarro), estou inspirado
Ando sozinho, não, não: Deus está do lado

É sábado, a rua está cheia, uma pá de gente
Delegacia 73, rebelião no pente

No São Luís alguém sangrando na fila de espera
Enquanto em alguma encruzilhada se acende vela

Na igreja, os crente faz vigília pra se salvar
Ansiedade à espera de Jesus quando voltar

Em frente um bar tá lotado
Fim de carreira, vários tio embriagado

Talvez seja frustrado com a família
Ou tenha espancado até a sua própria filha

Que brilha naquela maldade com o próprio corpo
Quinze anos de idade, já fez aborto

O que não falta é louco e louca tem de sobra
Periferia, legião: mãos à obra

Alcool e droga tá ali: corre junto
A morte já foi-se, atrás de mais um assunto

É dois minuto pra arrumar
Quem está de luto aqui nem chega a respirar

Tem que pensar mais rápido e puxar o gatilho
Se não for ligeiro, parceiro, toma tiro

Tá no limite, à flor da pele
Quem é ferido, com o mesmo ferro sempre fere

A arma de fogo impõe respeito

¹⁸⁵ Verso do rap "Pânico na zona Sul" do disco "Holocausto Urbano", 1990.

No submundo da metrópole é desse jeito

Não pense, não pisque, não dê um passo
Quem se habilita é um abraço

A paz é dechavada e fumada na seda
Tranquilidade enquanto a brasa tá acesa

A cortina de fumaça sob o holofote
Onde a aliada maior é a sorte

Em cada lote, uma viela
Nas rua da Nova Galvão, uma favela

Que testemunha toda hora algum coitado
Igual aquele que no meio foi rasgado

Metralhado, vários tiros de automática
Pros covarde é a forma que é mais prática

Eliminar e deixar pra trás
Uma mancha de sangue que não apaga nunca mais

Famílias destroçadas pela maldade
Crianças sem pai vai ser o quê mais tarde?

A vida não é um conto de fada
Principalmente na calada

KLJay- Na quebrada

Rock- Onde a gente vê, registra várias fita
O que ser humano é capaz você não acredita

Refrão- Só quem é de lá sabe o que acontece

Rock- Eu vejo terra, eu vejo asfalto
Eu vejo guerra, morte, assalto

Sangue no chão, a esperança que agoniza
Reflete a vida que a novela satiriza

Blue- Ai, fica ligeiro que na esquina está embaçado
A área está sinistra e o clima está pesado

Rock- A zona norte é grande e extensa
Cada quebrada uma situação, uma sentença

Sem diferença, conheço os quatro canto: eu vi
A violência se iguala por enquanto aqui

Chacina, estupro, tráfico
A noite é foda, irmão, só dá lunático

Vida de louco, de inferno e sufoco
Dinheiro vai e vem, mas ainda é muito pouco

Se tem coragem, até uns doido corre atrás
Se dois é bom, trutão, três nunca é demais

Mas uma pá de prego espera acontecer
Agora a mina grávida, o que se vai fazer?

Vender um barato na esquina ou vai roubar?
O pivete logo vai nascer, quem vai bancar?

Famílias vem, famílias vão
Fugindo da morte, fugindo da prisão

A vida do Fundão é desequilibrada
Ebron, Piqueri, Jova, Serra Pelada

Refrão- Só quem é de lá sabe o que acontece

Rock- Ninguém confia em ninguém, é melhor assim
Eu nem na minha sombra e nem ela em mim

Hoje qualquer moleque está andando armado
Puxa o cão sem pensar pra ser respeitado

Eu estou ligado, eu sei quem é quem
O super homem de bombeta vai matar alguém

Sendo refém de espíritos malignos
Mal intencionado, cinico, leviano, indigno

Fui obrigado a conviver com isso
Com uma quadrada e um velho crucifixo

É sempre bom andar ligeiro na calada
A vida não é um conto de fada

Refrão- Só quem é de lá sabe o que acontece
(som de carro partindo)

Trutas e quebradas

Brown- Essa é para os manos daqui.

KLJay- Muito amor e saúde.

Blue- Fé em Deus.

Rock- Esperança.

Brown- Essa é para os manos de lá.

KLJay- Que estão com Deus.

Blue- Num bom lugar.

Brown- Com certeza. A hora é essa, nego, demorou. Viva (palmas)

KLJay- Astros convidados:

Brown- Só o Sol, um futebol e doce pra molecada. Muito respeito pra trutas e quebradas.

Todos- É quente.

Blue- Jardim Vaz de Lima, Três Estrelas, Imbé, Paranapanema, Parque, Jardim Lídia, Bela Vista, e aí Nô, Dão, Silvão, Luís, Jacaré, Edson, Jura. Ivan, Kiko, Rodrigo: família Pessoa, maior respeito. Família Jesus, família Andrade. Joãozinho, Rogério, Rodnei, Kiko, Edi, Seo Vileci, brilha no céu, Cássio, Vola, Perninha, Jarrão, Celso Ataíde, e aí, bandido! Chácara, Casa Verde, São Bento, Independência, Grajaú, Vila São José, Morro São Bento de Santos, e aí toda rapa? Juninho, Dinho, Rafa, Mala, Vítor, Alberto, Marquinho, Davi, Meire: essas são as pessoas que trincou na horas difíceis, certo. Valdir, Sandra, Bebê e Fátima, time trambicagem. Diego, Pachá, La Roi, Wilian, Cora, Paulinho, Bicudo e Tico e Catraca, Fernando, Lobão, Paulinho e Mateus: só os fortes sobrevivem. Tia Vilma, tia Maria e tio Celso.

Rock- Não sei de nada. No salve, eu amo quem me ama, desprezo o zé-povinho e amo a minha quebrada. Obrigado Deus por eu poder caminhar de cabeça erguida. Aí Jaçanã, Serra Pelada, Jardim Ebron de fé. Firmeza, Valcinho? Aí, 9 de Julho, é nós. Wellington, Pulguento, está valendo. Calibre do Gueto, Raciocínio das Ruas, Relatos da Invasão, a caminhada certa. Serrano resistente, irmão. Ei, Valdiza, sem palavras, hein? Jairão, está no coração, irmãozão. Garotos de Periferia, sacode a rede que vocês são o amanhã, certo? Vila Mazzei, forte abraço, Jó. Marcelo Boy, Jardim Tremembé te espera. Cachoeira. Ei, Dedo, muita fé, hein. Voz Ativa, Pasto, Nova Galvão, Resgate Negro, Jova, última chance. Vila Zilda, Piqueri, Richard, Nino, Madá, daquele jeito. Pontales, Lackers, Zé Hamilton, Luiz Barba, Vila Sapo, valeu. Claudinei, Sidinei, Mário, Jardim Peri, Franco da Rocha, Anderson de Itu, Jackson, o esqueleto de Porto Alegre, muita treta. Cristiano santista, bairro do Limão. Dona Dora e Seo Eurides, cuidando da molecada, Itaquera, Cidade Tiradentes, São Miguel, São Mateus, Mauá, Santo André, e aí Edison? Canão, zona sul, e aí, zona sul? Zona oeste, irmão, Cumbica, Arujá, Cocaia, Natanael Movimento de Rua, Miltão Costa norte, Edmilson, Albertão de Guarulhos, Cidão de São Miguel, 509E e todos aqueles que fortalecem o hip-hop. Aí, firmeza, é nós.

KL Jay- Alô, alô, um dois, um dois, (faz som de bateria com a boca). Aí, Diadema, Gildão, Alexandre, toda a rapa do Clube do Rap, valeu mesmo, hein. Alô, alô, zona leste, Itaquera, Codorna, Xis, 13, Duda, Eltão, Fabinho Tupac da Cohab, pô, esqueci dos demais, mas, aí, desculpa aí, tá no coração, hein. E aí, Tucuruvi, Zona Norte. João, Adi, Baiano, Dodô, mil e

ano, hein? Claudinei, Sidnei, Zé, Cebola, Panão, e aí, Fubá, achou que eu não ia lembrar, truta? Você está ligado, né? E aí Lausane, saudade dos que se foram e dos que ficaram, muito respeito, hein. A toda zona oeste, pá. Alô, alô, Nani, firmeza total. Zona sul, sem palavra, muito obrigado pelo respeito, hein. Mas aí, bolinha então? Firmão. Alô, alô Coiote, Décio, Jeferson, Ébano, Núbio, James, Rappin Hood, Jonny MC, Kamal, Max B.O., J.L., Paulo Brown, Meire, Micheli, Levi, Fátima, Tatiane, Cebola, Sabotage, Sombra, viva aí.

Brown- A Jesus Cristo que não me abandona. Vila Fundão: Caio, Japonês, Korró, Binho, Keu, Carlito, Du, Ronaldo, Vagner, Chibimba, Kaká Palmeirense, Gatula, Paraibinha, Jardel, F.F., Davi, Sóssa, Fubá, Valtinho, Vandão, Paulo Magrão, rua Glicio em peso, Cebola, Gordo, aí rapa, aí negredo, Natal, Nelsinho, Lecão, toda rapa da Sabim, Charles, Richard, Neno, Gordinho, Alan, os Irmão Cara-de-pau, toda rapa que cola na barraca do Saldanha. A rapa do Rosana, Valquíria, paz para o Jardim Irene, Rosas, Macedônia, Maria Sampaio. Aí, primo Edson, Cesinha, Ratinho, a rapa do Engenho, Jerivá, Aurélio, Sora, Cone, firmão Cohab. Aí, Parque Fernanda, Comercial, Benê, Jota, Araponga, Willian, firmão, Pirajussara? Família Santa Rita, Di, Ivan, Selé, Alex, Boi, Jó, Márcio, Marcilio, Mimi, Gegê, Daniel, Miltinho, Paulinho. Aí Santo Eduardo, firmão Tuá? Firmão, Ricardo? E Rom, estejam em paz. Campinho, Beira Rio, Vietnã, rua Alba, Souza Dantas, aí, Jardim Evana, Santa Efigênia, Ipê, Novo Oriente, Regina, Jardim Ingá, Maria Virginia, Morro da Puma, Favela da Coca-cola, Morro Dunga, Morro da Macumba, São Vítor, Pedreira, eterna morada, Jardim Santa Teresinha, Jardim Apurá, lugar lindo, hein? Família Camorra, Charuto, Dinho, Lê, família Sem Querer, família da Joaniza. Testa, Fábio Gordo, Sete-vidas, aí Josias, aí, Scoobi-doo, Serginho, firmão Edinho, Zé Roberto, Tito, Roque, Marquinho, Neto, Leci, Guineto, Deus abençoe a todos. Obrigado pela companhia.

Brown¹⁸⁶- Estamos encerrando nossas transmissões lembrando que a dama mais glamourosa da noite é a própria noite. Tenham um bom dia.

¹⁸⁶ Com a mesma voz de locutor da faixa "Seu + você", que abre o cd 1, dando coesão aos dois cds.

Da ponte pra cá

participação Nelsão "DJNel"

(base com a música Onda, de Cassiano¹⁸⁷)

DJ Nel- Hei, hei, hei, nego, você está na sintonia da sua rádio Êxodos. Eu, DJ Nel, comandando o melhor da black music. São vinte e três minutos de um nove dia. O Japonês, do Jardim Rosana, manda um salve para o Zezé, o Chiquinho, o Cau, o Ribeiro, Tirso, Zulu e o Serginho. O Valdinho da Sabin manda um salve aí pro Vandão da Vila do Sapo e a Chiara do Embu manda um abraço pra Viviana do Sardi. É. O Papau do Parque manda um salve aí pros manos da Cinquenta e a Adriana do Tamoio manda um salve aí pra rapa do Sujeitos Suspeitos do Paranapanema. E pra você que está pensando em fazer um pião, pegue o seu bombom jaco e sua toca, porque faz dez graus em São Paulo.

Brown- A lua cheia clareia as ruas do Capão

Acima de nós só Deus, humilde, né não

Saúde, plin, mulher e muito som

Vinho branco para todos, o advogado bom

Esse frio está de foder

Terça-feira é ruim de rolê, vou fazer o quê?

Nunca mudou nem nunca mudará

O cheiro de fogueira vai perfumando o ar

Mesmo céu, mesmo cep, no lado sul do mapa

Sempre ouvindo um rap pra alegrar a rapa

Nas ruas da sul eles me chamam Brown

Maldito vagabundo, mente criminal

O que toma uma taça de champanhe e também curte

Desbaratinado tubaína tuti-fruti

¹⁸⁷ Cassiano, disco "Cuban soul-18 kilates", 1976.

Fanático, melodramático, bon vivant
Depósito de mágoa, quem está certo é o Sadam

Playboy bom é chinês, australiano
Fala feio e mora longe, não me chama de mano

Boy- E aí, brother, jurul!

Blue- Pau no seu cu três vez
Sou sofredor, odeio todos vocês

Vem de artes marciais que eu vou de sigsaua
Quero sua irmã, seu relógio tagehaua

Um conto, se pá, dá pra catar
Ir pra quebrada e gastar antes do galo cantar

Brown- Um triplex pra coroa é o que o malandro quer
Não só desfilar de Nike no pé

Blue- Vem com a minha cara e o din-din do seu pai
Mas no rolê com nós você não vai

Nós aqui, vocês lá, cada um no seu lugar, entendeu?
Se a vida é assim, tem culpa eu?

Se é o crime ou o creme, se não debes não teme
As perversa se ouriça e os inimigo treme

Brown- E a neblina cobre a estrada de Itapecerica
(som de sirene)
Sai, Deus é mais, vai morrer pra lá, zica

Refrão- Não adianta querer, tem que ser, tem que estar

O mundo é diferente da ponte pra cá

Não adianta querer ser, tem que ter pra trocar

O mundo é diferente da ponte pra cá

Brown- Outra vez nós aqui, vai vendo

Lavando o ódio embaixo do sereno

Cada um no seu castelo, cada um na sua função

Tudo junto, cada qual na sua solidão

Hei, mulher é mato, a marijane impera

Dilui a raiva e solta na atmosfera

Faz na quebrada o equilíbrio ecológico

Quem distingue o Judas só no psicológico

Filosofia de fumaça, análise

Cada favelado é um universo em crise

E quem não quer brilhar, quem não, mostra quem

Ninguém quer ser coadjuvante de ninguém

Quantos caras bom no auge se afundaram

Por fama e está tirando dez de havaiana?

E quem não quer chegar de Honda preto em banco de couro?

E ter a caminhada escrita em letras de ouro?

A mulher mais linda, sensual e atraente

Da pele cor da noite, lisa e reluzente

Andar com quem é mais leal, verdadeiro

Na vida ou na morte, o mais nobre guerreiro

O riso da criança mais triste e carente

Ouro e diamante, relógio e corrente

Ver minha coroa onde eu sempre quis pôr

De turbante e chofer: uma madame nagô

Sofrer pra que mais, se o mundo jaz do maligno

Morrer como homem e ter um velório digno

Eu nunca tive bicicleta ou vídeo-game

Agora eu quero o mundo igual cidadão Kane

Da ponte pra cá, antes de tudo é uma escola
Minha meta é dez, nove e meio nem rola

Meio ponto às vezes, hum e morre um
Meio certo não existe, tru, o ditado é comum

Ser humano perfeito não tem mesmo não
Procurada viva ou morta a perfeição

"Errare humanum est" grego ou troiano?
Latim, tanto faz pra mim, "fi" de baiano

Mas se estiver calor, quentão no verão
Você quer dar um rolê no Capão daquele jeito

Mas perde a linha fácil, veste a carapuça
Esquece esses defeito no seu jacó de camurça

Jardim Rosana, Três Estrelas e Imbé
Santa Teresa, Valo Velho, Dom José

Parque, Chácara, Lídia, Vaz
Fundão, muita treta pra Vinicius de Moraes

Refrão- Não adianta querer, tem que ser, tem que estar

O mundo é diferente da ponte pra cá

Não adianta querer ser, tem que ter pra trocar

O mundo é diferente da ponte pra cá

Firmeza total

Brown- Mas não leva a mal, tru, você não me entendeu
Cada um na sua função: crime é crime, eu sou eu

Antes de tudo eu quero dizer, pra ser sincero
Que eu não pago de quebrada, mula ou banca forte

Eu represento a sul, conheço louco na norte
No quinze, olhe o que fala, Perus, chicote estrala

Ridículo é ver os malandrão vândalo
Batendo no peito feio, fazendo escândalo

Deixa ele engordar, deixa se criar bem

Pá e pum e é com nós, super star, super man, vai

Blue- Palmas para ele, digam hei, digam hõ
Nosso personagem pro Chico Anísio Show

Brown- Mas firmão, né, se Deus quer, sem problema
Vernes e leões no mesmo ecossistema

Blue- Você é cego, doidão? Então baixa o farol

Brown- Hei, hõ, você quer o que com quem, Joe?

Blue- Está marcando? Não dá pra ver quem é contra a luz

Brown- Um pé de porco ou inimigo que vem de capuz

Blue- Ei, truta, eu estou louco, eu estou vendo miragem
Um Bradesco bem em frente da favela é viagem

Brown- De classe A da Tam, tomando um J.B.
Vou viajar de Blazer pro 92 DP

Blue- Viajar de GTI quebra a banca
Só não pode viajar com os mão-branca

Brown- Senhor, guarda os meus irmão nesse horizonte cinzento
Nesse Capão Redondo frio, sem sentimento

Os mano é sofrido e fuma um sem dar güela
É o estilo favela, eu respeito por ela

Os moleque tem instinto e ninguém amarela
Os coxinha cresce os olho na função e gela

Refrão- Não adianta querer, tem que ser, tem que estar

O mundo é diferente da ponte pra cá

Não adianta querer ser, tem que ter pra trocar

O mundo é diferente da ponte pra cá

Brown- Três da manhã, eu vejo tudo e ninguém me vê. Subindo o campo de fora, eu, meu parceiro Dinho, ouvindo Tupac, tomando um vinho, vivão e consciente. Aí Batatão, Pablo, Neguinho Emerson, Marquinho, Cascão, Jonny MC, Sora, Marcão, Pantaleão, Nelito, Celião, Ivan, Di, sem palavra, irmão. Aí, os irmão do Pantanal, a rapa do morro e aos que estão com Deus: Deda, Tchai, Edi, Dezesseis, Edi, um dia nos encontraremos. A selva é como ela é: vaidosa e ambiciosa, irada e luxuriosa. Pros moleque da quebrada, um futuro mais ameno, essa é a meta. Vila Fundão, sem palavras, muito amor.